

Itaytera

NÚMERO 25

ANO 1981

OUTRO gesto nobre foi o da professora pública de Crato, a viúva Carolina Clarens de Araripe Sucupira ofertando, em ofício de 20 de maio de 1865 e endereçado ao Presidente da Província do Ceará, Lafaiete Rodrigues Pereira, um dos maiores vultos do cenário político do Império, seu único filho varão Carolino Sucupira, hoje homenageado com nome de rua na Aldeota e Crato. É esse o teor do referido ofício: "Viuva desfavorecida de bens de fortuna, cercada de uma numerosa família, não lhe sendo possível concorrer de outro modo para a nobre e santa causa em que se acha o país empenhado, vem oferecer a Vossa Excia. como Voluntário da Pátria seu último filho varão, Carolino Bolívar de Araripe Sucupira, o qual se alistará oportunamente perante a comissão patriótica desta cidade".

Cerâmica do Cariri S. A.

LAJOTAS ESMALTADAS,
PISOS E REVESTIMENTOS



CECASA

AJUDANDO
NA CONSTRUÇÃO
DA SUA CASA

BARBALHA

—

CEARÁ

E X P E D I E N T E

Nº 25 — ITAYTERA — 1981

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Presidente do ICC : Jéfferson de Albuquerque e Souza

Diretor de ITAYTERA : J. Lindemberg de Aquino

Redação : Praça Juarez Távora Nº 950 — 63.100 — CRATO - CE.

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

DIRETORIA 1981-1982

Presidente	—	Jéfferson de Albuquerque e Sousa
Vice-Presidente	—	Plácido Cidade Nuvens
Secretário Geral	—	José Humberto Tavares de Oliveira
Secretário	—	Jurandy Temótheo de Sousa
Tesoureiro	—	Antonio Correia Coelho

COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA

J. Lindemberg de Aquino
Francisco Huberto Esmeraldo Cabral
Raimundo de Oliveira Borges
José Peixoto de Alencar Cortez

COMISSÃO DE CIENCIAS, LETRAS E ARTES

Eloi Teles de Morais
Eneas Fernandes Braga Vieira
Pe. Antonio Teodósio Nunes
Ronald de Figueiredo Albuquerque

COMISSÃO DE SINDICANCIA

Bernardina Vilar de Alencar Costa
José Vanderley Landim
Jósio de Alencar Araripe
Antonio Nirson Monteiro

Atenciosamente,

Jéfferson de Albuquerque e Souza
PRESIDENTE

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SECÇÃO DE LETRAS

- Nº 1 — PATRONO — Pe. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE — João Lindemberg de Aquino
- Nº 2 — PATRONO — Bruno de Menezes
OCUPANTE — Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- Nº 3 — PATRONO — José Alves de Figueiredo
OCUPANTE — Pe. Nery Feitosa
- Nº 4 — PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE — Edméia Arraes de Alencar
- Nº 5 — PATRONO — Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE — Vaga
- Nº 6 — PATRONO — Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE — Pe. Antônio Gomes de Araujo
- Nº 7 — PATRONO — Barbosa de Freitas
OCUPANTE — Otacilio Anselmo e Silva
- Nº 8 — PATRONO — Alvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE — Dr. José Newton Alves de Souza
- Nº 9 — PATRONO — Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE — Prof. Rubens Gondim Lóssio
- Nº 10 — PATRONO — Pe. Emidio Leite Cabral
OCUPANTE — Thomé Cabral dos Santos
- Nº 11 — PATRONO — Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE — Pedro Gomes de Matos
- Nº 12 — PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE — General Raimundo Teles Pinheiro
- Nº 13 — PATRONO — Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE — Vaga
- Nº 14 — PATRONO — Manoel Monteiro
OCUPANTE — F. S. Nascimento
- Nº 15 — PATRONO — Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE — General Joaquim Pinheiro Monteiro
- Nº 16 — PATRONO — Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE — Aécio Feltosa
- Nº 17 — PATRONO — João Brigido dos Santos
OCUPANTE — Nertan Macedo
- Nº 18 — PATRONO — Raimundo de Monte Arraes
OCUPANTE — Vaga
- Nº 19 — PATRONO — José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE — Mozart Soriano Aderaldo
- Nº 20 — PATRONO — Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE — Vaga

SECÇÃO DE CIENCIAS

- Nº 1 — PATRONO — Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE — Dr. Napoleão Tavares Neves

Centenário do Dr. Irineu Pinheiro

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI vê decorrer, neste ano de 1981, o centenário do seu Primeiro Presidente, animador e dos principais fundadores, o médico e historiador Irineu Pinheiro.

Não poderíamos deixar de fazer este registro, ao abrirmos a presente edição da Revista Itaytera, justamente no ano em que ela comemora o seu Jubileu de Prata, na edição número 25.

São duas datas, para nós, certamente, muito importantes.

O Mestre Irineu Pinheiro teve a ventura de conduzir nos seus dias iniciais, a nossa instituição, animando-a com o fogo do seu entusiasmo e a segurança de sua Direção.

Foram, apenas, poucos meses e dias, o seu governo.

Fundado o Instituto em 4 de Outubro de 1953 e instalado a 18 de Outubro do mesmo ano, dentro das retumbâncias festivas das celebrações do Primeiro Centenário de elevação do Crato á categoria de cidade, coube-lhe, por dever de justiça, a Presidência da entidade, que ele exerceu com carinho e dinamismo, projetando, inclusive, a impressão de sua revista, que não chegou a ver concretizada, pois a morte o surpreendeu em 21 de Maio de 1954, com pouco mais de 7 meses de administração.

A ITAYTERA só viria a sair em 1955, fruto do entusiasmo de outro grande e saudoso líder do ICC, o inolvidável J. de Figueiredo Filho.

Nos poucos meses dessa convivência, todavia, o Dr. Irineu Pinheiro soube conduzir o ICC, aprumando-o para coordenadas certas, que indicariam o seu futuro brilhante, como de fato se deu, transformando o ICC na brilhante realidade dos dias atuais.

Filho de Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro e Irineia Pinto Nogueira Pinheiro, o Dr. Irineu Pinheiro nasceu na cidade do Crato a 6 de Janeiro de 1881. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, em 1910. Faleceu em Crato em 21 de Maio de 1954.

Homem brilhante, de rara inteligência e espírito arguto deixou inúmeras obras de sentido histórico e sociológico, elogiadas pela critica nacional.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI reverência a sua memória, no ano do seu Centenário, dedicando-lhe a presente Edição Jubilar de ITAYTERA, que é o melhor testemunho de como foi válido o seu trabalho e como foi produtiva a sua ação.

Ao saudoso chefe e amigo, o testemunho do nosso apreço e de nossa eterna gratidão.

F. J. Pierre & Irmãos

Móveis, Eletrodomésticos, Utilidades para o Lar

- Os melhores preços da praça
- As melhores condições de pagamento
- Os melhores produtos do ramo

Rua Santos Dumont, 60

Telefone: 521.0014

CRATO

—

CEARÁ



A.S. Propaganda

Nas nossas cidades,
 nos nossos monumentos e museus,
 no talento da nossa gente e
 na tradição de nossas instituições,
 o testemunho de nossa cultura.

Na presença do BEC, o estímulo
 de nosso desenvolvimento.

BEC
BE

BANCO DO ESTADO DO CEARÁ S.A.

O BOM CEARENSE

 **PLANEGGII**
 GOVERNO VINCENZO LAVORA

ICC Presta Contas ao Ministério da Educação

O Instituto Cultural do Cariri prestou contas de suas atividades no decorrer de 1980, ao MEC, com o seguinte relatório:
Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura

Como nos anos anteriores, o Instituto Cultural do Cariri dirige-se a Vossa Excelência, para prestar contas das atividades desenvolvidas no decorrer do ano anterior, ou seja, do exercício de 1980.

Nossa instituição, sempre zelosa do renome que possui, procurou manter abertas as portas de sua Biblioteca e Secretaria a todos os que a procuraram, à busca de informações, de pesquisas ou de dados, notadamente a classe estudantil.

Em princípios de 1980 lançou o numero 23, da sua revista ITAYTERA, em solenidade concorrida no Rotary Club do Crato, com grande aceitação e extraordinária repercussão. Nossa revista foi distribuída, a partir de então, com entidades culturais, grêmios, associações e figuras de proa da intelectualidade brasileira.

Pela Lei nº 1079 de 30.11.79, o Prefeito Municipal doou ao ICC um amplo terreno, no valorizado bairro do Pimenta, em Crato, para a construção da sede própria do ICC com seus departamentos. Essa Lei foi publicada a 30 de Maio de 1980, quando começou a vigorar: Providenciou a Diretoria o recebimento do imóvel, já tendo iniciado os trabalhos de muro circundante.

O Presidente do ICC esteve em Maceió, Alagoas, mantendo entendimentos com intelectuais e folcloristas dali, acertando melhor entrelaçamento com a nossa entidade. Foi visita muito proveitosa.

Junto ao Sr. Luis de Carvalho Maia, conhecido livreiro cearense, que estava a extinguir a sua famosa Livraria Renascença, em Fortaleza, obteve o ICC que parte do acervo daquela casa de livros fosse doada à nossa Biblioteca. Os livros já foram recebidos e incorporados.

Foi dada substancial ajuda, dentro das posses do ICC, às comemorações da Festa do Judas, um dos mais genuínos aspectos folclóricos de nossa cidade.

Solicitou do Presidente, pessoalmente, ao Secretário de Cultura do Ceará, a cobertura daquela Secretaria, para a impressão do numero 24 da Revista ITAYTERA, bem como ajuda para o 4º Festival de Folclore do Cariri.

O Instituto concedeu um dos prêmios ao Primeiro Festival de Música Popular do Nordeste, realizado em Juazeiro do Norte.

Partiu do ICC a ideia de criação do CENTRO DE TRADIÇÕES DO CRATO, a ser implantado no Centro Social Urbano Missão do Miranda, ora em processo de estudo e viabilização. O ICC participou ativamente da fundação da Biblioteca do referido C. S. U.

Em Novembro foi lançado o numero 24 da Revista ITAYTERA, obtendo, como sempre, grande repercussão. Correspondeu ao ano de 1980.

Promoveu o ICC gestões junto à Reitoria da Universidade Federal do Ceará, para a impressão da Revista ITAYTERA, pela Imprensa Universitária, sem, contudo, obter êxito.

Recebida a coleção de fósseis do Pe. Nery Feitosa, o ICC passou

ao Museu da Prefeitura Municipal do Crato algumas peças, para enriquecimento do seu acervo.

Foi reativado o Clube dos Poetas Caririenses, que estava em hibernação, com algumas reuniões, acatando-se as produções dos seus membros, para a nossa Revista.

Serviu a sede do ICC, por duas vezes, como o Posto 16 da Campanha Nacional de Vacinação Anti-Pólio, prestando-se mais esse serviço à comunidade.

A sede do ICC, igualmente, foi local de reuniões da Cronica Carnavalesca da Cidade, que extruturou o nosso Carnaval de rua.

Foram realizadas na sede do ICC reuniões preparatórias da Associação dos Geógrafos do Cariri e do Instituto de Genealogia do Cariri.

Grupos folclóricos do Clube dos Amigos do Folclore, do ICC, exibiram-se na cidade cearense de Milagres.

Recebemos a visita, em nossa sede, da Professora Dra. Angelina Nobre R. Garcês, intelectual e pesquisadora, da Universidade Federal da Bahia, que se propôs a colaborar conosco na elaboração do projeto do Museu da Rapadura do Cariri, a ser implantado em Crato.

O Instituto participou do lançamento, patrocinando, dos livros IDEÁRIO PEDAGÓGICO e PRO UNIVERSITAS, ambos de autoria do Dr. José Newton Alves de Sousa, Pro Reitor da Universidade Católica da Bahia, cujo acontecimento foi em Crato.

Promoveu, igualmente, na Faculdade de Filosofia o lançamento do Livro ROMANCEIRO DE BÁRBARA, do Dr. Caetano Ximenes Aragão, de Fortaleza, trazendo com esse acontecimento, ao Crato, vultos destacados do Centro Médico Cearense e Sindicato dos Médicos do Ceará.

Foi solicitado ao professor João Ranulfo Pequeno a idealização da Bandeira Oficial do ICC.

Lançadas pelo nosso Instituto duas separatas da revista Itaytera — O DIREITO DAS SUCESSÕES, do advogado e professor Luiz de Borba Maranhão, e SILVIO JULIO: ROTEIRO DE UM POLÍGRAFO ATRAVÉS DA IMPRENSA, pelo folclorista carioca Francisco de Vasconcelos.

O Instituto recebeu também a visita da Comissão de Pesquisa Histórica e Antropológica da Secretaria de Cultura do Ceará, que veio fazer filmagens, levantamento de dados sobre artesanato caririense e microfílmagens de velhos jornais e documentos, tendo sido dada toda assistência à mesma.

Foram eleitos sócios correspondentes, durante o ano de 1980: Eng. e professor Francisco Ferreira Lins, de Brasília; Prof. João Luis Eugênio Pereira, poeta, jornalista e historiador, do Rio.

Durante o ano o ICC recebeu muitas doações, para a Biblioteca, de parte do Instituto Cultural do Oeste Potiguar e Escolar Superior de Agricultura de Mossoró, Universidade Federal do Ceará, Secretaria de Cultura do Ceará, Universidade da Bahia, Instituto do Açúcar e do Alcool.

No dia 30.09.80 foi eleita a nova Diretoria para o próximo biênio, que tomou posse em sessão solene no dia 16 de Outubro de 1980, tendo à frente o Dr. Jefferson de Albuquerque.

No dia 16 de Outubro o ICC empossou novo sócio com Cadeira, o Pe. Nery Feitosa, na Cadeira nº 3, Patrono, José Alves Figueiredo,

último ocupante, José Alves de Figueiredo Filho. Ele foi saudado pelo Dr. Nirson Monteiro, e diversas autoridades estiveram presentes. Na oportunidade, o conhecido sacerdote autografou o seu mais recente livro.

A Biblioteca Antonio Araripe encontra-se em pleno funcionamento, com duas atendentes diárias.

O ICC foi contemplado em 1980 com subvenções que lhe foram destinadas pelos Senadores Mauro Benevides e José Lins de Albuquerque e pelos deputados federais Jorge Furtado Leite, Ossian de Alencar Araripe, Mauro Sampaio, Joaquim de Figueiredo Correia, Iranildo Pereira e Adauto Bezerra, da bancada cearense, bem como com subvenção do Deputado Estadual Wilson Machado.

A Secretaria de Cultura também lhe destinou 10 mil cruzeiros.

Por fim, foram feitos convites para figuras de destaque do nosso mundo intelectual ocuparem cadeiras, a saber: Dr. Humberto Macário de Brito, atual Secretário de Saúde do Estado, para ocupar a Cadeira nº 2, da Secção de Ciências, tendo como Patrono o Dr. Herminio de Brito Conde; o Dr. Antônio de Alencar Araripe, para ocupar a Cadeira nº 18, vaga com a morte de José Arraes de Alencar, Patrono, Raimundo Monte Arraes; Vera Lucia Maia para ocupar a Cadeira nº 5, vaga com o falecimento de Maria de Lourdes Esmeraldo, Patrono, Mons. Pedro Esmeraldo, e Dr. José Caminha de Alencar Araripe, para ocupar a Cadeira nº 20, que tem como Patrono o senador José Martiniano de Alencar.

O ICC, pois, está em plena atividade, no cumprimento dos seus elevados estatutos, já com 28 anos de funcionamento ininterrupto.

Por tudo isso julga estar dentro de suas finalidades e solicita de Vossa Excelência a liberação da subvenção deste ano, que lhe foi atribuída por cotas de parlamentares cearenses.

Crato, 31 de Janeiro de 1981

Respeitosamente,

Jéfferson de Albuquerque e Sousa
Presidente

ITAYTERA : 25 ANOS

Ao completar o seu vigésimo quinto número — comemorando, portanto, o seu Jubileu de Prata — a revista ITAYTERA, pela sua Direção, sente-se plenamente realizada, visto que cumpriu, neste seu primeiro quarto de século, com eficiência, a sua nobilitante missão de preservar o patrimônio histórico e documental da região caririense, dentro das finalidades estatutárias do Instituto Cultural do Cariri, do qual é o órgão oficial.

Nada mais gratificante do que olhar para trás e ver a esteira luminosa deixada pela nossa Revista, sempre realçada pela marcante presença nos meios intelectuais do Ceará e do Nordeste e opulenta pelas colaborações as mais variadas, que lhe enriquecem o patrimônio cultural.

Nossa alegria se soma ao nosso justo ufanismo, por havermos atingido o presente número. E o nosso desejo firma-se na confiança de que, para a frente, continuaremos com o mesmo entusiasmo, o mesmo devotamento, inabaláveis como é a boa vontade, de continuar servindo sempre à causa da cultura do Cariri.

O GALO EGOISTA E O FRANGO INFELIZ

(F Á B U L A)

PATATIVA DO ASSARÉ

Alguém diz que nos vem juris fatais,
É porque com certeza nós pecamos.
E por que é que também observamos
A negra sorte contra os animais?

Eu vejo um animal que é bem feliz
E vejo outro que em crise permanece
É o segredo que só Deus conhece
Porque ele é o Criador e é o Juiz.

Ninguém sabe os segredos da natura
De opiniões há grande variedade
Bom leitor ouça agora por bondade
Esta história do frango sem ventura

O terreiro de um rico um frango tinha
Tão medroso, tão mofino, que tolice!
Índa estava donzelo, embora visse
No terreiro galinha e mais galinha.

De gozar de uma franga o seu calor
Muitas vezes pensava ele em um segredo
Porém muito assombrado, tinha medo
Dos cruéis esporões do seu senhor.

Mariscando tristonho pelo chão
Vivia contra as leis da natureza
Andando a passo lento e perna tesa
E não era outra coisa, era paixão.

Resolver com a sua dor incrível
Exigir do seu chefe uma galinha
Outro meio de vida ele não tinha
E viver como estava, era impossível.

Planejando fazer esta conquista
Com prazer o seu sonho alimentava
A seiva galinácea borbulhava
Mostrando o sangue na vermelha crista

E chegando presente ao velho galo
Foi dizendo com justa reverência:
Nobre e grande senhor de alta potência
Com sobrada razão é que vos falo,

Eu preciso, senhor, neste momento
Muito humilde dizer a Vossa Alteza
Neste mundo de mágua e de tristeza
Quanto é duro e cruel meu sofrimento.

Minha sorte é tão parca, é tão mesquinha
Que eu já sei encrespar as minhas asas
As glândulas parecem duas brasas
Porém nunca beijei uma galinha

Se uma franga das vossas cucurica
De desejos carnis fico tremendo
Só eu sei, meu senhor, só eu entendo
Aqui dentro de mim como é que fica

Eu vos peço com toda cortesia
Para mim o calor de uma franguinha
Ou de qualquer espécie de galinha
Ao menos uma vez por cada dia.

Será este o remédio com certeza
Para um mal que constante me devora
Eu não posso viver assim por fora
Dos direitos das leis da natureza.

Pela glória da vossa grande crista
Pelo vosso poder e majestade
Eu confio sair da crueldade
Dessa minha sentença nunca vista.

Conhecendo estar cheio de razão
O franguinho falava paciente
Cabisbaixo, tristonho e descontente
E não era outra coisa, era paixão.

Quando o galo escutou se arrebitou
E raivoso se encheu de fúria tanta
Fez um tal gorgolejo na garganta
Que a cristinha do frango amarelou.

E orgulhoso, vaidoso e presunçoso
Foi mostrar seu prestígio e seu conceito
Até os pintos lhe ouviam com respeito
Parecia um sermão religioso.

Forte canto primeiro ele soltou
Como prova de grande e de valente
E depois para o pobre penitente
Com a frase seguinte começou :

Seu patife, atrevido e desordeiro
Minhas penas são sempre respeitadas
Sou o grande cantor das madrugadas
A minha fama está no mundo inteiro.

Minha vida é a mais bela epopéia
Sou querido de toda humanidade
Avisei de São Pedro a falsidade
Contra Cristo na antiga Galiléia.

O poeta me louva e me quer bem
Dos terreiros do mundo eu sou o rei
Eu bati minhas asas e cantei
Quando Cristo nasceu lá em Belém.

Meu valor sublimado eu não regulo
Sem limite é a minha posição
Da mais linda e suave inspiração
Fui a fonte da lira de Catulo

Frango estúpido, veja quem sou eu
Vai cumprir paciente o seu tormento
E não venha invejar com o seu lamento
Esta sorte que Deus me concedeu.

Seja bom, seja honesto, seja casto,
Não queira desonrar as minhas penas
De galinha eu só tenho três dezenas
Isto mesmo só dá para o meu gasto.

Em vez daquilo que você requer
Terá outro remédio, outra mezinha
Um quicé, uma agulha e uma linha
Com um dedo comprido de mulher.

Sentirá de uma faca, crueldade,
Só assim pagará em um momento
Este seu monstruoso atrevimento
Contra minha suprema autoridade.

Com a dura e cruel repreensão
O franguinho voltou desenganado
Cabisbaixo, tristonho e desolado
E não era outra coisa, era paixão.

Veja agora, leitor, o resultado
Da predição do chefe do terreiro.
Botaram o coitado no chiqueiro
E no dia seguinte foi capado.

Veja só que existência tão mesquinha
Deste pobre que a sorte o desprezou
Durante a sua vida não gozou
Da presença feliz de uma galinha.

Pensando nestas doses tão fatais
Eu pergunto ao decifrador da sorte :
Será que também há depois da morte
Um paraíso para os animais ?

A Felicidade

Raimundo Borges

A Felicidade

Armei um alçapão no galho verde-esperança
Da árvore de minha vida,
Na tentativa de pegar a ave irisada e arisca
Da Felicidade.

Puz, adrede, na armadilha,
Os mais engenhosos motivos
Para atrair o pássaro cobiçado.

E, ansioso, fiquei na espreita, na expectativa,
Aguardando o momento feliz.

Adejos, vôos ligeiros, aproximações, fugas...
Suspense. E só.

O tempo passando, passando, passando,
E deixando na poeira das horas rápidas
Só desenganos e decepções.

A Felicidade, amigos, é como o pássaro voando,
Que a gente quer fisgar:

Faz que vem, mas não vem,
Faz que cai, mas não cai,
Engana, apenas.

E ainda bem, porque mesmo assim, enganando,
Ainda consola, pelo prazer de esperar.

As Desigualdades Regionais

INTRODUÇÃO

Outra seria, sem dúvida, a visão do mundo contemporâneo se as gerações passadas tivessem agido sempre segundo padrões de racionalidade e tivessem procurado objetivos econômicos, sociais e políticos compatíveis com as carências e potencialidades de cada região. Os fatos, no entanto, nem sempre ocorreram assim, disto resultando que se transferiram ao futuro os erros e acertos acumulados ao longo da existência de cada povo. A História é, fundamentalmente, o compromisso do homem com seu passado e com seus ideais e toda a aventura humana se desenrola entre estes dois parâmetros.

O problema inerente às desigualdades regionais, afigura-se como um dos temas mais discutidos e examinados na atualidade em face, principalmente, das graves conseqüências sócio-econômicas que ele abrange e da componente política necessária para a sua solução.

Sem dúvida, esse problema assumiu posição de destaque quando alguns economistas passaram a se preocupar com a dimensão espacial dos fatos econômicos e salientaram a importância do social, com ênfase na redistribuição de renda e no emprego, em comparação com frias taxas de crescimento global motivadas por alocações de recursos visando, de um lado, o desempenho da economia como um todo e, de outro, índices gerais de eficácia. É constrangedor um país apresentar uma taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) elevada e, ao mesmo tempo, diferenças significativas de renda "per capita" dentro de suas regiões. Na medida em que unicamente as prioridades são fixadas de cima para baixo, ou estabelecidas de acordo com as forças de mercado, sem a dese-

jável inter-relação entre os objetivos nacionais e os objetivos regionais, a predominância daqueles sobre estes impõe, conseqüentemente a supremacia dos aspectos de eficiência sobre os de equidade. Dentro desse quadro de referência, as áreas relativamente carentes se distanciam cada vez mais das outras regiões.

São várias as razões ou causas que conduzem às desigualdades regionais, salientando-se, dentre outras, a escassez de recursos naturais, as ações inadequadas em confronto com as reais potencialidades, a existência de fatores adversos gerando calamidades, as diretrizes concentradoras do desenvolvimento em áreas já relativamente mais avançadas, bem como a implementação de políticas governamentais buscando alcançar objetivos nacionais as quais neutralizam as diretrizes concebidas para a redução das disparidades regionais.

Os frutos do crescimento devem ser repartidos de forma mais justa entre diferentes regiões de um país, pois uma diretriz de conteúdo social e distributivo conduz à realização de uma verdadeira política de desenvolvimento regional. Pode-se depreender que o desenvolvimento regional é antes de tudo um processo que para sua execução requer definição firme e objetiva de natureza política. De fato, há uma gama de instrumentos, de conotação técnica, que utilizados poderiam permitir a redução ou mesmo a eliminação das disparidades entre regiões. Todavia, vale ressaltar que não são instrumentos automáticos, mas para entrarem em ação e apresentarem resultados positivos torna-se fundamental a implementação daquela definição política já referida. Assim, o problema do desenvolvimento regional é essencialmente político.

Esta reflexão nos aflora no espírito neste momento precisamente porque, ao analisar a realidade econômico-social do Brasil, nos deparamos com um conjunto de distorções profundas que marcam a face da Nação e que a dividem, de fato, em três grandes países: o primeiro, desenvolvido, constituído pelo Sul e pelo Sudeste; o segundo, subdesenvolvido e em processo de esvaziamento, constituído pelo Nordeste; o terceiro, subdesenvolvido e pouco integrado ao sistema econômico nacional, constituído pelo Norte (1) e pelo Centro-Oeste.

Este desequilíbrio tem razões históricas. Com efeito, ao ocupar o solo brasileiro, o colonizador esteve sempre mais vol-

(1) A região Norte (Amazônia Clássica) é composta dos Estados do Pará, Amazonas, Acre e Territórios.

tado para a satisfação de suas necessidades em termos de matéria-prima ou de bens para assegurar sua posição no âmbito do comércio europeu e em nenhum momento preocupado com a utilização racional de todo o imenso território que o Tratado de Tordesilhas lhe assegurou. Inegavelmente, não se pode desconhecer que, pelo fato de ter procurado explorar as potencialidades agrícolas do País, a colonização portuguesa foi muito menos depredadora que a espanhola que, de fato, se limitou a carrear para a Europa o ouro e a prata acumulados pelas civilizações autóctones do México e do Peru, ainda que o Governo Espanhol dispusesse de muito mais meios e condições para agir que o pequeno Reino Português. O que, no entanto, limitou a ação colonizadora foi o fato de que, ao contrário dos europeus que chegaram à América do Norte, os que vieram para o Brasil o fizeram movidos não pelo desejo de aqui se instalarem e recomeçarem suas vidas e, sim, por pretensões mercantilistas bem ao sabor do movimento histórico que viviam. Ora, mantida inviolável a fronteira brasileira com a América Hispânica, não restava a Portugal outra preocupação senão a de assegurar a integridade do território colonial, a partir da Costa Atlântica, o que lhe foi, apesar de tudo, possível com base nos pequenos núcleos de colonização que semeou ao longo da faixa litorânea. Tal expediente se, por um lado, impediu a ação de invasores constantes, por outro, importou na ocupação inadequada do solo brasileiro, gerando prejudiciais concentrações humanas em áreas onde se recomendava um povoamento mais rarefeito.

As Desigualdades Regionais na Economia Brasileira

Um dos mais graves problemas com que se defronta a Economia Brasileira é o do desequilíbrio regional, para o qual a Nação não parece estar suficientemente alertada. Efetivamente, a condição de ex-colônia, economicamente ocupada segundo as oscilações do mercado internacional, impôs à disponibilidade interna dos fatores uma utilização pouco compatível com suas dotações naturais. Em geral, o processo de colonização foi mais predatório que protetor dos recursos internos do País, provocando desequilíbrios ecológicos que, por sua vez, acentuavam as dificuldades decorrentes dos acidentes climáticos.

Não levada na devida conta a base física regional, superpuseram-se problemas ingentes, como os dos fluxos migratórios, da concentração urbana, da pauperização rural, da

transferência para o exterior de bens que poderiam ser beneficiados internamente, gerando emprego e renda, da concentração do poder econômico e político, em detrimento dos interesses da maior parte da comunidade e, por último, do tratamento dos problemas regionais num plano secundário.

Disto tudo resultou o que aí está: o Brasil é um continente de desequilíbrios regionais, que se vêm acentuando constantemente, por força de determinados pressupostos da política econômica praticada pela União. Do ponto-de-vista regional, o vértice da economia brasileira se encontra em São Paulo, os demais estados centro-sulinos se situam nas laterais e, na base, se acham o Nordeste e o Norte. Do vértice à base medeia uma variação de renda "per capita" da ordem de US\$ 2,500. Esta diferença de planos é, de saída, o mais grave problema de organização da economia brasileira. Como é que podem conviver, num mesmo espaço político, disparidades tão acentuadas?

No entanto, decisões governamentais de âmbito nacional corroboram no sentido do agravamento dos desequilíbrios regionais. É o caso, por exemplo, da política de combate à inflação, para o crescimento da qual o Norte e o Nordeste em nada contribuem e que, no entanto, por ela pagam um ônus muito elevado. Com efeito, a contribuição do Nordeste e do Norte para a formação da Renda do País gira em torno de 10% e 2%, respectivamente.

Dir-se-ia, como de hábito, que quando da adoção de medidas restritivas, as regiões Norte e Nordeste são contemplados com um tratamento especial. Ocorre, no entanto, que retirar um pouco de quem dispõe de muito pesa menos que retirar uma reduzida fatia de quem mal tem o mínimo para sobreviver. Por outro lado, não podemos esquecer que, além dos efeitos diretos das reduções provocadas pelo Setor Público, ocorrem as conseqüências indiretas, a cargo da iniciativa privada que, no caso de restrições, prefere concentrar suas disponibilidades nos seus empreendimentos ou aplicações nas áreas que oferecem maior retorno imediato.

Ao lado do ônus das restrições impostas, ressaltam as transferências cambiais feitas às demais regiões do País e as matérias-primas, vitais para a economia do Sul e do Sudeste, retiradas do Norte e do Nordeste.

Referimo-nos especialmente ao saldo das divisas geradas pelas exportações norte-nordestinas e consumido pelas regiões mais desenvolvidas e ao petróleo e a outros materiais que asse-

guramos ao Sul e ao Sudeste, sem esquecer nossa mão-de-obra que, qualificada, é muito mais barata que a daquelas regiões, porque é abundante e recebe salários irrisórios.

Afora os efeitos que, no plano econômico, decorrem do desequilíbrio regional no contexto da Nação, muito mais graves e, por vezes, fatais, são as conseqüências sociais. Ora, o que se tem constatado é que as medidas governamentais não têm surtido os efeitos esperados não por insuficiência de resposta de parte das regiões beneficiadas e, sim, por defeitos inerentes às próprias medidas e à sua execução.

Semelhanças e Diferenças entre o Nordeste e o Norte

O traço básico comum ao Nordeste e ao Norte é a sua condição de economias periféricas sujeitas a decisões tomadas no Centro-Sul e a uma política econômica cujos efeitos não lhes são necessariamente benéficos. Ademais, como corolário do status de "economia dominada", ocorre que, quando as decisões governamentais lhes são favoráveis, uma inexplicável defasagem separa a definição da execução da medida, de tal sorte que os tropeços da implementação anulam os possíveis benefícios. Por isto, então, eterniza-se a desalentadora constatação de saber que a taxa de crescimento do Norte e do Nordeste não consegue, sequer, atingir a do Centro-Sul, quando o desejável seria que ela fosse superior, para que consigamos superar o atraso histórico com relação àquela parte do Brasil.

Afora este patamar comum de dificuldades, cada Região apresenta suas conotações particulares, decorrentes da ocupação de seu território e de sua formação econômica e social.

Características Específicas do Norte

Domina esta região uma imensa floresta equatorial, considerada uma das reservas da fauna e da flora mundiais, representando 42,2% do território brasileiro e 3,7% de sua população e contribuindo com 2% da Renda do País. Ademais, podemos salientar:

- a) o Norte, cuja densidade demográfica é inferior a 1,5 hab/km², e próxima da do deserto do Saara, não dispõe de uma infra-estrutura básica apta a assegurar a exploração de suas riquezas;
- b) constantes e desregradas incursões em suas riquezas florestais poderão transformar o Norte numa região de pobreza e miséria;

- c) predomina como atividade econômica o extrativismo vegetal, ao qual se soma, mais recentemente, o mineral;
- d) carece o Norte de um Plano de Desenvolvimento Regional que compatibilize a utilização de suas potencialidades com o equilíbrio ecológico da região;
- e) não se avaliou ainda, com a necessária seriedade, o volume de recursos naturais da Amazônia;
- f) o Norte ainda está isolado do restante do País, com tendência a se agravar este quadro, uma vez que o Produto Interno Líquido, a custo de fatores, do País cresceu, de 1964-77, a uma taxa anual de 10,5% e, o da Região, a 7,5% e sua participação na formação da Renda do País decresceu (de 2,2% para 1,5%) no mesmo período.

Mesmo que chegássemos à insustentável e insensata conclusão de que não é prioritário o desenvolvimento do Norte, impõe-se reconhecer que integrar a Amazônia à economia brasileira é uma simples questão de se exercitar a soberania nacional sobre a totalidade do solo pátrio.

Características Específicas do Nordeste

Considerado o maior "bolsão de miséria" do Ocidente, o Nordeste representa 1/3 da população do País, ocupa pouco mais de 18% do território nacional, com uma densidade demográfica da ordem de 20 hab/km².

Ressalte-se que, para uma região onde predominam as irregularidades climáticas e os solos, em grande parte, são pobres, é uma grave constatação saber que sua densidade demográfica é praticamente o dobro da nacional. Como se isto não fosse suficiente, acresça-se que o problema das secas no Nordeste já tem mais de século de preocupações e dispêndios da parte do Governo Federal e, até agora, não se apresentou uma solução válida. Por isto, a cada perturbação climática, representada por secas ou invernos rigorosos, desarticula-se todo o sistema produtivo do Nordeste que, então, fica à mercê das ajudas paliativas do Poder Público Federal.

Assim, passam-se as décadas e as dificuldades do Nordeste permanecem num vai-e-vem sem soluções. Custa a crer, ao se contemplar o seu quadro atual, que o Nordeste já tenha sido o centro de comando da economia nacional, ao se verificar que a renda "per capita" da Região, que era de US\$ 96 em 1956, esteja atualmente por volta de US\$ 500, ao passo que a do Brasil, que era de US\$ 224 em 1956, já esteja em torno de US\$ 1,500. Economia inteiramente a serviço dos pólos na-

cionais, o Nordeste sofre vazamentos de recursos para fora da Região, devolvendo ao Centro-Sul as transferências que o Governo Federal lhe assegura para o seu desenvolvimento.

Muito embora detenha 33% da população nacional, o Nordeste participa com apenas 13,4% do total das despesas federais nos setores sociais, o que bem demonstra a dimensão do problema.

O não cumprimento dos sucessivos Planos de Desenvolvimento da Região acirrou desequilíbrios intra-regionais, de tal sorte que um dos mais graves problemas do Nordeste são as disparidades internas, apesar de a SUDENE ter sido criada há 20 anos para eliminá-las. Todavia, a sufocante tecnoburocracia do Governo Federal não tem assegurado ao BNB, à SUDENE e aos Bancos Estaduais de Desenvolvimento os meios indispensáveis à sua atuação em benefício da Região e de seus Estados.

Embora não seja propósito nosso fazer um exame profundo das causas que, num crescente acúmulo histórico, exerceram uma influência decisiva na definição do quadro atual, cremos que vale a pena destacar, da parte do Poder Público, a inexistência de uma política econômica de valorização e integração de todas as regiões do País, atendidas suas respectivas peculiaridades.

Efetivamente, na medida em que a transferência da base econômica ocorreu em benefício do Centro-Sul, consigo acarretando o Poder Político, as decisões relativas ao Norte e ao Nordeste se limitaram ao atendimento do que se poderia chamar uma caricatura dos seus problemas, deixadas de lado as causas profundas, de natureza estrutural, que os afligem de há muito. Assim, com relação ao Nordeste, armazenar água passou a ser a solução para os seus problemas quando, de fato, é uma parcela significativa de qualquer conjunto de medidas; conceder crédito foi considerado a chave para todas as limitações quando, realmente, é um dos instrumentos indispensáveis; criar a SUDENE foi saudado como a redenção regional quando de fato era, apenas, o aparato institucional preliminar, cuja mobilização dependeria do efetivo poder de decisão que viesse a informá-la. Enfim, com relação ao Nordeste, o que tem ocorrido é que muitas medidas econômicas têm sido implementadas na ilusão de que isto geraria um programa econômico quando, na verdade, o contrário é que é tecnicamente viável.

O processo não foi muito diferente do Norte, que conheceu sucessivos eldorados implantados na sua vastidão e que

nenhum efeito duradouro gerou na sua economia. Assim, a batalha da borracha, a criação da SPVEA, sua substituição pela SUDAM e a criação da Zona Franca de Manaus (ZFM), administrada pela SUFRAMA, são os marcos de uma história que rendeu mais ilusões que alegrias à Amazônia.

Pressupostos para uma Correta Política de Desenvolvimento Regional

Na atualidade são graves os problemas desafiando a imaginação e a criatividade dos formuladores das políticas econômicas, principalmente de determinados países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Se, por um lado, existem fatores externos conduzindo a essa performance, por outro não devem ser esquecidos componentes internos como a estrutura de distribuição de renda e os desequilíbrios regionais.

Como vem acontecendo num grande número de países, a crise energética, as elevadas taxas de inflação, os significativos déficits em conta corrente, os níveis crescentes de endividamentos externos, o desemprego etc., dificultam, sem dúvida, a definição e execução das políticas econômicas. A situação se agrava quando se sabe que, na maioria das vezes, a correção de um desses problemas poderia gerar distorções em outros campos e ampliaria outras dificuldades. São os chamados objetivos conflitantes. Assim, o combate à inflação poderia implicar na elevação do número de desempregados; a expansão das exportações poderia acelerar o processo inflacionário; o racionamento de combustível aliviaria o déficit em conta corrente mas, provavelmente, reduziria o nível de emprego e assim por diante. A estratégia adequada para recuperação dessas economias, fazendo-se uma analogia com a medicina, não se resumiria no conhecimento do remédio mas, fundamentalmente, na fixação da posologia, isto é, a dosagem correta, aquela que minimizaria os efeitos colaterais negativos.

Como diz Alvin Toffler em "O Espasmo da Economia" "Enquanto os economistas não começarem a estudar o problema do equilíbrio social, enquanto não aprenderem como a diversidade social e os novos padrões de comunicação e tipos de cultura afetam a economia, não poderão compreender nem mesmo um processo relativamente simples como o da inflação". Aliada às estratégias econômicas estaria uma diretriz de caráter político que possibilitasse a participação consciente dos segmentos representativos da sociedade na busca das soluções para os verdadeiros problemas. Chega de modelos teó-

ricos e abstratos onde a solução estaria em se fazer a derivada primeira igual a zero e forçar a derivada segunda ser menor do que zero, como forma de se atingir um máximo, no mais tradicional esquema matemático.

Estado e setor privado devem, a rigor, ser agentes com atitudes complementares no processo desenvolvimentista. Há uma dependência estreita entre o comportamento do Governo, proporcionando as condições básicas infra-estruturais e institucionalista, e a ação da iniciativa privada trazendo para dentro do sistema econômico sua experiência e recursos na consecução de atividades dinâmicas e diretamente produtivas de forma a proporcionar também benefícios de longo alcance social. O equilíbrio social, como salienta Toffler, afigura-se como condição básica para resolver os problemas referentes aos desequilíbrios regionais. Cabe ao Estado ora estimular, através de incentivos, e ora desestimular, mediante mecanismos apropriados, a iniciativa privada com vistas à execução do desenvolvimento harmônico onde se beneficiem todas as regiões de um país e sejam reduzidas as disparidades entre as mesmas.

No caso específico da economia brasileira, nada se conseguirá de efetivamente válido e de eficiente sem que antes façamos uma revisão do sistema nacional de planejamento, cuja concepção deve ser a de compatibilizar as prioridades regionais sob a limitação dos recursos disponíveis ao nível da Nação e, em conseqüência, reformulemos o sistema tributário do País, de forma a assegurar aos municípios e aos estados os recursos indispensáveis às suas respectivas atuações.

Políticas de Governo para as Regiões Norte e Nordeste

Dentro de um quadro mais amplo, em que se contempla a reformulação dos sistemas de planejamento e de tributação do País, a primeira decisão a ser adotada pelo Governo Federal consiste em assumir o desenvolvimento do Nordeste e do Norte do Brasil como prioridades nacionais.

O exame da situação das duas Regiões quanto às causas da crise atual aponta para a conclusão de que estas áreas não deveriam ser vitimadas pelas políticas adotadas pelo Governo para combater essa crise. De modo que as restrições à expansão dos investimentos públicos e privados não deveriam prejudicar as áreas que já sofrem de um profundo estado de pobreza absoluta.

Cumprе executar esta decisão através da implementação das seguintes medidas principais:

- a) reconhecimento da SUDAM e da SUDENE como as instituições responsáveis pela coordenação do Plano de Desenvolvimento Regional, respectivamente, da Amazônia e do Nordeste, com a obrigatoriedade de todos os órgãos federais que atuam nas duas Regiões terem sua ação subordinada às diretrizes daquelas duas autarquias;
- b) concessão de autonomia aos Conselhos Deliberativos da SUDAM e da SUDENE para aplicação dos recursos alocados segundo prioridades definidas por eles;
- c) devolução à SUDAM e à SUDENE de todos os programas de desenvolvimento integrado, criados no âmbito dos Ministérios do Interior e da Agricultura que passariam, assim, a ser executados sob responsabilidade das duas superintendências.
- d) fortalecimento do BNB e do BASA, dotando-os de recursos estáveis e adequados com vistas à promoção do desenvolvimento regional;
- e) execução de uma política nacional de descentralização industrial, no sentido de beneficiar significativamente o Norte e o Nordeste;
- f) aumento no valor real do FINOR e do FINAM, como forma de se acelerar um processo de desenvolvimento agrícola e industrial;
- g) concessão aos projetos de âmbito nacional localizados nas duas Regiões de financiamentos através de fontes diretas e não recursos do FINOR ou FINAM.

Quando o Governo Federal se convencer de que será o primeiro a se beneficiar com a adoção das diretrizes acima sugeridas, só terá a lamentar o tempo perdido e os recursos utilizados de forma ineficiente, por conta de um centralismo político-administrativo e técnico que faz tudo depender de Brasília.

Ora, a valorização das potencialidades regionais, de par com o estabelecimento de um clima de criatividade e de tomada de decisões responsáveis em todos os escalões da Administração Pública, ensejará a solução para o angustiante problema do suprimento energético, porquanto cada Região do País explorará suas fontes próprias, facilitará a oferta de alimentos para as populações de menor nível de renda, promoverá a geração de empregos compatíveis com o nível de qualificação da mão-de-obra disponível em cada Região, eliminará os programas superpostos ou mesmo conflitantes e, por fim, permitirá atingir um objetivo a que todo economista sensato se propõe: **obter o máximo de produção e de bem-estar social, a partir das disponibilidades da Nação.**

T A B E L A I**B R A S I L**

Renda Interna Per Capita, 1949 – 1975, Por Região
(Em Termos da Média Nacional)

REGIÃO — ANO	1949	1959	1970	1975
Norte49	.55	.55
Nordeste41	.45	.39	.34(*)
Sudeste	1.59	1.49	1.53
Sul	1.03	.98	.97
Centro-Oeste51	.56	.67
Brasil: Média	1.00	1.00	1.00	1.00

FONTES : FGV, Contas Nacionais
IBGE, Censos Demográficos
(*) Estimativa (BNB)

T A B E L A II**B R A S I L**

Estrutura da Renda Interna (%)
por Região e Setor
1970

REGIÃO — SETOR	Agricultura	Indústria	Serviços	Total
Norte	18.7	15.3	66.0	100.0
Nordeste	19.4	15.1	65.5	100.0
Sudeste	5.8	37.3	56.9	100.0
Sul	23.1	21.2	55.7	100.0
Centro-Oeste	21.8	7.6	70.6	100.0
BRASIL	10.2	36.3	53.5	100.0

FONTE: FGV, Contas Nacionais

TABELA III**B R A S I L**

Força de Trabalho por Região e Setor (%)

1970

REGIÃO — SETOR	Agricultura	Indústria	Serviços	Total
Norte	57.1	11.1	31.8	100.0
Nordeste	62.5	10.6	29.9	100.0
Sudeste	26.6	25.2	48.2	100.0
Sul	54.0	14.5	31.5	100.0
Centro-Oeste	54.0	11.5	34.4	100.0
BRASIL	44.3	17.9	37.8	100.0

FONTE: IBGE, Censo Demográfico, 1970

TABELA IV**B R A S I L**Distribuição Regional de Despesas Públicas
no Setor Social

1970

(percentagens)

REGIÃO	Despesas Estaduais em Saúde	Despesas Estaduais em Educação	Despesas Federais nos Setores Sociais	População
Norte	3.2	1.8	2.3	3.9
Nordeste	11.2	9.7	13.4	30.2
Sudeste	69.9	65.0	69.6	42.8
Sul	8.7	18.9	11.1	17.7
Centro-Oeste	7.0	4.6	3.6	5.4
BRASIL	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTES: Ministério da Fazenda (Balanços Estaduais);
 IBGE, Anuário Estatístico;
 FGV, Regionalização do Setor Público

TABELA VBRASIL — Distribuição Regional de Incentivos Fiscais
Por Programa (*)

1962 - 1978

(Percentagens)

A N O	SUDENE (Nordeste)	SUDAM (Amazônia)	SUDEPE (Pesca)	Turismo	Releves- tamento	Pia/Proterra	T O T A L
1962	100,0	100,0
1963	87,5	12,5	100,0
1964	92,3	7,7	100,0
1965	93,0	7,0	100,0
1966	84,3	15,7	100,0
1967	76,0	22,0	2,0	100,0
1968	64,5	22,8	6,1	5,0	1,6	..	100,0
1969	56,4	23,4	12,5	4,0	3,7	..	100,0
1970	54,0	22,1	13,4	3,9	6,6	..	100,0
1971	44,3	19,8	9,5	3,9	17,3	5,2	100,0
1972	22,4	8,4	3,1	2,2	11,2	52,8	100,0
1973	27,6	9,5	2,6	3,0	13,9	43,5	100,0
1974	21,3	8,3	1,1	2,0	11,3	55,9	100,0
1975	23,4	7,4	1,0	1,1	12,0	55,2	100,0
1976	21,6	7,2	0,7	1,5	15,7	53,2	100,0
1977	21,1	7,4	0,6	0,9	16,5	53,4	100,0
1978	20,0	7,8	0,5	0,8	19,8	51,2	100,0

FONTE : Ministério da Fazenda / CIEF

(*) Exclusive MOBREAL e GERES

VI
LIBERAÇÕES 34/18/FINOR X
RECEITA TRIBUTÁRIA DA UNIÃO (BRASIL)
 Cr\$ 10⁶ (correntes)

ANO	LIBERAÇÕES TOTAIS (A)	RECEITA TRIBUTÁRIA UNIÃO (B)	(A)/(B) (%)
1972	867,2	35.826,0	2,4
73	751,7	48.714,0	1,5
74	1.300,5	70.044,6	1,9
75	3.036,1	101.224,4	3,0
76	3.530,3	165.967,8	2,1
77	5.305,6	240.071,9	2,2
78	6.499,4	347.692,7	1,9
79	9.141,0	539.432,9	1,7

VII
34 - 18 / FINOR
VALOR DOS PROJETOS INDUSTRIAIS/PIB INDUSTRIAL (c.f.)

ANO	PERCENTAGEM
1965	10,6
1966	20,0
1967	49,2
1968	28,4
1969	22,8
1970	25,3
1971	22,5
1972	15,1
1973	27,8
1974	41,8
1975	18,3
1976	21,1
1977	15,9

VIII

34 - 18 / FINOR

VALOR DOS PROJETOS TOTAIS / PIB TOTAL

A N O	P E R C E N T A G E M
1965	2,6
1966	4,9
1967	11,6
1968	8,3
1969	8,0
1970	8,2
1971	8,9
1972	5,7
1973	8,1
1974	14,3
1975	5,7
1976	10,0
1977	5,4

IX

PARTICIPAÇÃO DO 34-18 / FINOR NO TOTAL
DE OPÇÕES DE INCENTIVOS

A N O	P E R C E N T A G E M
1962	100,0
1964	92,3
1966	84,3
1968	64,5
1970	54,0
1972	22,4
1974	21,3
1976	21,6
1978	18,8

"AULA DE SAPIÊNCIA pronunciada pelo Exmo. Sr. Secretário de Planejamento do Estado do Coará, na Faculdade de Ciências Econômicas do Crato, em 22 de Agosto de 1980, convite do Diretor daquela Escola de Ensino Superior, Prof. Ely Menezes, tendo como local o Palácio do Comércio"

EXPORTADORA CRATENSE

Antonio Alves de Moraes Jr. S. A.

Nossos cumprimentos ao I. C. C. ao
ensejo da EDIÇÃO DO "JUBILEU DE
PRATA" da vitoriosa "ITAYTERA"

Telefone: 521.0001

Avenida Pe. Cícero

CRATO - Ceará

O Capitão-Mor Joaquim Antônio Bezerra de Menezes e sua descendência (*)

JOAQUIM ANTONIO BEZERRA DE MENEZES, Capitão-mór e Coronel, Cavaleiro da Ordem da Rosa e do Cruzeiro, filho do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (1) e de sua mulher, Rosa Josefa do Sacramento. N. 11.10.1784, no Cariri, f. 13.9.1868. Veio ao Rio de Janeiro receber a patente.

Eis os seus irmãos: Luiza Joana Bezerra de Menezes, Padre Antonio Pinheiro Lobo de Menezes, Sargento-mór Semeão Teles de Menezes, Cel. Gonçalo Luis Teles de Menezes, Tte. Cel. José Geraldo Bezerra de Menezes, Cap. Manoel Leandro Bezerra de Menezes. Sobreviveu a todos.

Grande inteligência, memória prodigiosa, o Cap. mor Joaquim Antônio, foi considerado uma crônica viva da família, da história de seu tempo e das tradições locais.

Publicou um bom artigo sobre a descoberta do Cariri, no "Araripe" de 14.7.1855, em que se refere à primeira bandeira chefiada por João Corrêa Arnaut, descendente de Diogo Álvares Corrêa, o Caramuru.. Transcreveu-o em um de seus livros, o historiador J. Brígido, com a seguinte nota: "Este escrito é do otogenário capitão-mor JOAQUIM ANTÔNIO BEZERRA DE

Este trabalho, que ampliamos e refundimos, foi publicado na "Revista do Instituto Genealógico Brasileiro" — Ano IX, 19 e 29 semestre de 1948, número 17 e 18, págs. 49 - 59.

Em carta datada do Rio de Janeiro, 14-1-1950, honrou-nos o primo Dr. Pinheiro Monteiro, estudioso das origens da família, com as considerações que ousamos divulgar:

"Devolvo-lhe a "Revista Genealógica Brasileira" depois de haver lido e relido, com grande prazer, o magistral trabalho de sua autoria sobre JOAQUIM ANTÔNIO e sua numerosa descendência.

"Em relação aos antigos, fiquei sabendo muitos detalhes interessantes. Dentre eles, poderei citar a *causa mortis* do Tenente-Coronel da Ordem da Rosa Joaquim Bezerra de Menezes.

"Aprendi, também, alguns traços da vida de Leandro Ratisbona. A sua atuação, por certo, ficaria esquecida se a pena do autor não tivesse senso biográfico suficiente para projetá-la na tela da imprensa, aos olhos do público".

(1) Ver: Joaquim Dias da Rocha Filho, *Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro*, Tip. Minerva, Fortaleza, 1916; 2a. ed., Fortaleza, 1978 — Secretaria de Cultura, Desportos e Promoção Social, com notas preliminares do Professor José Denizard Macedo de Alcântara.

MENEZES, homem de uma memória pasmosa, que reproduzia de cor as datas e os fatos mais particulares da história do Cariri”.

Foi juiz ordinário (8.11.1828). Desfrutou de posições políticas sendo vereador e deputado provincial nas legislaturas de 1842-1843 e 1844-1846.

Faleceu no Crato, em cujo cemitério está sepultado. Há, no túmulo, esta inscrição: “Aqui jaz JOAQUIM ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES, Cavalheiro do Hábito de Cristo e Oficial do Cruzeiro. Nascido a 11 de outubro de 1784 e falecido a 13 de setembro de 1868”.

Casou-se duas vezes. A primeira, em 13-2-1.804, com ANA ANGÉLICA DE JESUS DE SÁ BARRETO, filha do Capitão Felix José de Souza e Antônia de Sá Barreto, descendente legítima de Egas Muniz Barreto, o primeiro deste nome, vindo para a Bahia, no começo de sua fundação. A segunda, em 24.9.1833, com QUITÉRIA DELFINA BÉNEDICTA NOBRE, dos Nobres da Paraíba do Norte. Dos dois consórcios do Capitão-mor JOAQUIM ANTÔNIO, houve seis filhos (F 1 - F 6), sendo dois do primeiro e quatro do segundo.

Do primeiro: (F 1 - F 2):

F 1) MARIA SENHORINHA BEZERRA DE MENEZES, n. 12.7.1805, f. 18.6.1833, em consequência do Parto da filha de igual nome, c. c. o Capitão ALEXANDRE CORREIA ARNAUT MASCARENHAS, filho de Ana Mascarenhas e T. Gonçalves Martins. Da união de MARIA SENHORINHA com o Capitão ALEXANDRE, nasceu:

N 1) **Maria Senhorinha Ratisbona**, criada por sua tia Antônia Joaquina de Sá Barreto. Casou-se em janeiro de 1848, com o primo **Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona**. Nasceram deste matrimônio: 1. Dr. Alexandre Ratisbona e 2. Idalina Ratisbona.

F 2) ANTÔNIA JOAQUINA DE SÁ BARRETO, n. 20.4.1807, f. 25.7.1845, c. c. TOMAZ JOSÉ LEITE DE CHAVES E MELO, antigo deputado provincial pelo Ceará, natural do Rio Grande do Norte, mas de família portuguesa, da Ilha Terceira; um dos seus membros é o tio de TOMAZ, Alexandre José Leite de Chaves e Melo, que figurou em acontecimentos políticos do Ceará. Desse casal são filhos (N 2 - N 7).

N 2) Dr. **Leandro de Chaves e Melo Ratisbona**, n. 01.5.1824, no lugar denominado Cabo-Verde, fazenda de seu avô materno, junto à cidade do Crato, f. 22.12.1900, em Paraíba do Sul. Recebeu antes de morrer, todos os sacramentos da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana, que lhe fo-

ram ministrados pelo Padre Teófilo Salgado, capelão da Casa de Caridade, rodeado de Irmãs de S. Vicente de Paulo e dos membros da família, entre os quais os Drs. Leandro Bezerra Monteiro e José Geraldo Bezerra de Menezes.

Formou-se em Direito em 1853, na Academia de Olinda. Quando cursava o segundo ano, foi eleito Deputado Provincial pelo Ceará. Filiou-se ao Partido Liberal, embora quase toda a família seguisse o Conservador. Até fins de 1860, residiu na provincia natal. Prestou notórios serviços ao Partido na imprensa e nas lutas eleitorais, ao lado de Pompeu, Frederico Pamplona, José Lourenço e outros. Em 1861, passou a residir no Rio de Janeiro. Estabeleceu banca de advogado na Paraíba do Sul e depois na Capital. Exerceu a profissão com brilhantismo, sendo muito apreciados os seus trabalhos forenses e acatado com respeito os pareceres que lavrou como jurisconsulto. Na opinião de Agripino Grieco, era um talento forte, com boa substância de erudição (*in Leitores e Revistas*, "Diário de Notícias" — Rio, 7.4.1935). Segundo o Barão de Studart, revelou-se "um talento de filigrana, com muitos dotes para a atração dos ânimos, espirituoso, insinuante e de uma palavra que enleava, **causeur** sublime". Num juri da Capital, bateu-se com Ferreira Viana na famosa causa Túmulo. O Marquês de Paranaguá, assegurava nunca ter ouvido em tais julgamentos, orador igual.

Em fins de 1.863, o Dr. Ratisbona elegeu-se deputado geral por sua província na legislatura iniciada em 1864, sendo reconduzido para a de 1868. Dissolvida a Câmara, em julho desse ano, pelo Gabinete Itaboraí, com a ascensão do Partido Conservador, só voltou ao Parlamento em 1.878, quando seu Partido subiu ao poder com o Ministério de Sinimbú, de 5 de janeiro do mesmo ano. Pelo voto de sua província, integrou duas listas senatoriais.

No meu arquivo há muitas cartas de Leandro Ratisbona dirigidas ao primo Leandro Bezerra Monteiro.

Do Rio, 11 . 8 . 1.864, após confessar-se humildemente, "pobre cristão carregado de pecados", diz ao futuro defensor dos Bispos na Questão Religiosa: a unica diferença que ha entre nós, não falando do fisico é que és mais religioso de que eu, ouves missas, jejúas na quaresma, tiravas o terço em Sergipe, tiras esmolos para o Santíssimo, tomas a opa do Rosário".

Em carta datada da Côrte, 30 . 5 . 1889, encontro observações a respeito de possível alteração ministerial: "De hoje para amanhã recompõe-se o ministério com Figueira e Duarte

ou Rodrigues Alves; o ministério assim recomposto no sábado ou na segunda-feira se apresenta às Câmaras, e lança o repto. Nem uma dúvida há do resultado da votação, reúne-se o Conselho de Estado pró-fórmula e no outro dia lê-se o decreto". Atento aos resultados da mudança, acrescenta: "quero ver agora a política de Paulino no Rio de Janeiro com o Figueira pela frente".

Na correspondência em que se refere à possibilidade de apresentar-se candidato à eleição, pondera francamente, na revelação de um vício de nossa vida política: — "Para mim, a questão é de cobres e eu não os tenho; por isso vacilo, e se resolver não me apresentar, é para não voltar mais à política".

A respeito dos empenhos e pedidos, com que se vêem às tontas os representantes do povo, é seu este juízo, trasladado de missiva da Corte, 12 . 9 . 1882: "um pobre deputado, que traz a respectiva província nas costas, mal pode fazer o décimo do que lhe pedem".

Inteligência viva, seguro observador, tece incisivas considerações atinentes à eleição por círculos: "Parece que os círculos quebraram a unidade parlamentar. Em vez das vinte províncias antigas, há hoje 122 departamentos cujos representantes trazem cada um o seu plano e um expediente para agradar os eleitores" (12 . 9 . 1882).

Destaco a passagem consagrada à morte de Francisco Belisário, titular da pasta da Fazenda no ministério Cotegipe:

"Como tenho muito patriotismo n'alma, e princípios que não se dobram diante do obscurantismo de certos políticos, não posso deixar de sentir o desaparecimento de homens daquela capacidade. Acompanhei o seu saimento até a lousa que guarda os seus restos inanimados. Cumpri um dever de cidadão, e paguei assim um tributo a tão ilustre memória" (Corte, 26 . 9 . 1889).

Em estudo sobre **O CONSELHEIRO PAULINO**, publicado na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (Janeiro - Março de 1946, págs. 20 a 28), ponderei o seguinte:

Há certos pormenores que servem para fotografar situações. A prova indireta, mas convincente, de que a proclamação da República teve muito de imprevisto, tanto que, na expressão de Aristides Lobo, o povo a recebeu "bestializado", têm-na no seguinte trecho da carta do Conselheiro Paulino, escrita de Val de Palmas, em 25 . 10 . 1889, vale dizer, a menos de um mês da queda do Império:

"Hei de ir brevemente ao Rio de Janeiro para resolver

definitivamente sobre a lista senatorial. Perca-se ou ganhe-se, o Partido deve apresentar-se nas eleições”.

Acrescente-se ao do Conselheiro, o depoimento do punho de Leandro Ratisbona, na carta a Leandro Bezerra Monteiro nas vésperas do surpreendente “15 de Novembro”, revelando segredos da política nacional, e ver-se-á que as eleições senatoriais, estas sim, estavam na ordem do dia :

“Na última viagem que fiz com o Belisário (ainda no mês passado), tanto na ida como na volta, disse-me alguma coisa de sério a respeito de escolhas senatoriais. Anda por aí muita balela! Fique sabendo que a princesa segue nesse assunto a mesma pragmática do pai. O bom velho Cotegipe não pode salvar o Figueira, e não fez nem uma escolha senatorial. Eu sei que ele ficou magoado com a redentora por pregar-lhe a peça do João Manoel” (Corte, 2 . 10 . 1889).

Reentremos nas considerações genealógicas.

Dr. Leandro Chaves e Melo Ratisbona (N2) contraiu casamento com sua prima **Maria Senhorinha Ratisbona**, já mencionada (N1), tendo dois filhos : 1. Dr. Alexandre Chaves de Melo Ratisbona, Juiz Municipal na Paraíba do Sul e no Território do Acre; 2. Idalina Ratisbona, mãe de Leandro Ratisbona de Medeiros, n. na capital de S. Paulo.

Continuemos com a relação dos filhos de ANTONIA JOAQUINA DE SÁ BARRETO (F2) e TOMAZ JOSÉ LEITE DE CHAVES E MELO :

N3) Tenente-Coronel **Joaquim Secundo de Chaves e Melo**, n. 1 . 6 . 1828, f. em agosto de 1902, c. c. sua parenta **Maria de Norões** (filha de José Romão de Norões e Josefina Leopoldina Maia), com uma única filha, Idalina Luiz de Chaves e Melo, sem sucessão. Secundo exerceu no Crato a profissão de médico e farmacêutico, gozando de merecido conceito, seja como profissional de notória competência, seja como elemento de projeção social em toda a zona do Cariri. Morreu em sua cidade natal no começo do século, deixando considerável folha de serviços à população do Cariri. Seu enterro foi verdadeira consagração. Era voz geral que desaparecera com ele um grande benfeitor e amigo dos pobres.

De Irineu Pinheiro (**O Cariri — Seu descobrimento, povoamento, costumes** — Fortaleza, 1959), esta evocação do meado do século dezenove : “Fundaram-se no Crato lojas que atraíram o comércio das redondezas, inauguraram-se duas boticas, a do capitão Benedito da Silva Garrido na era de 40 ou na

de 50, e a do coronel Joaquim Secundo Chaves em 1864, os quais, além de boticários, eram os médicos do lugar" (pág. 81).

Em outro passo da obra, assim se expressa o autor :

"Quantos se não lembram, no Crato, do velho Secundo, boticário, que exerceu as funções de médico durante mais de quarenta anos, baixo e grosso, de óculos escuros, de bengalão de volta à mão, muito cortês, a dar gostosas gargalhadas, a chamar a todos de meu amo? Dizia em maio de 1864 o jornal cratense "O Araripe": "O Sr. Joaquim Secundo Chaves muito tem distinguido (na epidemia de cólera), e sua clínica apresenta fatos que abonam grandemente sua prática de curar uma moléstia tão contumaz e que vem zombando dos recursos da terapêutica" (pág. 136).

Joaquim Secundo Chaves, foi o primeiro presidente efetivo da Conferência de S. Vicente de Paulo, da igreja de N. S. da Penha, fundada, aquela Conferência, pelo coadjutor Pe. Francisco Rodrigues Monteiro no dia 25 de março de 1882.

N4) **Tomaz José Leite de Chaves**, acadêmico de medicina, falecido na guerra do Paraguai, solteiro.

N5) **Luiz de Chaves e Melo**, casado duas vezes. Do primeiro matrimônio, teve uma filha: Maria Luiza. E do segundo: 1 Euclides, 2 João, 3 Silvio, 4 Antônio, 5 Idalina, 6 Clarinda.

N6) **Leonardo Bezerra Monteiro**, n. 6 . 11 . 1825, morreu solteiro.

N7) **Idalina de Chaves e Melo**, também morreu solteira. Possuiu regular fortuna, doando à Obra das Vocações.

Filhos do Capitão-mor JOAQUIM ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES (F3 - F6), com **Quitéria Delfina Benedita Nobre** — segundo matrimônio :

F3) Tenente-Coronel da Ordem da Rosa, JOAQUIM BEZERRA DE MENEZES, n. 24 . 9 . 1834, f. 12 . 7 . 1879. Celebrou núpcias a 26 . 11 . 1854, com sua prima ROSA JOSEFA DO SACRAMENTO, testemunharam o ato o irmão desta, Dr. Leandro Bezerra Monteiro, seu primo Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona e Josefina Leopoldina Maia de Noronha, além do Padre Felix Arnaut Formiga, Vigário de Missão Velha. Moraram no Engenho Santo Antônio.

O casamento está registrado em **Minhas pobres memórias**, de Leandro Bezerra Monteiro, escritas de próprio punho, em dois cadernos, e dedicadas aos filhos. Em fins de 1854, Leandro Bezerra deixara Sergipe em visita aos pais no Crato, depois de longa ausência, e já Deputado provincial na província que o acolhera. Chegou à terra natal em 1º de novembro.

"Estava justo, diz ele, o casamento de minha mana ROSA, esperava-se a minha chegada para ser realizado. A mim foi concedido o direito de marcar o dia: 27 do mesmo mês de minha chegada.

"Reuniram-se os parentes pobres e ricos, amigos e vizinhos. O jantar foi dado debaixo de lindo parreiral, coberto de caixos de uva madeira. Por junto à mesa, passava um regato, onde se depositava o vinho para refrescar.

"É o marido de minha mana o primo JOAQUIM BEZERRA, filho de meu tio, Capitão-mor JOAQUIM ANTONIO BEZERRA DE MENEZES".

JOAQUIM BEZERRA DE MENEZES foi Vogal da Casa de Caridade em Missão Velha, inaugurada em janeiro de 1865 pelo famoso Padre Ibiapina e quando vigário da freguesia o Padre Félix.

Político influente, era considerado chefe político do Partido Liberal daquele centro do Ceará.

Faleceu JOAQUIM BEZERRA em consequência de sua dedicação humanitária. Sendo Delegado de Polícia na cidade do Crato, quando infestada por forte epidemia de varíola, não querendo abandonar o posto, foi vítima da epidemia, falecendo a 12.7.1879. Segundo Tomaz Pompeu, em 1878 e 1879 a epidemia de varíola em todo o Ceará, do litoral ao sertão, abateu cerca de cinquenta mil pessoas (**O Ceará na Independência do Brasil**, vol. I. pág. 503). Por seu turno lembra Irineu Pinheiro que "o mal chegou ao Cariri em março de 1879, atingindo em maio o ápice de sua violência" (ob. cit., pág. 135).

D. ROSA nasceu gêmea com sua irmã RAIMUNDA em 22.9.1834, esta falecida em 1842, na Freguesia de N. S. da Penha, no Crato. Filhas do Tenente-Coronel José Geraldo Bezerra de Menezes e sua mulher Jerônima Bezerra de Menezes. De um manuscrito de Leandro Bezerra Monteiro, de 17.2.1852, esta manifestação a respeito de D. ROSA: "Gênio dócil, nela quase sempre se vê nos lábios um sorrir de simplicidade. Sempre tem lágrimas para quem chora e esmola para o pobre".

Após a morte do marido, D. ROSA morou no Engenho dos Currais, depois depois no Juazeiro, onde faleceu a 11.11.1906. Católica, na força da palavra, terminou os dias com todos os sacramentos, assistida pelo Padre Cícero.

Do casal, Tenente-Coronel JOAQUIM BEZERRA DE MENEZES (F3) e sua prima ROSA JOSEFA DO SACRAMENTO, são filhos N8-N14):

N8) **Generosa Bezerra de Menezes**, n. 12 . 5 . 1860, f. 17 . 8 . 1921, solteira.

N9) **José Geraldo Bezerra de Menezes** (Juca), n. 2 . 5 . 1878, f. 19 . 8 . 1926. Afilhado de seu tio Dr. Leandro Bezerra Monteiro, e c. c. sua prima **Maria Bezerra de Menezes** (Marócas), filha de Pedro Bezerra.

De uma carta de José Geraldo, datada de Currais, 31 . 12 . 1906, extraio o seguinte: "Tenho já uma crescida família, 12 filhos; destes morreram 3, ficando 9, 6 mulheres e três homens: a mais velha, que já está moça, tem 15 anos, chama-se — 1. Rosa de Jesus, n. 1892 e os outros 2. Afonso; 3. José; 4. Generosa (Doninha); 5. Vicente Ferrer; 6. Leopoldina; 7. Antônia, n. 30.9.1900; 8. Maria; 9. Maria Diniz. Tenho no céu: 10. Francisco; 11. Maria e 12. Maria Pia".

Leio em Irineu Pinheiro (ob. cit., pág. 248): "Em janeiro de 1908, o Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva benzeu o oratório **ad instar** de José Bezerra (Juca) no sítio Currais de baixo".

N10) **Quitéria Nobre Bezerra de Menezes**, n. 23.3.1862, f. 29 . 5 . 1939, solteira.

N11) **Leandro Bezerra de Menezes Sobrinho**, n. 13 . 12 . 1855, f. 11 . 2 . 1916, c. c. sua prima **Leopoldina**, filha do Coronel José Pinheiro Bezerra de Menezes. Pais de (1-13):

1. Joaquim Bezerra Sobrinho, c. c. Francisca Moliterno, italiana. Do casal, são filhos: a) Ana Bezerra de Menezes, c. c. Antônio Bezerra Monteiro, pais de Homero, Natércia, Marcelo, Jair, José, Neuma, Geraldo, e Maria do Socorro; b) Francisca, c. c. Alfeu Dias Guimarães, pais de Hugo, Elida, José Hélio, Antônio Edson e Pedro Jorge; c) Maria Bezerra de Menezes; d) Geraldo Bezerra de Menezes; e) José Bezerra Sobrinho; f) Antônio Bezerra de Menezes; g) Terezinha Bezerra de Menezes; h) Miguel Bezerra de Menezes; j) Pedro Bezerra de Menezes.

2. Maria

3. José Bezerra de Menezes, c. c. Carmelita Tavares, pais de a) Walter, b) Hélio, c) Washington, d) Dorcelis, e) Carmélio, f) Moacir, c. c. Margarida Tabosa, pais de: Vera Lúcia e Valdelúcio.

4. Rosa (Loló), f. em 1933, em S. José dos Campos, Estado de São Paulo, onde fora em busca de melhoras para a saúde. Em 1918, no Joazeiro (freguesia de N. S. das Dores), c. c. José Pinheiro Bezerra de Menezes, mais tarde General de Engenharia. Eis os filhos do casal, residentes em São Paulo:

a) Letícia, b) Moselina, c) Vitória, d) Frederico, e) Anibal. O General José Pinheiro é natural de Milagres. Exerceu comissões de destaque no Exército, como sejam o Comando do 2º BE, com sede em São Paulo e de um Batalhão Ferroviário no Paraná. Numerosos quartéis no Rio Grande do Sul e no Pará foram construídos sob a sua direção.

5. Cícero

6. Adolfo

7. Ana

8. Artur Bezerra de Menezes, c. c. Jerônima Pinheiro Teles. Pais de: a) Raimundo, b) Núbia, c) Eunice, d) Selma, e) Francisco. Artur residiu no sítio que pertenceu aos herdeiros do Dr. Leandro Bezerra Monteiro, avô do autor deste trabalho. Consta que o adquiriu em 1923, sendo então procurador dos herdeiros o Major José Pinheiro Bezerra de Menezes.

9. Vicente Bezerra de Menezes, c. c. Antônia Sobreira. Pais de: a) Valdelice, b) José e c) João.

10. Álvaro Bezerra de Menezes, c. c. Josefa Rodrigues. Pais de: a) Ivonilde, b) Leandro, c) Francisco, d) Gilberto, e) Idalma, f) João.

11. Antônio Bezerra de Menezes, c. c. Rosita Bezerra Monteiro. Pais de: a) Maurício, b) Antônio, c) Maria do Socorro.

12. Alfredo Bezerra de Menezes, c. c. Blandina Sobreira. Pais de: a) Ziléa, b) Washington, c) Luis, d) Benigna, e) Guiomar f) Haroldo, g) Carlos, h) Gisela, i) Paulo, j) Alberto, l) Antônio.

13. Leopoldina Bezerra de Menezes, c. c. Júlio Gomes de Lima e Sá.

N12) **Joaquim Bezerra de Menezes**, n. 4 . 8 . 1863, f. 9 . 8 . 1942, c. c. **Raimunda Gomes de Matos**, filha de Raimundo Gomes de Matos e Anta de Sant'Ana. Deixaram os seguintes filhos (1-10).

1. Idelzuites, casada em primeiras núpcias com Júlio Belém de Figueiredo, falecida no Juazeiro em 1926. Pais de Idelvice, c. c. Moacir de Almeida Arraes.

2. Hercílio, comerciante em Belém. Casou-se em 1918 com Maria Esmeraldo Bezerra. Pais de Núbia, casada, reside no Recife, Renato, Noeme, Juarez, Joaquim e Teresinha.

3. Maria, casou-se em 1933 com Vicente Tavares Bezerra, filho de Antônio Leite Tavares e Antônia Tavares Bezerra (filha do Capitão Leandro). Vicente f. em 1936, deixou dois filhos — a) Flávio b) Teresa Neuman, c. c. o Dr. Inácio de Alencar Vilar.

4. Lauro, c. c. uma senhora espanhola, reside em Belém.
5. Rosa, c. c. José de Figueiredo Brito, pais de José, bancário; Heitor, advogado; Neuman, Alcides. Os três últimos residentes no Recife.

6. Claudiana, c. c. Celso Oliveira, comerciante, pais de Mariza, Teresinha, José Jesser e Hugo.

Faleceram solteiros os demais filhos de **Joaquim Bezerra de Menezes** e **Raimunda Games de Matos**: 7. Francisco; 8. Joaquim; 9. Raimundo; 10. Vicente.

Escreve Irineu Pinheiro (ob. cit., pág. 64): "No ano de 1911 Raimundo Nonado de Sousa e **Joaquim Bezerra de Menezes**, nos seus sítios respectivos Ipueira e Salgadinho, no Crato e Juazeiro, instalaram os primeiros motores movidos a lenha, aos quais sucederam muitos outros, especialmente da era de 30 para cá".

N13) **Rosa Bezerra da Cruz** (Rosa Josefa do Sacramento, em solteira, o mesmo nome da mãe), n. 9 . 1 . 1871, f. 25 . 4 . 1934. Casou-se com **João da Cruz Neves** em 19 . 1 . 1897. Do casal, são filhos 1 - 2):

1. Maria Bezerra da Cruz, n. 7 . 12 . 1900, f. 23 . 8 . 1946, casada em 12 . 10 . 1916 com Doroteu Sobreira da Cruz. Pais de : a) Maria Doraci Sobreira Bezerra da Cruz; b) Helena; c) Antônio; d) Milton; e) Edilson; f) Terezinha; g) Olga Bezerra Sobreira Cabral, c. c. Antônio Coimbra Cabral.

2. José, n. 4 . 2 . 1903.

N14) **Jecomias Bezerra de Menezes**, n. 8 . 12 . 1875, f. 19 . 5 . 1906, c. c. **Inez Rodrigues Bezerra de Menezes**. Do casal, são filhos (1-3):

1. Maria Amélia, casou-se em 1920 com José Bezerra de Menezes (filho do Capitão Leandro Bezerra de Menezes e sua segunda esposa Josefa Saraifa). Ver a descendência no casal F6 - N40.

2. Generosa, c. c. Felipe Neri Bezerra de Menezes, f. em dezembro de 1945. Pais de a) Amarílio; b) Maria Alice; c) Francisco, c. c. Aurenívea Pinheiro; d) Zilá; e) José; f) Alzira, c. c. Francisco Freitas; g) Carlos César, f. solteiro.

3. Lindalva, c. c. José Bezerra de Melo. Pais de : a) Luziete; b) Terezinha; c) Anchieta; d) Inez; e) Marlene; f) Salete; g) Hugo; h) Irael; i) Plácido; j) Ângela; l) Sara.

De uma carta (15 . 4 . 1903) de Rosa Josefa do Sacramento a seu irmão, meu avô Dr. Leandro Bezerra Monteiro : "Tenho duas netinhas Maria Amélia e Generosa, filhas de Je-

comias. A Generosa chamam Doninha por causa do nome e apelido da tia".

F4) Tenente-Coronel JOSÉ PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES (Capitão Zeco dos Currais), n. 20 . 9 . 1835, no Crato, e aí faleceu a 2 . 8 . 1903. Era costume aditar-se ao nome dos fazendeiros o das respectivas propriedades. Veja-se a respeito, Luís Câmara Cascudo, **Vaqueiros e Cantadores**.

O jornal "Cidade do Crato", de 9 . 8 . 1903, traça-lhe a biografia, da qual reproduzo este lance: "Era casado e chefe de numerosa e distinta família. A sua vida privada foi encaideamento de raras virtudes e a sua vida pública o relicário de excelentes predicados. Exerceu diversos cargos que sempre desempenhou com máxima elevação".

Foi Vereador à primeira Câmara Municipal do Crato no regime republicano, eleito em 1891, além de Juiz de Direito.

Casou-se em 1860 com sua parenta ANA TELES PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES, em solteira ANA TELES DE QUENTAL (filha do Major Felipe Teles Lobo, figura de relevo na sociedade do Cariri, dotado de grande fortuna, e de Tereza de Quental).

O irmão do Capitão Zeco, Capitão Leandro Bezerra de Menezes (F 6) foi casado com Raimunda, irmã de ANA TELES. Mais um caso na família de união matrimonial de dois irmãos com duas irmãs.

ANA e Raimunda Teles de Quental são irmãs de Teodorico Teles, c. c. Ana Balbina da Encarnação Lopes, pais de : 1. Coronel Filemon, prestigioso chefe político na região do Cariri, Deputado Estadual e por duas vezes prefeito do Crato, além de Deputado Federal às Constituintes de 1934 e 1946; faleceu aos 92 anos; 2. Dr. Joaquim Teles, Deputado Estadual e Federal, Prefeito do Crato, c. c. Ana Monteiro Teles, pais do Dr. Maurício Teles, médico; Dr. Hermano, agrônomo, que foi Deputado Estadual; Dr. Joaquim Teles Filho, químico industrial, casado; Dr. Caio Augusto Monteiro Teles, médico veterinário; Ana Guilhermina, c. c. o Professor José Fernandes; Regina Helena, cosada; 3. Antônio, agricultor, presidente do Banco do Cariri, c. c. Edith da Rocha Teles, com filhos; 4. Fernandina; 5. Teresa e 6. Maria, c. c. André Cartaxo, pais de 17 filhos; a) Letícia, c. c. Edgar Arruda; b) Rosali, c. c. Osvaldo Esmeraldo; c) Odite, f. solteira; d) Eunice, c. c. o General Teles Pinheiro; e) Antônio, casado; f) Dr. Décio, médico, Deputado Estadual e Prefeito do Crato; g) Dr. Darival, médico, casado; h) Dr. Fernandes, Engenheiro Agrônomo, casado; i) Carmélia; j) Dr. Ama-

rílio, casado; l) Valdelice, segunda esposa do General Teles Pinheiro; m) Airton, Oficial do Exército, casado, n) Aidil, c. c. o Coronel Osvaldo Tavares Bezerra; o) Zuleida, solteira; p) Izolda, c. c. o Médico Dr. José Ulisses Peixoto; q) Carlos André, odontólogo em Fortaleza; r) Teresinha, solteira.

O casal Tenente-Coronel JOSÉ PINHEIRO (f4) – ANA TELES teve dezesseis filhos (N15-N30):

N15) **Antônio Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 11 . 2 . 1861, no sítio dos Currais (Crato), f. 28 . 6 . 1939, em sua fazenda Paul. Agricultor e criador. Casou-se com **Jerônima Bezerra de Menezes**, n. no Crato a 2.7.1860, f. 3.10.1935 (filha do Capitão José Geraldo Bezerra Monteiro e de Luísa Colares Bezerra). Em mais de uma legislatura, exerceu o mandato de Vereador à Câmara Municipal do Crato.

O casal residiu nos seguintes locais: no "sítio" – é a denominação geral do Ceará, ao invés de fazenda – "Francisco Gomes", ao pé da serra do Araripe (1885-1886); no sítio "Monte-Alegre", propriedade de Jos; Geraldo Bezerra Monteiro e de Luísa Colares Bezerra Monteiro (1887-1890); "Cobras", situado no vale do rio Batateiras, Crato (1891(1903), propriedade que passou a Marcial Pinheiro Monteiro, filho mais novo do casal; "Paul", também adquirido por compra, situado no vale do rio Batateiras entre Crato e Juazeiro, cortado pelas estradas de ferro e de rodagem (de 1904 até a morte) e transmitido aos filhos.

São filhos de **Antônio Pinheiro Bezerra de Menezes** (N15) e **Jerônima Bezerra de Menezes** (1 a 9):

1. Maria Adelina, f. solteira em 1932.
2. José Pinheiro Monteiro, como o pai, agricultor e criador, c. c. Adélia Dumar Pinheiro. Pais de: a) Adelaide, n. 1916, c. c. Milton Barbosa, de quem são filhos: Façois, Adélia Maria, Francisco Milton e Marcos; b) Antônio Demétrio, c. c. Jerônima Ilmar, sem filhos; c) Maria Mirtes, n. 1919, professora, c. c. Walter Pinheiro Rolim, filho de Ildefonso Rolim e Ana Pinheiro Rolim), do casal são filhos: João Dumar Pinheiro Rolim, casado; Wlademir, engenheiro civil, Walter Carlos e Alberto; d) Jorge Dumar Pinheiro, agricultor e criador, residente no sítio Paul, c. c. Risalva Leite, pais de Isolda, c. c. Windson Pais Barreto; Jorge Ney, engenheiro agrônomo, diretor do Colégio Agrícola do Crato, c. c. a agrônoma Maria Zélia Gomes Pinheiro; e) Gilberto Dumar Pinheiro, n. 1925, c. c. Ester Teles Pinheiro.

José Pinheiro Monteiro N2) casou a segunda vez com

Felicidade Guimarães, sendo pais, entre outros, de Manoel Eliezer Pinheiro, c. c. Aidé Alencar.

3. Maria Pinheiro Monteiro (Dona), falecida solteira.

4. Ana Pinheiro Rolim (Naninha), c. c. Ildefonso Rolim, residiam em Carriaguçu. Deixaram os seguintes filhos: a) Raimunda Dolores; b) Natércia, c. c. Joaquim Pinheiro Teles, pais de Vânia, c. c. Romilton Lima; Waldênia, c. c. Raimundo Pinheiro Teles; Marcos Vinício; Marcondes, c. c. Maria da Penha; Valdízia; Milton, c. c. Corina Correia Lima; d) Luís Alberto, c. c. Dalva, pais de Antônio Ézio e Adelina Dolores. e) Ildefonso Erickson, casado; f) Jerônima Ilmar, c. c. Antônio Demétrio; i) Maria do Socorro, casada.

5. General-Médico Dr. Joaquim Pinheiro Monteiro, c. c. Olga de Lacerda Pinheiro Monteiro.

Iniciou o curso de humanidades no Colégio S. José, do Crato, completou-o no Ginásio Ipiranga, na Cidade do Salvador. Matriculou-se no primeiro ano da Faculdade de Medicina da Bahia, transferindo-se, logo no segundo ano, para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1923, defendendo tese com distinção. Quando estudante no Rio de Janeiro, foi interno da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital Central do Exército, além de auxiliar acadêmico do Serviço de Profilaxia da Lepra.

Formado, clinicou por algum tempo na cidade mineira de Rio Branco (hoje Visconde do Rio Branco), transferindo-se para o Rio de Janeiro a fim de ingressar no Corpo de Saúde do Exército, mediante concurso.

Durante anos, serviu na Policlínica Central e no Hospital Central do Exército. Foi assistente militar do Hospital de Pronto Socorro da Capital Federal. Diretor do Hospital Militar de Fortaleza, inaugurou o novo prédio, sede definitiva do hospital. Exerceu outras comissões no Paraná, Juiz de Fora, Bahia e Natal.

Não restringiu as atividades ao Exército, também exerceu a clínica em Fortaleza.

Dedicado à cirurgia, publicou trabalhos de natureza científica: **Da Uretronomia Interna nos Estreitamentos Filiformes** (Tese de doutoramento, aprovada com distinção); **O Processo de Gossset nas Apendicectomias; Das Aderências Peritoniais, A Infecção Local e o Bócio; Contribuição ao Estudo das Litiásis Renais; Princípios Fundamentais da Drenagem em Cirurgia; Considerações em Torno dos Ferimentos Pleuro-pulmonares.**

Em Fortaleza, foi um dos sócios fundadores da União

de Defesa do Cariri, e por aclamação, o seu primeiro presidente.

6. Áurea, c. c. José Reinaldo.

7. Vicência (Dédé), c.l.c. Cícero Pinheiro, com sucessão, que será mencionada (ver N29).

8. Marcial Pinheiro Monteiro, agricultor, c. c. Gertrudes Calou (filha do Coronel Antônio Gregório Calou e Carlota Calou), pais de — Maria do Socorro; Antônio Marcial; Maria do Rosário, c. c. Raimundo Pinheiro Couto, com dez filhos; Sali Maria; Vera Maria. Magnólia Maria, c. c. Djalma Bezerra; Francisco Antônio; Lúcia de Fátima; Teresinha.

9. Dr. Antônio Pinheiro Filho, c. c. Valda de Brito Pinheiro, pais de — Antônio Fausto; Mariza; José Alberto; Reinaldo; Vanda.

Antônio Pinheiro Filho inicia os estudos secundários no Colégio Diocesano do Crato. Em seguida, vai para Ouro Preto, onde termina os preparatórios no Ginásio Municipal de Ouro Preto, hoje Ginásio Alfredo Baêta. Matricula-se, em 1926, na Escola de Minas de Ouro Preto e conquista o diploma de Engenheiro de Minas e Civil em 1932. Como estudante da Escola de Minas de Ouro Preto, mantém com o professor Dr. Fausto Alves de Brito um curso de Matemática para candidatos à Escola.

Após a conclusão do curso em 1932, dirigiu-se para o Ceará. Trabalha na Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca até 1933, na construção de trecho da Estrada Rio-Bahia. Nesse ano, afasta-se da Inspetoria, em virtude da suspensão do Serviço da Construção da Estrada. Parte para o Crato ai leciona, entre 1933 e 1936, no Ginásio Diocesano; exerce, por algum tempo, o cargo de Arquiteto da Prefeitura. À época, com o Engenheiro Jorge Schnoor, faz os primeiros estudos de abastecimento de água para a cidade. Em 1936, cabe-lhe o cargo de Prefeito Municipal do Crato.

Deixando a Prefeitura, retorna no mesmo ano à Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, onde permanece até 1940. Nessa fase, constrói vários quilômetros da Estrada de Rodagem Transnordestina, trechos da Rio-Bahia, uma ponte de concreto armado sobre o Rio Salgado, em Icó, e obras de menor vulto.

Em 1940, demite-se da Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca para ingressar como Professor Catedrático da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil (antiga Escola de Minas de Ouro Preto). O cargo de Professor Catedrático é alcançado por concurso. Como estu-

dante em Ouro Preto é orador oficial do Centro Acadêmico. De 1944 a 1947, exerce as funções de Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto e Presidente da Cooperativa de Consumo dos Estabelecimentos de Ensino. Milita na "Tribuna de Ouro Preto" entre os anos de 1945 e 1947, tendo antes, em 15.11.1935, fundado e mantido um jornal na cidade do seu nascimento — "O Crato", órgão noticioso e político.

Entre os trabalhos de sua autoria, vale destacar:

Principais características da Bacia do São Francisco. Plano Geral de Melhoramento do Rio São Francisco no trecho Pirapora — Boa Vista (Tese de concurso para Professor Catedrático da XXIV cadeira da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil) — 1945.

Plano de aumento da produção agrícola do Cariri - 1949.

Conferência sobre Joaquim Nabuco, nas comemorações do centenário do seu nascimento — 1949.

Conferência sobre os Engenheiros Francisco de Paula Bicalho e Honório Bicalho. Contribuição da Escola Nacional de Minas e Metalurgia às comemorações do centenário de nascimento dos eminentes engenheiros patrícios — 1947.

N16) **Rosa Pinheiro Bezerra Fernandes Lopes**, n. 19.1.1863. Casou, em 1882, com **Antônio Fernandes Lopes**, f. 1940, sem descendência.

N17) **Maria Pinheiro Bezerra Jurumenha**, n. 12.3.1864, c. c. **José Pinheiro Lobo de Menezes Jurumenha**. Pais de: 1. Antônio, c. c. Maria das Dores; 2. José, f. 1924, quando doutorando de medicina na Bahia; 3. Francisca (Dona), c. c. Henrique Coimbra; 4. Semeão, c. c. Maria Luísa Siebra; 5. Ana.

N18) Coronel **Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 16.5.1865. Residiu no sítio Batateiras (Crato), de sua propriedade, de 1894 a 17.12.1936, data do seu falecimento. Morreu confortado com os socorros espirituais da Religião Católica. Foi sempre havido como homem bom, excelente esposo, pai de família exemplar e devotado à terra natal.

Casou três vezes, tendo, ao todo, vinte e dois filhos. Em primeiras núpcias, no ano de 1885, uniu-se a **Maria da Conceição Gonçalves Pinheiro Bezerra de Menezes**, em solteira, **Maria da Conceição Gonçalves**, (filha de Pedro José Gonçalves da Silva e Vicência Gonçalves de Oliveira, ambos de Icó), falecida em 1903. São filhos do casal **Joaquim Pinheiro - Maria da Conceição** (1 - 8):

1. Maria, n. 1888, solteira.

2. José Pinheiro Gonçalves, n. 1889, c. c. Maria de

Santana Esmeraldo em 1924, pais de — Antônio Sávio, c. c. Maria Couto Pinheiro; Maria Imelda, religiosa; Maria Célia, religiosa.

3. Raimunda, n. 1892, solteira.

4. Pedro, n.º 1893, morreu aos seis anos.

5. Antônio Pinheiro Gonçalves, n. 1895, ex-prefeito do Crato, casou-se em 1915 com Maria Leopoldina Teles, filha de Amâncio Teles de Quentel. Do casal, são filhos (A-N): A) — Maria Zélia, n.º 1916, casada, em 1940, com Almir Pimentel, pais de Zenir, Zélia, Maria e José Alberto; B) — Luzanira, n. 1917, solteira; C) — Joaquim Pinheiro, n. 1920, c. c. Natércia Pinheiro Rolim (filha de Ana Pinheiro e Ildefonso Rolim, delegado regional do ensino na zona do Crato), pais de Vânia, c. c. Mermilton Lima, Valdênia, c. c. Francisco Pinheiro, Marcone e Valdízia; D) — Dion, n. 1921, casado, em 1941, Nazareth Carvalho, pais de Célia, Carlos, Cássio e Dion; E) — Oswaldo, n. 1923, c. c. Teresinha Onofre; F) — Ninete, professora ruralista, n. 1924, c. c. Manoel Batista Vieira, pais de José Flávio, médico, c. c. Ana Célia Garcia, médica; Vicente e Luciano; G) — Frederico, n. 1926, c. c. Balbina C. Cavalcanti; H) — José Jackson, n. 1929, agricultor, casado; I) — Teresinha, n. 1932, c. c. Irismar Pinto, pais de Teresa de Fátima, médica, Luzanira, professora, Antônio e Jaquelina; J) — Maria Lúcia, n. 1934, professora L) — Raimundo, n. 1940, agricultor; M) — Maria da Conceição, n. 1943 professora; N) — Francisco, n. 1946, agricultor, c. c. Valdênia Pinheiro.

Dr. Joaquim Pinheiro Filho, n. 1898, f. 1974, em Fortaleza. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, defendeu tese aprovada com distinção. Em Crato, fundou o Hospital S. Francisco, sendo o seu primeiro diretor. Lecionou nos Colégios Santa Teresa, Diocesano e Escola do Comércio. Voltando a Fortaleza, foi médico do DNOCS e do SANDU e lecionou no Colégio Santa Cecília. Militou na imprensa, mantendo coluna diária. C. c. Maria da Conceição Coelho Pinheiro.

7. Eulina, n. 1901, solteira.

8. Rosa, n. 1902, solteira.

Falecida a primeira esposa, no ano de 1903, o Coronel **Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes** (N18 contraiu segundas núpcias, no mesmo ano, com sua prima **Priscila Bezerra Teles**, f. 1914 (filha de Manoel Felipe Teles e Maria Sant'Ana Gonçalves Teles). Deste matrimônio nasceram cinco filhos (9-13):

9. Maria Carlina, n. 1904, solteira.

10. Tenente Afonso Pinheiro Teles, da Aeronáutica, n.

1905, c. c. Dorvalina Teles, pais de : a) Nilza, com o curso de Belas Artes; b) Priscila, médica; c) Edson, casado, com filhos.

11. Priscila, n. 1907, professora.

12. Adalberto, n. 1909, f. aos 5 anos.

13. João, n. 1910, c. c. Maria Aparecida Pinheiro, residentes em Ribeirão Preto, São Paulo, pais de Célia, Hernildo e Celiana.

Em 1914, **Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes** (N18) enviuvou a segunda vez, casando-se em terceiras núpcias, no ano seguinte, com sua prima **Amélia Pinheiro Teles**, filha de Francisco Teles e Jerônima Leopoldina Bezerra. Do terceiro casamento, nasceram nove filhos, a saber (14-22) :

14. Raimundo, n. 1 . 12 . 1915, morreu com 17 dias de idade.

15. Maria Edilze, casada em 1942 com Odílio Bezerra Campos, escrivão da Coletoria Federal de Maranguape, filho de Manoel Bandeira Campos, ex-coletor federal em Crato, e de Maria Bezerra de Menezes (sobrinha do Dr. Rufino Teófilo Bezerra Bezerra de Menezes (sobrinha do Dr. Rufino Teófilo Bezerra de Menezes, bacharel e historiador, f. 1915, em Quixeramobim). Do casal Maria Edilze e Odílio, são filhos: a) Odailze, n. 1943, c. c. Dr. Manuel Tibúrcio Cavalcanti, médico, residente em Fortaleza; b) José Odílio, n. 1945, agrônomo; c) Amélia Maria, professora, c. c. Dr. Danilo Rebouças, médico, residente em Sobral; d) Raimundo Odailton, n. em julho de 1946; e) José Harley e d) Marcone, estudantes.

16. Cesar Pinheiro Teles, n. 6 . 3 . 1919, casou-se, em 23.6.1946, com Almina Arraes de Alencar, filha de José Almino de Alencar e Silva e Maria Benigna de Alencar Arraes. Pais de : A) Maria Edith, professora, c. c. Nelson Sá Mendonça e Vasconcelos, funcionário do Banco Central, pais de Cláudio, Deborah e Cíntia; B) Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, economista, funcionário do Banco Central, c. c. Raquel Fernandes; C) José Almino Arraes de Alencar Pinheiro, engenheiro, c. c. Izenka Ludovich; D) Maria Amélia, professora, c. c. José Luis de Castro Neto, funcionário do Banco do Brasil; E) Maria Benigna, professora, c. c. o médico Dr. José Lívio de Luna Calou; F) Antônio César, estudante.

17. Solon, n. 1924, agrônomo, c. c. Iolanda Bruno Osório, pais de José César, Fernando, Josefina, Hélio, Paulo, Simone e Gisélia.

18. Heitor, n. 1925, agricultor e criador no município de Barro, c. c. Sezia de Albuquerque Parente, pais de José Ni-

valdo, engenheiro; Lúcia; Anísia, c. c. o agrônomo Antônio Teodoro Neto; Francisco Heitor, estudante; Fernanda; Humberto.

19. Gisélia, n. 1926, f. 30 . 1 . 1964, casou-se em dezembro de 1946 com José do Vale Feitosa, vice-diretor do Ginásio do Crato e presidente dos Homens de Ação Católica. Pais de Gisélia Maria; c. c. Raimundo Alcoforado Feitosa, Cristina e Paulo César; Dr. José do Vale Filho, médico, c. c. Dra. Teresa Piscilline, médica; Amélia Leonarda, c. c. o eng. Dr. José Vilmar Oliveira; Vicente Ricardo, estudante de medicina.

20. Estácio, n. 1927, agricultor, solteiro.

21. Maria Amélia, n. 1928, c. c. o Dr. Francisco Mewdo Ribeiro da Silva, pais de — Luísa Helena, médica, c. c. Evandro Esmeraldo; Francisco Mewdo Filho, estudante de economia; Carlos Alberto, estudante de Engenharia; José Eurico Neto; Cristina e Joaquim, estudantes.

22. Maria Ivonilde, c. c. Amândio Leite Bittencourt, residentes em São Paulo, pais de Celi, Helder e Clarice.

N19) **Pedro Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 16.8.1866, f. 22.2.1944. Casou-se duas vezes. A primeira, 1890, com sua prima **Ester Teles**, filha de Manoel Felipe Teles. A segunda, com **Teresa Teles Couto** (Dondon).

Do primeiro matrimônio, teve os seguintes filhos (1-11) :

1. **Maria Santa Pinheiro**, c. c. José de Melo, pais de : Antônio, f. aos 18 anos; Carivaldo, casado, Pedro Pinheiro de Melo, casado, falecido, foi Desembargador; Rutilo, casado, falecido; Ester, c. c. Antônio de Melo, falecida; Betiza, casada, residente em Barbalha; Antônio Pinheiro de Melo, casado; Antônio, casado; Stênio, casado, economista, reside em Fortaleza.

2. **Maria Ester**, c. c. Antônio Bezerra Monteiro.

3. **Ester**, f. solteira, aos 18 anos.

4. **Ana Pinheiro Teles**, c. c. José Teles do Lobo, pais de — Pedro, c. c. Edite de Araújo Teles; Maria Santa Teles, professora; Ester, c. c. José Silveira; Audízio e Jaime Pinheiro Teles.

5. **José Pinheiro Teles**, casou-se a primeira vez com Ana, filha de Hermógenes. Pais de Teresa, professora; Anísio, casado, reside em S. Paulo; Ester, c. c. Antuérpio Mélo; Orlando, agricultor, c. c. Maria Lêda Alexandrino; Ivone, c. c. José Landim. O segundo casamento de José foi com Carmina Teles Coelho, não deixando filhos.

6. **Quitéria**, f. aos 8 anos.

7. **Irinéa**, f., era religiosa (freira).

8. **Anísio**, f. aos 18 anos.

9. Cila professora.

10. Neomísia, f.

11. Albelar, engenheiro agrônomo, f. em Teresina, c. c. Rosa, filha de Hermógenes. Deixou quatro filhos.

O segundo casamento de **Pedro Bezerra de Menezes** (N 19) foi com **Teresa Teles Couto (Dondon)**, deixando os seguintes filhos (1-4): 1. Estela, professora; 2. Raimundo, c. c. Maria do Rosário, filha de Marcial Pinheiro Monteiro, com 10 filhos; 3. Maria Sueli, c. c. um engenheiro suíço, reside em Munique; 4. Maria leve, c. c. um oficial da marinha americana, reside na Califórnia.

N20) **Leopoldina Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 24. 8. 1867, c. c. **Leandro Bezerra de Menezes**. Ver a relação dos filhos em N 11.

N 21) **José Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 24. 8. 1867, f. 15. 8. 1936, casado em 1892 com **Olga de Alcântara**. Filhos: 1. José f. em Fortaleza, deixando dois filhos; 2. Juvenal, f. em S. Paulo; 3. Maria, f. no Recife; 4. Lavínia Pinheiro de Medeiros, c. c. Afonso Ramos de Medeiros, com filhos, Olívia, c. c. Júlio Macedo, com filhos.

N 22) **Hermógenes Pinheiro Bezerra de Menezes**, agricultor e criador no Crato, n. 15. 6. 1872, f. 10. 10. 1944, c. c. sua prima **Raimunda Teles**, (filha de Francisco Teles de Quental). Pais de: 1. Leopoldina, f. solteira; 2. José, c. c. Antonieta Pedroso; 3. Antônio, c. c. Júlia Feitosa; 4. Ana, c. c. José Pinheiro Teles; 5. Maroli, f. solteira; 6. Eulina, f. solteira; 7. Espedito Pinheiro Teles, agricultor e criador, c. c. Maria Ribeiro Teles, pais de: Heron, c. c. Maria Luciano Pinheiro; Francisco Helder, c. c. Dativa Bezerra Pinheiro; Marli, c. c. Nertan Nicodemos; Tarcísio Pinheiro Teles, médico, c. c. Galbanita Teixeira; Narcélio, c. c. Sara Brito; Raimundo, c. c. Teresinha Pereira de Moraes, Henrile, agricultor e criador no Crato, c. c. Iete Matias; Maria do Socorro, c. c. César Ribeiro, reside em Barbalha; José Ítalo, agricultor, c. c. Maria Elizabete; Espedito, c. c. Socorro Linhares; 8. Rosa Pinheiro Teles, c. c. Albelar Pinheiro Teles.

N 23) **Tereza Pinheiro Esmeraldo**, n. 7. 7. 1873, f. 1934, c. c. **Pedro Esmeraldo da Silva**, f. 1935. Pais de: 1. Antônio, agricultor, f. solteiro; 2. José Pinheiro Esmeraldo (Zéco), agricultor e criador, c. c. Helia Abath Esmeraldo, sem filhos; 3. Maria Amélia Esmeraldo, c. c. José Esmeraldo, pais de Maria Alice, c. c. Jaime Ramos; Francisco Ailton Esmeraldo, odontólogo, c. c. Meyriane Aragão; Maria Zélia, professora, solteira:

Ana Teresa, professora, c. c. Huberto Cabral; Amarílio, casado; Luís, agricultor, casado; Carlos, engenheiro, casado; 4. Amélia Maria c. c. Leomar Bezerra; Assunção, c. c. João de Melo, residem no sítio S. José, pais de: Francisco, promotor em S. Paulo; Pe. Arnaldo Esmeraldo de Melo, sacerdote Jesuíta, falecido; Geraldo Esmeraldo de Melo, agricultor, residente no Crato, c. c. Elza Barreto; Ana, c. c. Antônio Ferreira de Melo, pais do Pe. Pedro Esmeraldo de Melo, Maria Esmeraldina e Rosa Pinheiro Esmeraldo; 5. Eulina, c. c. Alfredo Teixeira Mendes, promotor no Crato, e, posteriormente, Juiz em Tauá, Missão Velha e Iguatu, pais de Itamar, Valquíria, José Valquer e Teresinha.

N 24) **Quitéria Pinheiro Bezerra Gonçalves**, n. 7.7.1873; em 1888, c. c. **José Gonçalves da Silva**. Pais de Maria Pinheiro Gonçalves Felício, c. c. Antônio Raimundo Felício. Desse casal é filha Acy, c. c. o Brigadeiro José de Macedo, n. no Crato, em 17.10.1906, pais de Lucy, Margarida e Elba, casadas. Coube ao Brigadeiro inaugurar a linha do Correio Militar entre Rio-Fortaleza-Teresina e comandar, de 1942 a 1948, a Base Aérea de Fortaleza.

N 25) **Epifânio Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 15.12.1874, casou-se em 1894 com **Maria da Encarnação Gonçalves** (filha de Pedro José Gonçalves e Mafalda Izaulina Gonçalves Bezerra de Menezes). Pais de: 1. Antônio, f. solteiro; 2. José, ainda moço, fixou residência em Mato Grosso; 3. Elísio, casado; 4. Prisce, c. c. João Vilar; 5. Jocel, c. c. Maria Teles; 6. Aderson, c. c. Hercília Silva; 7. Maria do Carmo, solteira.

N 26) **Clotilde Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 15.4.1876. Inupta. Mãe de criação do General Raimundo Teles Pinheiro.

N 27) **Ana Pinheiro Bezerra Esmeraldo** (Donana), n. 15.6.1878, c. c. **Antônio Esmeraldo da Silva**. Pais de: 1. Alcides, professora, religiosa, falecida; 2. José Pinheiro Esmeraldo, c. c. Maria Amélia Esmeraldo, mencionados; 3. Antônio Esmeraldo Filho, c. c. Dalveniza Esmeraldo, pais de Maurício, Alcides e José; 4. Homero, cirurgião dentista, casado; 5. Sílvio, casado, proprietário, reside no município de Barro; 6. Cristóvão, c. c. Ana Araruna; 7. Maria La Salette, professora, c. c. Unias Norões; 8. Cira, professora, solteira; 9. Fábio, médico, c. c. Carmem Norões; 9. Maria Pia, c. c. Juvêncio Barreto, deixando 13 filhos: Elza, Ruth, Hulda, Ana Cristina, Ilza, Neide, Hugo, Fernando, Humberto, João Vianey, José, Anchieta, Francisco, Esmeraldo; 10. Anete, professora, solteira, residente na Bahia.

N 28) **Conceição Pinheiro Bezerra Coimbra**, n. 15.9.

1879. Casou a primeira vez com seu primo **Joaquim Bezerra Monteiro**, f. 1901, deixando dois filhos. 1. Antônio Bezerra iflhos; 2.) José Ramiro Monteiro, agricultor e criador, residiu no município do Crato em sua propriedade Monte-Alegre, c. c. Joaquina (Quinou) de Brito, com numerosa descendência.

N 29) **Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 18.6. 1882, f. 30.4.1950. Residiu no sítio "Currais". Homem simples e de trato amigo. Vereador à Câmara Municipal do Crato em várias legislaturas. Uma das ruas desse município conserva-lhe o nome. Informa o filho, General Raimundo Teles Pinheiro, que **Cícero** se entregou "ao árduo e honesto trabalho de vaqueiro criador de gado ou de agricultor plantador de cana neste ubertoso e querido Vale dos Cariris Novos".

Casou-se duas vezes. A primeira, em 1905, com **Tereza de Jesus Teles**, filha do Coronel Teodorico Teles de Quental. Do casal, são filhos: 1. General Raimundo Teles Pinheiro; 2. José, falecido aos dois anos de idade.

Contraiu segundas núpcias em 1914 com sua sobrinha **Vicência (Dédé)**, filha de Antônio Pinheiro Bezerra de Menezes, da qual teve os seguintes filhos:

1. Anúzia Pinheiro Rolim, c. c. Mozart Gomes Rolim. Pais de: a) Lília Maria, c. c. Manuel Arruda; b) Sônia, c. c. Valdemir Correia de Souza; c) José Francisco, c. c. Heliane Holanda Cavalcanti; d) José Wilson, c. c. Maria Ernani Barreira; e) José Carlos, c. c. Jerúsia Lima; f) José Jair, c. c. Vânia Vasconcelos; g) José Edson, c. c. Célia Teixeira; h) José Renno, c. c. Vanda Magalhães; i) José Rômulo, c. c. Maria do Carmo Aragão.

2. Dionê, professora, solteira.

3. Maria Ivalda, professora, c. c. Cícero Holanda Cavalcanti. Pais de: Maria da Glória; Maria das Graças, c. c. Cheng Jua Yue, engenheiro; Rubens, c. c. Socorro Barreto; Renato; Marivalda.

4. Aurea Nívea, c. c. Francisco Bezerra, pais de José Wilson, c. c. Ione Moreira; Kátia; Hélio Margareth, c. c. Luciano Lemos; Marcos; Samia; Cícero Felipe.

5. Generosa.

6. Zulena, c. c. o Dr. Hélio Alves de Brito, engenheiro, pais de Heliana e Margareth.

7. General José Monteiro Pinheiro, que serviu na Escola Preparatória de Fortaleza, c. c. Maria de Lourdes Pontual. Pais de: Maria de Lourdes (Marilu), c. c. Antônio Loureira Falcão, advogado; José Isnard, c. c. Sueli Ferreira; Tânia Maria, c. c.

Hélio Augusto Machado Pessoa, engenheiro; José Heraldo, c. c. Maria Helena Saboia; Alexandre José.

8. Antônio Pinheiro Monteiro, agricultor e criador, c. c. Maria Plácido Grangeiro, pais de Luciano, c. c. Gorete Bezerra; Marcelo, c. c. Teresa Cristina; Marciano, c. c. Fátima Pereira; Fátima, professora, Wanda Lúcia; Regilânia; Carlos Alberto; Paulo Sérgio; Paulo Vinício; Francisco Helder.

O General Raimundo Teles Pinheiro (f 1 do N 29), n. 20.3.1910, foi criado por sua mãe adotiva Clotilde Pinheiro. Casou-se duas vezes. A primeira com a prima Eunice Cartaxo Teles, a segunda com Valdelice Cartaxo Teles, irmã da primeira esposa, filhas de André do Couto Cartaxo e Maria Fernandes Teles. É pai adotivo de Izolda (mãe de Ulisses Filho, Eunice e Jorge), também sua cunhada.

Cursou o Colégio Diocesano do Crato (1918-1921), o Colégio Militar do Ceará (1922-1928); a Escola Militar do Realengo (1930-1932), pela qual foi declarado Aspirante da Arma de Infantaria, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1946-1948); "The Infantry School", Fort Benning, Georgia, USA (1944). Possui entre outras medalhas e condecorações: Militar de Ouro e Ordem do Mérito Militar no Grau de Oficial, Medalha do Pacificador e Maria Quitéria.

Comandou o C. P. O. R., a Escola Preparatória de Cadetes e o Colégio Militar de Fortaleza. Ex-Chefe do Estado-Maior da 10ª. Região Militar e de diversas Seções do Estado-Maior do Exército. Representou o Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia.

Sua carreira militar está repleta de elogios consagrados, lavrados, entre outros, pelo Marechal Mascarenhas de Moraes e por seus companheiros de arma e patente Humberto de Alencar Castelo Branco, Francisco Damasceno Ferreira Portugal, Inimá de Siqueira e Décio Palmeira de Escobar, ex-Ministro do Exército. O último, seu Chefe no Estado-Maior do Exército, manifestou-lhe, em ordem do dia, o apreço dos camaradas e da instituição: "Nessa despedida de sua vida militar na ativa e quando vai dispor de maior tempo para dedicar-se a outros afazeres, resta sintetizar tudo o que lhe foi dito no agradecimento que o Exército lhe deve pelo dever cumprido, sem esquecer da saudade que nos deixa do seu alegre convívio e pelas idéias puras e sã patriotismo que abriga".

É sócio-fundador do Instituto Cultural do Cariri e efetivo do Instituto do Ceará. Ostenta o título de "Cidadão Honorário de Fortaleza".

F. S. Nascimento, da Academia Cearense de Letras, no excelente artigo "Profissão e Vocação", inserido nos **Estudos Históricos-Militares e outros temas**, de autoria do General Raimundo Teles Pinheiro, rende justa homenagem ao médico Dr. Irineu Pinheiro, ao sacerdote Pe. Antônio Gomes, ao graduado em farmácia J. de Figueiredo Filho, ao professor e economista Denizard Macedo, ao jornalista Nertan Macedo, e ao artífice daquela obra, nome respeitável das Forças Armadas, todos seriamente empenhados nos estudos e pesquisas em torno da história do Vale do Cariri.

Frisa o articulista: "O General Raimundo Teles Pinheiro representa um dos nomes de maior evidência dessa plêiade de historiadores". E a justificar a publicação dos **Estudos**, acentua: "A vocação do General Teles Pinheiro para os estudos históricos se revelou quando em pleno exercício dos encargos militares. E, o que é mais importante, jamais se limitou ao trabalho de simples divulgação, procurando sempre trazer à luz pormenores esquecidos ou fatos complementares de episódios que marcaram a formação de nossa nacionalidade. Tudo o que escreveu e publicou em jornais, revistas ou plaquetas trouxe sempre a marca da revelação, da busca de enfocar novos elementos necessários à compreensão dos que manuseiam as páginas de nossa História".

Em inúmeros capítulos, valiosíssimos, são analisados temas relevantes como os dedicados às "Invasões francesas e holandesas no Brasil", "Maria Quitéria de Jesus", "Sampaio — O Bravo", "Caxias — o Símbolo", "Tuiuti e seus heróis". Ainda assim, o autor abre espaço a estudos de alto nível sobre o passado de sua região.

Na **apresentação**, Ernando Uchôa Lima, fazendo justiça a Raimundo Teles Pinheiro, afirma que o seu livro traz o selo que define o historiador, ou seja, "o equilíbrio, a serenidade, a imparcialidade, a lúcida interpretação". E vislumbra em seus capítulos "a fibra indomável de vero cratense e de legítimo soldado".

N 30) **Artur Pinheiro Bezerra de Menezes**, n. 1.3.1884, c. c. sua prima **Maria Bezerra Teles de Quental** (filha de Francisco Teles de Quental), sem sucessão.

F 5) ROSA BEZERRA DE MENEZES, n. 1º.3.1840. Faleceu ainda moça e solteira.

F 6) Capitão LEANDRO BEZERRA DE MENEZES, da fazenda do Pontal (Crato), n. 9.11.1842. Casou-se duas vezes. A primeira com sua parenta RAIMUNDA TELES BE-

ZERRA DE MENEZES, filha do Major Felipe Teles Lobo e de Tereza de Quental. Possuiu as seguintes propriedades: "Pontal", "Pau-Seco" e uma fazenda em Pernambuco. Deste casal, são filhos (N 31 - N 39):

N 31) **Leandro Bezerra Filho**, n. em 1878, no Joazeiro, f. 1944. Casou-se em 1915 com **Leonor Monteiro** (filha de Leandro Monteiro), f. 1943. Pais de: 1. Raimundo; 2. Rosa; 3. Vicente; 4. Leandro; 5. Teresinha; 6. Lourdes.

N 32) **Antônia Bezerra de Menezes**, c. c. **Antônio Leite Tavares**, agricultor e comerciante no Crato. Pais de (1 a 14):

1. Lenira.

2. Vicente. Casou em 1936 com sua prima Maria, filha de Joaquim Bezerra de Menezes, pais de: a) Flávio e b) Tereza Neuman.

3. Nair, f. 1936, no Crato, solteira.

4. José Tavares, comerciante no Crato, c. c. Maria Anunciada, filha de Alfredo Bezerra, pais de: a) Tarcísio; b) Alberia; c) Soxório; d) Dativa; e) Antônio.

5. Dativa, religiosa.

6. Espedita.

7. Isabel, professora, c. c. Antônio Alves Júnior, comerciante no Crato, pais de Maria Antonieta, c. c. Humberto Mendonça; Noelia e Sinhá.

8. Maria, professora, c. c. Francisco de Assis Leite, pais de Maria La-Salette e Vera.

9. Leandro, c. c. Isabel Pita, f. 1964, com filhos.

10. Coronel Oswaldo Tavares Bezerra, c. c. Aidil Teles Cartaxo, (filha de André Cartaxo e Maria Fernandes Teles), pais de Carlos César.

11. Geraldo, f. 1936.

12. Aderson Tavares Bezerra, industrial c. c. Neide Bezerra, filha de J. Bezerra de Menezes.

13. Eunice, professora, casada.

14. Antônio, agricultor no Crato, c. c. Júlia Gomes de Matos, pais de: a) Dr. Antônio Tavares Filho, médico; b) Fernando e c) Maria Elizabeth.

N 33) **Júlio Bezerra de Menezes**, agricultor e criador, c. c. **Maria Bezerra**, pais de Orlando.

N 34) **Raimundo**, f. 1908, solteiro.

N 35) **Joaquim Antônio Bezerra de Menezes** (tomou o nome do avô), c. c. **Maria Sant'Ana Teles**, filha de Manoel Felipe. Filhos do casal: 1. Manoel, c. c. Alice Belém, pais de

Joaquim e José; 2. Maria da Penha, c. c. Afonso Bezerra (Juca), sem sucessão; 3. Ocelo, solteiro; 4. Irineu, solteiro; 5. Maria do Carmo, professora, solteira; 6. Júlio, solteiro — todos residentes em Pernambuco; 7. Rosa e 8 Quitéria — falecidas.

N 36) **João Bezerra de Menezes**, c. c. **Inez Bezerra de Menezes** (viúva de Jeconias Bezerra de Menezes). Foi Prefeito do Crato no biênio 1912-1914, durante o Governo do Coronel Marcos Franco Rabelo.

N 37) **Rosa**. N 38) **Quitéria**. N 39) **Maria**.

O Capitão LEANDRO BEZERRA DE MENEZES (F 6) casou-se a segunda vez com JOSEFA SARAIVA BEZERRA DE MENEZES, filha do Capitão Manoel Saraiva e Inez Saraiva. O casal deixou um filho (N 40):

N 40) **José Bezerra de Menezes**, n. 1900, f. 5.6.1954, agricultor e criador. Residiu no Juazeiro, proprietário da fazenda "Salgadinho", considerada a melhor do município e que pertenceu a Pedro Bezerra Monteiro. Casou-se em 1920 com sua prima **Maria Amélia Bezerra de Menezes**, filha de Jeconias Bezerra de Menezes e Inez Rodrigues Bezerra de Menezes.

O Pe. Antônio Gomes de Araújo, sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras registrou o falecimento de **José Bezerra de Menezes**. Frisou em seu artigo "a morte de José Bezerra abriu um claro na sociedade de Juazeiro". Comentou, a seguir: "Belo galho de excelente tronco, o falecido descendia, em linha reta, do co-fundador deste Cariri e do Crato, Capitão Antônio Pinheiro Lobo e Mendonça, sergipano, já em 1730 fixado aqui, então senhor do sítio "Muquem", cujo nome ainda se conserva. Esse sergipano é tronco dos Pinheiros e Bezerra de Menezes do Crato, biológica e socialmente vigorosos há quase três séculos nesta zona, com projeção marcante de alguns rebentos na vida pública nacional, ontem, como hoje: Leandro Bezerra Monteiro, Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, Ministro Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, os dois primeiros Deputados Gerais do Império e o terceiro presidente do Tribunal Superior do Trabalho. É um exemplo". E concluiu: "Realmente, tomou um belo galho de excelente tronco" ("Correio do Ceará", Fortaleza, 12.6.1954).

Do casal **José Bezerra de Menezes — Maria Amélia Bezerra de Menezes**, são filhos:

1. Maria Alacoque Bezerra de Menezes, professora, Delegada de Educação, casou-se, em 1946, com José Maria de Figueiredo, comerciante em Juazeiro.

2. Leandro Bezerra de Menezes, n. 1922, empregado, c. c. Maria La Salete Cruz Bezerra.

3. Tenente-Coronel Francisco Humberto Bezerra de Menezes, n. 3.6.1926, no Juazeiro do Norte, c. c. Norma da Silva Bezerra. Fez o curso primário em sua cidade natal, iniciando os estudos secundários no Crato. Frequentou o Colégio Cearense Sagrado Coração, em Fortaleza, transferindo-se, a seguir, para a Escola Preparatória de Cadetes. Concluído o curso nesse estabelecimento, ingressou na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército.

Foi Assessor Técnico do Diretor-Geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — DNOCS.

Deixou-se atrair pela carreira política. Foi eleito Prefeito de Juazeiro do Norte. "Em seu quadriênio administrativo, — anota o Anuário do Ceará, de 1975 — imprimiu nova mentalidade ao desempenho das funções, abrindo maiores perspectivas para o progresso de sua terra, promovendo o incentivo à atividade econômica, ampliando a rede de ensino, criando centros comunitários considerados indispensáveis para uma grande cidade como a que governava, implantando, enfim, em seu município, infra-estrutura capaz de garantir a continuidade do desenvolvimento econômico iniciado".

Eleito Deputado Federal em 1967, Vice-Governador, em 1970, cargo que assumiu em 1971. Em 1974, retorna a Câmara Federal. Após assumir o mandato, foi convocado para ocupar a nova Secretaria de Assuntos Municipais do Ceará.

4. Tenente-Coronel José Adauto Bezerra de Menezes, c. c. Lídia de Almeida Bezerra. Transladamos do "Anuário do Ceará" — 1975, dirigido por Dorian Sampaio, tópicos essenciais da biografia de José Adauto Bezerra:

"Nos feudos agrários do Cariri, seus antepassados edificaram engenhos e instalaram fazendas, cobrindo todo o grande vale de canaviais e ocupando as terras menos férteis com uma atividade curraleira, em que o criatório se desenvolveu gerando riquezas para o homem e garantindo o sustento de suas populações.

"Embora ligado à terra por laços tão sólidos, José Adauto Bezerra se viu impelido para a carreira das armas, também inspirado por uma vocação de sua progênie, que teve no Brigadeiro Leandro Bezerra, pacificador da revolução de 1817 no Cariri, seu representante mais famoso. Mas, mesmo quando esteve a serviço da Pátria, trabalhando pelo progresso, minis-

trando o civismo e garantindo a ordem política e social da nacionalidade, jamais renunciou ao seu telurismo, amando a terra e a sua gente com o mesmo acendrado carinho dos seus avoengos.

"Filho de José Bezerra de Menezes e Maria Amélia Bezerra, Aduino Bezerra nasceu em Juazeiro do Norte, a 3 de junho de 1926, recebendo as primeiras lições de história do Cariri e do seu progresso civilizatório pela voz dos genitores e dos contadores dos feitos heróicos do seus antepassados. Fez o curso primário em sua cidade natal e o ginásio no Colégio Diocesano do Crato e Colégio Cearense de nossa capital. Ingressando na Escola Preparatória de Fortaleza, nesses estabelecimentos cumpriu a etapa equivalente ao científico, transferindo-se para Resende, onde cursou o Oficialato na Academia Militar de Agulhas Negras.

"Aspirante em 1949, 2º Tenente em 1949, 1º Tenente em 1952, Capitão em 1954 e Major em 1964, no cumprimento de suas atribuições de militar, serviu em Alegrete, RS, em Natal, RN, e Fortaleza. Por último, fez o Curso de Aperfeiçoamento do Exército, sendo transferido para a reserva remunerada como Tenente-Coronel.

"Ingressando na política, elegeu-se Deputado Estadual em 1958, tomando como bandeira a União Democrática Nacional. Sucessivamente reeleito em 1962, 1967 e 1971, no desempenho da atividade parlamentar ocupou a Presidência da Assembléia Legislativa em 1962 e no biênio 1971 - 1972, sendo por diversas vezes chamado a assumir o Governo do Estado, respectivamente nas ausências dos Governadores Plácido Adalberto Castelo e César Cals de Oliveira Filho.

"Foi a esse homem de tão gloriosas tradições militares, políticas e agrárias que nossas representações partidárias decidiram confiar os destinos do Ceará, no quadriênio de 1975-1979, escolha que o nosso povo aplaudiu, numa das mais autênticas homologações populares, pela confiança que depositava no novo governante".

5. Margarida Neide Bezerra Tavares, professora, inspetora do Curso Normal, n. 1925, c. c. com seu primo Aderson Tavares Bezerra, com filhos.

6. Ivan Bezerra de Menezes, c. c. Mariza Alencar Bezerra, presidente do Parque Industrial, com filhos.

7. Orlando Bezerra de Menezes, empresário, Deputado à Assembléia Legislativa do Ceará, c. c. Maria Doralice Nery Bezerra, com filhos.

Administração:

João Rodrigues Ferreira

Cumprimenta os meios culturais da região,
por motivo do 25.º número de ITAYTERA, a
vitoriosa publicação, que atinge esse
significativo marco, mercê do esforço do ICC

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO CARIRI

João Rodrigues Ferreira

Prefeito Municipal

A Música Folclórica Brasileira e sua Formação

O Brasil, país de grande extensão geográfica, tem a sua formação constituída de povos com culturas bem diferenciadas. O estudo da origem de nossa música está conseqüentemente ligado ao nosso povo.

A formação étnica do povo brasileiro deve-se principalmente à 3 raças: o índio, nativo da região; o elemento branco, descobridor que tinha como grande preocupação a colonização e domínio da terra e o negro que aqui chegou na categoria de escravo. Surgiram outras culturas através dos tempos atraídos pelas riquezas da terra e pela formação de vários ciclos econômicos como: ciclo do pau brasil, cana de açúcar, mineração, etc.

Em virtude da extensão e complexidade do assunto abordaremos a música folclórica tomando por base as etnias principais de nossa formação. Focalizaremos os aspectos principais de cultura que apresentavam e a música legada como conseqüência do sistema de vida, do modo de sentir, agir, etc.

O elemento indígena, agrupado em tribos, até certo ponto apresentando características próprias, porém, com traços comuns: populações nômades, vivendo de caça e pesca, agricultura rudimentar. Nas regiões em que sua influência foi mais profunda, notamos reminiscências de sua cultura até hoje em alguns apetrechos de caça e pesca, plantas alimentares e medicinais, costumes locais, fenômenos de mística popular.

O índio utiliza a música sempre ligada a um texto cantado. Representando uma técnica a serviço de ritos de magia, isto é, para invocar espíritos, alterar a ordem dos fenômenos naturais. O pagé, chefe religioso, é quem puxa os cantos, sacode o maracá, seu instrumento sagrado, e usa outros com exclusividade.

A facilidade musical dos índios tem como prováveis causas o desenvolvimento espontâneo do ouvido em virtude da necessidade de perceberem ruídos à distância, e o exercício de voz feito na imitação dos animais para atraí-los quando fazem suas caças. O índio músico era considerado na comunidade e em caso de ser prisioneiro era poupado dos sacrifícios.

Os instrumentos musicais utilizados são inúmeros e as

denominações variam de acordo com as tribos. São de sopro e percussão: trombetas, flautas, chocalhos, guisos, tambores, bastões sonoros.

A música do índio é constituída pela indefinida repetição de um curto motivo mais rítmico do que melódico. A altura absoluta dos sons não é procurada em suas melodias, admite-se, portanto, que utilizavam quartos de tom. Geralmente usavam poucos sons e o intervalo entre o som mais grave e o mais agudo dificilmente atinge a 8ª. O processo de construção era a repetição simples, textual indefinida. A música vocal está intimamente ligada ao tom emocional da palavra; havia nas tribos o hábito de cantar em todas as ocasiões importantes.

As danças fazem parte dos principais acontecimentos da vida de uma tribo: nascimento, casamento, estações do ano, comemorações dos mortos de guerra. Geralmente não se misturam na dança, indivíduos dos dois sexos: quando as mulheres participam, formam um grupo a parte. Suas danças são "puramente rítmicas" ou "imitativas", simulando a caça dos animais, combate do homem contra o homem, etc.

Para dançar o índio se prepara: pinta-se, cobre-se de pluma, pendura colares e guisos. Toda a tribo participa, raramente existe um dançarino solista. Os músicos tomam parte na coreografia cabendo-lhes, em geral, o comando.

Sua influência em nossa música é bem discutida, porém, existem certas características que segundo alguns autores devemos a eles: emprego do chocalho nas orquestras maxixeiras, certas formas poéticas obrigando o canto a uma conformação especial de fraseado, além da sistematização do refrão curto de uma só palavra, encontrado principalmente nas danças do tipo coco.

O elemento branco e sua influência é bem marcante. Os portugueses representam o povo europeu que contribuiu de um modo decisivo na nossa formação: costumes, idioma, instrução, religião, hábitos e tradições. Trouxeram precioso acervo acumulado em séculos de civilização, culturas e influências já recebidas e bem variadas. De acordo com seu lugar de origem notam-se diferenças: o português do norte apresenta características diferentes daqueles do Centro e Sul que se diferem dos da Ilha da Madeira ou Açores. Aqui chegaram para fazer fortuna e retornar, mas a grande maioria permaneceu no litoral. Com a chegada dos Jesuítas a colonização foi muito facilitada.

Aqui também tivemos, ainda que bem menos significativa, a contribuição espanhola, trazendo sua influência árabe devido aos 400 anos de domínio mouro na península Ibérica.

A influência francesa é sentida até na chamada literatura de cordel onde encontramos os seguintes assuntos: História do Imperador Carlos Magno e os 12 pares de França, História do Grande Roberto, Duque da Normandia.

Os holandeses, conhecidos como amantes das artes, de grande sensibilidade trouxeram sábios, artistas, literatos.

A imigração alemã, italiana, japonesa, árabe, nos estados do sul é bem notada. O espírito associativo dos alemães criando sociedades no setor musical como bandas, danças, cantos em conjunto; os italianos divulgaram suas festas de igreja, devoções, pratos típicos, artes, músicas infantis.

A música portuguesa é variada: cantos e danças alegres e simples às vezes com melodias dolentes, sentimentais, traduzindo lirismo e doçura. Em Coimbra se canta Farrapeira, Estaladinho, Vira e Malhão. Os principais instrumentos são guitarras acompanhadas de viola e violão. A região Alentejana possui grande tendência polifônica no seu povo utilizando muito o chamado "estilo a capella".

Os portugueses trouxeram seus instrumentos musicais: guitarras, flautas, etc. Nossos instrumentos populares de corda são de origem portuguesa: viola, violão, cavaquinho. Introduziram cantos e danças típicas do seu populário: cantigas de roda, acalantos, cirandas.

A modinha, gênero que atingiu apogeu no sec. XVIII, é de origem portuguesa; com seu romantismo e beleza emocional o ouvinte pela linha melódica e conteúdo poético.

A música espanhola também chegou ao Brasil, porém, mais por intermédio do português. Podemos apreciá-la nas danças como fandango, tirana, usadas principalmente na região sulina.

As várias influências do elemento branco foram misturadas e moldadas de acordo com a região e condições ambientais adquirindo aos poucos uma individualidade.

A contribuição negra em nossa cultura foi muito acentuada.

Segundo Arthur Ramos sua tradição revela traços de culturas diferentes. Aqui chegaram: Negros Sudaneses — lombas, Enês, Achantis; Negros Sudaneses — mahometanos — Haussas, Tapas, Mandingas, Fulas; Negros Bantus — Angola, Congo, Moçambique.

Havia grande diferença sob o ponto de vista social, intelectual e cultural entre as nações negras que aqui chegaram. Os sudaneses eram mais evoluídos e civilizados apresentando organização política muito adiantada, folclore rico, arte florescente, tudo decorrente do contacto com mouros e árabes ao norte da África.

Os negros bantus constituíam um grande número de nações sem nenhuma estabilidade política e culturalmente muito inferiores. No Brasil eram conhecidos por cambindas e gingas e possuíam cor de chocolate escuro ligeiramente avermelhada.

Os mitos trazidos pelos negros em contacto com outras raças foram se transformando e até hoje sentimos a presença de divindades e sincretismos com santos, católicos, por exemplo:

Oxum — divindade das águas, na Bahia representa N. S. Aparecida com sua cor amarelo ouro, faceira e vaidosa.

Oxossi — divindade das matas na Bahia tem sincretismo com S. Jorge, indumentária e sua cor azul; no Rio representa S. Sebastião e sua cor é verde.

Os rituais realizados num local chamado terreiro ou roça, recebem denominações diferentes, conforme o estado ou região: xangô, catimbó, candomblé, umbanda, macumba.

Os orixás possuem cores e instrumentos de identificação, utiliza batidas de palmas que ajudam ao condicionamento para as evoluções. Oxalá é identificado na Bahia com Jesus Cristo, Senhor do Bonfim, único orixá negro que utiliza a cor branca.

Segundo estudiosos, a raça negra foi a que mais revelou pendor para a música. Nas melodias utilizavam a escala diatônica, base do sistema das nações civilizadas. Existem, entretanto, algumas melodias baseadas em escalas de sistema gregoriano ou ainda escalas defectivas.

O uso da síncope é constante nos acompanhamentos com acentuação de tempos fracos e frações de tempos, através de batidas de palmas ou de instrumentos; a síncope na melodia aparece de preferência no 1º tempo.

Os intervalos usados são freqüentemente pequenos de 2ª e 4ª ou saltos de 5ªs e grande quantidade de 3ªs ascendentes e descendentes; as melodias com linhas largas e intervalos variados não são comuns. Há predominância da divisão binária e do modo maior.

O instrumental negro se apresenta como instrumento de ritmo ou de música propriamente ditos.

Encontramos tambores de vários tamanhos — tabaques ou atabaques; tambores de fricção vindos de Angola e Congo cuica ou puíta; agogô, cabaça ou afoxê, piano de cuia, xaque-xaque. Trouxeram ainda Marimbas, flautas de cana, e é provável que tivessem trazido também, violinos de uma só corda, lira e cítara que não chegamos a ter registrado.

A dança entre os negros era uma constante. O batuque angola-congoense foi o responsável pela maior parte das influências nas danças afro-brasileiras. Nesta dança existia um dançarino solista que indicava seu substituto através de "samba". Em seu d'aleto "samba" significa umbigada. Desta palavra tudo indica ter se originado o termo Samba.

Normalmente as danças são acompanhadas de palmas e cantos, às vezes improvisados, utilizando com predomínio, instrumentos de percussão. Podem ser de caráter fetichista, destinadas a provocar o transe místico chamadas comumente de batucajés e as profanas chamadas batuques. Os negros Bantus foram os que mais influenciaram as nossas danças profanas.

A música folclórica assim como as demais manifestações do povo como lendas, provérbios, pregões apresentam as características gerais de todo fato folclórico. Possui uma aceitação coletiva, autor desconhecido, transmissão oral, tradição e um sentido utilitário.

De um modo mais geral após uma assimilação de várias culturas estratificadas através do tempo e espaço podemos sintetizar a música folclórica brasileira com as seguintes características: linha melódica pequena, simples (8 a 10 compassos); utilização de muitos graus conjuntos, às vezes saltos de 8^{os} e 9^{os}; uso constante de sons rebatidos principalmente para preparar o final; o povo não tem idéia de compasso, porém, possui grande segurança de tempo; ritmo marcante e constante; fraseado simétrico aparecendo muitas vezes o canto formado de estrofe e refrão, cada sílaba correspondendo a uma nota, muitas vezes um refrão. É comum em certas áreas culturais o canto em 3^{os} sendo considerada a voz importante aquela que "tirar o verso". Aparecem escalas sem o VII grau e no nordeste principalmente temos a 1^a abaixada e o IV grau elevado.

A música folclórica, a rigor, não tem uma estrutura definida, não tem forma determinada dependendo dos fins a que se destina, uma mesma melodia pode ser usada tanto num cerimonial fetichista como numa dança profana, dependendo muito da capacidade de improvisação de nossa gente.

CURRICULUM VITAE — IZA MARIA LIMA DE CASTILHO

Natural do Rio, tem sua formação musical feita através de cursos na área de graduação e pós-graduação ministrados na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Conservatório Brasileiro de Música e Academia de Música Lorenzo Fernandez.

TITULAÇÃO :

- Professora adjunta de piano da Escola de Música da U. F. R. J.
- Docente-Livre de piano da Escola de Música da U. F. R. J. por concurso de títulos e provas.
- Título de doutor em música.
- Graduada em Piano e Composição pela Escola de Música da U. F. R. J.
- Laureada em piano no concurso à Prêmio realizado na Escola de Música da U. F. R. J.
- Curso de Especialização em Piano e Iniciação realizado no Conservatório Brasileiro de Música.
- Curso de Didática da Teoria Musical realizado na Academia de Música Lorenzo Fernandez.
- Curso de Especialização em Folclore realizado na Escola de Música da U. F. R. J.
- Cursos de interpretação pianística com o prof. Jacques Klein.
- Professora de Educação Musical do Município do Rio de Janeiro através de concurso de títulos e provas.
- Professora orientadora de alunos na área de graduação junto ao Departamento de Registro de Estudantes da U. F. R. J.
- Membro de sociedades musicais que divulgam a música do estado. (MALB — ADLEM — OCA).

TRABALHOS :

- Normas para a aprendizagem pianística, tese de concurso para Docente-livre de piano aprovada por unanimidade.
- Elementos e Normas indispensáveis à Realização Pianística, registrado na Biblioteca Nacional fls. 268 do livro 2 sob o nº 15.543.
- A Iniciação Musical e suas várias Finalidades, registrado na Biblioteca Nacional fls. 282, livro 12 sob o nº 15.590.
- Composição de Solfejos e Ditados registrados na Escola de Música da U. F. R. J. sob o nº 339.
- A Região do Cariri e alguns de seus folguedos, trabalho publicado na Revista Itaytera.
- O Negro e o Folclore Brasileiro, trabalho publicado na Revista Artis, patrocinada pela Associação dos Docentes-livres da Escola de Música (A. D. L. E. M.).
- Transcrições para 2 pianos de várias peças que constam do programa oficial da Escola de Música da U. F. R. J.
- A evolução da Suite para Sonata Bi-temática.
- Origem das escalas.
- Orquestra e seus tipos.
- O Brasileirismo de Alberto Nepomuceno.
- Origem e evolução da Sinfonia.
- Villa-Lobos, sua obra.
- Paganini-Liszt, dois mestres da realização musical.
- Ludwig Van Beethoven, o mestre de Bonn.

SAAEC

Sociedade Anônima de Água e Esgotos do Crato

Participa das alegrias do ICC
e da intelectualidade
do Crato, pelo 25.º número
da Revista ITAYTERA

MILAGRES também está na dança.

Afinal, ITAYTERA é um patrimônio de todo o Cariri.

Dela sempre participamos.

Sua festa de Jubileu de Prata também é nossa.

Nossos votos de que essa legendária revista prossiga na caminhada de documentar toda a nossa história, retratando toda a riqueza espiritual da região.

O abraço do povo de Milagres.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MILAGRES

Administração

ELISIO LEITE DE ARAUJO

VINICIUS BARROS LEAL

(Do Instituto do Ceará)

Uma Vida Martirizada

"Poucas existências há no Brasil tão cheias de vicissitudes como a sua" escrevia José de Alencar, em 1858, perfilando o seu ilustre pai. No entanto, com muito mais propriedade ainda, caberiam estas mesmas palavras, no pretérito, se a perfilada fosse a avó do romancista. Poucas pessoas sofreram tanto, passaram por tão duras provanças em seu pungente peregrinar.

Quatro anos antes, aos 70 anos, finara-se a desventurada velhinha, cercada por 4 dos 16 filhos e 18 dos 52 netos. Até então, toda a sua vida fora um constante tormento, amargurada por padecimentos morais que bostariam para encher de infelicidade a existência de qualquer mortal.

Nascida na Bahia, em Geremoabo, muito nova veio com a família para os sertões de Pernambuco, fronteiriços ao Ceará. Nessas Capitânicas entrelaçavam-se os Carvalhos com os Alencares, e tinham interesses afins na criação de gado e na exploração agrícola.

João Pereira de Carvalho, homem respeitável e de cabe-deais, era de caráter superior e honrado. Vindo com outros parentes para a zona caririense, logo mais foi envolvido nas lutas armadas então comuns no sertão, sendo assassinado em Salgueiro, juntamente com 1 filho e 1 fâmulo. Maria Xavier, com 11 anos, foi testemunha ocular do bárbaro crime, nada podendo fazer pelo pai na sua incapacidade de criança diante da estupidez de sicários malvados e atrevidos. A Justiça nada fez, era mesmo desconhecida nos recuados tempos nas ínvias e abandonadas brenhas do Nordeste. Esta foi a primeira marca da tragédia que iria ser a tônica da vida da avó de José de Alencar. Não se contentaram os criminosos só em matar os dois arrimos de família; perversos, incendiaram a residência do sertanejo e o que restou da fogueira foi roubado ou destruído. Nada escapou à sanha dos monstros insaciáveis.

Ficou Maria apenas na companhia de uma irmã mais velha, pois já eram órfãs quando se deu a cena de horror, em 1794.

Maiores males estavam para vir, se bem que, em vista da pouca idade das desamparadas meninas, não atinassem na extensão da desventura que as atingira.

Nos tempos passados casavam muito cedo as mocinhas e logo apareceu um parente que prometia tirá-la daquele mar de sofrimentos. Casou-se com o primo Leonel Pereira de Alencar, rapaz afável e de boa conduta, em princípios de 1801 e logo o casal passou a receber a homenagem e o acatamento devido a pessoas de trato e influência. Era inevitável a projeção do marido no meio. Tornou-se prestigioso e conceituado. A par disto, os negócios progrediram, tornando-se Leonel, chefe da família Alencar, rico e poderoso. Foi a única fase de ventura de D. Maria, mas durou pouco.

As insatisfações com a ligação do Brasil a Portugal eram já manifestadas desde alguns anos e os parentes mais remotos do casal já haviam contribuído com parcela de coragem e do próprio sangue para a formação de nossa nacionalidade. Desde a expulsão dos holandeses e a revolta dos Mascates vinha se desenvolvendo uma crescente agitação que atingiu o auge da comoção social nos acontecimentos de 1817. Os Alencares foram os precursores no Ceará, bem o sabemos. Envolvida, a família com a chegada de Recife do seminarista José Martiniano, a Revolução teve êxito no Crato, graças a influência de D. Bárbara, irmã de Leonel. Este, no entanto, não apareceu como elemento de prol, apesar de sua total adesão moral e material ao movimento.

No revés governista a perseguição foi sem trégua. Irmãos, sobrinhos e cunhados de Leonel foram algemados para prisões do Icó, da Capital e, por fim, para a Bahia. Leonel foge e escapa do fim trágico que o esperava com o seu nome na lista dos "muito culpados". Mais uma vez D. Maria prova um duro infortúnio. Desamparada, com 11 filhos pequenos, sofre o esbulho de todos os bens familiares e a angústia de uma provação indivisível. A nova Constituição promulgada livrou todos os patriotas presos e fugitivos. Leonel, em casa, retoma a direção dos seus arrasados negócios e durante algum tempo viveu em sossego. Mas, surgem as comoções de 1824.

Intitulando-se defensores do Trono e do Altar, realistas malvados desafiavam os que pretendem uma Pátria completamente livre. Novamente Leonel toma a frente da grei, e em Jardim, onde residia e era Juiz Ordinário, é atacado pelos seqüezes de Pinto Madeira, a 28 de setembro, sendo assassinado barbaramente com o seu filho Raimundo. D. Maria Xavier surge em cena, interpondo-se corajosamente entre os bandidos e o seu marido no desígnio de salvar-lhe a vida. Ferida, foge para o canavial, onde permanece escondida por dias seguidos,

dando à luz aí a uma filha que foi a D. Clodes Jaguaribe. Sem ter tempo de enxugar as lágrimas derramadas pelos dois entes queridos é novamente atingida pela tragédia do assassinato de seu irmão Antonio Geraldo, também tombado às mãos de sicários, não sem ter praticado prodígios de destemor.

E os crimes se sucedem, todos atingidos diretamente a matrona. Treze parentes próximos foram sacrificados em poucos dias, dentre eles, sobrinhos e cunhados.

Não suportando mais ficar no Cariri, retirou-se, do cenário de barbáries, utilizando-se do expediente da dissimulação para escapar da sanha dos malvados. Refugiou-se em Fortaleza, onde passou ainda por outro terrível transe. Ana Josefina, sua filha, enamorou-se do primo José Martiniano e nada a demoveu de praticar o maior agravo à velha mãe. Jamais admitiu D. Maria, pelos seus severos princípios religiosos, a união da filha com o primo clérigo e reagiu como o faziam as sertanejas de seu tempo: afastou-se de qualquer convívio com o casal. E assim viveu até o seu último dia, a 6 de janeiro de 1854, quando faleceu no sítio Carrapixo, próximo de Messejana.

Entre os netos que deixou já se destacava José de Alencar. Clodes tornou-se a Viscondessa de Jaguaribe e outro neto, o Barão de Alencar. E muitos de seus descendentes assumiram as culminâncias das letras e da política no Império e na República.

Nos tempos atuais duas expressões enobrecem a descendência de D. Maria Xavier: o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e Rachel de Queirós. Rachel já nos brindou, há algum tempo, com uma página magistral, contando a saga de sua trisavó Joana Batista também sofrida nos rancores das rivalidades de famílias. Poderia ela oferecer-nos, do primor de sua pena, um perfil de sua sexta-avó vítima de ódios sangüinários, que desconheceu a Paz e a doçura e que morreu perdando e amando os que não lhe quiseram demonstrar a força da bondade humana.

tipografia?
só a do CARIRI

Dr. João Pessoa, 380 - Fone: 521.1223 - Crato

Padre Inácio do Bomfim

Há sempre alguém que fala ou escreve sobre o passado, sobre fatos e sobre pessoas que tinham qualquer valor, ou foram esquecidas.

O padre Inácio do Bomfim, que se achou gravemente doente, foi aconselhado para melhoria do seu pulmão ou do seu coração, passar tempos em Farias Brito, onde encontraria clima ameno para um repouso, em caso de males crônicos. Nos idos de 1860 a 1870, ali chegou referido sacerdote e pouco tempo passou, em residência na então rua principal, últimas casas do lado do sol.

Piorando e acamado, sem parentes, não era visitado. Na vila não havia nem curandeiros e já faltava quem assistisse o padre, em suas necessidades.

Para a sentinela dos seus últimos dias, tornou-se preciso que o Sr. Delfino José Pereira, agricultor, do sitio Lambedor, mandasse alguns dos seus moradores, já que na vila faltava gente para isto.

Falecido aquele ministro de Deus, logo foi sepultado num quartinho que chamavam Nicho, em terreno aberto e a poucos metros da casa onde ele tinha sucumbido do terrível mal.

Muitos anos depois, em 1933, foi que alguns Vicentinos, inclusive Joaquim Benedito, Joaquim Pereira e o autor destas linhas, reformaram o nicho, tornando-o a Capela de S. Vicente de Paulo, na Praça do seu nome, na hoje cidade, onde morei longos e estafantes anos, mais de duas duzias.

Nunca ali ouvi falar de parentes do Padre Inácio, nem do lugar donde era, tal a falta de comunicações ao tempo de sua estada ali.

Não fosse a Beata Maria de São Luiz, octogenária, da terra, filha daquele Sr. Delfino, nem esta estória teria sido ali contada. Pode ser que ainda haja um alguém, que saiba qualquer notícia a respeito do mologrado sacerdote. Seu nome, apenas foi citado por mim em crônicas na Revista Itaytera.

Galeria dos ilustres filhos do Crato

DR. RAIMUNDO DE NORÕES MILFONT

SEU NOME: Raimundo de Norões Milfont, nome que muito honrou a nossa e a sua terra natal, o Crato.

Nasceu: em Crato no dia 16 de Abril de 1891.

SEUS PAIS: Oriel de Norões Maia e Guilhermina Milfont de Norões.

AVÓS PTERNOS: José Romão de Norões e Josefina Maia de Norões.

AVÓS MATERNOS: Joaquim Milfont e Antonia L. Maia Milfont.

CASOU-SE: em Crato no ano de 1917 com D. Alzira de Norões Milfont — (falecida).

DO CASAL SURGIRAM 5 Filhos: 1 varão, Wilson de Norões Milfont e 4 mulheres: Maria Nilza de Norões Milfont, Guilhermina de Norões Rocha, Hiltete de Norões Milfont e Terezinha de Norões Milfont.

Fez seus primeiros estudos em Fortaleza — Diplomando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará no dia 08 de Dezembro de 1922, destacando-se como orador da Turma.

Formou-se também em FARMÁCIA, diplomado pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia.

Foi redator do jornal "O CRATO" e colaborador da Gazeta do Cariri e da revista "A PROVÍNCIA", além de outros jornais e revistas de cunho científico.

Foi professor de História Natural no então Ginásio do Crato — professor da faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará.

Exerceu as funções de magistrado, sendo aposentado por supressão da comarca de sua jurisdição.

Inscrito na ordem dos advogados secção do Ceará, sob o número 94, desempenhando com raro brilhantismo as funções que lhe eram atribuídas.

Exerceu o magistério por concurso de Título e Provas, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, da Universidade do Ceará.

Destacamos na personalidade do ilustre homenageado

Dr. Raimundo de Norões Milfont outros méritos como integrante de instituições científicas e literárias, das quais tomou parte ativa: Associação dos Magistrados Brasileiros Instituto dos Advogados, Associação Nacional de Farmácia, Associação de Farmácia do Ceará, sócio honorário do Grêmio Raimundo Gomes, Associação de Farmaceuticos do Brasil, e Associação de Farmácia Química do Ceará.

Do seu intelecto acurado e de saber profundo, surgiram as seguintes publicações literárias: DA PRESCRIÇÃO AQUISITIVA (monografia de 50 páginas) NULIDADE DE ALIENAÇÃO ILÍCITA (razões de apelação) MEDICAMENTOS OPOTERÁPICOS (tese apresentada para o concurso da cadeira da FARMÁCIA GALÊNICA, do Departamento Farmaceutico Técnico da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará.

Dr. Raimundo de Norões Milfont, estendeu-se ainda mais nos seus misteres, dedicando-se às mais altruísticas e nobres representações. Tomou parte do IV Congresso Brasileiro de Farmácia, realizado em Salvador, Bahia, no ano de 1950, destacando-se como relator de várias teses apresentadas pelos convencionais, referentes à Farmacotécnica e à Farmácia Industrial, destacando-se com brilhantismo ante os demais ilustres congressistas.

Exerceu com dignidade e postura alguns cargos públicos como: Vereador da Câmara Municipal do Crato; depois, Deputado Estadual; sendo eleito vice-presidente da Assembléia Legislativa e Presidente da Comissão de Constituição de 1935 e membro da secção permanente.

Outros méritos faz jús o Dr. Raimundo de Norões Milfont, honrando pelo valor soberbo da sua moldagem, cujo caráter dignifica uma família tão ilustre. Razões soberbas nos dão o crédito de reverenciar com justiça, através esta singela homenagem, a memória do ilustre membro da nossa comunidade, o qual deixa-nos o exemplo de dedicação, amor ao trabalho e sacrifícios desprendidos para o bem e integridade de todos.

O nome do DR. RAIMUNDO DE NORÕES MILFONT foi dado a uma Escola Pública, no sitio Poço Dantas, Distrito de Santa Fé, em Crato, na Administração Ariovaldo Carvalho, inaugurada em 30 de Janeiro de 1980. Foi dado, ainda, a uma rua do bairro Vilalta, projeto de lei do vereador Francisco Ailton Esmeraldo, transformado em Lei sancionada pelo Prefeito Municipal Ariovaldo Carvalho.

Nosso ilustre conterrâneo faleceu em, 25 - 3 - 1961.

VÁRZEA ALEGRE também traz o seu abraço
ao I.C.C. e á querida ITAYTERA, ao
ensejo do seu 25.º número.

Uma caminhada vitoriosa, que Figueiredo Filho
iniciou e que tem prestado assinalados
serviços á cultura regional.

Também participamos dessa festa.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VÁRZEA ALEGRE

Administração:

P E D R O S Á T I R O

BARBALHA sempre esteve ligada ao ICC
e por ele tem sido prestigiada,
documentando seus fatos históricos.

Por isso aqui estamos, com alegria e
prazer, para o abraço festivo, no 25.º
número de uma revista-ITAYTERA
que honra os meios intelectuais
do Ceará e do Nordeste.

Nossa saudação mais efusiva.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA

Administração:

Antônio Inaldo de Sá Barreto

A C I D A D E P R E C I O S A

A cidade onde vou morar
 não é a confusa Nova York,
 nem a poluída Toquio,
 nem a cinzenta e fria Londres,
 nem a dividida Berlim,
 nem a corrupta Paris,
 nem a demagógica Moscou
 nem a desorganizada São Paulo,
 nem a violenta RIO DE JANEIRO
 e nem mesmo a pequena e querida CRATO!

A cidade onde vou morar
 desceu do céu vestida de noiva
 para as bodas do seu REI.
 É toda edificada em ouro puro
 e tem o fulgor do jaspe cristalino.
 Tem grande e alta muralha,
 cujos fundamentos são pedras preciosas.
 Tem 12 portas
 e cada porta é uma pérola
 com um anjo montando guarda.
 Nela não há santuários
 porque ela mesma é o santuário de Deus.
 É iluminada pelo próprio Rei que a governa,
 e todos os reis da terra lhe trazem sua glória.
 Ele é fiel e verdadeiro
 e julga e peleja com justiça.
 Enxuga-nos dos olhos toda lágrima
 porque fez novas todas coisas,
 e a morte já não existe.
 A quem tem sede Ele dá de beber
 da fonte da água da vida.
 Está sentado num grande trono branco
 e todas as nações andarão mediante a sua luz.
 Do seu trono sai um rio
 brilhante como cristal
 e no centro da praça está a árvore da vida
 com seus doze frutos
 para a cura de todos os povos.
 Na cidade de Deus
 jamais penetrará qualquer maldição,
 nem coisa alguma contaminada.
 Todos os que nela habitam
 entraram pelas portas
 e os seus passaportes estavam carimbados
 com o sangue do cordeiro.
 Ali servirão a Deus
 e poderão contemplar a sua face.
 O Sol brilhará sobre eles
 e assim reinarão por toda a eternidade!

PERFIL DE JESUS DE NAZARÉ

(Beseado na carta enviada ao Senado de Roma,
no Ano 30, por Pubulus Sentulus e guardas
atualmente no Museu Britanico em Londres)

Nestes dias tenho visto
homem de gande valor,
que se chama Jesus Cristo
e vive pregando o amor.

De profeta muita gente
o chama e os amigos seus
afirmam seguramente
ser Ele o Filho de Deus.

O povo estava-o seguindo
e quando cheguei ali,
soube que Ele tinha vindo
da familia de Davi.

É belo de corpo inteiro,
perfeito em fisionomia.
Filho de um carpinteiro
e sua esposa — Maria.

Tem espessas sobrancelhas,
cabelo cortado ao meio,
bem liso — até as orelhas,
depois ondulado e cheio.

Cor de castanha madura
a cabeleira ondulada.
A barba tem espessura
de nuvens, numa alvorada !

Tem lindos boca e nariz,
bronzeados pelo mar,
e um cheiro bom de raiz
vem do seu corpo — no ar.

A pele corada e lisa
tem um tom rosa-dourado
e à beiramar vem a brisa
afagar seu rosto amado.

Não tem perfil de mortal,
é forte, puro e formoso.
É sempre reprova o mal
de modo assaz vigoroso !

Tem um olhar doce e puro
nos olhos de um cinza claro.
Quando fala é tão seguro,
que traz a todos amparo.

Quando reprova é severo,
mas sabe falar tão bem,
que breve revê-lo espero,
aqui, em Jerusalém.

Jamais o vimos sorrindo,
mas chorar muitos o viram
e sua ordem ouvindo
muitos demonios fugiram

Muitas doenças do povo
com poder Ele curou.
E hoje fez algo de novo :
um morto ressuscitou.

Foi Lazaro, irmão de Maria
e Marta — seu grande amigo.
Estava no 4º dia
e Ele o tirou do jazigo.

De singular formosura
Jesus Cristo é diferente
e dele força e candura
emanam constantemente.

Estou pronto a concordar
que um filho de galileus
um dia possa chegar
a ser o Rei dos Judeus !

E até fico alvoroçado
do meu coração no fundo,
que este aqui retratado
venha a governar o mundo.

E se tal acontecer,
o mundo vai melhorar,
pois Ele vive a dizer
que todos devem se amar !

ENTREVISTA COM JESUS CRISTO

- M. S. — Jesus, és o Cristo, Filho de Deus?
- J. C. — Eu o sou. Eu que falo contigo. (Jo.4:26)
Eu sou e todos me verão sentado à direita do Todo Poderoso e vindo com as nuvens do ceu. (Mc.14:62).
- M. S. — O que acontece a quem ouve a tua palavra?
- J. C. — Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna. Não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. (Jo.5:24)
- M. S. — Que mais ofereces a quem ouve a tua palavra,
- J. C. — Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. (Jo.11:25-26)
- M. S. — Quem vem a ti está mesmo garantido, não é?
- J. C. — Todo aquele que o Pai me dá, esse vem a mim e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fóra. Pois a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna. (Jo.6:37-40)
- M. S. — E quem não crer em ti?
- J. C. — Quem não crer, morrerá em seus pecados. (Jo.8 24)
Quem crer e for batisado, será salvo. Quem, porém não crer, será condenado. (Mc.16.16)
- M. S. — Como tens uma cultura tão grande, sendo apenas o filho de um carpinteiro?
- J. C. — O meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se é de Deus ou eu falo por mim. (Jo.7:16-17)
- M. S. — Por que dizes que és a porta?
- J. C. — Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Entrará e sairá e achará pastagem. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundancia. (Jo.10:9-10)
- M. S. — Mas o titulo que mais te agrada é o de pastor, não é?
- J. C. — Eu sou o bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu o conheço. Dou a minha vida pelas ovelhas. (Jo.10:11 e 14-15)
- M. S. — É verdade que Moisés deu o maná do ceu para os judeus, quando atravessavam o deserto?

- J. C. — Não foi Moisés quem deu o pão do ceu. O verdadeiro pão do ceu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do ceu e dá vida ao mundo. Eu sou o pão da vida. O que vem a mim, jamais terá sede. (Jo.6:32-33 e 35)
- M. S. — Tú és Rei?
- J. C. — Sou Rei e para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade e todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. (Jo.18:37)
- M. S. — Que é a verdade?
- J. C. — Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. A palavra de Deus é a verdade. (Jo.8:32 e 17:17)
- M. S. — Por que temos de enfrentar tantas tribulações neste mundo?
- J. C. — No mundo passais por aflições, mas tende bom animo, eu venci o mundo. (Jo.16:33)
- M. S. — Devemos propagar o teu evangelho?
- J. C. — É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. A noite vem, quando ninguém mais pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Erguei os vossos olhos e vede que os campos já estão prontos para a colheita. A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. (Jo.9:4-5 e 4:35 e Mt. 9:37)
- M. S. — Sabemos que a salvação pessoal é um dom gratuito de Deus, outorgado pelo teu sacrificio na cruz. E as boas obras?
- J. C. — Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre o monte. Nem se acende uma lampada para a colocar debaixo da cama, mas a colocamos no alto, para iluminar toda a casa. Assim brilhe também a vossa lampada diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos ceus. (Mt.5:14-16)
- M. S. — Deste uma grande lição de humildade, lavando os pés dos teus apóstolos, mesmo de Judas que era o traidor.
- J. C. — Se eu, sendo o Senhor e o Mestre, lavei os pés dos meus apóstolos, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Não é o empregado maior do que o seu patrão, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. (Jo.13:14-16)

- M. S. — O que devemos fazer para nos tornarmos perfeitos?
- J. C. — Se alguém quer ser perfeito, vá, venda tudo que tem, dê aos pobres; depois, venha e siga-me. (Mt.19-21)
- M. S. — Quais são os teus mandamentos?
- J. C. — Ama a teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todo o teu entendimento e ama a teu próximo como a ti mesmo. (Mt.22:37 e 39)
- M. S. — Devemos te confessar diante dos homens?
- J. C. — Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai Celeste, mas todo aquele que me negar diante dos homens, eu o negarei diante de meu Pai Celeste. (Mt.10:32-33)
- M. S. — Devemos te invocar nos momentos de aflição?
- J. C. — Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. E achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mt.11:28-30)
- M. S. — O que é o Reino de Deus?
- J. C. — O Reino de Deus é como um grão de mostarda, que um homem pegou e plantou em seu jardim. É a menor de todas as sementes, mas crescida, é maior que as hortalças e se transforma em árvore, de modo que as aves do céu vêm animar-se em seus ramos. É como um tesouro oculto no campo, que certo homem achou, escondeu e, transbordante de alegria, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo. É também o negociante que procura boas perolas e quando encontrou uma de grande valor, vendeu tudo o que possuía e a comprou. (Mt. 13:31-32 e 44-45-46)
- M. S. — Quem crê em ti e obedece os teus mandamentos, para onde vai depois da morte?
- J. C. — Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós também. (Jo.14:2-3)
- M. S. — Que achas de quem adota uma criança?

- J. C. — Quem recebe uma criança em meu nome, a mim me recebe e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. E quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de modo nenhum entrará nele. (Mc.9:73 e 10:15)
- M. S. — Por que amas tanto os pecadores?
- J. C. — Por os sãos não precisam de médico e sim, os doentes. Não vim chamar os justos e sim os pecadores. (Mc.2:17)
- M. S. — Devemos nos preocupar com o dia de amanhã?
- J. C. — Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus problemas. Basta a cada dia o seu próprio mal. Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas. (Mt.6:34 e 33)
- M. S. — Por que fazias tantas curas no sabado, mesmo sabendo que isto escandalizava os judeus?
- J. C. — O sabado foi feito para o homem e não o homem para o sabado. Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também. (Mc.2:27 e Jo.5:17)
- M. S. — Há tantas pessoas escrevendo livros, (até eu), dando conselhos espirituais e há tantas religiões nascendo e crescendo nestes últimos tempos, todas elas prometendo salvação, em quem devemos confiar?
- J. C. — Eu sou o caminho, a verdade e a vida e ninguém vem ao Pai senão por mim. (Jo.14:6) Cuidado com os falsos profetas, que aparecem disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Pelos frutos os conhecereis. Porventura se colhem uvas de espinheiros ou figos de abrolhos? Toda árvore boa dá bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Toda árvore que não dá bons frutos, deve ser cortada e lançada ao fogo. (Mt.7:15-19)
- M. S. — Vale a pena ficar rico?
- J. C. — Não acumuleis tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde os ladrões escavam e roubam. Juntai tesouros no ceu. Onde está o teu tesouro aí está o teu coração. De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? (Mt.6:19-21 e Mc.8:36)

- M. S. — É certo julgar os outros?
- J. C. — Não julgueis para não serdes julgados, porque com o criterio com que julgardes sereis julgados e com a medida com que medirdes, também vos medirão. Por que vedes o argueiro no olho do vosso irmão e não enxergais a trave que está em vossos olhos? (7:1-3)
- M. S. — É proibido jurar?
- J. C. — De modo algum jures. Nem pelo ceu, por ser o trono de Deus. Nem pela terra, por ser o estrado dos seus pés. Nem por Jerusalém, por ser a cidade do grande Rei. Nem pela tua cabeça, pois não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja a tua palavra: sim, sim ou não, não. O que disto passar é obra do maligno. (Mt. 5:34-37)
- M. S. — Devemos perdoar e amar nossos inimigos?
- J. C. — Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Para que sejais filhos do Pai Celeste. Porque ele faz nascer o sol tanto sobre os bons como sobre os maus e faz vir chuvas tanto para os justos como para os injustos. Porque se não perdoardes aos outros as suas ofensas, também o vosso Pai Celeste não vos perdoará. (Mt.5:44-45 6:15)
- M. S. — Que achas das pessoas que se promovem à custa de escandalos?
- J. C. — Ai do mundo por causa dos escandalos. Porque é inevitavel que venham escandalos, mas ai do homem pelo qual vem o escandalo. Quem tira a inocencia de uma criança, melhor seria que pendurasse uma pedra no pescoço e se afogasse no mar. (Mt.18:7-6)
- M. S. — Todos os que se dedicam à tua causa sofrem perseguições, mas eu gostaria de te servir também.
- J. C. — Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Por minha causa sereis levados à presença de governadores e reis para lhes servir de testemunho. E quando vos entregarem, não vos preocupéis em como ou o que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós que falais, mas o Espirito do vosso Pai é quem fala em vós. Sereis odiados de todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até o fim, será salvo. (Mt.10:16, 18-20 e 22)

- M. S. — Preciso de muita coragem — dada por ti — para me entregar ao teu ministerio, pois os tempos estão ficando cada vez mais difíceis.
- J. C. — Nada há encoberto que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeis antes aquele que pode fazer perecer no inferno, tanto a alma como o corpo. (Mt.10:26 e 28)
- M. S. — Quando finalmente virá o fim do mundo?
- J. C. — Certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras, mas não vos inquieteis, pois ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino e haverá fome e terremoto em varios lugares. Mas tudo isto é apenas o começo das dores. Então, sereis atribulados e vos matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se scandalizar, trair e odiar uns aos outros. Virão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E por se multiplicar a maldade, o amor esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, será salvo. (Mt. 10:16, 18-20 e 22)
- M. S. — Fala um pouco do Juizo final.
- J. C. — O Filho do Homem há de vir na gloria de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras. Assim como o relampago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Passará o ceu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Vigiai, porque não sabeis o dia em que virá o vosso Senhor. E todas as nações serão reunidas na sua presença e ele separará uns dos outros, como o pastor separa os cabritos das ovelhas. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à esquerda e então dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos de meu Pai tomar posse do Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo e dirá aos que estiverem a sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (Mt.24:27 e 35, 42 e 25:32-34 e 41)
- M. S. — Chegamos ao final desta entrevista. Tens mais alguma coisa a declarar?
- J. C. — Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Nisto conhecerão todos que sois meus discipulos, se tiverdes amor uns pelos outros. (Jo.13:34-35)

ENTREVISTA COM PAULO DE TARSO

M. S. — Paulo de Tarso, também conhecido por SAULO, como se deu a tua conversão de perseguidor dos cristãos em apóstolo de Jesus Cristo?

P. T. — Fui ao Sumo Sacerdote em Jerusalém, pedindo cartas para as Sinagogas de Damasco, a fim de prender todos os cristãos que lá encontrasse, homens, mulheres e crianças. Ia a caminho de Damasco, quando de repente uma luz do ceu brilhou ao meu redor e caindo por terra, ouvi uma voz que dizia:

— Saulo, Saulo, por que me persegues?

Perguntei então: Quem és tu, Senhor?

Ao que a voz respondeu:

— Sou Jesus, a quem persegues. Mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer. Levantei-me e abrindo os olhos, notei que não enxergava. Guiaram-me até Damasco.

Lá fiquei 3 dias sem comer e sem beber. Então veio um homem chamado Ananias e falou:

— Saul, irmão, o Senhor me enviou, a saber o próprio Jesus que te apareceu no caminho, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

Imediatamente me caíram umas escamas dos olhos e comecei a ver. Levantei-me e fui batizado. Depois me alimentei e fiquei forte. Passei varios dias em Damasco com os discipulos e comecei logo a pregar nas Sinagogas que Jesus é o Cristo, Filho de Deus. (Atos 9:1-6, 8-9 e 17-20)

M. S. — Qual a missão que recebestes de Cristo?

P. T. — Pregiar o evangelho entre os gentios. (At. 9:15)

M. S. — Dizem que és o maior apóstolo de Cristo. É verdade?

P. T. — Eu sou o menor dos apóstolos, que nem sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou e a graça que ele me concedeu não se tornou vã. (I Cor.15:9-10)

M. S. — Que achas de Jesus Cristo?

P. T. — Ele é a imagem do Deus invisível, o primogenito de toda a criação. Ele é o cabeça do corpo da Igreja. Porque Deus quis que nele residisse a plenitude. Nele todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos. Ele é a cabeça da qual todo o corpo, suprido

e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus.
(Col. 1:15-19 e 2:3)

M. S. — Que fez Cristo ao morrer na cruz?

P. T. — Cancelou toda a dívida que havia contra nós, encravando-a na cruz. (Col. 2:14)

M. S. — Que fez Cristo ao ressurgir dos mortos?

P. T. — Ele não só destruiu a morte, como ainda trouxe à luz a vida e a imortalidade.

M. S. — Mas será que Ele ressuscitou mesmo?

P. T. — Se Cristo não ressuscitou é vã a nossa esperança e vã a nossa fé. Somos todos falsas testemunhas de Deus, porque dizemos que Ele ressuscitou a Cristo sem Ele o ter ressuscitado. Porém é verdade que Cristo ressuscitou, sendo ele as primícias dos que dormem. (I Cor. 15:14-15 e 15:20)

M. S. — Podemos ser salvos pelas obras ou somente pela fé em Cristo?

P. T. — É evidente que pelas obras ninguém pode ser justificado perante Deus, pois o justo viverá pela fé. Somos filhos de Deus mediante a fé em Jesus Cristo. (Gl. 3:11 e 26)

M. S. — Como podemos saber se somos filhos de Deus e não apenas criaturas jogadas neste mundo sem nenhum propósito?

P. T. — O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele, mas todos os que são guiados pelo Espírito são filhos de Deus. (Rom. 8:16, 9 e 14)

M. S. — Quer dizer que todos que aceitam Jesus Cristo como seu legítimo Rei e Salvador, mesmo cometendo pecados podem se considerar salvos?

P. T. — Nenhuma condenação existe para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo os livrou da lei do pecado e da morte. (Rom. 8:1-2)

M. S. — Que achas das Escrituras Sagradas?

P. T. — Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, repreensão e correção, e para educação e justiça. A fim de que o homem seja habilitado para toda a boa obra. (II Tim. 16:17)

M. S. — Quando devemos pregar o evangelho de Cristo?

- P. T. — A palavra de Deus não está algemada. E deve ser pregada com enfase, quer seja ou não o momento oportuno. Que se corrija, se repreenda, se exorte com toda paciência a sã doutrina.
(II Tm. 2:9 e II Tm. 4:2)
- M. S. — Que achas da injustiça?
- P. T. — Aquele que faz injustiça, receberá em troca a injustiça feita e nisto não há acepção de pessoas. (Col. 3:25)
- M. S. — Devemos nos preocupar com os nossos familiares?
- P. T. — Se alguém não cuida de sua própria casa, nega a sua fé em Cristo e é pior que um descrente.
(I Tm. 5:8)
- M. S. — Devemos orar pelas autoridades civis e militares?
- P. T. — Sim, devemos orar por todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito, pois isto é aconselhavel diante de Deus, nosso Salvador.
(I Tm. 2:2-3)
- M. S. — Que achas da ajuda financeira que os evangelicos dão para os sustento dos pastores?
- P. T. — O trabalhador é digno do seu salário. (I Tm. 5:18)
- M. S. — Que achas do trabalho?
- P. T. — Se alguém não quiser trabalhar, também não coma.
(2 Tes. 3:10)
- M. S. — Que conselho dás aos ricos?
- P. T. — Que não sejam orgulhosos nem depositem sua esperança na instabilidade das riquezas, mas em Deus, que tudo proporciona ricamente para nossa alegria e que pratiquem o bem sendo generosos em dar e prontos e repartir o que possuem. (I Tm. 6:17-18)
- M. S. — Que achas do amor ao próximo?
- P. T. — O amor é o vinculo da perfeição. (Col. 3:14)
O amor é paciente, é benigno, não arde em ciumes, não se ufana nem se ensoberbece.
Não é inconveniente nem procura seus interesses, não se exaspera nem se ressentido do mal.
Não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.
Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba. (I Cr. 13:4-8)
- M. S. — Sabemos que em Cristo somos nova criatura, mas por que?

- P. T. — Se alguém está em Cristo, é nova criatura, porque as coisas antigas já passaram e se fizeram novas. Esqueçamo-nos das coisas que ficaram para trás e avancemos para as que diante de nós estão, prosseguindo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus. (Fl. 3:13-14)
- M. S. — Contra quem é a nossa luta quando estamos em Cristo?
- P. T. — Nossa luta é contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, as forças espirituais do mal. (Ef. 6:12)
- M. S. — Como poderemos vencer o mal?
- P. T. — Revesti-vos da armadura de Deus. Embracai o escudo da fé, para apagar os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito que é a palavra de Deus, fazendo orações e súplicas no Espírito Santo. (Ef. 6:11,16-18)
- M. S. — Sabemos que sofreste muito por amor a Cristo, contanto alguma coisa.
- P. T. — Cinco vezes fui açoitado pelos judeus, com 39 chibatadas. Fui três vezes fustigado com varas e uma vez apedrejado. Sofri três naufrágios, passando uma noite e um dia na voragem do mar. Fiz muitas viagens perigosas através de rios, entre assaltantes, nas cidades, no deserto, entre falsos irmãos, em trabalhos e fadigas. Muitas vezes estive em vigílias, em fome e sede em jejum, em frio e em nudez. Além disso pesava sobre mim diariamente, a preocupação com as Igrejas. Mesmo assim eu me glorio nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. (2 Cr. 11:24-28 e 12:9)
- M. S. — Como podemos ser consolados em nossas tribulações?
- P. T. — Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos conforta em todas as nossas tribulações, a fim de podermos consolar os que estão angustiados, com a mesma consolação que recebemos, pois assim como os sofrimentos de Cristo são a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio dele. (2 Cr. 1:3-5)

- M. S. — Todas as tribulações devem ser confiadas a Cristo?
- P. T. — Deus não nos tem dado espirito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação.
 Já não somos nós que vivemos, mas Cristo que vive em nós e esse viver que temos deve ser vivido pela fé no Filho de Deus que se entregou por nós.
 (I Tm. 1:7 Gl. 2:20)
- M. S. — Como devem ser os nossos pensamentos?
- P. T. — Tudo que é verdadeiro, tudo que é respeitavel, tudo que é justo, tudo que é amavel, tudo que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isto o que ocupe os vossos pensamentos.
 (Fl. 4:8)
- M. S. — Como serão os últimos dias?
- P. T. — Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Os homens serão egoistas, avarentos e jactanciosos. Arrogantes, blasfemadores e desobedientes. Ingratos, irreverentes e desafeiçoados. Implacaveis, caluniadores, crueis e inimigos do bem. Traidores, atrevidos enfa tuados. Serão antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade negando-lhe, contudo, o poder. (II Tm. 3:1-5)
- M. S. — Como ressuscitam os mortos?
- P. T. — O que é semeado não nasce, se primeiro não morrer. Há corpos celestiais e corpos terrestres e sem duvida uma é a gloria dos celestiais e outra a dos terrestres. Semeia-se corpo na corrupção e ressuscita-se na incorrupção. Semeia-se em desonra e ressuscita-se em poder. Semeia-se corpo natural e ressuscita-se corpo espiritual. (I Cr. 15:40-42-4)
- M. S. — Quando será a ressurreição dos mortos?
- P. T. — Dada a palavra de ordem, ouvida a palavra do arcanjo e ressoada a trombeta, o próprio Jesus descerá dos ceus e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, os que estiverem vivos serão arrebatados juntamente com ele entre as nuvens e ficarão com Cristo para sempre. (Ts. 4:16-17)
- M. S. — Como se dará a integração definitiva de Cristo no Pai?
- P. T. — Quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho se sujeitará Àquele que tudo lhe sujeitou, para que DEUS SEJA TUDO EM TODOS.
 (I Cr. 15:28)

Estamos também participando do regozijo
de todo o Cariri, ao ensejo do Jubileu
de Prata da vitoriosa ITAYTERA.

Nossos parabéns!

Que a luta continue!

PREFEITURA MUNICIPAL DE MISSÃO VELHA

Administração:

Ana Esther Maia Soares Santana

Centenário da Banda de Música Municipal do Crato

Abertas no dia 15 no III FESTIBANDA de Fortaleza, encerrando-se sábado, dia 22, as comemorações do 1º Centenário da Banda de Música Municipal do Crato, coincidindo com o Dia da Música, consagrada à Santa Cecília, Padroeira dos Músicos.

A zero hora, houve o rompimento festivo, com Salva de Cem Tiros, Alvorada Musical e Desfile da Banda pelas ruas da cidade, encerrando-se com o hasteamento da Bandeira do Município, na sede da Banda.

As 18,30 horas, Dom Vicente Matos, Bispo Diocesano, celebrou missa em ação de graças na Sé Catedral pelo Centenário e também em intenção do Fundador, Prefeitos, Diretores, Maestros e Músicos da Banda de Música falecidos.

A Banda entrou na Catedral executando a Música Jesus Cristo, de Roberto Carlos e no final da missa tocou o Hino do Crato. Dom Vicente proferiu a homilia da missa, tendo feito referências às comemorações do Centenário da Banda e durante a missa cantou o Coral da Faculdade de Filosofia.

Após a missa, a Banda do Crato realizou uma retreta na Praça da Sé, após a qual foi homenageada pelas Bandas de Juazeiro e Barbalha, que tocaram "PARABÊNS PRÁ VOCÊ". Ato contínuo, houve os cumprimentos dos Maestros José Francisco Santos, de Juazeiro do Norte e Gilvan Duarte, de Barbalha, ao Maestro Manuel Augusto dos Santos, (MAESTRO AZUL), de Crato e realizou-se um desfile das três Bandas de Músicas pelas principais ruas da cidade, acompanhadas pelo povo, até o Crato Tênis Clube.

Na Quadra Esportiva do Clube do Pimenta, realizaram-se três atos oficiais de encerramento das festividades, com a presença de autoridades, representações de classe e o povo em geral: Hasteamento das Bandeiras do Brasil, do Ceará e do Crato, respectivamente pelo Vereador José de Paula Bantim, Presidente da Câmara Municipal; Prof. José Hermínio Rebouças, Gerente do Centro de Atividades do SESI e Sr. Modesto Tavares,

Presidente do Crato Tênis Clube, ao som do Hino Nacional, executado simultaneamente pelas Bandas de Músicas de Crato, Juazeiro e Barbalha. Ouviu-se depois o Toque de Silêncio em homenagem póstuma a todos os maestros e músicos falecidos.

Na segunda parte, a Câmara Municipal, sob a presidência do Vereador José de Paula Bantim, outorgou o título de Cidadão Cratense ao Maestro Manuel Augusto dos Santos — Maestro Azul, regente da Banda de Música, ao som do Hino do Crato, cuja saudação foi proferida por Dr. Ailton Esmeraldo, autor da proposição.

DISCURSO DO DR. AILTON ESMERALDO

Senhores :

Com a alma profundamente inebriada diante desta festa em que se congregam o civismo, a espiritualidade e a musicalidade, tenho a honra de usar da palavra, no cumprimento de uma praxe, para saudar o recipiendário mais novo da cidadania cratense, o maestro MANUEL AUGUSTO DOS SANTOS, conhecido nesta cidade, por todo o seu povo, como o MAESTRO AZUL.

Não foi sem objetivo que a Câmara, acolhendo projeto de minha autoria, concedeu-lhe o título de cidadania cratense.

O objetivo maior, além de reconhecimento aos serviços que ele tem prestado à cidade, no manejo dos instrumentos musicais, na condução da Banda de Música ou de conjunto vários, ou na firme, decidida e inabalável missão de ensinar teoria musical e instrumentalização, às novas gerações, o objetivo principal, repito, além de tudo isso, é homenagear um homem humilde, um homem dedicado à sua missão, que a executa com alma e com devotamento.

Estou bem certo — e todos vós também deveis estar — de que a galeria dos filhos oficiais desta nobre e altaneira cidade do Crato, ficou régicamente engrandecida com este ato da Câmara Municipal.

O Maestro Azul não é uma personalidade comum, um cidadão a mais, que numéricamente venha engrossar as fileiras dos que têm essa cidadania.

O nosso homenageado é um homem excepcional.

Excepcional pelas suas qualidades morais e cívicas.

Excepcional pelos seus conhecimentos na música, pela virtuosidade, harmonia e perfeição com que maneja os instrumentos musicais.

Excepcional pelo profundo amor que o liga a esta Terra, onde se fixou, criou raízes e da qual nunca pretendeu separar-se.

Excepcional, pelo traquejo social, herdado do berço inerente à sua pessoa, adquirido numa rígida formação moral de um lar humilde, mas de gente digna e com fundamentos na fé cristã.

O Maestro Azul, o novo cidadão cratense, é dessas raras criaturas humanas em que se aliam as qualidades de amor ao próximo, tolerância, bondade inata, compreensão, sentimentos de justiça, anseios de paz e de sã convivência, em busca de qualidades positivas em cada cidadão com quem priva.

Nossa galeria de cidadãos do Crato, certamente, se enriquece hoje.

Para o Maestro Azul não é necessária a proclamação de dados biográficos.

Porque sua vida simples, humilde, honrada e digna, é uma biografia permanente na qual devem mirar-se as novas gerações.

Lutou e luta, com dignidade e afinco, para manter um lar e para projetar-se. Para ensinar aos novos os dons com que a natureza o premiou. E para transmitir aos que lhe seguem, os ensinamentos da arte musical.

Ele enche esta cidade de sons, de luzes e de belezas musicais, trazendo a mensagem do amor, da paz e da harmonia.

Seja benvindo ao nosso meio, como cidadão cratense, Maestro Azul.

O Crato o recebe nesta galeria de seus filhos, e o saúda efusivamente, na expressão carinhosa deste abraço que lhe envio. Tenho dito.

Na terceira etapa, a Banda de Música do Crato agradeceu as homenagens recebidas e outorgou Medalhas de Honra ao Mérito ao Prefeito Ariovaldo Carvalho; Câmara Municipal; Secretárias Naylêe Monteiro Macedo, da Educação e Lúcia Primo Carvalho, de Finanças; à Diretora Divani Cabral; Rádios Educadora e Araripe e A AÇÃO, Eloi Teles, Almir Carvalho (Chefe do "Fã-Clube" da Banda do Crato), SESI (prof. José Hermínio Rebouças) e às Bandas de Juazeiro e Barbalha.

A Banda de Música do Crato homenageou também, em suas residências seu ex-Diretor José Luiz de França (Zeba) e o ex-Maestro **Pedro Maia**, com uma Medalha de Honra do

Mérito, em virtude de ambos não terem podido comparecer ao Crato Tênis Clube.

O Presidente da Câmara, Vereador José de Paula Ban, tim, entregou à Banda do Crato o Troféu Centenário – Antônio Martins Filho, Segunda Trompa da Banda de Música Municipal, que enviou a seguinte mensagem ao Prefeito Ariovaldo Carvalho.

MENSAGEM DO REITOR MARTINS FILHO

"Ensejo auspicio transcurso centenário querida et gloriosa Banda Música Municipal vg qual tive honra pertencer Segunda Trompa regência maestro Pedro Maia vg apraz-me congratular-me vos-sência que deu maior apoio et personalidade nossa Banda junta-mente secretárias Francisca Naylêe Monteiro Macedo Educação vg Lúcia Fátima Primo Carvalho Finanças Diretora Divani Cabral et Maestro Manuel Augusto dos Santos Mestre Azul vg bem assim demais colegas Banda histórico acontecimento que honra tradições culturais Crato pt Aproveito oportunidade agradecer homenagem meu nome patrono troféu Centenário Banda vg delegando poderes vossência entregá-lo maestro nossa filarmônica quem abraço fraternalmente et demais colegas vg enquanto reverencio respeitosa-mente memória fundador todos os prefeitos maestros diretores e músicos desaparecidos mesmo tempo formulo nossa Banda os melhores votos muitos anos atividades et perenes prosperidades – cordiais saudações – Antonio Martins Filho".

Em seguida, o novo cidadão cratense, Maestro Manuel Augusto dos Santos – Maestro Azul agradeceu a homenagem da Câmara Municipal, através de discurso do jornalista Oswaldo Alves de Sousa.

Sequenciando o programa, as Bandas de Crato, Juazeiro e Barbalha homenagearam o público com uma retreta, recebendo os maiores aplausos. No final, o jornalista Huberto Cabral lançou a idéia da promoção do "1º FESTIVAL DE BANDAS DE MÚSICAS DO CARIRI", a realizar-se em 1981, em Crato, na Semana do Município ou na Exposição Centro-Nordestina, sugestão que foi recebida com simpatia por todos os presentes.

Encerando-se as comemorações, a Prefeitura Municipal ofereceu um coquitel às Bandas de Crato, Juazeiro e Barbalha, cujo bolo comemorativo foi partido pelos Maestros das três filarmônicas, ao som de "PARABENS PRÁ VOCE", numa festa de confraternização no Crato Tênis Clube.

ELENCO DA BANDA

A atual Banda de Música Municipal do Crato compõe-se de 25 Músicos, com um elenco de músicos novos e veteranos, sob a regência do Maestro Manuel Augusto dos Santos — Maestro Azul:

CLARINETE: José Osmar Figueiredo e Francisco Manuel Peixoto dos Santos. SOPRANO: José Bonifácio Salvador; Requiinta: José Neto Pastor de Lima. SAX: Maestro Manuel Augusto dos Santos, SAX-ALTO: Francisco Nivaldo Ulisses. SAX-TENOR: Romeu Freire Menezes; PISTON: Iran Francisco das Chagas; Benício de Moraes e Carlos Gomes Alves Benício e Mozart Gomes Benício; TROMBONE: Paulo Ribeiro Lobo, João Pedro de Oliveira e José Pinto; BOMBARDINO: Raimundo Soares Daxo; CONTRA BAIXO: Raimundo Favela Pantaleão, Paulo Aleixo e Francisco de Assis, TROMPA: José Airton Gonçalves, Domingos Sávio Ribeiro. BOMBO: Manuel Pereira da Silva; SURDO: Francisco Newton da Silva. TAROL: Francisco Ferreira da Silva. PRATOS: Francisco Antônio Belo e ARQUIVISTA: Raimundo Vicente Gomes.

HISTÓRICO DA BANDA

Fundada em 22 de Novembro de 1880 pelo Intendente Municipal, Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, a Banda de Música Municipal do Crato teve como Diretores, dentre outros, Gerson Zíábulon, Major Evangelista Gonçalves, João Rocha, José Luiz de França, professor Pedro Teles e atualmente tem como diretora a professora Divani Cabral.

Foram alguns dos seus maestros: José Chato, José Pereira, Pedro Maia, Luiz Benício, Mestre Chico e atualmente Maestro Manuel Augusto dos Santos — Mestre Azul. Dentre os seus antigos músicos, destacamos o Reitor Martins Filho, que foi segunda trompa, tendo como maestro Pedro Maia.

Nestes seus cem anos, nossa Banda conquistou, por duas vezes consecutivas, o título de "Campeã do Interior", em festival promovido pela Rádio Uirapuru em Fortaleza; participou de festivais promovidos pela Feira dos Municípios e Mobral, recebendo trofeus alusivos a esses certames.

Abrilhou todas as festas, religiosas, cívicas e sociais do Crato e dos Municípios cearenses e de estados vizinhos e completou sábado a sua milésima retreta.

(Novembro - 1980)

Nesta festa dos 25 anos de ITAYTERA
não poderia faltar a palavra de incentivo
e o amplexo de alegria do povo brejosantense.

Nossa terra tem muito em comum
com o I. C. C. e ITAYTERA.

Desde os primeiros tempos.

E esperamos continuar essa amizade,
que foi plantada pelo nosso conterrâneo
Padre Antônio Gomes de Araújo.

Nossa Mensagem de afeto e parabéns.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BREJO SANTO

Administração:

Francisco Leite de Lucena

LENITA BRITO FEITOSA

Miranças da Amazônia

Reminiscências da Casa Paterna (1942)

Bacabal, habitação primeira dos meus primeiros dias!
Fazenda herdada de meus avós...

A casa, totalmente de madeira. Até mesmo o telhado!
Voltada para o nascente. Que belo por-de-sol do meu recordar
de infância... campos verdes até aonde a vista alcança...

À esquerda de nossa casa, o Curtume. Estranho para os
meus olhos crianças... Homens rudes trabalhavam com o
couro cru, pedra ume e cascas de pau... Primitivismo incom-
preensível para os meus curiosos anos...

Nossa casa, possuía pernas de pau... compridas! Mui-
tos degraus que subíamos às carreiras e eram os cuidados e
desvelos de meus pais.

Crianças a brincar debaixo da casa — a nossa casinha
de brinquedos... o terreiro limpo! Exageradamente limpo,
pela Ubaldina, cria de casa. Cabocla trabalhosa e trabalha-
dora... nossa fiel companheira de guizados... modista de
nossas bruxas de pano... feitas de cueiros...

Esquisito, para os meus olhos, o assoalho da cosinha: —
toda de paxiúba — obra de meu pai, elogiada pelos parentes
da cidade, quando nos honravam nas visitas natalinas...

Seis horas da tarde, o fecha-fecha de portas e janelas!
O armar obrigatório dos mosquiteiros... o estrondo da nuvem
de carapanãs que não sei como, invadem a sala de jantar,
para nos dar picadas dóidas que deixavam marcas vermelhas,
ou ainda, a perigosa maleita... Os sacos de borracha, feitos
nos seringais, serviam de proteção para as nossas pernas. Era
uma graça, para nós, crianças do Norte, que habitávamos as
longinhas plagas setentrionais brasileiras, ainda dessassistidas
pelo Serviço de Sanidade Pública: os Mata-Mosquitos ou Guar-

das da Malária, vemos os nossos membros inferiores, ensacados, metidos naqueles sacos horríveis. . .

Em cima da mesa de cedro, rigorosamente ordenados: vários serrotes, martelos, pregos e outras ferramentas do uso exclusivo de papai — João de Deus Brito.

Silencioso, calmo, meu pai, entrava e saía nas horas mais diversas. Jamais estava desocupado. Quando sobrava-lhe algum tempinho, utilizava-o para leituras e escritas. Costumava ler trechos incompreensíveis para os nossos ouvidos meninos.

Vêzes outras, desaparecia por 15 ou 20 dias. Sabíamos que chegaria pelo barulho da lancha a motor, que nos alertava para que nos preparássemos para a sua chegada.

Íamos então para o banho, em uma cacimba próxima ao rio, onde bricávamos, sem termos consciência dos perigos ocultos da selva amazônica. . .

Pelo que captávamos nas conversas dos adultos, papai teria chegado do garimpo, onde explorava o ouro das minas de "Calçoene" às margens do Araguari, pelo método de bateia.

Sempre trazia novidades. Geralmente coisas de fartura. Sua chegada, era uma festa! Cely, João e eu, corríamos a alcançá-lo. Naquela sua peculiar mansidão, abraçava-nos silenciosamente. . .

Vizinhos, tia Marta e Antônio. Um curral de gado feito de troncos de madeira de lei. . .

O mangueiral secular, goiabeiras e araçazeiros de gosto azedinho-doce meio travoso, que comíamos quentes, às escondidas. . .

Ovos de garça, azulados. . . Guarás vermelhos, davam o seu colorido ao lago. . . Colhereiras cor-de-rosa que com as brancas garças embelezavam a paisagem natural. . .

Bacabal! Palmeira que produz frutinhas em cacho, cujo nome origina! Bebida gostosa e nutritiva, que o paroara mistura com farinha d'água e acompanha com pirarucu assado na brasa. . .

Noites escuras, próprias para caçar os ovos de tracajá, à luz de candeeiros, ovos saborosos. . .

Silêncio da noite! Ao longe o berro das sucuris. . . O guincho enervante dos macacos — guaribas. . . parecendo cantos de dor!

Embrulhavamo-nos dos pés à cabeça com um mêdo de arrepiar. . .

No inverno, fortes enxurradas... o corisco derrubando velhas árvores... Trovoadas ribombavam como explosões longínquas... "A Magnífica" recitada pela minha avó... a vovó Milica... Os desvelos de minha mãe, para nos livrar dos respingos...

O Contador de Estórias do Rio-Mar

Crescíamos em peraltices. Cely, a mais velha, de uma vivacidade ímpar; João, calmo de fazer dó; eu, moleirona e zangada...

Obediência, era o lema da casa! Aos olhares de minha mãe, acabavam-se as traquinagens.

Papai, gostava de contar estórias. Deitava-se na esteira de junco, onde derreava o corpo ainda jovem, e ficávamos ao seu lado, ouvindo-as. Eram coisas extraordinárias as suas estórias sobre: jacarés, sucturis, onças bravias, caxinguelês, queixadas, antas etc. Ficávamos impressionados e dávamos margens às nossas pequenas imaginações...

Em outros momentos, dedilhava as cordas de um violão e cantava qual um seresteiro, coisas de sua juventude... Ensinou-nos a solfejar. Mostrou-nos os valores da semibreve, mínima e semínima. Os tons e semitons, sustentidos e bemóis... Os acordes de seu violão, em lá menor ou dó maior, o tempo não conseguiu retirar do meu ouvido... As vibrações sonoras, até hoje, permanecem no meu sensível coração!

Iniciávamos, com nossa primeira mestra, a mamãe, os difíceis rabiscos de uma alfabetização. Os cadernos, repletos de traços verticais vêm demonstrar um início pedagógico orientado, denotando um pouco de coordenação motora.

Mamãe, Francisca de Assis Barriga Brito, havia sido educada, no colégio das irmãs, em Pinheiros, hoje Icoaracy, no Estado do Pará. Filha de um abastado fazendeiro, dono de seringais e barcos que eram privativos da família Barriga. O rio Tucunaré dava nome a fazenda de meu avô Cel. Francisco do Carmo Barriga. A casa grande, toda alpendrada, o comércio do rio passando em frente, e o nosso bondoso compadre Pedro: fiel servo (resquício de uma era que se foi).

As pescarias de tarrafa, nas madrugadas silenciosas onde participávamos, caladinhos, observando os lances que eram aos nossos olhos, premiados, com a fartura de tucunarés, apaiaris, pescadas, taínhas, pacus, acaris, etc. e muitas vezes até as temidas piranhas...

Papai nos levava também a passear em batelões: enormes barcos com toldos. Na prôa, um homem com um varejão, para ir localizando as melhores passagens. Os que ficavam nas laterais, à maneira dos fenícios, remavam e ainda havia o que ficava na pôpa, que pilotava a enorme canoa.

Sempre desejando nos dar conforto, à sua maneira, o nosso abrigo debaixo do toldo era como se fôra nosso próprio quarto: redes armadas havia e colchões para as nossas sestas. Lindo panorama nos era apresentado pela natureza: borboletas e jaçanãs nos distraíam. Quão lindos os coloridos de suas asas!

Caminhávamos lentamente pelo rio adentro, ou melhor, navegávamos... Dois dias ou mais, sempre parando às margens dos rios onde fazíamos os nossos lanches. Íamos visitar parentes e amigos, na fazenda Queimadas, de Júlio Pontes, um dos grandes fazendeiros do Amapá de família tradicional, originária dos Pontes de Massapê, do Ceará.

Eram aventuras que papai nos preparava para nos dar algo das lições sobre relações sociais, pois havia sido educado em Belém e chegara a concluir o curso Técnico de Contabilidade, importante, na época. Era um homem social!

Já não éramos apenas três. Havia Claudete. Linda criança de olhos verdes. A menina que vi morrer. Vi então papai utilizando o serrote e fabricar com mãos trêmulas o caixão mortuário de nossa irmã. Seus olhos estavam úmidos. O rosto contraído de dor. O que gravei foi o seu silêncio... Mamãe, quase desfaleceu...

A sepultura, também fôra obra sua. Tão pequenina! Pintada de azul. De um azul profundo como os reflexos do ceu nas águas dos rios da minha terra! Era Claudete que saía... Um ano após, surgia Ana-Maria...

"As Riquezas do Amapá — 1945

Pela vez primeira andamos de boi-cavalo.

Era uma bela junta de brancos bois que puxavam uma carroça. Muito mansos! Íamos bem urrumados entre as macas, caprichosamente ordenadas por papai. Parecia uma caravana com tanta gente e tanta coisa!

Era uma mudança. Rumávamos em direção a "Tavares" a fazenda original que me passou pela vista.

De propriedade de D. Henriqueta Távora, que por razões ignoradas resolveu arrendá-la. Éramos os novos arrendatários.

Em pleno rio Macarri, no Alto Amapá, perto da Lagoa Grande, n o s s a propriedade, despontava esta casa singular. Toda em cedro, madeira trabalhada com entalhes, dois andares; As pernas mais longas do que a do Bacabal.

A escada, com 27 degraus. A forma, retangular. Espécie de chalé. Uma lindeza! Toda envernizada, com ar de nobreza! Prensa de queijo torneada e outras coisas que me fugiram da mente, vez que minha memória, no momento, é incapaz de reproduzir os detalhes. O oratório, denotava a ascendência da proprietária. Era cearense. Parenta dos Távoras do Ceará.

O comércio do rio passava em frente à varanda. Nas enchentes transbordantes do Amazonas as águas subiam até o 26º degrau. Como eram interessantes e benéficas para os nossos ingênuos olhos, as frestas do assoalho!

Horas perdidas passávamos, observando a vida aquítica, através delas. B a g r e s, pirarucus e cardumes de tamuatás, passavam. . .

Nossas curiosidades se encerraram quando um morador vizinho, veio badalar à mamãe que as sucurijus eram comuns na região e que subiam através das vigas da casa. . . ,

Então papai, pacientemente, passava as horas de repouso a calafetar com breu, toda fresta que aparecesse. . . sobravamos apenas o direito de, debruçadas ao parapeito em frente ao comércio, olharmos as piassocas que piavam aloucadamente seduzidas pelas pequenas e famintas cobras dágua. . .

Passarinhos de variadas cores. Revi-os em 1960, no Museu Goeldi, em Belém do Pará. Identifiquei-os mentalmente. Eram os meus amiguinhos, que nos despertavam com suas sonoras melodias, nas nossas ú m i d a s madrugadas, em pleno sub-afluente do Rio Mar, o rio Macarri.

Papai gostava de se fazer acompanhar de homens rústicos! Lembro-me bem do Gino, do Nilo e do Camilo. Eram os seus pescadores de jacaré. Do convívio com eles aprendia muitas lições, dizia.

Nas sombrias noites, repletas de mosquitos, os terríveis "maruins", que provinham dos mangues do Alto Macarri, o Coleman dependurado no meio da sala, irradiava uma luz macabra.

O cheiro forte das peles de jacaré em rumas, que deveriam embarcar para Belém, o ardor nas narinas, exalado pelo odor enjoado das mantas de pirarucus salgados. . . a casa

totalmente aquática, parecendo gaiolas às margens do Amazonas, tudo isso nos enojava... e nada mais era do que a riqueza... a fartura...

Sentados em bancos de madeira de lei, ouvíamos as histórias narradas pelo Gino, ou pelo Camilo, complementadas por papai, que ao se empolgar, transfigurava-se: parecia um jovem forte ao imitar os lances do arpoador no ponto vital do jacaré.

Uma aventura perigosíssima! Gostava de narrá-la: em canoa pequena com 2 ou 3 pessoas, no máximo: o arpoador, o encandeador e o remador.

O arpoador, era o mocinho, o caboclo adestrado incumbido da façanha — arpoar entre os olhos do jacaré.

O encandeador, o que levava a porunga (para a proteção da lamparina) ou uma lanterna para encandear o monstro sábio e o remador, deveria ter a agilidade suficiente para as rápidas manobras da canoa: deveria ser "bom no remo" no dizer de papai, pois dele dependeria a sorte dos companheiros.

Dizia-nos que o jacaré ao ser ferido, enfurecia-se, roncava e com a cauda tentava virar a canoa e quando conseguia o objetivo, aparava nos dentes, a presa.

Muitos pescadores ficaram mutilados, outros por milagres, salvaram-se, depois de lutarem com o réptil no fundo do rio e serem apanhados pelos amigos enquanto outros atônitos, observavam a cena sem nada poderem fazer...

Outros fatos que gostávamos de ouvir eram os das cobras grandes.

As sucurijus. — Enormes! Diziam que famintas engoliam até mesmo um pequeno boi. O arpão, não seria suficiente para atravessar-lhe a rígida couraça, além de lisa pelo limo, era duríssima. Somente o fuzil a colocava fora de combate.

Lembro-me de uma que papai, para matar nossa curiosidade, mandou os pescadores trazerem até os degraus da casa. Abarrotava a canoa. Era repugnante! Abriam-na. Dentro de suas entranhas jazia um veado com todos os ossos triturados. A cabeça do animalzinho ainda não havia sido deglutida pelo monstro e dava-lhe um aspecto horrível!

Contava-nos que para se localizar o lugar onde uma sucuri subirá à tona, as águas ficavam borbulhando, pelo sopro de suas narinas. Depois, o forte odor de pitiú e logo, o grande bote! Pareciam histórias, embora fossem fatos reais.

"Tavares"! Jamais poderás desligar-te de nós! Éramos 5. A privilegiada fôra a Ana Lúcia que nascera embalada pelas tuas águas misteriosas, respirando o puro oxigênio das virgens matas, ninada pelo cantar dos teus passarinhos coloridos... quem sabe mesmo, de quantos uirapururus... A natureza, bela, descontraída... os patos selvagens... as marrequinhas em bando... a fartura... "Tavares", o mundo de aventuras e venturas do meu saudoso pai!

A QUEDA DA FORTALEZA VOADORA (1945)

Pássaros metálicos sobrevoavam o nosso recanto.

No céu de "TAVARES" brilhavam coisas estranhas. Como peixes enormes, resplandecentes! Ficávamos abismados! Perguntávamos ao papai, pois somente êle nos saberia explicar, coisas da terra, do rio e do ar. Ele nos falou em guerra.

Dizia não haver se alistado, por ser cardíaco. Era reservista. Caso houvesse necessidade dêle, estaria pronto para servir à Pátria.

Guerra! Não sabíamos o que significava... Pensávamos serem as coisas misteriosas do ar. Aquilo que papai chamava de Zepelim. O que fariam em nossas paragens? Perdidos? A procura de alguém?...

Reunidos, sempre às horas das refeições, papai retransmitia as notícias dos jornais e rádios. Êle parecia estar informado. Estava à par das mínimas coisas...

Falava dos bombardeios sobre as cidades industriais. Da contribuição do Brasil para a derrota do Nazi-Facismo.

Falava em Stalin, no presidente Roosevelt, em Churchill, num imperador de nome Hirohito (cantava uma música alusiva a este imperador). Falava em Hitler, que era endeusado com o nome de Furher. No entender de meu pai, um perigoso homem...

Finalmente, nosso pai não havia participado desta guerra! Preocupava-se com a sorte da FEB. Falava em F.A.B., siglas que não entendíamos ainda o significado.

Vovó, (Ermelinda Sanches Munõz Barriga) orava pela paz Mundial. Acompanhávamos inocentemente. Não entendíamos mesmo, o porque de guerra em nosso mundo se para nós, tudo era tranquilidade e paz...

Recordo-me do dia em que caíra do Céu um daqueles pássaros metálicos que passavam resplandecendo. Fôra perto

de onde morávamos. Os pescadores, foram prestar socorros aos que haviam sofrido o desastre. Eram homens ruivos, que desceram de paraquedas. Altos, de olhos azues. Tentavam com palavras desconhecidas e mímicas, uma comunicação...

Para surpresa nossa, papai, vagarosamente, comunicava-se com os moços, naquele linguajar que ouvíamos vêz por outra, nas suas noites de estudos, dos livros que recebia por correspondência.

Papai sorriu-nos de maneira bonachona e disse: "estou cortando o meu inglês, com eles". Eram americanos. Haviam perdido a rota e tranquilos ficaram em saberem estar no Brasil.

Mamãe, preparou um almoço e eles gostaram da galinha à cabidela. Em reconhecimento da boa acolhida, deram-nos muitas conservas: extrato de tomate, vitaminas e outras comidas adocicadas, que nosso paladar não aceitou...

Presentearam a meu pai com uma bússola, com o nylon legítimo dos paraquedas e muitas outras coisas. Muito tempo rolaram em nossa casa os escombros aéreos.

Depois, foram os moços levados à Base Aérea do Amapá, ponto estratégico para tais fins.

Após o ocorrido começamos a entender melhor o significado da palavra guerra. Temerosos ao barulho dos aviões, Zepelins, etc. Poderiam até soltar bombas! Encontramos o arcabouço de uma bomba que fôra parar no nosso jardim, ironicamente como jarro de plantas floridas...

Na primavera de 1945, estrepitosamente fôra declarado o fim da guerra. Os rádios assim noticiavam. Foi comemorado em nossa casa com um banquete, risos, vinhos etc Era a paz que chegava ao Mundo!

Papai viajara. Para surpresa nossa, trouxe-nos um gramofone. Não sei onde adquirira. Mamãe dizia que ele possuía a mania de comprar coisas velhas... Parecia uma vitrola.

Bonitos mesmos, eram os discos clássicos que a acompanhavam. O som saía fanhoso, porém oferecia-nos concertos de violinos, de orquestras famosas e sinfonias inesquecíveis... Era tudo tão romântico! Diria hoje, que uma forma de nos educar auditivamente. Papai possuía um bom gosto extraordinário. Amava os clássicos!

Crescia, instintivamente, nossa admiração para com aquele homem singular. Sua bondade, sua calma, seus ensinamentos filosóficos, suas comparações parabólicas, sua aparência humilde, escondiam a beleza que lhe havia nalma.

Era, em suma, um verdadeiro Mestre! Que ensinou pelo exemplo, pela sua maneira de ser! Aquela força interior, levantava o ânimo dos mais fracos. Jamais se deixara abater, mesmo nos momentos mais difíceis que a vida lhe apresentava.

Gostava de usar as palavras no diminutivo. Parece-me estar a ouvi-las: . . . "só um pouquinho" . . . "uma coisinha" . . . Nunca pretendia obter mais do que partículas das coisas essenciais.

Depois da luta pelo cotidiano, era o aluno atencioso de Curso por Correspondência que diligentemente se proporcionava. Era o artesão que sabia manejar o couro, o ferro e a madeira . . . Era o artista que dedilhava os bordões de um violão, que sabia ouvir os acordes de uma sonata e historiar o sentimento de seu compositor!

Dizia-nos sempre que os melhores violinos eram os "stradivarius" . . . Era o afinador de pianos, o decorador de interiores, o construtor, o pintor . . . o marceneiro . . .

Parecia possuir um cérebro de borracha; quanto mais o destendia, mais flexibilidade apresentava. Foi o nosso homeopata!

As múltiplas ervas amazônicas eram habilidosamente transformadas no chá providencial. Realmente, papai era polivalente . . .

Devotava amor por todas as modalidades de trabalho. Dois verbos eram costumeiramente ouvidos em sua linguagem: estudar e trabalhar!

Geralmente, ouve-se muito o "faça-se", sem entretanto, o Mestre sair de sua comodidade para exemplificar com ações concretas, a sua doutrina.

Papai era o primeiro a cumprir o seu lema. Todos os atos de sua vida, serviram-nos como lições audio-visuais. Suas citações proverbiais, retiradas decerto, dos seus mudos conselheiros — os livros, eram cumpridas à risca. Costumava repeti-las:

- 1 — A prudência é a mãe da sabedoria!
- 2 — Deus ajuda, a quem cedo madruga.
- 3 — A união faz a força!
- 4 — Quem tem inimigos, não dorme . . .
- 5 — Na terra de sapo, de cócoras com ele.

Eram algumas das máximas que observava no seu dia-a-dia, transmitindo-as com fé de quem acreditava serem da mais pura lógica! Sua filosofia, baseava-se nas coisas concretas da vida.

O tempo, célere, passava. A família crescia. Mamãe já nos havia transmitido o necessário para clarear as mentes. Enveredávamos pelo desconhecido. Alcançávamos um nível cultural bem satisfatório.

O que ficaram, entretanto, foram os ensinamentos práticos de papai, uma leitura do "segundo livro de leitura" de Erasmo Braga e algumas regras ortográficas que mamãe pacientemente nos ensinara.

Então, fomos obrigados, a migrar, de novo! Migração! Tema debatido em toda parte! Pessoas que te desconhecem procuram fórmulas para te extinguir! Migração! Ambição do rico e do pobre... Jamais deixarás de existir!

Estás ligada ao ser humano com a tua loucura incontida de obteres mais... sempre mais! És insaciável... arrancas tudo mesmo que estejam tuas vítimas como velhas árvores enraizadas, florindo ou frutificando... O que jamais conseguirás arrancar do migrante é a saudade... a recordação...

Fixamos residência na Vila do Amapá — Vila Veiga Cabral. O papai levou-nos a conhecer o lugar em que um bravo amapaense — cujo nome é o da cidade — Francisco Xavier da **Veiga Cabral** — o Cabralzinho, que com mais alguns companheiros expulsou os franceses que, naquela época queriam invadir o Brasil pelo litoral.

Atirando valentemente em seu chefe; Capitão Lunier dispersando, desta maneira os invasores. O lugar ficava em frente à Igreja do Divino Espírito Santo, às margens de um rio, tributário do Amazonas.

O Amapá desde 1943, não mais fazia parte do Estado do Pará. Getúlio Vargas havia criado os Territórios Federais. O Governador era o então Capitão Janary Gentil Nunes. Homem dinâmico que, com boa equipe de auxiliares, transformara parte das matas virgens do extenso norte, num dos prósperos territórios da Federação.

A convite de meus tios amigos: Amiraldo Êleres Nunes e sua esposa Virgínia Barriga Nunes, influentes na política local do Macapá, capital do Território Federal do mesmo nome, transferimo-nos para lá onde papai obteve o emprego de Gerente da Garagem Territorial.

Viajamos no Itaguari, um dos cantados e decantados **Itas do Norte**... Quando o navio atracou na ponte, que subimos medrosamente, para surpresa nossa, um novo papai se

apresentara aos nossos olhos: um homem bem trajado, que nos esperava, partiu dirigindo um carro Willys Overland, com tanta naturalidade como se fôra costume seu.

Fiquei surpresa! Pensara que apenas soubesse manobrar canoas, batelões, lanchas. . . Foi com certo orgulho de adolescente que observei as novas atitudes cidadinas de meu pai!

Foi o nosso cicerone.

Levou-nos a conhecer os pontos pitorescos da cidade. Fomos visitar a Fortaleza de São José de Macapá. A primeira Fortaleza construída no Brasil por D. José I ancestral de D. João VI, Rei de Portugal, para a defesa do Brasil, dos piratas estrangeiros (franceses, espanhóis etc).

A FORTALEZA DE MACAPÁ

A Fortaleza do Macapá é uma relíquia histórica, de beleza rara, edificada em fins remotos e demonstra ainda hoje, o valor e o heroísmo do povo brasileiro.

O índio Tucujus e o negro paciente cuja resistência fora confirmada no rude, valioso e imprescindível trabalho de que com os braços ergueram a defesa de seu Torrão Natal.

O Território do Amapá pertencia ao Estado do Pará, cujo Governador era Francisco Xavier de Mendonça Furtado, um dos mais eminentes administradores do Pará e coube-lhe a tarefa de fundar a vila de São José do Macapá.

D. José I, rei de Portugal, entregara ao Governador para fins de execução as instruções sobre a proposta da construção de um Forte às costas macapaenses.

Mendonça Furtado apressou-se por cumprir essas determinações e na primeira quinzena de Dezembro do ano de 1751, uma expedição sob o comando do Sargento-Mor João Batista do Livramento, fundava a nova povoação. Em 1764, foi levantada a planta da Fazenda de São José de Macapá, o início à sua construção.

O governador à época era o Capitão-General Fernando da Costa Ataíde Teive, que fôra à vila de São José de Macapá e em companhia dos engenheiros: Henrique Antônio Glaucio, Gaspar João Geraldo Gronfelts, Domingos Sambucete e Antônio Laude, acompanhados dos astrônomos: João Ângelo Brúnelli e Miguel Antônio Ciéro, examinou o terreno e aprovou o plano geral da Fortaleza.

No dia 29 de junho de 1764, dia de São Pedro, lançou-se a primeira pedra no ângulo do balústre sob a invocação desse Santo, com cerimonial de estilo com a presença de autoridades locais: Governador Ataíde Teive, o Coronel Nuno da Cunha de Ataíde de Verona, Comandante Militar da Praça, o engenheiro Henrique Antônio Galúcio, o senado da Câmara e todas as autoridades militares, civis e religiosas da vila.

A planta da Fortaleza indicava que o sistema seria o Vauban de oitava classe, em quadrado, com baluartes pentagonais nos vértices. A esses baluartes deu o Governador os nomes de Madre de Deus, São Pedro, Nossa Senhora da Conceição e São José. Depois de haver dado a sua agradável impressão pelo trabalho já realizado, recomendava o rei de Portugal a eficácia e urgência em sua construção. As ordens régias entretanto não puderam ser cumpridas à risca pois dois inimigos importantes eram a causa da morosidade da construção: a escassês de material e a falta de braços. Para a mão de obra, procurava-se nas aldeias um número avultado de índios, mas a leva tapuia sucumbia pelas moléstias adquiridas e, a opressão militar, bárbara, inclemente os obrigava a constantes fugas, despovoando as predeiras. (A obra continuava com muita celeridade malgrado os recursos da terra. Na cidade de Macapá, erguiam-se os muros espessos).

Valioso fôra o auxílio dos escravos, mais resistentes aos maus tratos, mais submissos ao cativo, as intempéries, a péssima alimentação à base de peixe salgado e o chibé.

A diária era paga a 140 (cento e quarenta) reis, somente.

Dois baluartes já concluídos: o de São Pedro e o de Nossa Senhora da Conceição. Isso pelos meados de 1766.

Do ministro Mendonça Furtado, antes governador, foram conseguidos 74 peças de artilharia do maior calibre possível, balas à proporções, alguns morteiros e bombas de 7 a 13 polegadas e granadas, não havendo necessidade dos reparos e a palamenta, pois no estado havia qualidades de madeira excepcionais e competentes carpinteiros.

A obra continuava, ora mais ativa, ora quase estacionária, sempre com a mesma atenção de seus construtores que almejavam somente: solidez e força para o grandioso trabalho.

Houve em 1773 uma paralisação quase total. Havia necessidade de um acabamento mais aprimorado para a parte exterior e complementares. A opinião de D. José I decidira por um acabamento do plano geral uma vêz que muitas vidas ravam sido ceifadas e tanto dinheiro já havia sido dispendido.

A resolução fôra um tanto demorada e em meados de 1778 falece o Rei de Portugal e conseqüentemente a queda do poder do Marquês de Pombal, déspota que muito entusiasmo devotara a obra que ficou praticamente abandonada.

Assumindo o trono D. Maria I, manda imediatamente sustar o trabalho alegando que muito numerário havia sido aplicado.

Incompleta e, já apresentando defeitos, principalmente, no baluarte de São José que havia sido construído sobre um terreno pantanoso e nas proximidades das águas, malgrado o desinterêsse do Reino, pouco a pouco, vai sendo restaurado e no dia 19 de março de 1782, foi solenemente inaugurada a Fortaleza. Romperam fogos. A artilharia do baluarte colocado sob a invocação de São José, correspondia por todas as peças já montadas.

Ficaria assim a portentosa obra de Galúcio, incompleta, no indiferentismo dos governos, esquecidas de estar ali uma das primeiras, senão, a primeira construção militar brasileira.

Das mãos do Govêrno Colonial, recebera-a o Govêrno Imperial.

Mantivera respeito à divisa do Oiapoque, um dos atuais municípios do Território do Amapá, evitando as penetrações francesas, holandezas e Inglêsas. Era uma das formas de assegurar a conquista definitiva do Rio-Mar.

É a praça da Fortaleza: um quadrado de fortificação razante, edificado sobre terreno elevado 20 pés acima do desvelamento das águas, composta de terra vermelha e argila branca, mistura chamada de "CURY", tendo como propriedade, o amolecimento dentro d'água e o enrijacimento ao calor solar.

Nos ângulos do quadrado, estão 4 baluartes de figura pentagonal, em cada um dos quais se acham 14 canhoneiras lançantes.

Disse-nos papai que as enormes lajes teriam sido transportadas por aquele rio encaixoeirado, que conhecíamos — o rio Pedreiras.

Falou-nos de tantas coisas à respeito, que guardadas ficarão em nossas mentes. . .

Fôra êle proprio nos matricular no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, estabelecimento mais bem organizado que já vi. Possuía salas para tudo o que se pretendesse.

Ao lado, o Cine-Teatro Territorial que aos sábados, obrigatoriamente, passa o jornal, atualizando-nos com as coisas do Brasil e do mundo.

Em Macapá tivemos a oportunidade de observar o dinamismo total de papai. Ele queria vencer. Precisava de vencer! Dez filhos faziam parte de sua vida. Teria de se desdobrar ao máximos. Todos os nossos bens, herdados e adquiridos, tiveram de ser transformados. . .

Não éramos mais fazendeiros, nem comerciantes do interior. Na nossa metarmofose, imposta pelas condições, pela necessidade premente de uma educação melhor, deixamos as nossas terras, férteis e belas, os nossos rios, os nossos pequenos bens, a nossa saudosa infância. . .

A rotina da nova vida ia facilitando nossa aclimação. Era dura a vida! Papai trabalhava incessantemente. Havia sido promovido. Fora transferido para o Ministério do Trabalho.

Apesar de ocupar o cargo de Mestre de Obras, funcionava como contabilista pois segundo êle, fôra prejudicado por se haver pronunciado a favor do Brigadeiro Eduardo Gomes, da U. D. N., nos idos das eleições de 1950, quando Getúlio Vargas o vencera na coligação PTB - PSD.

Muito embora o seu **Certificado de Contabilista** não houvesse causado o efeito desejado, guardava-o carinhosamente, juntamente com outros documentos e certificados de Cursos intensivos. Possuia uma verdadeira mania pelo estudo!

Foi o maior propagandista do Instituto Universal Brasileiro, mania essa que me deixou por herança, pois residindo numa pequena cidade interiorana, longe de colégios, longinqua da capital que me facilitasse um aperfeiçoamento cultural desejado, via-me obrigada a lançar mão desse meio de divulgação cultural, preenchendo assim o vazio das minhas madrugadas sertanejas. . .

"MEU INGLÊS BARBADIANO"

Contratara meu pai uma senhora para nos ensinar inglês. O horário era o da sesta. Sacrificava sua sesta para continuar sua luta, como costumava dizer. Nessa época teria eu 9 anos.

Madame Adelia, uma barbadiona das Antilhas que sem a mínima noção de pedagogia, sufocava-nos com versões e traduções de mais de uma página de caderno escolar. A mão ficava doída e pouca coisa fixávamos.

O que a família memorizou foi a sua célebre saudação: "How do you do?" É identificada ainda hoje por esta frase.

Todas as mínimas coisas, papai nos pedia em inglês: seu breakfast, sua bath towel, seu handkerchief. . . e mais uma infinidade de coisas comuns.

Seu objetivo era facilitar a nossa aprendizagem, adaptar os nossos ouvidos à língua que aprendera a dominar sozinho.

Outra importante razão, seria a facilidade futura de obtermos um bom emprego, pois, sempre que ameaçávamos abandonar o Curso, advertia-nos ser "uma língua comercial" . . .

Evoluíamos. Faltava, porém, algo na vida de papai! Não seria suficiente para o seu potencial um mero emprego federal.

Ao chegar de sua repartição: Divisão de Obras do Território, ficava calado e deitava-se em uma cadeira preguiçosa, que fabricara a capricho.

Com os olhos semi-cerados ficava a maquinar alguma coisa, silenciosamente . . . As noites, ouvia a Hora do Brasil, depois, o sono pesado . . .

Essa mudança de vida, fez com que adquirisse alguns quilos de peso, que aumentavam a medida do passar dos anos. Ficou conhecido pela alcunha de Britão.

Seu espírito calmo, às vezes bonachão, sua maneira taciturna de observação . . . suas frases breves e profundas, faziam dele quase um filósofo. Sim, senhores! Desses que passam anônimamente pela gente, tal a grandiosidade da humildade que encerram.

O seu corpo irrequieto chocava-se com a monotonia do cargo que ocupava.

Foi com alegria que nos participou haver comprado alguns hectares de terra nas proximidades da cidade. Iria ser a Granja São João que batizara, brincando. Soube administrá-la de forma invejável.

Foi explorada palmo a palmo: construiu, êle mesmo, a casa de madeira de dois andares. Explorou a madeira do terreno, fazendo esquadrias. Negociou a lenha e o carvão. Localizou a mina de piçarra, explorando-a e vendendo-a à Prefeitura Territorial de Macapá, para o calçamento da cidade.

Comprou um motor e o adaptou a várias atividades: a bolandeira para fazer farinha (d'água e de tapioca) a uma mini-serraria, a uma padaria e outras extravagantes engenhocas que saiam de seu espírito inventivo. Seus colegas de repartição o elogiavam o que o deixava contente.

Iniciara um criatório de gado bovino. Possuía raças selecionadas: Nelore, gir e búfalo. Era um assíduo cliente do Banco da Amazônia. Possuía amigos importantes que o estimavam e facilitavam bons empréstimos.

Papai, aos poucos fôra se transformando em um pequeno criador. Poderia hoje ser chamado de Empregador: Para a

lavoura havia o encarregado: seu Eduardo, um cearense trabalhador que ensinou, à maneira nordestina, o aproveitamento da cana fazendo rapadura. Para vaqueiro e zelador da mini-propriedade, havia o Emiliano, um rapaz cuidadoso e amigo.

Papai foi contemplado com o primeiro lugar na Exposição Agro-Pecuária e Produtos Derivados do Território, com a exposição da novilha "Bolacha" e com a exibição de uma sela de campo feita por êle mesmo nas suas horas de folga.

Seus momentos de trabalho multiplicaram. Levantava-se cedo. Ouvia a BBC de Londres e, com o seu companheiro de jornada, o Álvaro (sétimo dos filhos) um garoto traquinas que "topava toda parada", seguiam para o "terreiro" a fim de apanharem o leite e outras novidades naturais. As sete horas, estava de volta para preparar-se para o seu expediente.

AS MIGRAÇÕES DOS FILHOS

Lançou-nos cedo na árdua luta da vida: o trabalho profissional. Aos 14 anos Cely era atendente de Enfermagem do Hospital de Macapá. Eu, aos 13, auxiliava numa escola pré-primária, no Grupo Escolar Anexo, da Professora Predicanda Lopes, Diretora da Escola Normal. João, o menino homem, sacrificara a sua meninice para colaborar na criação da família. Ao concluir o Curso Normal, aos 18 anos, ainda precisei da sua mão carinhosa e amiga para levar-me ao Governador, numa das suas audiências de quarta-feiras, para oferecer ao Território os meus préstimos como educadora. . .

Depois, o incentivo para não abandonarmos os livros para que fizéssemos concursos para melhoria de níveis, padrões etc.

Fiz um do S. A. P. S. em Fortaleza. Seria um curso de Nutrição na Escola Agnes June Leith de Fortaleza. Ele, ao se despedir, brincou: "procure saber os valores nutritivos dos nossos alimentos nativos, principalmente do açai". . .

Levou-me ao Aeroporto do Macapá. Como seria a primeira viagem que faria sozinha, recomendou-me ao piloto. Estava saindo do Norte para o Nordeste. Iria passar uma temporada no Ceará, em Fortaleza.

Continuamos como aves de arribação! Macapá já não comportava mais nossa família. As ambições dos novos membros da família tomaram conta de nós! Os parcos conhecimentos adquiridos tornaram-nos egoístas! Pensávamos apenas em nosso progresso. Queríamos uma ascensão rápida! Jamais nos passou pela cabeça pensar em comodidade!

Meu pai: As sementes que cuidadosamente plantaste

zeláste explodiam viçosas! Precisavam de adubos diferentes, e não mais da Amazônia, que com sua exuberante riqueza, mas ainda adormecida, nada mais nos poderia dar...

Não éramos como tu, pois como tu, raras são as pessoas... Poderias acumular um mundo de boas coisas, uma bagagem de conhecimentos, porém, jamais corromperiam o teu cérebro de um equilíbrio ímpar!

Não deturpariam o sentido de uma vida! Não eras apegado às coisas terrenas! Humilde era o teu coração! Mostravas-te sempre aquém daquilo que realmente eras! Não sabias o que era soberba...

Quando tiveste ciência de que não mais a tua saúde poderia dominar a tua vontade férrea, e teus filhos te impuseram uma nova migração, entristecestes...

Irias trocar a tua natureza oxigenada pela **Selva de Pedras** transformada pelo homem! Mesmo assim, os teus lábios, sempre silenciosos... Teus olhos, mais observadores... Tua experiência, tua guia...

Teu coração começou na inconsciente luta da rejeição. Respondia aos maus tratos externos, com palpitações que nos apavoravam...

Mais uma vêz colocaste para funcionar o teu cérebro inventivo. Eras já um alquebrado senhor, com o peso de mais da metade de um século, às costas. Não estavas mais no Norte. Fazias parte do maquinário ambulante, que corre noite e dia atrás do indispensável para a subsistência! Mesmo assim, não desanimaste. Heroicamente continuaste a obra que iniciaste!

Nesta época eu já te havia abandonado... Trocara o nosso verde orvalhado, as nossas caminhadas, para fixar-me nas caatingas do Nordeste! Fazia parte de um clã: os Feitosas do Inhamuns.

Tive também a minha parcela de sacrifícios para conseguir um ajustamento social desejável. Não te passou despercebidamente, o fato. Recebias telepaticamente, as mensagens de um filho ausente... e então, chegaste. Orientaste. Exemplificaste e retornaste. — O que deixaste, nem sabes... como foram úteis os teus ensinamentos!

A vida vista por outro prisma, parecera até mais bela! Foste tu, com a tua sábia experiência que me estimulaste a semear... Posteriormente, antes de tua última partida, sorrindo disseste-me: "venceste"...

Quantas habilidades tuas, despertaram no Sul do País! Pela tua aguçada perspicácia, notaste que reformas prediais, pinturas, decorações, etc. faziam parte das tuas especialidades.

Então, resolveste criar uma firma para tais misteres. — Eras reformador, decorador e pintor! Teus auxiliares? Teus 5 filhos. Teus amigos, que obedeciam à risca as tuas sábias determinações.

Na Guanabara iniciaste e concluíste o Curso de Químico Industrial. Muita coisa para um homem maduro, e uma prova incontestada de tua tenacidade. Somente aos 62 anos de idade pudeste fazer uma viagem de férias! Escolheste o Sertão dos Inhamuns no Ceará. Virias conhecer a "Murzela", fazenda tradicional de Antonio de Moraes Feitosa, o seu Tonho da Murzela...

Esperava-te, ansiosa. Queria oferecer-te o que há muito havias perdido: a natureza... a paz... a liberdade!

Sei que encontraste, neste pedaço de terra cearense, o paraíso que perdeste. Os teus peixes preferidos foram, previamente, colocados nos açudes, aguardando a tua chegada. Patos domésticos complementavam a paisagem nas águas represadas... O inverno fôra regular, porém, não chegaste a conhecer os rios. Impossível seria perenizá-los...

Dei-te homens rudes para dialogares: pescadores, agricultores e vaqueiros... Mantiveste conhecimentos com altas personalidades locais...

Esperava-te à maneira sertaneja. Notaste. O cevado no chiqueiro, aguardava pacientemente, o dia da festança! Reconheci naqueles momentos o nosso papai da infância, com o mesmo sorriso simples daquele homem que nos proporcionara os melhores momentos da vida! Realmente, a Murzela te fizera recordar o passado...

Eras humílimo! Digam-no os que te conheceram: os teus amigos do Norte, Sul, Norte e Leste...

Na última vinda ao Ceará, resolvi badalar sobre Genealogia. Falei sobre o "Clã dos Inhamuns" de Nertan Macedo. Dei para leres: Esboço Histórico sobre a província do Ceará, de Théberg. "As Gentes dos Inhamuns na Criação da Real Vila do Crato" de Carlos Feitosa... Comentei sobre o carancismo sertanejo, o coronelismo e a importância que o povo dá à genealogia... às suas raízes...

Ouvias-me calado. Depois, com a tua simplicidade, disseste: "Tua mãe, descende de espanhois pela parte materna e pela paterna é parenta dos Queiros Jucá de Quixadá.

Depois fitando-me, com voz firme, disseste; "Meu pai, era filho de Português. Foi alferes na Guerra do Paraguai. Sou Brito e dizem que tenho raízes cearenses, no Crato.

Minha bondosa mãe, era uma seringueira, neta de índia! Uma mulher destemida, econômica e trabalhadora (sempre exaltando o trabalho...) que ao morrer deixara para minha mãe, uma fazenda com 700 rezes! Sou uma cabocla paroara, minha filha. Sou 100% brasileiro... E, lembre-se "quem escapa de ser branco como sua mãe, é preto, como nós". Era mais uma filosofia. Calei, escrevi e aprendi mais uma lição. Fôra a tua última lição!

Conclui que, se estivesse no Brasil primitivo, haverias de ser o escolhido para o cacique.

Na verdade, fôra o que em vida, foste: o nosso cacique! Tal a quantidade de atributos morais que reunias...

Somente um líder nato, congregaria tanta gente, tantos amigos, apenas com gestos...

Eras de todos, o conselheiro. Gostavas de conservar amizades. Ainda no Sul, procuravas sempre, os teus amigos do Norte...

Com 10 filhos casados, constantemente os visitavas. Consideravas-te um homem realizado! Vez por outra, nos era dada a feliz oportunidade, de ver o casal de velhos, como aves cansadas, pousarem em nossa casa...

Falavas sempre de tua **Grande Viagem**. Dizias haver cumprido a tua missão... Até para a Morte ias preparando-nos lentamente...

Conseguiste ver em teus filhos: uma psicóloga, um economista, um maestro, uma professora, uma decoradora e os outros em funções profissionais, aproveitando as horas noturnas para conclusões de cursos.

O mesmo desejo em todos: transmitir ao mundo, as lições da vida, que nos deste: O amor ao trabalho e ao estudo!

— A prudência e a humildade... mesmo entrando em choque com o nosso temperamento um tanto altivo, herdado, quem sabe, dos nossos antecedentes espanhois, sofridos, ávidos de descobertas, aventuradas nos séculos passados, ou mesmo, a intolerância das guerras europeias, e perseguições que os obrigavam a fugir ocasionando a revolta, a tua mansidão, será o escudo que nos servirá de proteção...

Partiste querido, impossível seria, um coração como o teu, resistir mais! A tua partida, não encaramos como a morte verdadeira! Acreditamos, como acreditavas, na segunda vida. A verdadeira vida! — A eterna!

Foi preciso que partisses para que chegasse em mim, a idéia de renascer! Trazer ao mundo algo que sempre trouxeste: a luz!

Luz, de teu espírito bem formado! Luz, de teu coração sem maldade! De tua mente sadia! Luz que não se apagará e continuará iluminando os nossos caminhos e a todos aqueles que nos forem dados a encaminhar!

Foste o Caminheiro incansável de várias épocas. Tua rota fora traçada com firmeza e segurança! Tua partida, é para nós uma chegada. De perto de nós jamais saíste! O teu corpo descansa... é muito justo!

Precisavas descansar para esperares pela vinda do Divino Mestre... Teus olhos estão fechados... Teus lábios cerrados... Isso no momento, não importa... sempre foste Resignado...

Uma semana antes de partires, havias recebido a chave da casa adquirida em Belém do Pará, onde pretendias fixar residência.

Irias concluir teus dias na tua terra natal. Estavas feliz tratando dos preparativos para a tua última jornada. Deverias passar pelo Ceará para as despedidas, que não mais foram possíveis...

Mas, Deus escolhera para o repouso do teu corpo tão cansado, as lindas terras de Florianópolis! A colina onde o mar beija, mansamente... onde barquinhos velejam, onde flores vicejam...

O cemitério cujo nome está ligado à tua vida: São Francisco de Assis — o pobrezinho de Assis! Santo, de nossa devoção, especialmente desta tua filha dispersa que aprendeu a amar as terras cearenses e que escolheu, o sertanejo, para seu irmão... cujo protetor é o glorioso São Francisco de Canindé.

Realmente, querido, fizeste, jús ao nome que trouxeste: Foste, serás e és um João... de Deus!

— Como poderemos olvidar-te meu querido pai, se nos momentos mais importantes de nossa vida, sempre estavas presente, apoiando-nos, estimulando-nos, acreditando-nos?

Eras um homem crédulo! Jamais desacreditaste de um filho teu! Tu com a tua bondade, tua resignação, tua serenidade, transmitia-nos paz, e, por outro lado, tua incansável colaboradora, a mamãe, complementava, com a sua fortaleza, a nossa confiança na vida e no futuro... Bendito sejas tu onde estiveres.

C A M I N H E I R O

A meu pai João de Deus

- Chegaste
E passo a passo
Conosco estiveste.
Em espinhos
Caminhaste
Em busca
Do melhor
Para dar...
- Sorriste e
Silenciosamente
Soluçaste...
Ninguém ouviu
Dos teus lábios
Um murmúrio
De dor,
pois vieste,
Para semear
Amor!
Em tua passagem,
Procuraste
Unir, ajustar, cingir...
Concluir algo
Que não enxergávamos
Nem entendíamos...
Então filosofaste
E em parábolas
Nos ensinaste.
Ninguém ouviu...
Eram murmúrios
De amor
Total, racional
- Liberal.
Ninguém era mau,
No teu entender
Puro de MESTRE
Que deu
E não recebeu.
Teu coração,
De tamanho incomensurável
Explodiu
De angústia
De dor
De imenso amor...
E partiste...
- O mundo sentido chorou...
E sorrindo
Começou a entender
E a colher
Tudo aquilo
Que como bom
Semeador
Plantaste.
O mundo inteiro
Despertou...
- O nosso pequeno mundo,
Tão profundo...
Em vez
Da partida
Sentimos
Que chegaste...

0

BANCO DO BRASIL S. A.

Agência da Cidade do Crato,

Congratula-se com o INSTITUTO CULTURAL
DO CARIRI e a Direção da Revista ITAYTERA,
pelo expressivo marco atingido nesta 25.^a
Edição.

Minhas Poesias

I

"Os poetas nascem, os oradores se fazem". É bem verdade. Mas creio que a recíproca também é válida.

A oratória é um dom e um dom natural. O orador legítimo já o traz do berço. Só agrada, só se impõe, só eletriza, só domina um auditório quando o uso da palavra lhe é um dom natural, espontâneo. Demóstenes já o possuía. Seu mérito consistiu em ter conseguido vencer um obstáculo que lhe dificultava a califasia.

O orador que se faz é como o versejador que, no estudo da estilística, aprende as leis da metrificação, adquire a técnica de fazer versos. Aquele fala, se comunica, transmite sua mensagem aos ouvintes, mas nem sempre toca a alma, não sensibiliza. Falta-lhe o élan que é o condão mágico do orador nato. Igualmente ao poeta forjado escapa o mérito da inspiração poética. Não lhe assistem as musas. Não possui a força da emotividade.

Os dois se equiparam. Nascem os poetas genuínos que encantam, que enlevam, que deleitam. Nascem os oradores de raça que arrebatam as turbas, que revolucionam, que sabem tirar centelhas e provocam verdadeiros incêndios e delírios de entusiasmo.

Todavia, a ninguém é vedado intentar uma incursão em um ou outro desses dois gêneros literários. Por isso também eu me afoitei a fazer poesias. Ou antes, a emparelhar rimas e metrificar sílabas a modo de quem quer fazer poesia.

Isto foi no Seminário, quando cursava o 3º ano ginasial. Nas aulas de Literatura, nosso abalizado Professor Pe. Azarias Sobreira nos iniciava nos conhecimentos da estilística. Discorria sobre os diversos gêneros literários, inclusive as variadas espécies de poemas, e ensinava a manejar a pena.

Os mais belos e empolgantes poemas do nosso famoso idioma eram lidos e interpretados em classe. O bom gosto e a sensibilidade do Mestre nos contagiavam. E alguns alunos se sentiam atraídos pela arte poética.

Para maior estímulo, o Pe. Azarias facultou-nos, certa vez, elaborar o exercício de redação da semana em estilo poético.

Achei maravilhosa a sugestão do Professor. Com os minguados conhecimentos já obtidos, resolvi arriscar-me àquela aventura. Enchi-me de brios e pus mãos à obra.

O assunto indicado foi:

O I N V E R N O

O inverno é a vida do sertão;
A chuva ressuscita a natureza;
Tudo tem alma nova, tem beleza,
E os seres de alegria plenos estão.

Os sapinhos coaxam na lagoa,
As aves tudo alegam com seu canto,
As campinas nos mostram seu encanto,
O homem mui contente um hino entoa.

Cantam ao longe as lindas cachoeiras,
Corre no campo o gado satisfeito,
E as borboletas voam mais ligeiras.

Vai crescendo o legume promissor,
E a esperança nascendo vai no peito
Do paciente e nobre agricultor.

Raimundo Augusto — 3º ano ginásial
Seminário do Crato — 1926.

Foi a minha estréia. Não é grande coisa. O mérito está só na boa vontade de um aluno que tenta alçar os vãos da imaginação e se adestrar na arte de escrever. Assim é que se progride e se adianta no estudo da língua pátria e no aperfeiçoamento das letras.

Talvez por bondade ou pela teoria da relatividade, o Professor atribuiu-me a nota dez. O que um rapazito, aluno do 3º ano ginásial, poderia produzir era aquilo mesmo.

Eu, porém, me senti ufano e fiquei pensando que era poeta. Mas não me quedei neste engano "ledo e quedo". Sabia, já então, medir minhas poucas forças. Os largos vãos da arte poética não eram para mim.

Entretanto, ainda prossegui no labor insano de versejar. Persegui a rota seguida pelos poetas, desconfiando sempre da falta de apoio das musas.

No 4º ano ginásial dei mais duas produções. Compus dois sonetos, rimando e metrificando a Ave Maria e o Padre Nosso, ou Pai Nosso como rezamos agora.

A V E M A R I A

Ave Maria, Santa Mãe de Deus,
Ccheia de graça desde a eternidade,
Concebida sem mancha, nem labéus,
Corredentora és da Humanidade.

Contigo o Senhor se acompanha,
E és bendita entre todas as mulheres;
Bendito é O que nasceu da tua entranha
E a vida deu aos pobres esmoleres.

Ó Virgem Mãe de Deus, Santa Maria,
Roga sempre por nós tão pecadores;
Sê protetora nossa e nossa guia.

Pede por nós e livra-nos também
Agora de torturas e de dores,
E na hora de nossa morte. Amém.

Raimundo Augusto — 4º ano ginásial — 1927.
Seminário do Crato.

O P A I N O S S O

Pai Nosso Criador que estais nos céus,
Santificado seja o vosso nome;
Do vosso santo reino temos fome,
Qu'e'le venha salvar os homens réus.

Vossa vontade santa seja feita
Por vossas criaturas igualmente
Na terra e lá no céu eternamente.
Dai-nos o pão que nossa vida aceita.

Oh! Perdoai-nos, Senhor, nossas ofensas;
Juramos perdoar quem nos fez mal,
Sem nenhuma delonga, nem detenças.

Esperamos de Vós a salvação;
Guardados pela cruz, vosso sinal,
Não cairemos nunca em tentação.

Raimundo Augusto — 4º ano ginásial — 1927.
Seminário do Crato.

O 1º terceto tinha outra forma, mas com a nova maneira de se rezar a oração que Nosso Senhor nos ensinou, modifiquei a redação.

Agora já estou na Filosofia. Sou mais alguma coisa. Sou filósofo. Posso elevar mais alto o pensamento e ter criatividade. Compus um soneto versando sobre a Divindade de Cristo:

CRISTO É DEUS

Deus eterno e infinito manda os ventos,
De tudo quanto existe Ele é Senhor,
Da vida e da morte é Imperador,
Domina soberano os elementos.

Dotado de suprema Majestade,
De infinito saber possuidor,
Da justiça Ele é o doador;
Dá-nos misericórdia e santidade.

De todos estes dons Cristo também
Dispunha aqui na terra em plenitude;
Doutrina santa tinha e fez o bem.

Do céu o bom caminho, aos filhos seus
Deixou. Vencendo a morte por virtude,
Demonstrou ser assim filho de Deus.

Raimundo Augusto — 1º ano de Filosofia — 1928.
Seminário do Crato.

Já na Teologia expressei o meu ideal de ser Ministro
de Deus num soneto com o título:

MEU SONHO

Diante de mim eu vejo um campo imenso
Que se perde de vista no horizonte;
Bem longe o trival é muito intenso
E o joio vai surgindo em cada monte.

Olhando este cenário muito triste,
O feitor diz ao dono da seara
Que para ali confiante o enviara,
Qu'operário pr'a ceifa não existe.

Sentir n'alma o pesar dessa tristeza
E resoluto fiz o holocausto
De toda a minha vida, na certeza

De salvar-me, salvando o meu irmão,
E acordando do sonho muito exausta,
Ao Cristo consagrei meu coração.

Raimundo Augusto — 4º ano de Teologia — 1934
Seminário da Prainha — Fortaleza.

Nos Seminários, os alunos poetas não eram bem vistos.
Mês eu não era poeta. Rimava e metrificava às escondidas,
para não esquecer as teorias aprendidas com o Pe. Azarias.

Estas e outras poesias compus e guardei crente do seu

pouco valor. Faltavam-lhes os elementos requeridos para serem mesmo poesias. O estro, a inspiração, a sensibilidade do artista e a elevação do pensamento.

Era uma simples distração. E agora, como recordação, as publico para não resultar inútil o esforço empregado nos tempos de aluno.

Perdoem-me os mestres e os leitores suportem, por bondade, a insipidez das minhas poesias.

MINHAS POESIAS — II

Na ordenação sacerdotal, o Padre manda imprimir uma lembrança para distribuir, no dia da sua 1ª Missa, com os fiéis e sobretudo com os parentes e amigos. Um santinho com alguns dizeres referentes ao ato e um texto da Sagrada Escritura.

O texto que escolhi foi da II Carta de S. Paulo a Timóteo, cap. 2, versículo 3 — "Labora sicut bonus miles Christi Iesu" — trabalha comigo um bom soldado de Jesus Cristo. E fiz uma dedicatória a Nossa Senhora: — A Vós, ó Maria, consagro o meu sacerdócio.

Graças a Deus fui fiel ao meu compromisso. Não me furtei, vez alguma, de trabalhar na vinha do Senhor e o meu sacerdócio, até hoje, foi preservado pela proteção da Virgem Mãe de Deus.

O que está escrito no santinho foi retratado no seguinte soneto:

MEU LEMA

Ser soldado de Cristo é o meu lema:

Na minha ordenação o preferi.

E não me afastarei deste sistema;

Por isto em meu santinho o enseri.

Enfrentar a batalha mesmo dura

Não temerei jamais, e o perigo

Hei de sempre vencer, porque comigo

Da Virgem a companhia mui segura

Terei a proteger-me nos meus passos.

"Soldado indefeso e valoroso",

Espero conquistar nestes espaços

De vida que o Senhor me conceder,

Com trabalho constante e ardoroso,

Da vitória o troféu: — hei de vencer.

Pe. Raimundo Augusto — Crato 1935

A Sagrada Escritura tem de ser a leitura mais familiar do sacerdote. Diariamente está em contacto com ela, saboreando a doçura das palavras inspiradas da revelação divina e enchendo-se da sabedoria de Deus. O frequentar quotidiano das leituras bíblicas dava-me oportunidade de meditar as mais belas passagens dos santos Evangelhos que passava, depois, a reproduzir em minhas fracas rimas metrificadas.

A convicção do discípulo Pedro na divindade das palavras de Jesus contagiou-me e me fez reviver sua intrépida confissão, neste soneto:

CREIO, SENHOR

Dimine, ad quem ibimus? verba vitae
eternae habes. São João, cap. 6, v. 69

Creio, Senhor, porque vós me dissestes
Que a vida eterna existe. É verdade:
Nossas almas, nos páramos celestes,
Iraõ gozar a paz da eternidade.

Ensinastes o bem a praticar
E tudo confirmastes com o exemplo.
Vem a graça em nós frutificar,
Fazendo em nós o vosso templo.

Se nós formos de Deus o templo vivo,
Sem dúvida nenhuma, passaremos
Do tribunal divino pelo crivo.

Da verdade a palavra salutar
Só vós tendes, e aonde nós iremos
Se deixarmos de em vós acreditar?

Pe. Raimundo Augusto — Crato, 1935

Maria Caboré foi um tipo popular muito conhecido no Crato. Também era estimada. Tinha uma deficiência mental que a não tornava ofensiva a ninguém, nem a si mesma. Pelo contrário, tinha um temperamento manso e respeitador. Nunca se ouviu dos seus lábios uma palavra inconveniente. Era serviçal e de uma fidelidade a toda prova.

Sem lar e talvez sem afetos. Prestava, entretanto, bons serviços em muitas casas de família. Crato não era ainda servido de água canalizada. Cargas de ancoretas e pessoas com latas ou potes de barro providenciavam o abastecimento da cidade. Ela fornecia água a muitas casas e, em troca, recebia um prato de comida. Fazia mandados e até pagamentos. Se lhe confiavam uma importância para pagar uma compra

ou tirar uma gorgeta, o troco, mesmo de um vintém, devolvia conscienciosamente.

Foi acometida da bubônica que irrompeu em Crato em 1936. Recolhida ao Hospital que se improvisou no prédio do Seminário cedido pelo Sr. Bispo Diocesano e ora em férias extra-currículo, faleceu piedosamente com a morte exemplar de um justo.

Seu nome é o título deste soneto:

M A R I A C A B O R É

Espírito de anjo ornado em trapos,
Perambulando pela rua, ao léu,
Companheira fiel até dos sapos,
Ela tinha por lar o azul do céu.

Simple, sincera e boa como ninguém,
Nos lares penetrava com respeito
E confiança, e o troco de um vintém
Ao dono devolvia sem defeito.

Era melhor que muita gente boa,
Sem fingimento algum ou hipocrisia,
Mesmo levando avida assim à toa.

Foi bela a sua morte e edificante.
O azul do céu que aqui a protegia,
É lá no além, o seu trono de brilhante.

Pe. Raimundo Augusto — Crato, 1936

No dia 08 de dezembro de 1939 não fui à festa da Padroeira de minha terra. Mas a sua lembrança ficou martelando-me na cabeça, o dia inteiro, e o amor que por ela arde no meu peito, desde criança, compeliu-me a homenageá-la com este soneto:

A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ó Virgem Santa Mãe Imaculada,
Excelsa Padroeira mui querida,
És um penhor seguro em nossa vida,
Para termos do céu a escalada.

Em nossos corações tens um altar
Consagrado, com fé, ao teu amor;
A tua imagem santa, com fervor,
Haveremos de sempre exaltar.

És Rainha dos nossos corações,
Dos nossos lares, advogada e guia,
Medianeira dos nossos corações.

A cada passo está pensando em ti,
E em tua proteção, doce Maria,
Confia o povo fiel de Mauriti.

Pe. Raimundo Augusto — Crato, 1939

Uma passagem tocante da Sagrada Escritura é a Anunciação do Anjo Gabriel a Maria Santíssima. Manifesta-se aqui a grande glória da humildade Virgem de Nazaré e se faz a revelação do mistério da Encarnação do Verbo de Deus. É a abertura dos novos tempos messiânicos. É o anúncio da mensagem da Salvação. Realiza-se a Promessa da vinda do Salvador.

A A N U N C I A Ç Ã O

O anjo a chamou cheia de graça,
Lhe dizendo: — “O Senhor está contigo”.
Aqui findou o Testamento Antigo,
Trazendo a salvação da humana raça.

Estranha saudação a perturbou,
Que procurou agora entedê-la;
E o embaixador divino assim ao vê-la
Perturbada e aflita, a acalmou:

— Não temas, ó Maria, és ditosa.
Tu mereceste ser a Mãe de Deus;
Pois, ó do Mar Estrela radiosa,

À Terra vais trazer o Redentor.
— Grandes são, Pai Eterno, os planos teus;
Aqui se encontra a Serva do Senhor.

Pe. Raimundo Augusto — Crato, 1941

Fagundes Varela escreveu o Evangelho Nas Selvas. Se eu fosse realmente poeta faria também o Evangelho em versos.

Crato, setembro de 1980

Mons. Raimundo Augusto

CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

Quando ITAYTERA completa 25 anos de atuação, desejamos levar ao Instituto Cultural do Cariri nossos efusivos parabéns, pela marcante atuação no campo cultural, que tanto honra a nossa região.

CONSTRUTORA LEIMO

O conceito aliado ao alto
padrão de construir

Rua Senador Pompeu N° 293

TELEFONE: 521-27-54

CRATO - CEARÁ

5 ARTIGOS DA IMPRENSA

J. Lindemberg de Aquino

ABOLIÇÃO DAS VAQUEJADAS

De há muito as pessoas de bom senso, amigas dos animais e defensoras dos seus esquecidos direitos, pugnam pela extinção, pura e simples, das chamadas Vaquejadas. Elas se multiplicam dia a dia em todo o Nordeste, se organizam em todas as cidades, realizam-se todos os meses.

A vaquejada é esporte bárbaro por excelência. Maltrata animal, que se vê acuado, preso, perseguido e enfurecido. E na louca correria quando ele sai da prisão para a pista, é o animal derrubado pelo rabo, muitas vezes arrastado pelo chão quente e ardente do interior, pelos "arrojados" cavaleiros, que se vangloriam do feito e ganham prêmios, até carros valiosos e cheques milionários. . .

Quantas e quantas vezes o animal quebra as pernas ou se fere rudemente, sofrendo dores incriveis e tem de ser levado, urgentemente para sacrifício final do matadouro, porque não serve mais!

A título de ser um "esporte macho", maltratam-se assim, os animais em vaquejadas ante os gritos e vaias de uma multidão enluquecida pelo prazer de ver cenas tão bárbaras, liberando seus instintos e seus recalques num esporte que se diz "popular", mas outra coisa não é senão o suprassumo de uma ignorância medieval trazida até os nossos dias!

Onde andam as chamadas "Sociedade Protetora dos Animais" que não enxergam uma coisa dessas? Elas não foram criadas para ajudar e socorrer os nossos irmãos irracionais? Os burros e jumentos são espicagados por chicotes, varas, vergalhões, puxando carroças nas ruas da cidade, até sangrar, passando fome e maltratados. Sem que essas Sociedades tomem qualquer providência. As Vaquejadas esperam sua ação vigorosa na defesa dos pobres bois irracionais, que, acuados e feridos, muitas vezes, avançam contra os bretes em golpes de defesa só fazendo arrebentar as têmporas e os focinhos!

Seu contra as vaquejadas. Sempre fui. Seja aqui na Exposição do Crato, seja em qualquer cidade. Não tenho predisposição contra vaquejada particular de ninguém, mas de todas elas, por todo o Nordeste, a que me oponho a assistir todas as vezes que se realizam. Acho um barbarismo que não

mostra valentia de ninguém, pois que se transformou num rendoso negócio que está dando dinheiro a muita gente.

Existem, já, os "profissionais de vaquejadas", que organizam duplas e treinam diariamente, e saem pelo Nordeste a arrebanhar, nesses tristes espetáculos, fuscas e corcéis, fitas e bugres, cheques e outras valiosidades que o imposto de renda sequer toma conhecimento... Já é uma profissão vantajosa e infeliz. A serviço de uma "tradição" e de um falso "folclore nordestino", as vaquejadas continuam sendo estimuladas, transformando-se em rendosos negócios para muita gente.

No Nordeste teríamos, muito melhor, em seu lugar, as famosas Exposições com amostragem do refinamento genético, das raças e muitos esportes com o gado, inclusive montagem de touros (que mostra, realmente, pericia, coragem e decisão dos nossos vaqueiros) e outros tantos, que se fazem em Minas e no Rio Grande do Sul, na Espanha e em países andinos.

Se o espírito de nossa lusitana ancestralidade nunca admitiu as touradas para que as multidões vissem, ao vivo, o sacrifício de touros atravessados por espadas em plena praça de touros, esse mesmo sentimento deveria envolver e desabrochar, coletivamente contra as vaquejadas que não são mais esporte e beleza, mas sim sacrifício inútil dos animais e satisfação de instintos bestiais recalcados.

Seria uma redenção um decreto a la Janio Quadros, proibindo as vaquejadas e mandando que se estimulassem os outros esportes, não com a fúria dos lucros do nosso doido futebol de jogadores milionários, mas esportes sadios e convencionais, inclusive com a participação dos animais.

Por falta disso é que nossas gerações se criam raquíticas e não se implantou no país uma mentalidade olímpica, a ponto de a simples conquistas de duas eventuais medalhas de ouro em iatismo proporcionar patriotadas infantis de regozijo, quando todos os países viram o fracasso de nossa representação em Moscou.

Somos a favor da abolição das Vaquejadas. Pode ser pensamento individual, sem apoio de ninguém, mas é uma opinião sincera e resoluta, sem visar a ninguém. Apenas um ponto de vista. **O Povo — 19 - 10 - 80**

"O PIAUI NO CONGRESSO NACIONAL"

Sob o título acima, o escritor A. Tito Filho, das mais luminosas inteligências do vizinho Estado do Piauí, Presidente

de sua Academia de Letras, historiador e pesquisador de renome, vem de publicar interessante livro, em que documenta, com exatidão, depois de exaustiva pesquisa, a participação piauiense no Congresso Nacional.

Trata-se de obra da maior validade, para os que desejarem, doravante, ir às fontes da pesquisa legítima, para sentir o valor, o pulso e a grandeza com que a terra de Petrônio Portela sempre se fez representar nas Casas do Parlamento, desde os tempos do Império.

Dizer algo sobre o autor, praticamente, se torna desnecessário. É homem inteiramente voltado para as atividades da inteligência, merecendo da crítica literária os maiores encômios. Tem uma grande folha de serviços ao seu Estado, tanto que João Aragão dele assim se expressou: "Se for botar correção monetária no que esse Estado lhe deve, dá pano para as mangas..." De fato, é assim.

A. Tito Filho é autor de inúmeras obras, entre as quais cito: "Combustível e alimento" (1961) "Memorial da Cidade Verde", "A Augusta Casa do Piauí", "Notas e Comentários à Cronologia Histórica do Piauí", "Governos do Piauí", "Terezina meu amor", "Crônica da cidade Amada", "Carnavais de Terezina", e outras tantas obras de merecido quilate.

O seu mais novo livro O Piauí no Congresso Nacional, faz uma pesquisa histórica sensacional, sobre as sucessivas participações do seu Estado no Parlamento, desde os albores da vida nacional aos dias de hoje.

Pela leitura de suas páginas, escritas em estilo ameno e agradável vemos desfilar vultos célebres, cada qual com seu resumo biográfico, os detalhes de sua atuação e a sua conotação na política partidária do Estado, suas funções no panorama nacional.

É trabalho de fôlego, de grande exatidão e de minuciosa pesquisa e bem que poderia ser imitado pelos demais Estados da Federação. Poderia ser adotado nas escolas secundárias e superiores do Piauí, como anexo às suas aulas de história e de moral e cívica. Um livro que honra o Piauí e honra, sobretudo, o seu autor, homem devotado à nobilitante missão de documentar o seu Estado em todos os aspectos.

No livro de A. Tito Filho encontramos dados preciosos sobre vultos da história do Piauí, como esse Ovídio Saraiva, (1787-1852) poeta e jurisconsulto, que estudou em Coimbra e, curiosamente autor da primeira letra para o Hino Nacional Brasileiro, cuja letra a obra de Tito Filho publica.

Encontramos realçada a figura do Marquês de Paranaguá, (João Lustosa da Cunha Paranaguá, político, jurista, orador parlamentar, bacharel em Direito, magistrado, governador de Pernambuco, Maranhão e Bahia, Ministro da Justiça, Ministro da Guerra, Ministro da Fazenda, Conselheiro, autor de muitos livros e representante do Piauí em sucessivas legislaturas. Foi o maior parlamentar piauiense do tempo do Império. Foi dos pioneiros que propuseram a mudança da capital do Brasil para o interior.

Padre Marcos (hoje é nome de Município) era Marcos de Araújo Costa foi deputado e vice-presidente do Piauí e instalou colégio para a mocidade em sua fazenda em Jaicós de notável ação cultural. Foi sacerdote de acrisoladas virtudes morais.

Souza Martins (1805-1857) estudou em Portugal, magistrado e deputado, governou o Piauí e o Ceará, notável orador, combateu violentamente o seu tio, o Visconde de Parnaíba, que governou o Piauí por quase 20 anos. Estudou em Coimbra.

Marcos Antonio de Macedo (Marcos de Macedo) que tem rua no Crato, natural de Jaicós, bacharel, estudou química e ciências naturais na França, governou o Piauí, representando-o na Câmara, bem como o Ceará. Naturalista e pesquisador que percorreu o Nilo e a Núbia e toda a Europa. Publicou obras em francês, deixou estudos sobre reservas carboníferas, sobre xisto, sobre um canal do S. Francisco para o Ceará, etc. Um homem notável.

Franklin Américo de Menezes governou o Piauí, Maranhão e Pernambuco, Ministro da Guerra, Ministro do Império, Ministro dos estrangeiros, deputado. Henrique Valadares, doutor em Matemática, comandante do Colégio Militar do Rio Grande do Sul, Prefeito do Rio, general, deputado.

Felix Pacheco foi outro notável piauiense do Congresso (1879-1935) morreu moço, poeta, deputado, Ministro das Relações Exteriores.

Petrônio Portela, falecido em 6 de Janeiro de 80, homem notável, Ministro da Justiça, Senador, inteligência cintilante.

Seria uma longa enumeração a que não poderiam faltar Simplício Mendes, Coelho Rodrigues, Coelho de Rezende, Anísio de Abreu, Abdias Neves, Hugo Napoleão, Cândido Ferraz, Clindenor Freitas, Sigefredo Pacheco, etc. Uma galeria imensa, que honraria qualquer Estado. O Piauí está de parabéns. Um livro como esse é muito raro.

O Povo — Fortaleza, 28 9 - 80.

USINA BEZERRA

— DE —

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES

Comércio e Indústria

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

Endereço Telegráfico: BEMENEZES

Avenida Teodorico Teles, 502

TELEFONES: 521.2722 e 521.2843

CRATO

—

CEARÁ

FÁBRICA FORTALEZA



DEPÓSITO DO CARIRI

M. DIAS BRANCO S. A. - Com. e Ind.

Teleg.: "DIBRANCO" - Telefone: 521.1616

CRATO - RUA SENADOR POMPEU, 11 - CEARÁ

CENTENÁRIO DE IRINEU PINHEIRO

Decorre, a 6 de Janeiro de 1981, o Centenário de nascimento de uma das mais fulgurantes figuras da história literária do Crato e do Ceará, o Dr. Irineu Pinheiro. É um nome que honra as tradições culturais do Crato, terra que tem dado ao Brasil tantas figuras proeminentes.

Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendeu tese brilhante — UM CASO DE DEXIOCARDIA — que mereceu elogios gerais.

Homem de notável ação, serviu a sua comunidade, depois que nela veio residir, com entusiasmo e dedicação.

Foi o Primeiro Presidente do seu Rotary Club instalado em 22 de Junho de 1937, como já fôra o Primeiro Presidente do Banco do Cariri, fundado em 1921, sob os auspícios da Diocese.

Na peste bubônica que atacou a população cratense em 1936, foi o esculápio dedicado e incansável, e com o Seminário esvasiado, servindo de Hospital, por ordem do Bispo Dom Francisco, ninguém o excedeu no tratamento dos doentes que ali se alojaram.

Dedicado às pesquisas históricas, produziu livros consagrados como "O Juazeiro do Pe. Cícero e a Revolução de 1914", "O Cariri, seu descobrimento, povoamento e costumes", "Joaquim Pinto Madeira", "Pereira Filgueiras" e "Efemérides do Cariri" (edição posterior ao seu desaparecimento).

Logo após o seu transpasse, o Instituto Cultural do Cariri realizou, em 11 de Junho de 1954, uma Sessão Solene, dedicada à sua memória, em que o doutor advogado Duarte Junior proferiu magistral oração, focalizando a vida, a obra e o homem admirável que ele sintetizou.

Sobre o Dr. Irineu disse José Lins do Rego:

"O seu livro "O Cariri", é obra de fôlego, feita com a seriedade e o tom de narração viva, dos melhores escritores do gênero. Pode o Cariri contar com um homem de qualidade, entre os melhores escritores do País". Li O CARIRI com visível mágoa de não haver mais páginas a devorar".

Câmara Cascudo dele afirmou:

"O CARIRI, de Irineu Pinheiro, uma delícia, um encanto para ler, tanta coisa ensinada por quem alía à força da cultura o feitiço da espontaneidade".

Abelardo Montenegro diz que a obra do Dr. Irineu Pinheiro é cheia de "pontos altos de sadio realismo, a paisagem familiar e a identificação ecológica com a gleba nativa".

De Irineu Pinheiro escreveu o renomado historiador, Pe. Antônio Gomes:

"Belo talento, estilista de recursos, esforço de castor, paciência beneditina, Irineu vinha, há quase 30 anos, colocando esse conjunto de predicados a serviço do fato histórico do Cariri. Não seria possível mais perfeita síntese. Irineu, o homem do fato histórico do Cariri, cabe, todo ele, dentro dessa admirável moldura".

E Duarte Júnior enfatiza, de seu conhecimento pessoal com o Primeiro Presidente do ICC:

"Com o sestro da solidão e o signo do celibato, possuiu Irineu, paradoxalmente, a euforia da vida, e embora não professasse a filosofia de Leibnitz, via o mundo com o otimismo do grande idealista alemão".

E acrescenta: "A obra de Irineu Pinheiro acerca do Ceará, e digo do Ceará porque o Estado tem aqui o centro do seu drama histórico, é das melhores que tenho lido sobre o nosso passado. Partindo da pré-história, isto é, da ocupação do Vale pelo selvagem, estuda, com segurança, os diversos ciclos da nossa vida — o ciclo da conquista, o da colonização e da evolução, o nativista e o pré-republicano. Trocando a síntese pela análise, nada deixa à curiosidade do leitor. Tem-se a impressão, pela sua frieza na interpretação dos fatos, que a sua educação foi captada nas escolas alemãs ou inglesas".

Não bastassem esses depoimentos, poderíamos citar centenas de outros, sobre esse imortal filho do Crato que tanto dignificou a terra natal e o nosso Ceará.

Era um homem realmente, que cultivava a inteligência. Escrevia com aprumo de linguagem, refletindo a correção pessoal no seu trajar e o seu espírito superior.

Se tivesse vivido mais, certamente teria enriquecido a galeria da historiografia cearense com outras obras de real valor, como eram os seus planos.

Sua passagem por nossa vida terrena foi marcada pela fulguração de uma estrela candente.

Na sua caminhada, ficou impregnado muito do Crato e do Cariri que ele exaltou em obra imortal, que lhe perpetua o nome para a posteridade.

Ainda conheci, pessoalmente, o Dr. Irineu Pinheiro, antes do enfarte que o mataria, naquela manhã de 21 de Maio de 1954. Éramos praticamente vizinhos, morando eu no sobradão que fora do seu avô, Cel. Antônio Luiz — na esquina da Dr. João Pessoa com Bárbara de Alencar, e ele na bonita e arejada casa, com área lateral toda aberta ao sol e aos ventos, pouco abaixo, casa que foi, posteriormente, demolida para dar lugar à loja Armazem Recife, dos dias atuais.

Era homem de compleição forte, alto, alvo e, na época em que com ele convivi, já estava grisalho.

Vestia-se com aprumo e tinha uma palestra deliciosa, de "causer" admirável a ironizar fatos e pessoas, porém com discrição e elegância.

Frequentador da rodinha da famosa Farmácia Central do Cariri, de Zuza Figueiredo, tinha na sua calçada, também, uma outra rodinha de amigos, dentre os quais se destacavam Figueiredo Filho e Celso Gomes de Matos e Pe. Gomes de Araújo.

O Pai do Dr. Irineu Pinheiro fora deputado provincial — Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro, nascido na Fazenda Monte-Mor, na atual Solonópole.

Foi magistrado brilhante, juiz de Jaguaribe-Mirim, colaborador da imprensa, tendo falecido em 1883, dois anos depois do nascimento do Dr. Irineu.

A esse respeito, do falecimento de Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro, falam, exaltadoramente, os jornais da época "A Constituição" e "Pedro II". O genitor do Dr. Irineu só viveu 34 anos de idade.

Sua genitora, Irineia Pinto Nogueira Pinheiro, filha do Cel. Antônio Luiz, criou os 3 filhos — Irineu, Antônio Nogueira (Fiscal de Consumo) e Maria Brígida, esta, cansando-se depois com José Sampaio Cardoso — e ainda os viu vencer na vida. A sua viuvez passou-a até o fim da vida, já velhinha, com o filho Irineu, solteirão e bonachão, que lhe fazia todos os mimos.

Sempre frequentei a casa do Dr. Irineu Pinheiro. Sempre o encontrei lendo, deitado em grande rede avarandada, livros pelo chão, espalhados displicentemente, estantes repletas de livros, revistas médicas, manuscritos.

Fazia pesquisas infindáveis em livros de tombos e velhos arquivos paroquiais, de que resultaram suas belas obras.

Nunca quis casar-se, embora já tenha sido noivo com parenta próxima.

Sobre o seu túmulo não se verteram, portanto, lágrimas de viuvez e orfandade, não lhe ficando descendente direto.

la sozinho à fazenda, no Município de Aurora, onde passava temporadas, mas não tinha o dom de administrador eficiente. Preferia as letras, a pesquisa, as discussões sobre fatos e pessoas que fizeram nossa história, e tinha grande afinidade, admiração e zelo pelo nome do Pe. Cícero, sobre o qual escreveu obra laudatória.

Homem rico, mas de alimentação frugal, não pela avareza, mas, talvez, pela falta de companhia diária à sua mesa, ou de alguém a compartilhar sua solidão. Era um solitário.

O Povo — 4-1-81

F O G O N A S E R R A

Parte da Floresta Nacional do Araripe, a única reserva florestal, oficial, existente no Nordeste brasileiro, está pegando fogo. De longe, de léguas de distância, das ruas da cidade do Crato que lhe fica ao sopé, das estradas que dão acesso à Serra, todo mundo vê as labaredas enormes, incandescentes e vermelhas, destruindo a reserva florestal. Uma situação de causar dó.

Providências têm sido pedidas. Reclamações têm sido feitas.

Mas tudo em vão.

O fogo, na sua velocidade e voracidade, está destruindo parcelas preciosas de um resto de matas que levou muitos anos para ser formada compactamente.

O Serviço Florestal do Araripe, em Crato, só tem alguns funcionários burocráticos e alguns guardas, sem transportes, sem carros-pipas, sem mangueiras apropriadas, sem condições de combate ao fogo.

A população assiste, estarrecida, o avantajamento das chamas, ora subindo as encostas, vistas de toda a cidade do Crato, ensejando protestos ecológicos até por parte das crianças, junto às emissoras e escolas locais.

A Floresta Nacional do Araripe foi criada pelo Decreto 9.226, de 2 de Maio de 1946, no início do Governo Dutra, visando preservar esse colosso florestal no Nordeste.

A flora e a fauna estão sujeitas ao regime estabelecido pelo Código Florestal, aprovado pelo Decreto 23.793, de 23 de Janeiro de 1934.

A área da Floresta, no Cariri, conta com 34.790 hectares, zelados, quando possível, por cercas singelas e tendo espalhadas casinhas de guardas florestais em locais estratégicos.

Não tem água acumulada, pois a porosidade do seu solo faz com que todas as águas se infiltrem rapidamente, formando um lençol freático que rebenta nas fontes, mais abaixo.

Todos os anos esses incêndios se repetem. São queimas de brocas, em roças próximas, na parte da Serra destinada à agricultura. Não se faz a conveniente separação, e o fogo das roças avança para a Floresta.

Nunca, todavia, em proporções tão alarmantes como neste ano, já tendo sido focalizado, inclusive, na revista VEJA.

O certo é que a Floresta está pegando fogo, e esse fogo se espraia, e as providências concretas não chegaram. Se fosse em País que desse valor à preservação de suas riquezas, até a aeronáutica já teria sido mobilizada para o combate a essa devastação, que sangra o coração da gente, quando vemos, impotentes, sem nada poder fazer, o fogo destruindo a última reserva florestal do Nordeste. É uma pena.

A devastação da Serra do Araripe já tem sido denunciada, ao longo de cem anos, por poetas, jornalistas, Prefeitos e estudiosos da nossa realidade. Infelizmente, seus brados foram em vão.

A Serra está quase toda devastada, e agora, a parte defendida, a área da Floresta, propriamente, vem sendo devastada pelo fogo, ante a indiferença das autoridades nacionais.

Um fato clamoroso como este que se registra, atualmente, no Município do Crato, onde uma população inteira vê o fogo subindo as encostas, sem nada poder fazer, não encontra ressonância em nossa Assembléia, nem no Parlamento Nacional, para despertar o senso de responsabilidade de nossos homens públicos.

Não se dá, ao Serviço Florestal do Araripe, o mínimo de condições técnicas para combate a esses incêndios, que se multiplicam de ano a ano, ameaçando as fontes, ameaçando a riqueza da região, ameaçando, até, a mudança do nosso microclima.

A continuar assim, a beleza da Serra ficará somente nos versos de José Alves de Figueiredo, que a cantava em estrofes magistrais:

Vejo-a sempre, desde quando
Abri meus olhos à luz!
Sempre, sempre, fascinando
Com seu nevado capuz!
Como eu gostava de vê-la
Tão forte, fecunda e bela
No seu verdor opulento!
Com mil ipês seculares
Beijando-se além dos ares
Em bamboleios ao vento!

Maçarandubas gigantes
Formosos jequitibás
Mindiribas tão possantes
Quais hercúleos baobás!
Tudo tudo tão unido
E de cipós tão tecido
Que nem mesmo os passarinhos
Penetravam na urdidura
Daquela densa espessura
Que acompanhava os caminhos!

O imortal José Carvalho a exaltou em maviosa poesia prosa, ao afirmar: "Bendita, sim! porque abres os teus seios profundos, desabrochados em fontes água cristalinas e perenes, que descem cantando entre os seixos das ravinas e vão regar e abençoar as terras abençoadas dos teus pendores! Serra bendita entre todas as serras, vestida com o teu manto verde-azul de esmeraldas, mãe prolífera das fontes, és tu que alimentas a vida e geras a felicidade e a paz de todas as gerações deste teu povo".

Infelizmente a continuar essa situação, daqui a algum tempo, toda essa beleza selvagem do Araripe ficará apenas na saudade que os poetas fixaram, porque estaremos marchando, inmemoravelmente, para a desertificação.

Há muitos anos atrás, pediram socorro para o Jaguaribe. A voz de um Demócrito Rocha se fez ouvir e o Jaguaribe foi atendido!

Quanta falta nos faz, hoje, um outro Demócrito, para apelar à Nação desvairada, em favor de nossa Floresta do Araripe!

Para apelar para a sua salvação, para apelar para o seu socorro, ela que está ardendo em chamas e clama aos ceus pela fumaça de suas árvores retorcidas ao fogo, pedindo clemência ante a indiferença dos homens!



PEDROSO — O Pintor Cearense que Conquistou a Bahia

Um filho do Crato está brilhando no setor da pintura e da gravura.

Trata-se de PEDROSO, cuja Exposição 20 anos foi recentemente realizada em Salvador, na GALERIA EUCATEXPO, de 18 a 31 de Julho de 1980.

Significava a mostra uma retrospectiva de vinte anos de

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

RÁDIOS

RADIOFONES

TELEVISORES

MÓVEIS

MATERIAL ELÉTRICO

M A T R I Z :

Rua Dr. João Pessoa Nº 393/419

Telefone : 521 - 1304

F I L I A L :

Rua Bárbara de Alencar Nº 796

Teleg.: OSTERN

Cx. Postal, 16

Telefone: 521 - 1022

C R A T O

—

C E A R Á

NOVA OLINDA

PARTICIPA DAS ALEGRIAS DO
25.º ANO DE "ITAYTERA"

*Mandamos o nosso abraço ao Instituto
Cultural de Cariri, ao ensejo do Jubileu
de Prata da vitoriosa publicação
ITAYTERA, que muito enobrece o Cariri e
leva bem longe o renome cultural
de nossa gente.*

Administração Municipal de NOVA OLINDA

Prefeito: ANTÔNIO JEREMIAS PEREIRA

carreira artística do jovem pintor — 1960-1980 — em que foram mostrados quadros, aquarelas de grande beleza, colorido e emoção, causando impacto pela originalidade e criatividade.

JOAQUIM PEDROSO GOMES DE OLIVEIRA conheci menino, na Rua Pedra Lavrada, hoje Pedro II, onde nasceu a 6 de Dezembro de 1935, filho de professor primário e relojoeiro — que faleceu 6 meses antes do filho vir ao mundo. A genitôra só veio a falecer em 26 de Janeiro de 1979, irmã do prezado amigo José Gomes da Cunha Filho, bancário aposentado.

Pedroso foi menino das ruas do Crato, dos banhos do Rio Grangeiro, com os meninos da sua rua e das ruas próximas. Foi menino endiabrado. Conheci-o nessa fase, e depois no curso primário do Grupo Escolar do Crato e no curso ginásial do Colégio Diocesano.

Desde 55 mora em Salvador. Foi, a principio, para a casa de sua irmã Loreto, e desde 60 começou a pintar. Trabalhou em loja de moda masculina, queria estudar medicina, o chamado da Arte era uma estranha força que o levava às tintas e pinceis. Trabalhou em firma de eletrodomésticos, em firma de moveis. Mas era um visitador constante de galerias e já pintava seus quadros, quando foi empresado por José Marques de Castro, que começou a vender seus quadros, que rapidamente ganharam fama.

Hoje, vinte anos depois, vivendo profissionalmente como artista, PEDROSO é de um prestígio incomum tanto em Salvador como em outros meios artísticos do país.

Casado desde 68 — nesse tempo era bancário e já havia feito a sua primeira exposição, numa coletiva (1963), na inauguração do Museu de Arte Popular da Bahia. Sua esposa, Maria Lúcia Dimas de Oliveira, é sua maior incentivadora. Sergipana de Aracaju, é tapeceira, lida com artesanato e pinta porcelana. Fazem um conjunto perfeito. Juntos fundaram uma firma de materiais para decoração — DECOR, em 70, firma que era abandonada em 78, para que os dois se dedicassem inteiramente às artes, no atelier residência, na Ladeira Cruz da Redenção, 69, Brotas, Salvador.

A respeito de PEDROSO, o artista cratense que a Bahia encampou e hoje mostra ao mundo, poderíamos dizer, ainda, muita coisa.

Eis algumas das Exposições em que seus quadros foram admirados e adquiridos, com grande procura :

Civilização do Nordeste — coletiva — na inauguração do

Museu de Arte Popular da Bahia, no Solar do Unhão, em Salvador; — a primeira, 1963.

Galeria BAZARTE (63) — Coletiva de Artistas Baianos (65) em Los Angeles, Estados Unidos; 3 Gerações de Artistas Baianos (1965) Coletiva da Galeria Vermon (Rio —, 66) Coletiva da Cornell University Medical College, nos Estados Unidos — em 68. Coletiva da Feira Baiana de Arte Moderna (68) 2ª Bienal de Artes Plásticas, Bahia, 68; Coletiva da Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli, S. Paulo — 71; Coletiva, Primitivos Pintores da Bahia, em Washington, EE. UU. 73; Coletiva da inauguração do Museu da Cidade, Salvador — 75; Coletiva, 6 Pintores Baianos — BNB Clube, Fortaleza; Coletiva, 28º Salão de Abril, Fortaleza, Ambas em 78.

Isso afóra de outras dezenas de exposições, em diferentes locais.

PEDROSO possui quadros, adquiridos por compradores, no Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas, Pernambuco, Ceará e Brasília, França, Itália, EE. UU, Peru, Panamá, Venezuela, Formosa, Saigon, Holanda, etc. Possui quadros em diversos Museus Brasileiros e no Museu Ilha de França, em Nice, França.

Inumeráveis são as manifestações de críticos, escritores e apreciadores de arte, sobre sua pintura. Dele disse Jorge Amado:

“Nesses 20 anos de trabalho, de obstinado trabalho, a pintura de **Pedroso** guardando sua concepção mágica da vida, cresceu em qualidade, a cor ganhou um acento admirável, a composição fez-se exata dentro dos limites da ingenuidade característica desse pintor da graça de Deus e da alegria dos homens”. E disse mais o autor de “Gabriela”: “Os primitivos ou ingênuos, com a sabedoria da vida, talvez sejam os únicos pintores brasileiros que não são colonizadores copistas da escola de Paris. Por isso, com sua pureza, mestre **Pedroso** revela a realidade da vida verdadeira, mais além da violência e da solidão”.

É pena que o próprio Crato, terra natal de Pedroso, ainda não tenha tomado conhecimento dos seus trabalhos. Deveriam associar esforços a Sociedade de Cultura Artística, Prefeitura, Instituto do Cariri e outras entidades, para trazer uma coletiva dos seus trabalhos à terra natal, para que a vissemos, embevecidos, no nosso Museu Vicente Leite. O Crato ainda deve uma homenagem a filho tão ilustre.

(A Ferragista — Setembro de 1980)

Indústrias Colins

Sempre colaborando para o
desenvolvimento econômico da região,
parabenizam a intelectualidade
caririense pelo número 25
de ITAYTERA

Milagres

Brejo Santo

Missão Velha

A CASA DE SAÚDE NOSSA SRA. DE FÁTIMA,
agora em novas e modernas instalações com
capacidade para atender muito melhor ao grande
público da zona sul cearense, congratula-se com
o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI pela
publicação do 25º número da sua revista
ITAYTERA, vigorosa demonstração da capacidade
realizadora do povo caririense.

CASA DE SAÚDE NOSSA SRA. DE FÁTIMA

Direção do

DR. CLEIDSON DE ARAUJO RANGEL

BREJO SANTO – CEARÁ

Um Seminário para Estudo na Serra do Araripe

Transcrevemos a carta, certamente histórica, que o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, enviou ao Deputado Carlos Cruz, representante cariense na Assembleia Legislativa do Estado, defendendo a realização, em Crato, de um Seminário para a conclusão de estudos e viabilização econômica da Serra do Araripe. Rancho Cra-ju-bar, 04.10.80.

Caro amigo Carlos Cruz :

01. Os governos pernambucano e cearense compuzeram planos para aproveitamento racional de áreas ditas **nobres** : o denominado "PROJETO ASA BRANCA" e o chamado "PROVALE". Aquele visando utilizar os recursos hídricos do Agreste e do Sertão, a par da ampliação e melhoria da infraestrutura de apoio às atividades produtivas; este, o melhoramento do baixo e médio Jaguaribe com emprego de técnicas apropriadas á uma maior produção agropecuária.

02. Entre estes dois Estados, ha um **maciço** — que se alonga até o Piauí — por sobre o qual corre a linha demarcadora dos seus respectivos territorios ao se testarem. É a conhecida CHAPADA ou SERRA DO ARARIPE. A sua superfície é de 9.000 klms. quadrados e a sua parte maior pertence ao Ceará. A sua maior largura, cerca de 50 klms. e o seu comprimento 180. A altitude média, 920 metros. A maior altura, 950.

03. A CHAPADA tem sido eneltecida por escritores, poetas e cientistas. O primeiro trabalho publicado a seu respeito foi em 1841 (AGASSIS e GARDNER). Este e os que se lhe seguiram até os nossos dias (MARIANO DOMINGUES DA SILVA, o mais recente, em 1976) ressaltam a sua fertilidade, a sua fauna e sua flora. Nela se encontra a maior ocorrência de fosséis do mundo (sem nenhuma proteção governamental permanente para a sua preservação). Dela se disse: "surge como oásis em meio a uma região adusta e pedregosa, na qual tudo é desolação e sofrimento, onde animais e vegetais, e o proprio homem, sofrem as agruras de um clima inclemente, ao lado de rochas, algumas das quais antecedem as proprias origens da vida do universo". Tambem se afirma que nela tudo é fertilidade, tudo é exuberância". A natureza viva e natureza morta, festejam um banquete eterno (MARIANO DOMINGUES

DA SILVA, citado). Assim, a sua fertilidade, suas fontes, seus fosséis, sua fauna, sua flora, seus depositos de gipsita, calcários e argilas para produtos cerâmicos de alta qualidade, sua agricultura, suas pastagens, tudo, tudo, já conhecido, estudado, destacado.

04. Contudo, faltam ser enfocados metodos para o seu aproveitamento racional. Poder-se-ia dizer que ha necessidade de um PROJETO CHAPADA DO ARARIPE que orientasse os que nela mourejam e os que nela poderiam investir como contribuição valiosa para o desenvolvimento dos dois Estados — Ceará e Pernambuco.

05. Com o intuito de ordenar maneiras de utilização rentavel da CHAPADA, o ROTARY CLUB DO CRATO lançou uma idéia: a realização de um seminário — com a participação dos governos dos dois Estados mencionados, das suas universidades, das municipalidades cujos territorios chegam até o cimo da mesma.

06. Na CHAPADA DO ARARIPE, destacou ANTONIO BEZERRA, no ano de 1889, ano sêco, só a então vila do Araripe, só ela, produziu mais de 26 milhões de litros de farinha de mandioca (REV. do INST. do CEARÁ, tomo LXVIII, 1954). Assim, a cultura da mandioca, ali é antiga. Hoje, é bastante volumosa essa produção nos municipios de ARARIPINA (Pe.), BODOCO, IPUBI (Pe), CAMPOS SALES (Ce), ARARIPE, SANTANA DO CARIRI, NOVA OLINDA (Ce). Amendoim, abacaxi feijão e, agora, café e maracujá, são outras tantas culturas em desenvolvimento naquela CHAPADA. Mas são culturas feitas sem a devida orientação técnica, sem a devida assistência de órgãos governamentais visando a sua qualidade e aumento de produção com menor despesa.

07. E o aproveitamento da gipsita para fabricação de acido sulfurico e enxofre; as argilas para produtos cerâmicos? E a pecuária? E a produção de alcool extraido da mandioca? Tudo isto teria valor economico importante, se racionalmente explorados!

08. O maciço SERRA ou CHAPADA DO ARARIPE é composto de camadas estratificadas e a primeira delas — assim como as que lhe ficam abaixo — é porosa. Toda a agua que na epoca invernosa ali desaba, nela se infiltra e vai esbarrar na camada de calcareo que fica, segundo SMALL (Geologia e Suprimento D'AGUA SUBTERRANEA no Ceará e Piauí) a mais

ou menos 460 metros de profundidade onde se forma o manancial que supre as inúmeras fontes existentes no sopé do maciço, do lado cearense (170 fontes). Daí, não haver fontes, correços e, muito menos, rios sobre a SEARA DO ARARIPE. Os que vivem, ou simplesmente lá trabalham, se abastecem de água usando uma prática mui antiga: constroem **barreiros** e os **caminhos** ou **estradas** que os complementam.

09. Os **barreiros** são escavados com a forma **calota**, ou de **cone truncado**. sua profundidade é proporcional ao diametro de sua abertura. Para cada braço de diametro, um palmo de profundidade e esta não vai a mais de 30 palmos. A inclinação de suas paredes tem de ser suave, de modo que o gado possa neles entrar para beber. Mas as paredes e os **caminhos d'água** desses barreiros têm de ser impermeabilizados para evitar a infiltração d'água. Isto é conseguido com o emprego de um estratagema: no fundo da escavação colocam sal e o gado, dele carecido, nela entra. Com o continuado pisoteio se forma uma camada que não se deixa penetrar pela água.

10. Hoje, estão utilizando máquinas tanto para escavar, como para impermeabilizar os barreiros. O "PROJETO ASA BRANCA", em Pernambuco, está empregando blocos premoldados e rejuntamento de asfalto. No Ceará, no município de Santana do Cariri, no lugar ROGERIO, foi construído um barreiro, ultimamente, com ajuda de máquinas. Tem 40 braços de diametro e 30 palmos de profundidade. A sua impermeabilização foi feita com uma mistura de cimento e barro. Custou mais de UM MILHÃO de cruzeiros. É publico.

11. Os mais antigos barreiros, e os maiores, construídos com a ajuda de juntas de bois e um couro não curtido, assim como de "padiolas", ficam nos logradouros denominados: VENHA VER (1927), TAMUNDUÁ, PERUA, BELA VISTA e MUNDURÍ.

12. O custo de um barreiro, hoje, tendo 25 braços de diametro e 30 palmos de profundidade, escavado com a ajuda de trator, é de Cr\$ 20.00,00.

13. O **POÇO PROFUNDO** poderia ser uma outra solução para o problema do abastecimento de água na CHAPADA DO ARARIPE. Os dois primeiros ali perfurados o foram por solicitação do Pe. Cicero e trabalho do antigo IFOCS, no município de Araripe. Nunca foram usados. Hoje, estão abstruídos.

Depois de fundada a denominada FLORESA DO ARARIPE, foram perfurados mais 3, no município de Crato, na margem da rodovia Crato/Araripina. A sua profundidade vai a pouco mais de 120 metros. Nunca foram, também, utilizados. Em Araripina, ha um outro.

13-A. Duas outras maneiras de impermeabilização de barreiros, sugeridas e utilizadas pelo I. T. D. G. (Grupo de Desenvolvimento de Tecnologia de Nivel Médio – Intermediate Technology Development Group).

Um a cobertura de plastico de grande resistência, protegida por "salsichas" colocadas por sobre ela. Estas "salsichas" são tubos de plastico cheios de uma mistura molhada de cimento e areia, colocadas no lugar antes de endurecidas. Outro é cobrir a face do barreiro com células hexagonais, feitas com a mistura usada nas "salsichas" sendo que uma deve ser mais alta, que a outra, a mais alta devendo ter uma abertura no centro. O desnivel entre umas e outras deve ser enchido de areia. A coluna mais alta funciona como um poço. Com este sistema se evita a evaporação maior e a poluição pelos animais.

14. Pergunta-se entretanto: os custos da perfuração de poços, alí, do motor-bomba e energia eletrica, compensariam usar esses poços?

15. Vale, agora, reportar a idéia do engenheiro JESAMAR, que pertenceu, ou ainda pertence a equipe da COELCE, sobre o custo da energia eletrica oriunda de Paulo Afonso. O dr. JESAMAR alvitrou o aproveitamento dessa energia, entre as 23 horas até as 5 do dia seguinte, a um preço baixo, infimo, pelos agropecuaristas e pela agroindustria. É assunto para ser questionado na atual conjuntura e antes, ou durante o idealizado SEMINARIO DA SERRA DO ARARIPE.

16. Caro amigo CARLOS CRUZ: O objetivo desta conversa consigo é tentativa de lhe dar ensejo para uma fala sua na Assembléia Legislativa versando a respeito do que nela é focalizado.

Ficarei gratissimo a v. pela atenção que der a esta missiva. Também os caririenes (o Cariri é uma dádiva da Serra do Araripe, no dizer de Irineu Pinheiro).

Cordialmente,

Jefferson.

SÊDE FELIZ

É A SÊDE QUE SE MATA
COM OS FAMOSOS PRODUTOS

ANTARCTICA

REVENDEDORES EM CRATO:

Homem & Cabral

Telefone: 521.0509

Rua Nelson Alencar, 75

CRATO

-

CEARÁ

Depósito Nossa Senhora Aparecida

“O GIGANTE DO CRATO”

— DE —

Valdemir Correia de Souza

Uma galeria inteira de novidades, Móveis,
artigos para o Lar, Vidros, Cristais, Pratarias,
Geladeiras e outras utilidades

PREÇOS SEM COMPETIDOR!

TELEFONE: 521.1413

Rua Santos Dumont, 39

Rua Dr. João Pessoa, 246

C R A T O

—

C E A R Á

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Da Comissão Nacional de Folclore, Secção do Ceará

TRANSCULTURAÇÃO: CRATO X PIO IX

A comunidade de Pio IX sempre viu em Crato uma irmã mais velha, em que encontra apoio e desenvolvimento.

O povoamento de Pio IX foi feito mais com famílias cratenses. Uns poucos casais de paraibanos e outros oriundos do próprio Piauí. A confederação do Equador intensificou este povoamento. A heroína D. Bárbara de Alencar e suas irmãs, Inácia e Francisca, deixaram, na região sul-leste do Piauí, alguns descendentes. Da filha de Bárbara Alencar, Joaquina, descende o ramo Alencar Antão de Carvalho, estudado pela maior autoridade em família Alencar, que é o Dr. Antonio de Alencar Araripe.

João Gonçalves, também filho da heroína, deixou em Pio IX o ramo, Alencar Gonçalves que, pelo progresso social e econômico de seus descendentes, merece ser integrado na família Alencar do Brasil. Manoel Raimundo Arrais, descendente de família cariense, deixou em Pio IX numerosa família.

A família Bezerra do Piauí, que descende do paraibano Antonio Pereira Bezerra, cruzou-se com a família Avelino de Monsenhor Hipólito descendente de Ana Batista, natural do Crato.

Dividirei a história da ligação afetiva e cultural Crato X Pio IX em 3 períodos: Pré-Araripe, Araripe e Novas Gerações.

Pré-Araripe — O coronel Nelson da Franca Alencar do Lameiro casou-se com duas piononenses: em primeiras núpcias com Bárbara do Monte Furtado, neta de Manoel do Monte Furtado, um dos primeiros povoadores de Pio IX, originário do Ceará.

E Leonildes Alencar, filha de Antonio Carlos, o moço. Antonio Carlos, fazendeiro cratense, veio morar em Pio IX na companhia de seu pai Antonio Carlos, o velho, que comprou em Pio IX a fazenda Riacho-do-Meio.

Antonio Carlos — o moço, casou-se com a viúva de Carlos Gomes, Francisca Chavelina de Alencar, filha de Vitorino que era filho de Francisca de Alencar e casado com Maria do Monte

Furtado. Eu chamaria o ramo Francisca Chavelina, vulgo "Mãe Sinhara" de Alencar Monte.

Antonio Carlos, o moço, trouxe de Crato, em sua companhia Pedro Antunes, para vaqueiro de sua fazenda Saco da Roça. Doou um pedaço de terra a Pedro Antunes para ele tocar uma pequena lavoura de manutenção, com que manteria a família, demonstrando, assim, ter Antonio Carlos uma tendência inata para a justiça social.

Da guerra do Paraguai apareceu em Pio IX um alferes comandando uma volante para recrutar rapazes a serem enviados ao Paraguai. Foram presos dois filhos de Pedro Antunes e Antonio Carlos, como prestígio que tinha na capital do estado do Piauí, liberou todos os dois.

CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE PIO IX. IDA DO GRANDE MISSIONÁRIO PADRE JOSÉ ANTONIO DE MARIA IBIAPINA AO PIAUÍ

.. Minha madrinha de apresentar contou-me o seguinte episódio ocorrido na construção da igreja, que eu procurei musicar e intitulei "A lenda de milagre de Nossa Senhora". Publiquei esta lenda no meu livro "NO MUNDO DO FOLCLORE" página 17, que aqui será transcrita.

Milagre de Nossa Senhora

Coro

Foi milagre, milagre
Eu repito agora,
Milagre, milagre
De Nossa Senhora.

I

Padre mestre Ibiapina,
Percorria os sertões,
Construiu muitas igrejas,
Converteu as multidões,
Pedreiros e carpinteiros,
Tinha em sua companhia,
Eram sólidas e bem feitas,
As construções que fazia,

II

Foi no século XIX,
 Que deixou o Cariri,
 E no ano de setenta,
 Penetrou no Piauí.
 Na fazenda Carnaúbinha
 Uma igreja edificou
 Deu nome de Pio IX
 A cidade que fundou.

III

O oleiro Pedro Antunes,
 Construiu o seu roçado,
 Ainda faltava um lance,
 Pra completar o cercado,
 Quando o Padre Ibiapina,
 Lhe falou em certa hora:
 Eu desejo que me faça,
 Telhas pra Nossa Senhora.

IV

Padre mestre, meu legume
 Já começou a nascer. . .
 Se eu não construir a cerca,
 Sei que os bichos vão comer.
 — Não, porque Nossa Senhora
 Cuidará do seu roçado.
 O bom homem concordou
 Ficou tudo combinado.

V

Arbustos foram crescendo
 Com ramos entrelaçados,
 Formou-se uma grande cerca
 Do cipó emaranhados,
 Gado passava por fora,
 Podia se ver o rastro
 Foi imensa a fartura,
 De legumes e de pasto.

VI

Quem me contou esta estória,
Na infância em certo dia,
A filha de Pedro Antunes,
Minha madrinha Maria,
Vulgo Maria Bertoldo,
De lá de casa a Lalá,
Pessoa de grande fé,
Muito estimada por lá.

ASPIRAÇÕES DOS POVOADORES

Darei a palavra ao poeta popular piononense Justino José Fernandes, que com o conhecimento de quem fez parte daquela comunidade, traduziu com rara felicidade na sua décima — “pode ser cidadão”, que segue.

Assim pode ser cidadão
Gemer vaca no curral,
Berrar bode no chiqueiro,
Cantar galo no puleiro,
Roncar porco no lamal,
Rinchar no campo animal,
Zurrar jumento em prisão,
Ter na caixa patacão,
Bonita e fiel esposa,
Tendo todas estas coisas
Se pode ser cidadão.

Da avareza e da cobiça
Deve andar sempre afastado,
No dia santo ir à missa,
Sendo empregado em justiça,
Traga a balança na mão,
Medindo a lei e a razão.
Não se importando com o cobre,
Se pode ser cidadão.

Um bom rebanho de ovelhas,
Piru, guiné e galinha,
Boa e ornada camarinha,
Bonita casa de teia,
Café, carne e requeijão,
Um humano coração
E depois pra seu regalo,
Montar um bom cavalo,
Se pode ser cidadão.

O cratense Luís Carlos Saldanha Arrais e seu sobrinho José Inácio Arrais foram residir em Pio IX e se tornaram altos comerciantes. Em 1914, com a revolução de Juazeiro, muitas famílias de Crato se refugiaram em Pio IX, dentre elas a do marceneiro Jorge Saldanha que ensinou a sua arte a dois jovens da família Alencar de Pio IX, Odon e Osias. Os três transformaram o mobiliário local, camas, cadeiras, até na igreja o pulpito e os gradis tomaram feição mais moderna.

O casamento de Ana Matutina de Carvalho Alencar, com Jósio da Franca Alencar de Crato, veio trazer para a região leste do Piauí muitas transformações.

Os filhos do casal: Ana da Franca Alencar — “Donita”, Leonildes Alencar e Luzanira Alencar. Donita, casou-se com o advogado Dr. Antonio de Alencar Araripe.

Este casal representou mais tarde um papel de suma importância na história de Pio IX. Dr. Araripe comprou a fazenda Condado, que pertencera ao avô paterno de Donita, Coronel Nelson da Franca Alencar.

Pretendo dar meu depoimento sobre a ação do Dr. Araripe, na região leste do Piauí em trabalho mais alentado. Contarei apenas o seguinte fato: Visitei Pio IX em plena seca de 1940. E assisti o seguinte quadro: Do lado Piauí, o povo estava bebendo água dos açudes Cajazeiras de Pio IX e Barreiras de Fronteiras, açudes arranjados pela ação política do Dr. Antonio Araripe. É do lado do Ceará, o açude Espinheiras abastecia a cidade de Campos Sales. E o Várzea do Boi, a cidade Tauá. Também estes reservatórios d'água foram construídos com verbas obtidas por Dr. Alencar Araripe, quando era deputado federal pelo Ceará.

Dr. Araripe conscientizou a nossa comunidade para cuidar melhor da instrução de seus filhos e obter do governo o que tem direito para se desenvolver.

Os filhos do casal Antonio Araripe: Rivanda, Dr. Jósio Alencar Araripe advogado, jornalista e comerciante em Crato. Casou-se com a prezada professora Eneida Figueiredo, filha do saudoso escritor José Figueiredo Filho, Jales Alencar Araripe, advogado em Recife, Eda Alencar Araripe Carvalho, casada com o desembargador do Tribunal de Justiça de Pernambuco, Aderson Carvalho e Moema, acadêmica, de direito da Universidade Federal do Ceará.

Os primeiros estudantes de Pio IX tiveram atuação di-

nâmica em Crato. Júlio Antão e João Suassuna cooperaram com a disciplina e trabalharam, na secretaria do Ginásio do Crato.

Dr. Juarez Antão de Alencar fez o curso ginasial em Crato e formou-se em ciências contábeis em Recife. É valioso secretário da firma Carvalho Dutra e hoje representa uma das colunas de apoio da família Alencar de Pio IX.

Os fazendeiros de Crato que tiveram ou tem fazendas em Pio IX sempre foram muito úteis á nossa comunidade. O coronel, Nelson, José Horácio, Dr. Araripe e Ossian, sempre serviram de estímulo para os fazendeiros locais no sentido de melhorarem suas técnicas agrícolas e pecuárias. Infelizmente com a morte de José Horácio Pequeno a fazenda Sítio Novos foi vendida a estranhos.

O deputado Ossian Araripe conseguiu a construção da estrada Crato-Campos Sales, que facilitou consideravelmente as relações comerciais Crato-Pio IX.

Dr. Ossian Araripe é casado com a professora Maria do Céu Vilar Araripe, filha do segundo casamento de Ana Matutina de Alencar com José Vilar.

José Vilar foi um grande amigo da família Alencar de Pio IX, cidadão prestimoso de que todos nós temos saudades, são também, filhos de Sinhazinha e José Vilar: Os Drs. José Alencar e Inácio Alencar.

Em 1936, Eloi Pereira Bezerra, comerciante de Pio IX, construiu em Crato, o Crato-Hotel. Vale salientar que naquele tempo não havia incentivo financeiro para fins turísticos.

Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra, Madre Paula, educadora que já muito serviu às duas comunidades Crato e Pio IX, como estudante, professora e freira. Por onde passa é um agente de conciliação, desenvolvimento, evangelização, e amor.

Falarei agora dos principais homenageados deste trabalho: Thomaz Osterne de Alencar e Francisco Alencar. Conheci Tomaz Osterne, menino, pois os avós paternos dele são meus avós maternos. Eu, filho de Almerinda, que casou-se com o major Vitalino Pereira de Maria Bezerra. Ele filho de Osterne Ernesto de Alencar. Pedro Carlos de Alencar nosso avô casou-se na família Barbosa, com Ananias.

Dr. Antonio Araripe, em trabalho que publicou sobre os Alencar Antão de Carvalho, afirma que esse ramo Barbosa descende de Valério Coelho, um dos primeiros povoadores do

Piauí. Esta afirmativa tem muita lógica, porque no mesmo artigo diz o ilustre mestre, que a mulher de Valério Coelho chamava-se Domiciana, e havia, no Piauí, o hábito de por o nome dos avós.

Na família Alencar Barbosa de Pio IX é muito usado o nome Domiciana, de apelido Tinhá. Pedro Carlos, nosso avô é filho de Antonio Carlos e Mãe Sinhara da Roça. Tio Osterne casou-se com a prima-irmã, Anizia, filha do capitão Tomaz e "Tinhá". O capitão Tomaz era filho de Mãe Sinhara do primeiro casamento, e tia Tinhá, irmã de madrinha Ananias.

Tomaz Osterne foi sempre exemplar, seja como estudante do ginásio do Crato, funcionário da prefeitura desta cidade, ou escrevente do cartório Vicente Militão. Fundou mais tarde a casa de eletrodoméstico "Tomaz Osterne de Alencar".

Casou-se com a professora Dasy Linhares Militão, jovem inteligente e boa que representou para Tomaz uma poderosa alavanca em sua vida. Ferida pelo golpe atroz da prematura morte de Tomaz, manteve-se firme na direção da empresa como se nada houvesse acontecido.

Tomaz tinha o espírito de serviço extraordinário. Preparou-se economicamente para prover as necessidades da família e sempre encontrava tempo para trabalhar pelo Crato que foi a sua Pátria adotiva e estava sempre disponível para servir a humanidade.

Os filhos do casal são: Elisa, professora de inglês em Brasília, Pedro Ernesto com tendência para artes, pintura e desenho, Vicente estudante de engenharia, Dezinha universitária, Cecília que trabalha com a mãe no comércio, Bárbara, acadêmica de Odontologia.

Tomaz Osterne trouxe do Piauí o seu cunhado Manoel Antão de Alencar, que hoje é sócio da firma Tomaz Osterne. Manoel Antão é casado com a irmã de Tomaz, Domir Alencar. O casal, na posição que ocupa no comércio de Crato, presta relevante serviços à família em Pio IX. Tiveram apenas duas filhas Anizia, grande educadora piononense, casada com o prof. Francisco Alves, ilustre educador que é a viga mestra do Educandário Francisco Suassuna de Pio IX e Socorro, estudante de engenharia.

Enfim, pode se dizer, que o mundo foi feliz porque nele viveu Tomaz Osterne. A sua morte prematura, na plenitude de sua carreira, abalou profundamente todos os que o queriam bem.

Francisco Alencar, tetraneto da heroína Bárbara de Alencar, filho de Tomaz Antão de Carvalho e Filomena Alencar, filha de Leopoldina Alencar e José de Barros.

Leopoldina era filha de Carlos Gomes de Alencar, irmão do capitão Tomaz da Pedra Branca, e Filomena Alencar, irmã de Domiciana Alencar, esposa do capitão Tomaz.

José de Barros era filho de Contestável Correia Lima, oriundo de Várzea Alegre, no Ceará, e de Raimunda, Vulgo, Doca, filha de mãe Sinhara do Saco da Roça.

Francisco Alencar foi um pioneiro, Autodidata, começou sua vida pública trabalhando com José Horácio em Crato. Depois fundou um armazém por conta própria em Crato. Suas atividades comerciais e industriais se multiplicaram, armazém em Araripina em Pernambuco, usinas de beneficiar algodão em Campos Sales Ceará e Pio IX - Piauí.

Tinha grande amor às duas cidades. Pio IX, terra de seu berço e Crato pátria de adoção; inteligente empreendedor, por onde passava criava riquezas e levava a sua mensagem de otimismo risonho. Quando a morte o surpreendeu precocemente, ainda o encontrou cheio de idéia para continuar a luta pela vida.

Promoveu muita gente, foi uma existência sumamente válida. Casou-se com a prima Mária, filha do saudoso José Antão de Alencar, grande líder da família Antão. É um dos construtores da ponte sentimental! Pio IX x Crato. Levava boiadas para a metrópole cariense e de lá trazia encomendas para todo o mundo em Pio IX, sem aumentar um centavo no custo da mercadoria.

Como prefeito de Pio IX fez uma administração honesta e poderosa. Sua mulher Maria Matutina de Alencar sintetizava o perfil da mulher forte do clã-alencarino.

Mária saiu à mãe. Enquanto Chico Alencar emprendia constantes viagens ela cuidava da educação dos filhos.

Dos filhos do casal citarei os seguintes:

César comerciante em Crato, Franciria professora de grandes méritos em Crato, Flávio Henrique, médico competente dirige um hospital em Padre Marcos no Piauí. E outros que ainda são estudantes.

Está comprida a principal finalidade deste trabalho que foi homenagear Tomaz Osterne de Alencar e Chico Alencar.

Duas vidas bem vividas.

I N O P E L

Indústria Percinio Ltda.

V E L A S

INOPEL

DESINFETANTE

SANOL

EUCALIPTO

ÁGUA SANITÁRIA

ALVA-LUX

SODA CAUSTICA EM ESCAMA

FURACÃO

END. TELEGRÁFICO: **INOPEL** — CAIXA POSTAL, 24

T E L E F O N E : 521-1953

RUA PADRE JUVENAL COLARES MAIA, S/N

DISTRITO INDUSTRIAL DO MURITI — CRATO-CE.

Café

Itaytera

Deliciosamente puro e aromático

É qualidade!

É pureza!

Cada gole melhor do que o outro

CAFÉ ITAYTERA

A CERTEZA DE UM BOM CAFÉ!

CRATO

—

CEARÁ

A Serra do Araripe,
olhando daqui,
de onde me encontro,
distante,
bem que lembra o mar,
mirado das dunas,
nas praias do Ceará.
A Serra do Araripe,
este colossal maciço,
lá,
muito antes,
enverdecendo-a tinha
grossas,
grandes,
magentosas arvores bem frondosas,
de essências nobres,
emaranhadas de cipós.
Fartava a vista,
vê-la assim.
A Serra do Araripe,
foi,
e é celebrada.
Tem sido inspiração de poetas,
provocadora de crônicas,
entrecho de livros.
No passado seculo,
e,
neste,
sua fauna,
sua flora,
sua riqueza mineral,
também foram,
e
são,
objeto de estudos,
por expertos,
cientistas,
patricios nossos,
e alienistas celebrados.
Sabe-se,
até,
que no seu bojo,
há,
um mar dagua,
pura,
cristalina,
com que presenteia,
há anos,
seculos,
o verde vale do Cariri,
vale
que dádiva sua dizem ser.
Olhando-se-lhes as faldas,
as encostas,
declives,
antigamente notava-se a diferença,
o contraste,
entre eles
e os flancos de outras serras do nordeste.
Mas,

— bom dia são pedro.
— bom dia, meu rapaz.
— tá muito cheio ?
— bem, um a menos... um a mais...
— como vai a nossa terra ?
— vai bem, são pedro. vai bem.
— não endendo !
— nem eu tambem.
— e a guerra, meu rapaz ?
— continua.
— para que ?
— para que haja paz !
— chove bem lá na terra ?
— ano sim... ano não.
— ainda bem
— mas é chuva mandada por avião.
— a juventude, meu filho ? como está ?
— na dela.
— faz-se alguma coisa pra ajudá-la ?
— não, elas por elas.
— ha temor a deus ?
— bem... assim, assim.
— assim como ?
— tiro por mim.
— volte, meu rapaz, pode voltar.
você é imaturo. ainda está cêdo.
— é uma pena. já estava gostando.
— té mais, são pedro.

hoje,
nos nossos dias,
á noitinha,
visinho à quadra das chuvas,
para o lado da Serra fitando,
constristado se fica,
vendo a mata queimando,
as chamas içando-se rumo ao céu.
Depois,
na encosta,
seguinte a queima,
as árvores ficam tostadas,
a tedra secada,
empobrecida.
É ação de povo mal informado,
que vive, apenas, o hoje;
é carência de medidas adequadas de
[proteção;
é mingua d'atenção de quem governa.
A Serra do Araripe,
fascinante,
fecunda,
bela,
hoje,
não é mais verde-montanha.
As suas fontes,
agora,
estão mirrando,
secando,
em processo de extinção.

Procurando Estrelas

Menino,
olhava o céu
procurando as estrelas faladas
nas histórias
por minha mãe-preta contadas.
Historias de fadas,
histórias de príncipes encantados
de bichos que falavam.
Sondava o céu
cantando :
as 3 Marias,
o Cruzeiro,
os " sete-estrela ",
a estrela-cadente
que os nossos pedidos escuta,
que aos nossos desejos atende.
Rapaz,
nas noites sem lua,
fitar o céu gostava,
para à estrela-cadente novamente ver passar,
e pedir,
felicidades rogar.
Hoje,
muito anos vividos,
muitos sofridos,
venturosos muitos outros,
continúe olhando o céu.
Olho o céu,
nas madrugadas,
e ao descambar do sol,
do céu indagando
pelas nuvens que contém promessas, de
[chuvas,
de rios correndo,
açudes enchendo,
e
a casa do homem do campo fartando.
Hoje,
ainca olho o céu,
nas noites sem luar,
as estrelas faladas buscando
para lembrar
a minha mãe-preta,
Tontonha,
que me contando historias,
me ensinou a sonhar.

J. A.

Novo Apelo

O rio Jaguaribe foi pingado,
faz anos.
Orós foi concluído
e o jornalista-poeta, atendido.
Agora,
quando as chuvas cáem,
as aguas se juntando,
se somam,
correm,
descendo pro leito do grande rio séco.
Em seguida,
rolando,
seguinto,
vão no açude esbarrar,
demorar,
volumar.
Depois,
se descem,
correm,
cabritam,
se lançam no mar,
as terras,
de lado,
por elas não são adentradas,
devidamente servidas.
Poristo,
um outro grande apelo,
governantes,
tão dramático quanto o outro,
neste instante,
Ihes é feito :
noutros locais pincem o Jaguaribe,
porque,
destas pingadas ele necessita.
Serão barragens para apoiar,
favorecer,
acudir,
O amanho das ferteis terras que paglam
flanqueiam,
o celebrado " velho rio ",
e,
tambem,
poupar as aguas,
tão escassas,
do Ceará.

J. A. — Nov. 80

PREFEITURA DO CRATO: INESTIMÁVEL COLABORAÇÃO

Constitui dever da Diretoria do ICC proclamar a inestimável cooperação que temos recebido da Prefeitura Municipal do Crato, através do Prefeito — Capitão Ariovaldo Carvalho, e de sua Secretária de Finanças, Dra. Lúcia Primo de Carvalho.

Nunca nenhuma pretensão nossa foi negada, até agora, na atual administração do Crato, cuja clarividência e dinamismo são proclamados por todos. Fica este registro como testemunho público do nosso reconhecimento.

Conversa

Amigo meu, venha cá.
Consgo falar preciso.
Não serei falastrão,
serei conciso.
Contar lhe quero,
e a outros também,
sobre o que ocorreu,
ontem,
com minha netinha,
crescidinha,
buliçosinha,
que fala,
gargalha,
corre,
pula,
dança,
canta.
Não é que ela,
ontem,
esteve só,
por muito tempo,
parada,
sem correr,
sem falar,
sem sorrir,
sem pular,
cantar ?
E,
quando a criança fica só,
não tagarela,
não corre,
não dança,
não grita,
não canta,
é caso raro.
Precisa ser notado,
anotado,
contado.

J. A. — Fort. 24 - 11 - 80

Porque não migrar? . . .

Ha seis, oito, dez meses pro céu olhando,
O azul esquadrinhando,
sinais de chuvas buscando...
Ha seis, oito, dez meses :
terra ressequida,
chão escaveirado.
N'alma do povo,
chamas apagadas,
esperanças perdidas,
ilusões sumidas :
estopim de revolta.
Por que não migrar,
para outras terras zarpas,
outra vida buscar ?
Buscar um céu com nuvens,
nuvens de aguas empenhadas,
aguas essas que cáiam,
corram,
façam a sede matar,
a terra produzir,
a vida motivar

J. A.

Aquele Homem da Esquina

V. se lembra do homem da esquina ?
Em qualquer bairro,
de qualquer cidade,
havia um.
Mas, nem todos como este que recordo.
O homem da esquina era relaco.
Apezar de bodegueiro,
calado,
sisudo,
pecato,
Gostava de nele reparar
Quando,
na calçada,
na esquina mesmo,
ele ficava parado,
inexpressivo,
cismado,
olhando sem ver o que ao derredor havia
[para ver.
Gostava de o ver assim
porque
me fazia pensar também.
Pensar no que ele poderia estar pensando.
Estaria cobiçando,
sofrendo,
amando,
conjeturando o que ?
Aquele homem da esquina...
Aquele homem da esquina,
contudo,
foi a pessoa humana que me despertou
para ver,
indagar, perscrutar.

Meninos de Fortaleza

Raymundo Farias de Oliveira

Nas dunas brancas que o vento
construiu na calma do tempo,
esquiam os meninos descalços,
amorenados pelo sol dos trópicos,
num ballado cheio de graça
quais dançarinos alados
cmbalzados na pureza e na ternura
da música que a brisa trouxe do mar...
De repente esses meninos bronzeados
despenam-se das insignias de dançarinos
[terrestres
e resolvem não mais salticar com seus
[corpos a brancura das dunas...
fatos da tepidez da alfombra de areia
[cristalina,
transformando-se em intrépidos marujos
e num instante invadem as ondas buliçosas
munidos de uma tábua qualquer
e emergem como surfistas triunfantes
dos "verdes mares bravios"
que vivem a roçar os lábios
das praias ensolaradas de Fortaleza...
... dançam, agora, no festim das águas,
ertos sobre as tábuas anônimas,
os corpos molhados, beijados de sol,
a dança dos meninos de Fortaleza!...

Francisco Helio de Sousa

Técnico em Contabilidade

CRC - CE - 1645

CPF 001.617.723-15

CX. POSTAL 89

ESCRITÓRIO

Rua Dr. João Pessoa, 274 — altos

FONE : 521 - 2750

RESIDÊNCIA

Rua Cícero Araripe, 85

FONE : 521 - 1923

C R A T O

—

C E A R Á

Leis Históricas do Município do Crato

HISTÓRIA DA MEDALHA BÁRBARA DE ALENCAR

A maior comenda que o Município do Crato confere é a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar. É bom que se conheça a sua história, bem como os decretos que concederam as quatro primeiras Medalhas.

No futuro, tudo aqui registrado, ficará mais fácil a pesquisa sobre suas origens seus objetivos.

É uma das virtudes de nossa publicação, que busca, sempre, documentar nossas cousas para a posteridade.

LEI Nº 1.031 de 29 de agosto de 1977

EMENTA: CRIA A MEDALHA DO MÉRITO "BÁRBARA DE ALENCAR" E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO

FAÇO SABER QUE A CAMARA MUNICIPAL DO CRATO DECRETA E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

ART. 1º — Fica criada a "Medalha do Mérito Bárbara de Alencar", insignia com que deverão ser agraciados vultos ilustres do Crato ou personalidades outras, desde que tenham uma folha de serviços reconhecidamente relevantes prestados ao progresso e desenvolvimento do município ou, que em qualquer ramo de atividade humana, aqui ou lá fora, venham a engrandecer o seu nome e façam assim jús a uma homenagem por parte da edilidade.

ART. 2º — A concessão desta COMENDA ficará a cargo do Chefe do Executivo que, dentro de 30 (trinta) dias baixará Decreto regulamentando o assunto.

ART. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, EM 29 de agosto de 1977.

Ariovaldo Carvalho

Prefeito Municipal do Crato

MEDALHA BÁRBARA DE ALENCAR

Objetivo

A MEDALHA DO MÉRITO MUNICIPAL BÁRBARA DE ALENCAR foi criada pela Lei Nº 1031/77, posteriormente regulamentada por Decreto do Prefeito Municipal do Crato.

Objetiva homenagear aquelas pessoas que, pelo seu esforço, dedicação, predicados morais, espírito público e serviços prestados ao Crato — façam jús a essa homenagem.

A Medalha, com seu respectivo diploma, se constituem as maiores homenagens que o Município pode prestar aos que lhe são caros e tudo envidaram, dos seus esforços, para fazerem jús a essa honraria.

Escolheu-se, propositadamente, o nome de BÁRBARA DE ALENCAR para sua Patrona.

Foi ela o exemplo de mulher forte e impávida, símbolo do nosso povo e da nossa raça, que sacrificou seus bens e sua família, pelos ideais de liberdade e pelos direitos da brava gente cratense.

Tendo sido a primeira mulher republicana do Brasil, é figura maior de nossa história, inserida nos mais gloriosos fastos da formação democrática de nossa comunidade.

A Medalha tem, na sua confecção singela, os quatro "C", que simbolizaram o ferro com que nossos ancestrais marcavam o gado, traduzidos em CIDADE DO CRATO CABEÇA DE COMARCA, tendo ao centro a tocha da liberdade, que tão bem simbolizou o espírito da Heroína e seus mais caros ideais.

Ela simboliza o coração, a alma e o espírito do povo do Crato, nos seus mais legítimos anseios de progresso e liberdade, bem como as suas lutas imortais pela grandeza do espírito e pelas legítimas aspirações da boa gente cearense.

BIOGRAFIA DE BÁRBARA DE ALENCAR

Bárbara Pereira de Alencar nasceu na Fazenda Caiçara, Cabrobó, Pernambuco, a 11 de fevereiro de 1756. A Fazenda Caiçara foi posteriormente a célula do atual município de Exú. Todavia, o registro de batizado de Bárbara, embora nascida na casa forte de "Caiçara" apresenta-a como natural da Freguesia de Cabrobó. Isto justifica-se porque somente a 22 de fevereiro de 1765, o seu patrimônio foi desanexado da citada freguesia.

Foram pais de Bárbara de Alencar — Joaquim Pereira de Alencar e Teodora Rodrigues da Conceição.

Bárbara era bisneta do casal português — Martiniano do Rêgo-Doroteia de Alencar, e do casal baiano da cidade de Salvador — Antonio de Sousa Gularte — Mária da Encarnação de Jesus.

Seus avós paternos foram o Ten. Cel. Leonel de Alencar Rêgo, filho do citado casal português, e Mária da Assunção de Jesus, filha do casal baiano.

Os pais de Teodora Rodrigues da Conceição, mãe de Bárbara, são desconhecidos.

O bisavô de Bárbara, Antonio de Sousa Gularte, foi quem batizou de Salamanca ao Sítio nas proximidades de Barbalha. Resultou daí a origem do nome daquele rio.

A naturalidade de Bárbara de Alencar foi alvo de erro histórico durante mais de um século, quando se acreditou que ela nascera no Crato. Foi a paciência beneditina do Pe. Antonio Gomes de Araújo que restaurou a verdade quando publicou em 1951 o livro sobre a heroína com toda a documentação irrefutável e definitiva.

Leonel, avô de Bárbara, fundou a Fazenda "Caiçara", célula de Exú. Ali nasceram e cresceram todos os seus filhos, inclusive Joaquim pai de Bárbara, que lá continuou com a herança da Fazenda. Lá nasceu e criou-se Bárbara, só saindo em 1782, ano do seu casamento com José Gonçalves dos Santos. Admite-se que este tenha sido o ano do seu casamento, pois seu primeiro filho — João Gonçalves Pereira de Alencar nasceu em 1783. O pai de Bárbara só deixou a Fazenda "Caiçara" para morrer,

velho, viúvo e doente, na casa da filha. no Sítio Pau Sêco, município do Crato.

Foi Bárbara de Alencar considerada a primeira mulher republicana do Brasil. Heroína de coragem cívica inigualável, incorporou-se definitivamente à História do Crato e do Ceará. Com grande bravura rompeu ela a tradição legalista, tornando-se emancipadora e defendendo o ideal republicano, quando a própria capital da Província era realista.

Adquiriu portanto, muitos inimigos que a caluniaram torpemente, tanto que, por muitos anos a sua personalidade esteve desfigurada no conceito geral.

Foi reabilitada pelos estudos históricos do Pe. Antonio Gomes de Araújo.

Mãe de figuras notáveis na nossa vida política e intelectual, Bárbara de Alencar acompanhou os filhos nos movimentos históricos de emancipação, sendo presa com eles, acompanhando-os nos cárceres do Crato, Fortaleza e Salvador.

Teve papel saliente na Revolução de 1817, iniciada em Pernambuco, mas que eclodiu no Crato pela proclamação do seu filho (de Bárbara) o diácono José Martiniano de Alencar, aos 3 de maio daquele ano.

Bárbara foi presa com os filhos (José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, que depois, por sentimentos nativistas mudou o nome para Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, e Pe. Carlos Pereira de Alencar, e seu irmão Leonel Pereira de Alencar, e vários outros parentes e amigos. Foram conduzidos para a Capital do Estado, sendo vítimas, a cada passo, no percurso, de sevícias, maus tratos, motejos dos condutores e da população miserável que se agrupava nas estradas para insultar a desgraça.

E este na cadeia da Bahia, até a ordem do Rei, de 2 de outubro de 1820. Como se vê, Bárbara sempre esteve ao lado dos filhos, pregou e fez a Revolução, fez viagens, acendeu o espírito patriótico do povo. Além do mais era perfeita mãe de família, e administrava propriedades no Pernambuco, Piauí e Ceará.

Foi numa delas que faleceu em 28.8.1832, na Fazenda Alecrim, Município de Fronteiras, Estado do Piauí. Foi sepultada em Poço de Pedras, hoje Itaguá, Município de Campos Sales, na Capelinha do lugar.

Ainda hoje a Fazenda Alecrim é dos herdeiros da heroína. Seus filhos não nasceram no âmago da cidade do Crato, mas Bárbara de Alencar, incorporada para sempre ao Panteon da História, e os seus filhos figuraram para sempre nas lutas históricas da brava gente cratense.

Decreto Nº 15/77, de 19 de Outubro de 1977

EMENTA: Regulamenta a Concessão da "Medalha do Mérito Bárbara de Alencar", criada pela Lei nº 1031, de 29 de Agosto de 1977.

ARTIGO 1º: É aprovado o regulamento relativo à concessão da Medalha do Mérito Bárbara de Alencar, criada pela Lei nº 1031, de 29 de Agosto de 1977.

ARTIGO 2º: Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, em 29 de outubro de 1977

Arivaldo Carvalho Prefeito Municipal do Crato

c o d e m a

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

- T Á B U A S
- C O M P E N S A D O S
- F Ó R M I C A
- C I M E N T O
- F Ó R R O
- F E R R O
- A R A M E F A R P A D O

M A T R I Z:

Rua Bárbara de Alencar, 661 / 683

Cx. Postal, 84

Telefones: 521 - 2544

521 - 2645

521 - 0200

C R A T O — C E A R Á

F I L I A I S:

Rua São Pedro, 869 — Fone: 511 - 1311

Juazeiro do Norte - Ceará

Praça Francisco Sá, 207 — Fone: 711 - 1140

Iguatu - Ceará

REGULAMENTO DA MEDALHA BÁRBARA DE ALENCAR

Art. 1º: A MEDALHA DO MÉRITO BARBARA DE ALENCAR destina-se a salientar o mérito cívico do filho do Crato, ou não, que, no nosso Município, no Estado ou na Nação, se distinga pela notoriedade do seu saber, relevantes serviços à coletividade e exemplo de dedicação ao serviço público e será conferida a:

A) Aos que tenham, de maneira excepcional, contribuído para o progresso, prestígio e divulgação das ciências, letras e artes.

B) Aos membros da Magistratura ou do Magistério, ou dos quadros dos servidores públicos, que havendo servido nos seus postos por mais de 30 anos, se tenham destacado por sua capacidade e dedicação.

C) Aos cearenses, em geral, e aos brasileiros, que tenham contribuído de maneira excepcional para o desenvolvimento econômico, industrial ou cultural do Crato.

D) Aos que tenham, por qualquer forma, além dos indicados, prestado serviço de notória relevância ao nosso município.

E) A instituições civis ou de natureza científica, literária ou artística, que tenham mais de 50 (Cinquenta) anos de existência, hajam sido consideradas de Utilidade Pública e venham prestando, na sua área de atuação, relevantes serviços ao Município.

F) Aos Chefes de Estado, Ministros, Diplomatas, Governadores, membros do Congresso Nacional e das Forças Armadas, Clero e Governo, que, de uma forma ou de outra, tenham contribuído, direta ou indiretamente, para o benefício da região.

§ Único: A MEDALHA DO MÉRITO BARBARA DE ALENCAR poderá ser excepcionalmente concedida "post mortem", desde que o agraciado tenha preenchido as condições estabelecidas para a sua concessão.

Art. 2º: A MEDALHA DO MÉRITO BARBARA DE ALENCAR será conferida mediante Decreto do Chefe do Poder Executivo Municipal, após processo regular em que fiquem devidamente comprovados os méritos do agraciado.

§ 1º: A apuração desses métodos será feita por uma Comissão Permanente, composta de 5 (cinco) membros designados pelo Prefeito Municipal, mediante indicação do Secretário de Administração do Município, que se valerá dos nomes indicados pelo Instituto Cultural do Cariri, Sociedade de Cultura Artística do Crato, Faculdade de Filosofia do Crato, Faculdade de Direito do Crato e Instituto de Ensino Superior do Cariri.

§ 2º: O mandato dessa Comissão Permanente será de 4 anos, no mesmo período do quadriênio administrativo Municipal.

§ 3º: Na hipótese de ocorrer vacância nessa Comissão, o substituto será indicado pela mesma entidade a que pertencia o anterior.

Art. 3º: A Concessão da MEDALHA DO MÉRITO BARBARA DE ALENCAR não poderá ser feita mais de 3 (três) vezes em cada ano.

Art. 4º: Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela Comissão Permanente, com recurso para o Prefeito.

Art. 5º: O presente Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, em 19 de Outubro de 1977

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

DECRETO Nº 007/79
De 23 de Abril de 1979

Concede a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar ao Cel. Virgílio Távora, Governador do Estado do Ceará e adota outras providências.

ARIOVALDO CARVALHO, Prefeito Municipal do Crato, no uso de suas atribuições.

CONSIDERANDO: o que lhe faculta a Lei Municipal nº 1031/77 e decreto que a regulamentou;

CONSIDERANDO: os grandes benefícios já prestados ao Município do Crato, pelo Cel. Virgílio Távora, em diferentes cargos que exerceu e em oportunidades várias;

CONSIDERANDO: estar dentro do espírito da Lei e de suas superiores finalidades a presente iniciativa;

CONSIDERANDO: estar toda a comunidade do Crato inteiramente de acordo com a presente proposição,

R E S O L V E :

ARTIGO 1º: Fica concedida a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar, com respectivo Diploma, ao Cel. VIRGILIO TÁVORA, Governador do Estado do Ceará;

ARTIGO 2º: A outorga dessa comenda far-se-á durante a solenidade de inauguração do Edifício Próprio da Prefeitura Municipal do Crato;

ARTIGO 3º: Revogam-se as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, 23 de Abril de 1979

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

DECRETO Nº 08/79
De 23 de Abril de 1979

CONCEDE A MEDALHA DO MÉRITO BÁRBARA DE ALENCAR AO CEL. JOSÉ ADAUTO BEZERRA DE MENEZES E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS

ARIOVALDO CARVALHO, Prefeito Municipal do Crato, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que lhe faculta a Lei Municipal nº 1031/77 e o decreto que a regulamentou,

CONSIDERANDO os inestimáveis e valiosos serviços prestados ao Município do Crato pelo CEL. JOSÉ ADAUTO BEZERRA DE MENEZES, em diferentes oportunidades e ao longo de toda a sua carreira pública;

CONSIDERANDO enquadrar-se a presente iniciativa dentro do espírito da Lei nº 1031/77, atendendo, com justiça, seus superiores objetivos;

CONSIDERANDO ser velha pretensão do povo do Crato, junto à sua Administração, prestar-se ao ilustre militar a homenagem condigna à sua grandeza moral e cívica, num tributo de reconhecimento ao que ele tem feito pelo Município,

R E S O L V E :

ARTIGO 1º: FICA CONCEDIDA A MEDALHA DO MÉRITO BÁRBARA DE ALENCAR AO CEL. JOSÉ ADAUTO BEZERRA DE MENEZES.

ARTIGO 2º: A OUTORGA DESSA COMENDA E SEU DIPLOMA RESPECTIVO FAR-SE-A EM SOLENIDADE PÚBLICA QUANDO DA INAUGURAÇÃO DA NOVA SÉDE DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO.

ARTIGO 3º: REVOGAM-SE AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, 23 DE ABRIL DE 1979.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

DECRETO Nº 16/79

De 03 de dezembro de 1979

Concede a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar ao Professor ANTONIO MARTINS FILHO e adota outras providências.

ARIOVALDO CARVALHO, Prefeito Municipal do Crato, no uso das suas atribuições.

CONSIDERANDO a obra monumental no setor de ensino Superior, realizado em nosso Estado, pelo Professor Antônio Martins Filho, o criador de Universidades, bem como as atividades de difusão cultural e científica que ele sempre animou, para o desenvolvimento do Ceará;

CONSIDERANDO ser o Dr. Professor Antônio Martins Filho, ilustre filho desta terra, tendo a ela prestado relevantes serviços, quer como Reitor da Universidade Federal do Ceará, quer em diferentes outras oportunidades, inclusive, no Conselho Federal de Educação;

CONSIDERANDO a extraordinária repercussão e a fundamental importância do Ensino Superior, implantado em Crato pelo eminente conterrâneo;

CONSIDERANDO o que lhe faculta a Lei Municipal nº 1031/77 e o decreto que a regulamentou;

CONSIDERANDO ser de inteira justiça a presente iniciativa, reclamada por todos os segmentos da comunidade do Crato, que tem uma dívida de gratidão com o excepcional criador de Universidades, que tanto honra a nossa terra;

B. BEZERRA COMERCIAL LTDA

- FERRAGENS
- MIUDEZAS
- MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Os Melhores Preços da Praça!

O maior sortimento, no ramo,
em nosso comércio

Rua Bárbara de Alencar, 850

Telefone: 521.0275

C R A T O

—

C E A R Á

D E C R E T A :

ARTIGO 1º Fica concedida a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar ao Professor Dr. Antônio Martins Filho.

ARTIGO 2º A outorga dessa comenda dar-se-á em meio às comemorações dos 20 anos da Faculdade de Filosofia do Crato.

ARTIGO 3º Revogam-se as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, 03 de dezembro de 1979

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

Decreto Nº 007/80 de 30 de Maio de 1980

EMENTA : CONCEDE A DOM VICENTE DE ARAUJO MATOS A MEDALHA DO MÉRITO BÁRBARA DE ALENCAR E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

ARIOVALDO CARVALHO, PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO, NO USO DAS ATRIBUIÇÕES QUE A LEI LHE CONFERE.

CONSIDERANDO os relevantes e indimensionáveis serviços prestados ao progresso e ao bem estar do povo do Crato, por DOM VICENTE DE PAULO ARAUJO MATOS;

CONSIDERANDO A extraordinária atividade apostolar e o serviço de grande envergadura em prol da difusão da Igreja em nosso meio, por ele desenvolvido;

CONSIDERANDO a monumental contribuição dada ao Crato no setor educacional, inclusive implantando o Ensino Superior, construindo colégios, modernizando e ampliando a Fundação Pe. Ibiapina;

CONSIDERANDO o transcurso, em 11 de Junho de 1980, do JUBILEU DE PRATA de sagração como Bispo, do ilustre Príncipe da Igreja.

D E C R E T A :

ART. 1º : FICA CONCEDIDA A MEDALHA DO MÉRITO BÁRBARA DE ALENCAR A S. EXCIA. RVMA. DOM VICENTE DE PAULO ARAUJO MATOS, BISPO DIOCESANO DO CRATO.

ART. 2º : A ENTREGA DESSA COMENDA FAR-SE-A EM SOLENIDADE PÚBLICA, DENTRO DAS FESTIVIDADES DO JUBILEU DE PRATA DO SEU GOVERNO DIOCESANO.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, 30 de maio de 1980

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

J U S T I F I C A T I V A

A 11 de Junho de 1955 era Sagrado Bispo o Sr. Dom Vicente de Paulo Araujo Matos, que mais tarde tomaria posse como Bispo Auxiliar e depois seria elevado, em caráter definitivo, às funções de Bispo da nossa Diocese.

Sucedia, no posto, ao inolvidável Bispo DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES, que realizara um governo de marcante significação para a Diocese cratense.

Ao longo desses 25 anos de fecundo governo diocesano, DOM VICENTE MATOS soube grangear a estima, o apreço, a gratidão e o reconhecimento de todos os seus diocesanos, especialmente do povo do Crato, pela abnegação e devotamento com que se entregou aos mistéres de Pastor e Chefe da Igreja em nossa região.

Prudente, moderado, enérgico, dinâmico, aliou a essas qualidades o espírito de um líder nato, com larga visão dos problemas do mundo e os anseios de um Bispo integrado á causa do progresso.

Podemos dizer, a esta altura do governo de sua excia. revma. que imenso foi o progresso material e espiritual da Diocese do Crato, que se afirmou como uma das mais atuantes do Brasil.

O elenco material de obras de Dom Vicente Matos, na cidade-sede da Diocese, a começar do Ensino Superior, dá, claramente, um panorama do acerto de sua escôlha para o posto.

A Prefeitura Municipal do Crato, associando-se às homenagens ao grande chefe da Igreja em nosso meio, ao ensejo do Jubileu de Prata de sua sagração, presta-lhe preito de reconhecimento pela monumental obra empreendida, conferindo-lhe a MEDALHA DO MÉRITO BARBARA DE ALENCAR, a mais alta comenda do Município, pelo Decreto que hoje se assina.

Crato, 30 de Maio de 1980

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

Lei Nº 1.068/79 de 10 de Setembro de 1979

EMENTA : ESTABELECE NOVA DELIMITAÇÃO PERIMETRAL URBANA PARA A CIDADE DO CRATO E PARA AS SEDES DOS SEUS DISTRITOS.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO, Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono as seguintes delimitações perimetrais urbanas :

CIDADE DO CRATO

ART. 1º : A nova linha perimetral urbana do Crato tem como ponto inicial a ponte sobre o Rio Saco ou Ponte, na Av. Pe. Cicero. A linha de limite tem os seguintes pontos de referência : Rio Saco ou Ponte; Riacho Constantino ou Lobo; Estrada Crato-Romualdo; Rio Saco ou Ponte; Estrada do Sítio S. Luiz até à casa do mesmo Sítio; Linha reta para o final do Parque Grangeiro; envolvendo-o; Linha reta para a Ladeira do Arranco, na Avenida José Horácio Pequeno; Linha reta para os limites entre os Sítios Fundão e São Raimundo, na estrada da Misericórdia; Estrada do Sítio Fundão até o antigo Engenho do mesmo Sítio; Linha reta para o final do povoado do Sítio São Gonçalo; Linha reta para a estrada nova da Vila de Santa Fé; Estrada nova para a Vila de Santa Fé; Riacho do Peru; CE-55,500 metros de cada lado dessa mesma Estrada até o Riacho Amélia; Caminho da Matinha que sai da argila da CECASA; antiga Estrada do Romeiro; Estrada da Lagoa Encantada-Mata; Riacho da Lagoa Encantada; Rio Batateiras; Riacho Saco ou Ponte até o ponto inicial.

DISTRITO DE PONTA DA SERRA

Tem como ponto inicial a residência de Manoel Antes Portão. A linha de limites tem os seguintes pontos de referência : Linha reta para a residência de Leônidas Cirilo; Linha reta para o catavento dos Gondim; Linha reta a residência de Josefina Correia; Linha reta para a Pedra que Fala; Linha reta para o ponto inicial, ou seja, residência de Manuel Antes Portão.

DISTRITO DE DOM QUINTINO

Tem como ponto inicial, a ponte sobre o Riacho Jardim ou Estiva, na CE-55 .A linha de limites tem os seguintes pontos de referência : Riacho Jardim ou Estiva; Linha reta para o marco que serve de limite intermunicipal entre Crato e Farias Brito, na CE-55; Limite intermunicipal com Farias Brito; Limite intermunicipal com Caririçu; Riacho Jardim ou Estiva até o ponto inicial.

DISTRITO DE SANTA FÉ

Tem como ponto inicial a cabeça da ladeira na estrada Crato-Santa Fé; A linha de limites tem os seguintes pontos de referência : Linha reta para a bifurcação da estrada Santa Fé-Nova Olinda com a estrada do povoado de Monte Alverne; Linha reta para a nascente do Prata; Linha reta para o ponto inicial, ou seja, a cabeça da ladeira da estrada Crato-Santa Fé.

DISTRITO DO MURITY

Tem como ponto inicial o limite Crato-Juazeiro do Norte. A linha de limites tem os seguintes pontos de referência : rede de alta tensão da CHESF; numa distância de 500 metros; Rio Saco ou Ponte; Rio Batateiras; Limite com Juazeiro do Norte até o ponto inicial.

DISTRITO DO LAMEIRO

Tem, como ponto inicial, o Clube Recreativo Grangeiro, no sopé da Serra do Araripe; A linha de limites tem os seguintes pontos de referência : Sopé da Serra do Araripe; Estrada velha Guaribas-Batateiras até o povoado de S. Gonçalves; Daí segue obedecendo aos limites da zona urbana da cidade do Crato, isto é, linha reta para o antigo Engenho do Sítio Fundão; Estrada da Misericórdia; Limite entre os Sítios Fundão e S. Raimundo; Linha reta para a Ladeira do Arranco, na Av. José Horácio Pequeno; Isso sempre obedecendo os limites da zona urbana da cidade do Crato; Linha reta para o final do Parque Grangeiro, na Av. Pedro Felício Cavalcante; Estrada para o Clube Recreativo Grangeiro até o ponto inicial:

ART. 2º : Revogam-se as disposições em contrário.

Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal do Crato, 10 de Setembro de 1979.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

JUAZEIRO DO NORTE manda, também, o seu abraço.

A sua mensagem de felicitações a ITAYTERA, na festa do seu 25º número.

Não deixa de ser um marco significativo, numa publicação que enobrece as melhores tradições de inteligência e cultura do povo do Cariri.

Juazeiro, sempre presente a esses fatos marcantes, traz também, a sua mensagem de congratulações.

Como o Juazeiro, a ITAYTERA cresce.

Para melhor servir ao Ceará.

Administração Municipal de Juazeiro do Norte.

Prefeito:

Ailton Gomes de Alencar

Historias de Ramiro – O FEIO

I N T R O D U Ç Ã O :

Ramiro é tipo popular, no Crato, desde muito tempo. Foi porteiro do Seminário São José e funcionário da Prefeitura, em diversas atividades, especialmente como zelador do cemitério. Estimadíssimo de todos que o conhecem, Ramiro conviveu com as mais variadas personalidades do mundo cratense e constitui repertório vivo desses pequenos fatos e ocorrências, que não chegam a impressionar o grande público, mas, constituem o permanente, de onde brota a vida social, no que ela tem de mais autêntico.

Segundo ele próprio, sua especialidade é a feiura, da qual não abre mão, por preço algum, já tendo conquistado primeiro lugar em concursos, maratonas e tudo quanto é concorrência na área.

Tem apenas estudos primários e não sabe explicar porque não subiu mais alto, na escala das promoções culturais, apesar de ser filho de "pai engenheiro", pois seu pai trabalhava metendo lenha nos "engenhos" de rapadura, no pé da serra do Araripe.

Sua presença de espírito não falha e nunca deixou pilhéria sem trôco, sabendo jogar o revide mesmo encima do ponto fraco de contendor.

É naturalmente filósofo e as apreciações lhe saem ajustadas, na hora oportuna, quase sempre carregadas de "humor", ora suave e límpido, outras vezes causticante e acre, de acordo com o momento.

x x x x x

1. – OS AMERICANOS E A LUA

Ramiro nunca foi muito de acreditar nessa história de americano ir à lua. Para ele, o lugar de se andar é aqui mesmo e às vezes ainda é com dificuldade.

Mas, de qualquer forma, ele acompanhou os noticiários, leu jornal, escutou seu rádiozinho de pilha, até que, um dia,

consumou-se a perigosa aventura e uma bela tarde, Ramiro, já meio cego, não pôde ver bem, mas, ouviu todo mundo dizer que a televisão estava mostrando as primeiras passadas do homem na lua.

Ele ficou por ali, na sua meia incredulidade, mas, meio desconfiado de que a coisa terminava sendo verdade. Aguardou mais uns momentos e, à boca da noite, saiu para a calçada do Seminário, onde morava, ficou em pé, colocou as mãos na cintura, olhou para o céu e viu lua a clara banhando a terra de luz, suspirou profundo, voltou para dentro de casa e concluiu, aliviado: — **“Graças a Deus que eles não mexeram na instalação!”**.

2. — PRIMEIRA VIAGEM AO JUAZEIRO

Ramiro, ainda menino besta, pulando pelas ladeiras do Crato, tinha muita vontade de conhecer o Juazeiro. Até que um dia, se decidiu sozinho e sentou o pé na estrada. Mas, ao chegar nas proximidades, onde hoje fica a estrada velha do Juazeiro, atrapalhou-se, ficou alheiado e entrou foi na estrada da Lagoa Encantada. E assim, começou errado e foi errando mais, sempre dobrando nas veredas para o lado esquerdo, atravessou o brejo e foi sair no Alto do Seminário, na Matança Velha, desceu a ladeira já morto de cansado e admirado como o Juazeiro era parecido com o Crato, mas, nada de desenrolar as curvas erradas que trazia na cachola e assim foi parar na Farmácia do Dr. Rolim, onde sua mãe, uma velhinha chôcha de corpo, trabalhava lavando garrafas. Ali, Ramiro teve nova admiração, quando avistou o dono da farmácia e exclamou: — **“Ai qui home parecido cum Dotô Rulim!”**

As pessoas presentes, que conheciam Ramiro, ficaram estranhando aquela história e mais boquiabertos ficaram quando Ramiro, avistando sua própria mãe, lá nos fundos da farmácia, completou o disparate, besta de admirado: — **“Ispia! Cuma aquela vênha é mamãe todinha...!”**

Então, depois de boas risadas, concluíram que o menino não estava apumado da cabeça, chamaram a mãe, consultaram o doutor que lhe passou umas gotinhas com água, e Ramiro foi levado para casa, com a recomendação de ficar deitado, para dormir um pouco, ficando sob a guarda de suas irmãs mais velhas, enquanto sua mãe voltava para o trabalho das garrafas.

Passando uma meia hora, Ramiro se mexeu na rede, mas

parece que ainda não estava bem da bola, ou ainda estava sonhando com o Juazeiro. Espreguiçou-se todo, abriu a boca cheia de dentes cariados, arregalou os olhos, e quando viu suas irmãs em volta da fianga em que ficara deitado, arrancou-se de dentro da rede velha, deu um pulo e saiu, gritando de porta a fora: — **“Vige cuma aqui tombém tem gente feia...!”**

3 — CAIU NA REDE É PEIXE

Por muitos anos, Ramiro foi porteiro do cemitério local e, muitas noites, por lá mesmo dormia, sem ter medo de alma ou assombração. Ficava alojado num quartinho interno, onde se guardavam as ferramentas de cavar o chão duro das covas.

Numa dessas noites, Ramiro notou que um casal de namorados, constantemente, vinha todas as noites, colocar-se mesmo na porta do cemitério, onde ficavam protegidos de olhares moralistas, para suas intermináveis declarações de amor.

Ramiro já estava se incomodando com aquelas perseverantes criaturas e teve uma idéia que, se não foi luminosa, pelo menos resolveu o problema. Saiu de sua toca, pé ante pé, e dirigiu-se à porta do cemitério e aconteceu chegar lá, justamente na hora em que, uma vizinha ternamente doce foi dizendo: — ... **“eu juro que o meu amor é eterno!...”**. Sem dares nem tomares, Ramiro se abaixou ligeiro, puxou o ferrolho da porta velha que se abriu em bandas, e o casalzinho de namorados virou de costas, que a perna levantou, mas, não quiseram mais saber de juras, se arrancaram dali mais que velozes, garantindo ter visto assombração.

Ramiro saiu devagarinho, e à luz clara da lua, encontrou dois parzinhos de chinelas, um grande e outro menor. Guardou-os e foi dormir pensando: — **“Essas eu não tinha. Caiu na rede é peixe!”**

4. — CONFUSÃO SEMÂNICA

Existe nas proximidades de Crato o sítio Fundão, onde mora o Sr. Jéferson da Franca Alencar, cujo nome o povo não consegue pronunciar direito e chama “seu Jeférso”.

Grande parte da vida de Ramiro decorreu em contato com personalidades importantes na vida do Crato. Uma delas foi a pessoa boníssima de Mons. Francisco de Assis Feitosa, vigário do Crato.

Numa segunda feira, Mons. Assis chamou Ramiro e disse:

— Ramiro, vá procurar uma pessoa lá do Fundão, que eu quero mandar um recadozinho para o Jéferson.

— É já Monsenhor.

Ramiro saiu pela feira, procurando, mais interessado em fazer de suas loucuras, do que pròpriamente resolver o problema do Mons. Assis. A certa altura, deu com uma mulher enorme, quartuda, dessas que não entram em porta de automóvel, a quem se dirigiu dizendo: — “Minha senhora, Mons. Assis quer falar com a Sra:” — “Comigo, Que será que ele quer?” — “Não sei”.

E lá se foi a balsa desconjuntada, gingando e tombando, em direção à casa do Vigário, satisfeita de poder prestar um favorzinho ao Pe. Assis.

— “Pronto, Pe. Assis. O Sr. mandou me chamar?”

Monsenhor pensou, concentrou-se, não se lembrava de já ter visto aquela pessoa... mas, aí morou na história e, educadamente, para não humilhar, foi dizendo: — “Não, minha filha, foi um engano. Foi um engano, ouviu? Aquele Ramiro parece que não está com o juízo certo. Era outra pessoa que eu queria, minha filha. Muito obrigado”.

Foi só a mulher sair, Ramiro entrou. — “Pronto, Monsenhor!”

— Mas, Ramiro, você é doido?

— Ora doido! O Sr. disse que eu procurasse uma pessoa do fundão. Aquele foi o maior que eu já vi. Agora, é melhor o Sr. pagar logo meu trabalho, que eu estou vexado e pronto.

5. — CARA DE MÉDICO

O povo simples, quando se refere a cachorro hidrófobo, não consegue pronunciar palavra tão estranha e diz simplesmente “cachorro doente”, do qual corre leguas, com medo de ser atacado por aquele espécie de animais.

Certo dia, andava pelas ruas do Crato um animal daqueles, trazendo todo mundo amedrontado, e quando Ramiro, ao meio dia, foi para casa, subindo a ladeira do Seminário, ouviu gritos e barulho de portas que se fechavam, enquanto uma mulher, da janela de sua residência, agitava nervosamente os braços, gritando para Ramiro: — “Meu senhor, atrás do senhor vem vindo um cachorro doente!!!

Ramiro parou tranquilamente e perguntou: — **“A Senhora está me achando com cara de médico?”**

6. — FIDELIDADE PARTIDARIA

Ramiro sempre foi fiel em tudo. Nas amizades, na dedicação e também na política, onde militou a seu modo, colocando sua verve brincalhona a serviço do antigo P. S. D., comandado em Crato, pela batuta firme do professor Pedro Felício Cavalcanti.

Certa vez, em dia de eleição, Ramiro descia de sua casa no Bairro do Seminário, para deixar seu voto, numa das muitas urnas espalhadas pelo centro da cidade.

Ao passar em frente ao Cine Moderno, caiu-lhe das mãos o título eleitoral que, ajudado pelo vento, saiu de rua abaixo, fazendo folha seca pelo chão, e os transeuntes correndo, pega aqui pega acolá, sem conseguir, até que ouviram Ramiro gritar: — **“Não se preocupem não, minha gente. Quando ele chegar na casa de Pedro Felício, ele esbarra.”**

Foi uma gargalhada geral!

7. — SEGUNDA VIAGEM AO JUAZEIRO

Ramiro foi-se tornando rapaz, foi ficando homem, sem conhecer o Juazeiro, porque da primeira vez não deu certo. Mas, um dia se vingou. Era mesmo na festa da padroeira N. Sra. das Dores. Foi de ônibus. No tempo em que o ônibus se chamava SÔPA. Salabanco aqui, catabil acolá, sopapo na estrada velha de areia e buraco, mas chegou, e logo se esqueceu do sofrimento da viagem. Andou, virou, mexeu, conheceu o que tinha vontade, fez tudo o que foi de estripulia, loroteou outros conhecidos do Crato e entrou pela noite, sem se preocupar com a volta. Quando cuidou era tarde, 10 horas da noite, já tinha partido a última “sôpa” e por, cima de tudo, a luz se apagava dali a uns dez minutos. Foi quando ele viu um automóvel velho, roncando desesperadamente pelas ruas esburacadas, vindo até parar junto dele e o motorista gritando: — **“Quem quer ir para o Crato? Ainda tem um lugar.”**

Não fechou a boca e Ramiro já estava dentro, completando a lotação, sem um tostão no bolso, nem noutra lugar qualquer do Brasil. Mas, vinha pensando: **“Ele não falou em dinheiro. Só fez perguntar quem quer ir para o Crato. E eu quero.”**

A viagem de volta não foi muito diferente da ida. Até prego houve, com a geringonça atolada até as orelhas. Era 12 horas, quando chegaram ao Crato. Os passageiros foram descendo, cada um na sua casa, desembuchando seus pacotes de dinheiro e pagando as passagens. Só faltava Ramiro. O chofer perguntou: — “É você?” — “Pode seguir nesta rua, até o fim. Na última casa.”

Chegando lá, Ramiro desceu, prometeu voltar logo trazendo o dinheiro, entrou de porta adentro e começou a custar.

Impaciente, o motorista, de boné achatado na cabeça e bigode grosso, torcido que nem chifre de carneiro, começou a buzinar, impertinente, até que alguém da casa em frente, incomodado, abriu a janela e perguntou: — “O Sr. procura quem?” — “Eu trouxe o diabo dum passageiro que entrou aqui para buscar o dinheiro e não voltou.”

— “Meu amigo, aí é o cemitério. Não tem ninguém não. O porteiro só vem de manhazinha.”

E o motorista, numa mistura de zanga, medo e nervosismo, arrancou-se dali mais que depressa, dizendo: — “Eu logo vi, que uma praga feia daquela só podia ser do outro mundo.”

Comemorando o Centenário do Dr. Irineu Pinheiro

Como não poderia deixar de ser, o Instituto Cultural do Cariri comemorou a passagem do primeiro centenário de nascimento do seu Presidente fundador, o médico e historiador, Dr. Irineu Nogueira Pinheiro. No dia 6 de Janeiro de 1981, na Capela do Cemitério do Crato, às 18 horas, Mons. Francisco Holanda Montenegro celebrou missa em ação de graças, em memória do inesquecível homem público. Falou, na oportunidade, sobre a grandeza espiritual do Dr. Irineu e sua vastíssima colaboração à historiografia regional.

PLACA COMEMORATIVA

Depois, o ICC inaugurou placa de bronze, comemorativa dessa efeméride, no túmulo do Dr. Irineu Pinheiro. O Jornalista J. Lindemberg de Aquino, ex-Presidente do ICC, fez o discurso oficial, evocando diversos aspectos da vida e da obra do homenageado. A placa foi descerrada pelo Mons. Montenegro e pelo atual Presidente Jefferson Albuquerque.

Em Maio, na Faculdade de Filosofia, ocorrerá uma conferência, a ser pronunciada pelo historiador Mozart Soriano Aderaldo, sobre o Dr. Irineu Pinheiro.

Produtos BRAHMA

CERVEJA - GUARANÁ - SODA LIMONADA - SUKITA

OS MELHORES E MAIS DELICIOSOS DO BRASIL!..

BRAHMA

REVENDEDORES EM CRATO:

Comércio de Bebidas Ltda.-COBEL

RUA MONSENHOR ESMERALDO - ESQUINA COM RATISBONA

TELEFONES:

521-1018 • 521-0907

CRATO

-

CEARÁ

F. ZÉLO FILHO

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL

Canos - Conexões - Torneiras - Material Sanitário

Azulejos - Cerâmicas - Caixa D'Água - Ferro

Tintas em Geral - Grampos e Têlhas de Amianto

Tudo para o bom acabamento de sua Construção

TELEFONE: 511-2224

RUA SÃO PEDRO, 794 - JUAZEIRO DO NORTE-Ce

Nos Bastidores da História

Passei uns dias em Milagres, no silêncio e na paz beatífica da residência paroquial. Ali é casa e companhia. Grande e boa na dimensão material, maior e melhor na bondade acolhedora do Vigário Pe. Joaquim Alves.

É proverbial a acolhida que o Pe. Alves sempre dá aos colegas. Hospitalidade franca, fraternal e fidalga. E o que mais cativa é a atenção gentil que lhes dispensa.

Paguei-lhe a bondade com a companhia que lhe fiz, quebrando a solidão em que ele vive naquele casarão imenso. Foi bom para ele e para mim. Sua palestra é agradável, cheia de vida e proveitosa. Aborda assuntos sérios. E sabe de tudo que se passa no mundo, no Brasil, no Ceará e em torno dele.

Enquanto desfrutava do seu animado bate-papo, fui dando uma olhadela nos livros do arquivo paroquial. E encontrei um documento digno de nota, que extraí para dar à publicidade.

É a Ata da Fundação do Partido Católico Brasileiro naquela cidade. Partido de vida efêmera que foi criado logo após a proclamação da República. Não chegou a lançar rai- zes. Não germinou. Não deu fruto. Morreu no nascedouro. Como se diz na gíria: — "mortus est pintus in casca".

O ambiente, naquela época, talvez não o comprometes- se. O campo não estava preparado. Não foi oportuno cer- tamente. Mas foi um sinal de vida. Uma revelação do es- pírito de fé dos católicos brasileiros. Tinham que dar o brado de alarma, diante do perigo de um regime de governo agnós- tico que surgia.

Não vingou mas deixou o rastro. Aqui está uma marca de suas pegadas, para os atuais verem que, naquele tempo, os nossos católicos não se quedavam indiferentes às necessi- dades da Igreja. Possuíam noção exata e esclarecida da sua responsabilidade perante os destinos da Pátria.

Eis o documento na sua íntegra. É fraco em conteúdo e na redação. Vale, todavia, como história:

"Cidade de Milagres, 8 de setembro de 1890"

"Ata da Fundação do Partido Católico na cidade Mila- gres do Estado do Ceará."

“No ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e noventa, segundo da República dos Estados Unidos do Brasil, reinando gloriosamente no orbe católico Sua Santidade Leão XIII, presidindo como chefe do governo provisorio da precitada República S. Excia. Senhor Generalíssimo Deodoro da Fonseca; Diocesano deste Bispado do Ceará S. Excia. Revma. D. Joaquim José Vieira e governador deste Estado do Ceará o Snr. Luís Antônio Ferraz, se reunido a convite do Revmo. Sr. Pe. Manuel Furtado de Figueiredo, Coadjutor desta Cidade, na Igreja Matriz as pessoas abaixo assinadas às doze horas do dia 8 deste mês de setembro, sendo aclamado Presidente desta reunião o mesmo Senhor acima citado, este assumiu a presidência e convidou para Secretários os Senhores João de Siqueira Cavalcante negociante aqui residente e João Gadelha artista também aqui residente, declarou aberta a sessão, mostrou qual o fim da reunião; usando da palavra deu graças à divina Providência pela instalação do club do Partido Católico nesta Cidade sendo entusiasticamente aplaudido.

O Revmo. Pe. Manuel Furtado de Figueiredo usando ainda da palavra apresentou à consideração dos presentes o programa do club do Partido Católico de Milagres filial ao do centro federal, que é o seguinte:

1º Não nos oporemos de modo algum aos atos do governo que forem justos e razoáveis;

2º Não aprovamos nem cooperamos de modo algum a revolução dos nossos compatriotas;

3º Não resistiremos aos meios legais empregados para o bom cumprimento das leis da República;

4º Seremos auxiliares do governo em tudo que for engrandecimento e prosperidade da Pátria;

5º Trabalharemos unidos para sustentar a fé e os direitos da Igreja Católica, colaborando sempre para o seu engrandecimento.

Em seguida o Senhor Presidente propôs para membros da diretoria do Partido os seguintes Senhores:

João Leite de Moraes — Vice Presidente

João de Siqueira Cavalcante — 1º Secretário

João José Gadelha — 2º Secretário

Os oradores João Luís de Figueiredo, José Serafim Ferreira de Maria, Avelino Cord. de Carvalho foram unanimemente aceitos e em seguida empossados. Nada mais havendo a deliberar o Revmo. Presidente levantando-se deu diversos vivas.

Colheram-se as assinaturas das pessoas presentes em número de 60 que vieram à reunião. E dou fé. Eu 1º Secretário a escrevi. 1º Secretário Siq. Cavalcante.

Pe. Manuel Furtado de Figueiredo — Presidente
João Leite de Moraes — Vice Presidente
José Furtado Leite — Tesoureiro
João de Siqueira Cavalcante — 1º Secretário
João José Gadelha — 2º Secretário

João Luís Furtado de Figueiredo, José Serafim Ferreira de Maria, João Serafim Ferreira de Maria, Joaquim Serafim Ferreira de Maria, André Serafim Ferreira de Maria, Joaquim Gonçalves Dantas, André Gonçalves Dantas, João da Cruz Neves, Antônio Alves Pereira Sobrinho, Antônio Manuel Correia, Agnelino Leite de Araújo Lima, Antônio Bizerra de Carvalho, Juventino José Gadelha, João Bizerra de Carvalho, Franc. Cand. Carv. d'Mo., Antônio Felipe Fernandes, Manuel Fernandes da Costa, Avelino José de Carvalho, José Damião de Maria, Manuel Leite da Cunha, Manuel Correia de Moura, Manuel Gabriel do Nascimento, José Raimundo dos Santos, Manuel Ferreira de Lucena, Pedro Matias Barbosa, José Xavier de Flores, João da Silva, Amâncio Gabriel do Nascimento, José Manuel da Assunção, Francisco de Siqueira Cavalcante, Antônio Leite de Araújo, Miguel Gonçalves Dantas, Antônio Alves de Figueiredo, Antônio Bem de Oliveira, Manuel Alves de Figueiredo, Manuel de Santana Moreno, Manuel Dantas de Figueiredo, Sadoch d'Anunciação Albuquerque, José Gadelha da Cunha, Manuel Luís do Nascimento, João Evangelista de Jesus, Paulino José de Lima, José Paulino de Lima, Manuel Luís de Maria, Manuel Alves Pereira, José Alves Pereira, João Gonçalves de Jesus Maria, Raimundo Nonato de Maria Albuquerque, Pedro Manuel de Moraes, Antônio Luciano Pereira, Manuel Faustino Pereira, José Frutuoso Gomes, Antônio Marcelino Gomes, Francisco Brás Pereira, João Felipe Pereira, José Felipe Pereira, Joaquim Felipe Pereira, José Lucas Pereira, Manuel Patrício Barbosa, João Leite Sampaio, Patrício Barbosa Moreira, José Biserra de Carvalho, Joaquim Machado de Moraes, Manuel Pereira Leite e Silva, Tiburtino Carlos de Moraes, José Francisco de Moraes, Antônio Furtado de Moraes, Antônio Manuel de Moraes, Manuel Clementino de Moraes, José Clementino de Moraes, Raimundo Antônio de Carvalho, José Gomes de Oliveira, João Felipe de Moraes, José Xavier de Sousa, João Raimundo de Oliveira Nonato, José da Cruz Neves, Higinio Hércules Mon-

telares, Bernardino Manuel de Moraes, Pedro Furtado de Figueiredo, José Pedro de Figueiredo, José Pedro de Figueiredo Filho, Antônio Luís de Figueiredo, Manuel Alves de Figueiredo, Antônio Alves de Figueiredo, Bernardino José Soares, José Joaquim Albuquerque.”

A ata registra o comparecimento de 60 pessoas que tomaram parte da reunião, porém nela constam 96 assinaturas. Para o tempo é grande vantagem este número de eleitores filiados a uma agremiação partidária recém-fundada, quando é sabido que os colégios eleitorais, àquela época, no interior, nem sempre passavam de uma centena.

Milagres, no tempo do Império, foi uma comuna rica e desenvolvida. Teve atuação em todos os movimentos políticos. Entrou em declínio com o advento da República.

O predomínio da oligarquia aciolina apoiada no mandonismo local e mantida à custa do bacamarte levou-a a uma fase de decadência e estagnação. Trouxe-lhe a paralização da sua vida comercial e o ocaso do progresso.

Esta foi, aliás, uma situação comum a várias localidades interioranas. E foi muito intensa em Milagres que, no século passado, desfrutou de uma posição relevante na vida política, social e religiosa da região.

A cidade mantinha transações comerciais ativas com Recife, Icó, Aracati e Mossoró. Seu comércio era desenvolvido, a fisionomia da cidade impressionava pelo aspecto das suas construções consideradas boas para o tempo: — sobradões imponentes com largas varandas de gradilhos de ferro esmaltado e casas relativamente confortáveis, de fachadas bonitas com bocas de jacaré e portas de venesianas. A agricultura e a pecuária formavam o esteio da vida econômica do município que abrangia uma área de grande extensão com terras fertilíssimas.

A sociedade milagrense tinha um elevado nível de vida social. Conhecia os costumes requintados dos centros adiantados e procurava reproduzi-los. Vestia com elegância e promovia festas e saraus animados. Faziam-se e retribuía-se visitas previamente anunciadas e regadas a vinho do Porto, Málaga e outras bebidas finas.

As casas ricas eram providas de móveis no estilo em voga adquiridos em Recife e outras cidades. As mobílias eram vistosas e confortáveis, enquanto espelhos de grandes lâminas em molduras doiradas ornavam as paredes. Usavam-se louças

de porcelana e copos de cristal ou de prata, sendo metal também as baixelas usadas nos dias de festa.

Viveu-se aristocraticamente em Milagres. Transcorreu uma época em que predominou a aristocracia tanto urbana como rural. Os homens ricos jactavam-se de possuir a patente de capitão, major ou coronel da Guarda Nacional, ostentando uma farda galante de botões doirados.

Passou o tempo do fastígio e do prestígio. Mas a cidade conserva ainda o seu ar de bondade e de simpatia. O povo mantém o mesmo espírito de fé e de amor à ordem e à disciplina. É uma herança sagrada de uma formação religiosa implantada por bons e santos Vigários que pregaram e praticaram a palavra de Deus que ainda hoje é ali vivida e abedecida.

Crato, março de 1979.

Mons. Raimundo Augusto

S O B R E I T A Y T E R A

Chegou-me às mãos, graças à gentileza do General Raimundo Teles Pinheiro, historiador, mais um número de "Itaytera", nº 24, órgão do Instituto Cultural do Cariri, cujo Diretor é o intelectual J. Lindemberg de Aquino. (Endereço: Praça Juarez Távora - 950 — CRATO (CE), CEP 63.100).

Antônio Alencar Araripe fala sobre João Brígido; J. Lindemberg de Aquino escreve sobre: o centenário de Dom Francisco de Assis Pires, segundo Bispo do Crato; uma geografia para o Crato (prefácio do livro "Geografia do Crato", de Moacir Gondim Lóssio) e folclore e alma popular (palavras na Noite do Folclore, em Santana do Cariri, agosto de 1978). O Padre Francisco Sadoc de Araújo estuda o Padre Ibiapina, gênio missionário do Nordeste. Há outras colaborações importantes. O escritor Ribeiro Ramos, Presidente da Academia de Estudos e Letras, de Sobral, que tanto brilho dá à nossa imprensa, em artigo no "Correio do Ceará", de 2.4.80, enalteceu justiceiramente, o Instituto Cultural do Cariri e a revista "Itaytera": "Itaytera" está aí, bela e sedutora como sempre. na riqueza de uma página de Figueiredo Filho e na prosa de gente da mais alta estirpe intelectual — Luiz de Borba Maranhão, Pedro Gomes de Matos, Monsenhor Raimundo Augusto, General Teles Pinheiro, J. Lindemberg de Aquino, F. S. Nascimento, Vinícius de Barros Leal, Hélio Melo, Eugênio Dantas, Austregésilo de Athayde etc. etc. e nos versos encantadores de Carlyle Martins, Mary Shultze, Dandinha Vilar e outros mais. Cousa para a gente ler, admirar e guardar com carinho, e carinho que se deve ter pelas obras de espírito".

03/09/80 — *Abdias Lima*

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

Trazemos, com justa ufania e inusitada alegria, a nossa mensagem de parabéns aos que fazem Itaytera, ao ensejo do lançamento do número do seu Jubileu de Prata.

Itaytera é o que o Crato tem de mais autêntico e genuino.

A nossa voz lá fora.

A mensagem de nossas melhores tradições culturais.

Por isso, também estamos alegres. E também festejamos.

O nosso abraço para o J.C.C. e para a sempre jovem Itaytera.

Administração:

ARIOVALDO CARVALHO

Atraente e Econômico: GOL

Consumo, estabilidade, maciez ao rodar e segurança são os pontos de destaque no GOL da Volkswagen, um carro de linhas modernas e elegantes, que vem para brigar pela faixa dos pequenos.

Dirija um VW Gol sem compromisso!

Venha, apanhe a chave e saia por aí vendo que delícia de carro!

Revendedores:

DRASA - Distribuidora Regional de Automóveis S.A.

RUA RATISBONA, 282

Telefones: 521.1450

521.1611

521.0316

C R A T O

-

C E A R Á

O melhor em assistência
para seu veículo

BOSCH-SERVIÇO

Hercílio Peixoto & Cia.

Rua Tristão Gonçalves, 43/53

Telefones: 521.2421 e 521.1643

C R A T O

-

C E A R Á

DOCUMENTAÇÃO

REINAUGURADA A CRUZ DO SÉCULO

No dia 11 de Junho de 1980, em brilhante solenidade, à noite, depois de uma procissão em que milhares de pessoas trouxeram, a pé, do Parque de Exposições, até ao primitivo local, foi re-inaugurada a Cruz do Século. O ato fez parte da programação do Jubileu de Ordenação Episcopal do Bispo Diocesano do Crato, Dom Vicente de Paulo Araujo Matos (25 anos). O local foi urbanizado e inaugurado pelo Prefeito Ariovaldo Carvalho. Assentada a cruz do século, pronunciaram-se ali dois discursos, que transcrevemos a seguir :

Discurso do Jornalista Lindemberg Aquino, representante do Município

Após oitenta anos em que aqui foi trazida pela católica população do Crato, para aqui ficar assinalando o ingresso da humanidade no Século XX, eis que volta hoje, a este mesmo local, devidamente urbanizado e transformado em panteon cívico do povo do Crato, a Cruz do Século.

É ela o símbolo expressivo da catolicidade da boa gente desta Terra, que nunca negou a sua formação religiosa.

É ela que traduz, na singeleza de sua madeira pobre, a mais genuína manifestação de fé do nosso povo.

Junta-se a ela, para fazer-lhe companhia, o marco simbólico do local em que foi executado o HEROI JOAQUIM PINTO MADEIRA.

Por uma coincidência histórica, foi neste mesmo local, sobre este mesmo chão que pisamos neste instante, que aqui foi executado Pinto Madeira, em nome dos ideais de liberdade e da bandeira de lutas cívicas que ele empreendeu, em sua tormentosa existência.

Em 28 de Novembro de 1834 caía aqui, sob a ação do pelotão de fuzilamento, aquele que preferira dar sua vida à causa sacrossanta que abraçara.

Chegava ao fim uma existência de lutas e de estoicismos.

Pinto Madeira que combatera os sediciosos de 1817 e 1823.

Que combatera a Confederação do Equador, em 1824, por entender, fiel ao seu Rei, que, vingado o movimento, um corpo estranho, talvez uma nova Província, um novo país, saísse daqui, dividindo a unidade nacional que portugueses, índios e negros vincaram com seu sangue e seu sacrifício.

Pinto Madeira que voltou a guerrear em 31, por força do atavismo de sua formação democrática e liberal, ainda em defesa da unidade da Pátria, entregue às regências, depois da saída do Imperador.

O Panteon Cívico que a administração Ariovaldo Carvalho entrega, hoje, ao povo do Crato, deverá ser, doravante, o ponto de referência turística, no mapa cívico da cidade, local em que a cidade reverenciará o seu herói, à sombra da Cruz e eternizará a sua memória, envolta na lembrança do seu sacrifício.

Muito justa e oportuna a inclusão desta solenidade, nas Festas Jubilares do Senhor Bispo Dom Vicente.

A Igreja tem acompanhado o Crato desde os primórdios de sua história, na descoberta, colonização e povoamento do seu território, nos feitos épicos dos seus filhos, na educação de sua gente, testemunho de sua luta.

Nada mais justo do que a Igreja, hoje, presente aqui, em que a memória de Pinto Madeira e a recolocação da Cruz do Século marcam o

advento de uma obra urbanística que estava faltando, e que se completa com tudo isso, e essa celebração cívico-religiosa que tanto fala aos nossos corações.

De há muito, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI pedia às autoridades a urbanização desta área, o seu aproveitamento, como ponto turístico.

O Prefeito Ariovaldo Carvalho chegou, enfim, para transformar em realidade a idéia desta praça, deste largo de tantas cintilações históricas na vida da cidade.

Em nome do mesmo Instituto, em nome da comunidade, aqui estamos para agradecer ao gestor da cousa pública.

E dizer-lhe que o seu nome também estará inscrito na nossa história, pela admirável administração que está fazendo e que devolve ao Crato todos os títulos de liderança a que esta Terra, de um passado tão ilustre, fez ús.

Muito obrigado, Senhor Prefeito!

Neste instante, nossas almas se ajoelham no altar cívico que Vossa Excia. aqui plantou.

E rezam a oração do agradecimento, que sobe aos céus e eterniza nossa gratidão, em nome do Crato, em nome do seu povo, em nome de sua história!!!

Discurso do Pe. Teodósio Nunes, representante do Clero

"Em quase todas as cidades mais antigas que conhecemos, encontramos cruzes a dominar paisagem citadina, como recordação da passagem de um século, para este que ora caminha em seu último quartel.

Como explicar a ocorrência de tantos lugares, com este símbolo cristão, assim tão largamente disseminado? Mera coincidência ou costume trazido de outras terras e de outros tempos, através da colonização portuguesa?

Nem uma cousa, nem outra.

Nos últimos dias do ano de 1900, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, enviara a todos os vigários da Diocese, instruções sobre as CRUZES COMEMORATIVAS, que se deviam colocar nas Igrejas, em memória da solene homenagem a Jesus Cristo Redentor, no fim do século dezenove.

Uma Comissão Internacional, para tanto constituída, no seu primeiro apelo ao mundo católico, para a solene homenagem a Jesus Cristo Redentor e ao seu Augusto Vigário, exprimia o desejo de ser transmitida aos séculos futuros, a memória da grande e universal profissão de fé do mundo católico, ao concluir-se o século dezenove, colocando nas igrejas, uma cruz com o mote: *Jesus Christus Deus homo vivit regnat imperat* — 1901.

A fim de que essas cruzes se tornassem uma recordação ainda mais preciosa e cara aos olhos de todos os fiéis, a mesma Comissão Internacional, por humilde súplica, obteve do Santo Padre, a graça implorada em audiência de dois de novembro de 1899, pela qual, podiam lucrar diariamente, indulgência de 100 dias, todos os fiéis de um e outro sexo, que devotamente beijassem as ditas cruzes colocadas nas Igrejas do orbe católico, sob condição de recitarem uma vez o PAI NOSSO.

Para tanto, era conveniente colocarem-se referidas cruzes, em lugares de fácil alcance para os fiéis, ficando assim prejudicado o alvitre de serem as cruzes colocadas no arco-cruzeiro das Igrejas, como declarava a última Pastoral ne Sua Excia. Revma. Assinava as referidas instruções, o Vigário Geral da Diocese, Pe. Bruno Rodrigues de Figueiredo.

Hoje, faz quase oitenta anos que o povo do Crato fixou aqui, na cabeça deste morro, uma grande cruz de madeira, pelas razões já expostas. Estamos aqui agora, repetindo o gesto de oitenta anos, enfiando outra vez, a mesma cruz, sobre o mesmo chão deste morro.

Queremos que a cidade viva sob o signo da Cruz.

Numa outra época, em Jerusalém, também sobre um monte, levantou-se uma cruz.

Foi desde aquele dia, que a cruz tomou sentido na vida dos homens.

Com aquela tentativa de degradação, os inimigos de Jesus estavam construindo o maior monumento que já se ergueu na face da terra.

CRUZ é um conceito polivalente, a respeito do qual se pode parodiá-lo aquilo que se disse das flores: "Há flores por toda parte, nos enterros e nas festas". Assim, a cruz.

Aqui, por exemplo, é uma festa. E a Cruz está no centro.

A cruz de madeira que a juventude, processionalmente, conduziu, repetindo o gesto de há oitenta anos.

A cruz de metal precioso, a rebrilhar, pendia dos ombros do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, no seu Jubileu de Ordenação Episcopal, símbolo de outra cruz, que está mais por dentro e que não brilha diante da luz, mas pesa sobre o seu espírito pastoral.

A cruz que não brilha e ninguém vê, mas que existe e pesa, na responsabilidade administrativa do Sr. Prefeito Municipal, que ora entrega ao povo este Largo Cruz do Século.

Tudo é cruz!

E há outras cruces, a pender sobre os nossos ombros, sob as mais variadas formas de sofrimento, temor, insegurança e incerteza.

Há cruces que precisam ser conservadas, como esta, que estamos reimplantando aqui, e outras que precisam ser arrancadas e arremessadas longe. São aquelas que nós mesmos, indêbitamente, impusemos sobre os ombros de nossos irmãos. — A cruz da suspeita, a cruz da inimizade, a cruz da concorrência e da deslealdade.

Só tem sentido, firmar esta cruz aqui de novo, se, a este gesto de fora, corresponder, por dentro, a verdadeira conversão da vida, segundo aquilo do Evangelho, que diz: — "Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me," — ou então — "Quem não leva sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo".

Por aí, se opera em nós, aquela crucifixão do velho homem, de que fala o Apóstolo Paulo. (Pom. 6,6).

Por aí, alcançaremos substituir os nossos julgamentos, pela sabedoria da cruz. (1 Cor. 2).

Por aí, nos tornaremos, a exemplo do Cristo, "humildes e obedientes até a morte e morte de cruz" (fl. 2,1-8).

Por aí, suplantaremos aquela apostasia de que fala o Apóstolo Pedro, responsável, cada dia, pela nova crucifixão do filho de Deus. (1 Pet. 2,21-24).

Por aí, finalmente, é que poderemos chegar um dia, a exclamar com a mesma altivez exuberante do apóstolo Paulo: "Por mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, crucificado para o mundo." (Gal. 6,14).

AVE, CRUZ, ÚNICA ESPERANÇA!!!

CAMPOS SALES também participa da festa
e da alegria da cultura caririense,
ao ensejo do lançamento do 25.º número.
Uma data muito importante.

Um símbolo da tenacidade do
nobre povo do Crato.

ITAYTERA também é nossa.

Como tudo de bom que o Cariri produz.

Campos Sales, 1981

Administração:

FRANCISCO DE PAULA FORTALEZA

Dr. Emídio Macêdo Lemos

A D V O G A D O

Causas Cíveis, Comerciais, Trabalhistas e Fiscais
Defesas no Tribunal Popular do Júri
Especializado em anulação de casamentos
e divórcios

Escritório: Edifício Antônio Leite Tavares,
altos do Banco Mercantil,
sala 4

Telefone: 521.1617

Residência: Rua Evangelista Gonçalves,
Telefone: 521.1594

CRATO - Ceará

O NOVO NOME DO B M C

Agora, o Banco Mercantil do Ceará chama-se
BMC — Banco Mercantil de Crédito S. A.
O BMC mudou porque evoluiu. Sua expansão
é uma prova de que é preciso crescer.
Renovar sempre. Acreditar cada vez mais no
trabalho e no homem. Esta mudança
mostra que o BMC como Banco do Ceará acredita
naquilo que faz. Mais do que isso, dá crédito
ao Brasil de hoje. Afinal, um banco ativo precisa
acompanhar a evolução de seu país.
BMC — Presente no Ceará, Teresina, Belém e Manaus.
Breve em Recife, Salvador e Maceió.

B M C

BANCO MERCANTIL DE CRÉDITO S. A.

ATIVO COMO OS DIAS DE HOJE

BATISTA DE LIMA:

NA POESIA A RAIZ DO POVO

Texto de: ROGACIANO LEITE FILHO

Batista de Lima se identifica com a poesia praticada por sua gente, aquela poesia inflamada de povo, de sentimentos e de persistência: "Minha poesia é a poesia do meu povo. A poesia da resistência, das raízes profundas. Mas também é a poesia do lirismo de quem tem o corpo aberto para as coisas sensíveis do universo. É a poesia do olhar perdido na busca de respostas. É a poesia da terra".

Batista de Lima considera a sua linguagem de uma "simplicidade quase prosaica". Diz que a razão disto talvez esteja no próprio sentimento que ela carrega e não suporta "enclausuramentos metafóricos". Acha que não há necessidade de se perder nas indagações metafísicas quando a realidade é mutiladora:

"A linguagem não se basta às suas próprias indagações que são partilhadas com os mitos que são as árvores mais resistentes da terra. Aquelas que escavaram o nascente de tanto procurar a chuva. E aprenderam com outros meninos na escolinha do sitio do ofício de ir embora. Mas os caminhos ficaram. E eles são marcados por uma poesia que rasga o coração. Os caminhos são um escoadouro mas o resíduo da alma impregnou a terra e a correnteza não lhe conseguiu ceifar. Minha poesia é um grito universal saído da boca do meu povo".

A LITERATURA CEARENSE

Ele vê que a literatura cearense é pródiga em bons valores. Apesar da precariedade do sistema editorial, há grupos literários em evidência: "Desde a Padaria Espiritual até o Grupo Siriará de Literatura, não tem faltado movimentação literária. Isto sem contar com as manifestações particulares daqueles escritores que não se agruparam".

Observa que além do problema editorial, o Ceará se ressentia atualmente da "falta de uma crítica à altura das nossas letras. Depois de Braga Montenegro não surgiu mais um crítico cearense imparcial e ativo. O que se faz aqui é uma crítica menor, calcada em comentários impressionistas de amigo para amigo".

Mas Batista também sabe que a literatura cearense passa por um dos seus melhores momentos. E para provar isto dá exemplo de três grupos representativos de três gerações de escritores:

"O Clã, mais antigo, acaba de lançar mais um número de sua revista, sem contar com as recentes produções literárias de Moreira Campos e Artur Eduardo Benevides.

O Grupo Sin, apesar de ter surgido num momento político de muitas dificuldades, ainda permanece através das produções literárias de Linhares Filho, dos trabalhos teóricos de Pedro Lyra e Horácio Dídimo que já está com outro livro na praça.

O Grupo Siriará de Literatura me parece o mais atuante. Apesar de recente e de firmado por jovens escritores, tem apresentado valores como Carlos Emilio Correia Lima que com seu livro "A Cachoeira das Eras" pode ser colocado no mesmo nível dos maiores escritores latinos de hoje. Tem também em Jackson Sampaio um bom valor em teoria da arte literária e muitos outros.

No mais existem aqueles escritores que não se agruparam mas são de grande importância como Jäder de Carvalho, José Alcides Pinto e Francisco Carvalho, o poeta maior.

A LITERATURA BRASILEIRA

No tocante à literatura brasileira, nota que ela se "solta das amarras que lhe tolham há mais de quinze anos". Afirma que é uma literatura num momento de transição como é de transição o momento político:

Há no entanto uma certa euforia em torno daquilo que o recesso democrático havia condenado às prateleiras da censura. Ainda não há uma arte de atuação acentuada que reflita este momento de abertura. Não há ainda uma linguagem que reflita o momento de agora. A coisa está brotando já que esteve latente por todo o tempo de exceção. Mas ainda não se impôs".

A CRÍTICA LITERÁRIA

Para Batista de Lima um dos problemas da nossa literatura é a "falta de uma crítica ao nível da produção literária". É de opinião que os Cursos de Letras devem incrementar a prática da teoria literária para que essa disciplina "não se resume apenas aos ensinamentos de sala de aula".

Diz que quando se lança um livro os amigos desenvolvem comentários impressionistas, na periferia do elogio, ficando o escritor "privado de uma abordagem sincera sobre o que escreveu". Lembra que isto não acontece somente no Ceará, mas faz parte de um "modismo nacional". Enfatiza suas palavras na declaração de que "há pouquíssimos críticos sérios e atuantes no Brasil".

Aponta também outro aspecto falho da crítica, mesmo da especializada (Nova Crítica, estruturalismo etc): "os estudos da obra são feitos simplesmente a nível de texto ou de autor esquecendo-se um elemento essencial que é o leitor. Ele crê na obra literária como "instauradora de um processo de comunicação", pressupondo a existência do receptor, e esse receptor tem sido esquecido pela crítica. O receptor tem sua fala. É um recriador da obra de arte e como tal, tem a sua estética".

A EDUCAÇÃO E A LITERATURA

Quanto à educação, afirma que ela precisa se libertar mais dos seus "currículos desumanos para dar vez aos valores jovens". Acredita que o jovem de hoje não se esqueceu da poesia: "O que falta é a expressão. Não se está ensinando (praticando) expressão. A redação nas escolas ainda sofre a concorrência do "x" desumano e vicioso". Acha ser preciso dar maior impulso à prática da redação e da educação artística nas escolas: "Não há mais o jornal da escola, o jornalzinho mural, o clube do livro, o Gremio Literário, as sessões de teatro e de oratória". Aponta tudo isso como um reflexo do enfraquecimento dos Cursos de Letras onde se "cultiva o verbalismo de sala de aula, e o pó de giz, numa verdadeira "educação bancária" alienante que Paulo Freire há muito já denunciou".

LITERATURA POPULAR

Batista de Lima sabe que a discussão em torno de uma estética popular tem se arrastado através dos anos sem se chegar a um consenso definitivo. Para ele a literatura é uma das artes mais elitizadas, devido as suas implicações de cunho linguístico: "A língua escrita é o instrumento da linguagem literária".

Cita o caso do Brasil, um país de "memória fraca" de uma "história

recente" cujos movimentos populares, além de resumidos e regionais, não sensibilizaram os escritores de seu tempo. Toma como exemplo Canudos, "movimento popular que não despertou a simpatia dos intelectuais da época muito mais preocupados com a consolidação do regime político em vigência".

Outro problema apontado por Batista: muitos brasileiros não recebem ainda o mínimo de alfabetização necessária:

"O analfabetismo ainda é uma constante no nosso meio, o que torna difícil a propagação da arte literária. Há no entanto o rádio e a televisão com seus acentuados índices de popularidade que poderiam ser utilizados para se chegar ao povo. Mas os espaços de que a literatura dispõe são mínimos, porque nesse contexto a literatura é menos alienante do que futebol e enlatado. De qualquer forma ainda há o cordel que é uma literatura eminentemente popular apesar dos esforços para elitizá-la.

A FUNÇÃO DO ESCRITOR

O escritor, na sua concepção, não deve ser intermediário: "Sua função é mais de escafandrista. Tem que trazer à tona o que há nas pequenas e grandes profundezas. Não importa quais sejam as verdades. Elas estão latentes e o escritor precisa resgatá-las". Com isto, conclui que o escritor não pode ficar omissos aos grandes problemas sociais.

O UNIVERSAL NO REGIONALISMO

Batista sustenta que a literatura não pode se desvincular do seu meio. O que ela precisa é se universalizar mesmo sendo regional. Diz que em termos de Nordeste, isso tem produzido excelentes resultados através de obras de autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz na prosa e especialmente de João Cabral de Melo Neto na poesia:

"A Região Nordeste oferece o cenário mais épico do Brasil e quicá da América. Porque além das lutas sociais provocadas pela má distribuição das terras, há uma luta do homem contra a própria aridez da terra, contra a falta de chuva. É a epopéia da resistência. O homem conseguindo permanecer num semi-deserto como é o nosso sertão".

Batista de Lima também reconhece o misticismo do nordeste: "É um homem que se desiludiu das coisas terrenas, dadas as desigualdades sociais do seu meio, e apela para o sobrenatural". Lembra Canudos, Juazeiro, Pau-de-Colher, Caldeirão e Pedra bonita. Segundo ele, todo esse cenário é propício para uma literatura de denúncia, "para uma epopéia que ainda não foi escrita".

MARGINALIZAÇÃO DO ESCRITOR

Quanto ao problema da marginalização a que o escritor atualmente é submetido, Batista acredita que ele é marginal porque a sociedade também o é. Quando fala em sociedade, refere-se a população de uma maneira geral: "A essa população é alfabetizada para poder votar no patrão. A uma população que trabalha para comer e não come para trabalhar".

O escritor é marginal porque está "condenado a ser elite para produzir para um super-elite, ou fala a linguagem dominante ou adere ao povão em detrimento da própria estética. De uma estética também utilizada". O que é preciso, na opinião deste poeta, é alimentar o povo para depois educá-lo: "O povo está com fome".

*NR Batista de Lima é cariense de Lavras da Mangabeira.
É dos melhores valores da nova geração cearense.*

ICOAMA

Imobiliária Coelho de Alencar Magalhães Ltda.

Venda de chácaras, lotes e terrenos, nos
melhores locais do Crato e do Cariri

Condições vantajosas, em módicas prestações

A garantia de sua futura casa própria

O melhor investimento para sua economia

Escritório: Edifício Antônio Leite Tavares,
(altos do Banco Mercantil)
entrada pela Bárbara de Alencar
sala 2
CRATO - Ceará

DR. ANTONIO NIRSON MONTEIRO

Juiz Titular da Comarca de Santana do
Cariri - Ceará

O JURI POPULAR — Uma Abordagem Crítica

“As pessoas da mais alta posição devem sofrer as mesmas punições que o último dos cidadãos.”

Cesare Beccaria — “Dos Delitos e das Penas.”

I — INTRODUÇÃO

O Direito repousa sobre instituições que foram nascendo e se fortalecendo, ora pela prática, ora pela oportunidade, ora por seu próprio conteúdo valorativo. A evolução e a dinâmica das sociedades, aliadas ao tempo, por sua vez, foram burilando, lapidando e aperfeiçoando os grandes institutos jurídicos, a tal ponto que muitos sofreram modificações consideráveis, outros perderam sua estrutura original até não serem reconhecidos e outros, em razão das profundas modificações dos grupos que os criaram, desapareceram por completo do universo jurídico.

Assim, temos que, os grandes institutos sobre os quais repousam os ordenamentos jurídicos, as doutrinas fundamentais do Direito enquanto ciência e a própria interpretação dada pelos tribunais colegiados, ora em pacífica decisão, ora passíveis de interpretação vária e não uniforme, passam por uma meninice, uma juventude, uma idade madura e uma velhice, às vezes até caducidade, se quisermos dar por empréstimo às idéias, uma compreensão biológica para melhor entendimento.

Ressalte-se, portanto, o caráter transitório das instituições jurídicas. Não se poderia imaginar uma estática para as idéias, como não se poderia pensar na estagnação das ciências ou dos costumes, por contrário ao princípio da dinâmica da vida sobre a terra, como um todo. Viver e existir implicam, como fenômeno biológico, em perpétua mudança. Assim respeitante à biologia, assim no espírito, logo nas idéias.

“O Direito é.” Disse grande mestre. Mesmo assim, é de entender-se que não subsumiu a idéia do Direito extravagante às leis do existir natural. Sua perenidade é mais da perpetuação da subjetividade do Direito na vida do homem coletivo. A idéia é perene. Mas, determinada idéia, por exemplo, a idéia de determinada faceta do Direito instituto, esta é transitória. Em suma, é transitória a forma de efetivação do direito e suas manifestações. O direito é a própria vida social. O Direito é o clima ideal para a sobrevivência das sociedades. No fenômeno de relação, o Direito é o ponto de equilíbrio entre o homem e o “socius”, isto é, o outro. É o grande continente de idéias, de cujo conteúdo complexo emanam a normatização da conduta enquanto visto objetivamente, e, ao mesmo tempo a compreensão natural inerente ao homem e anterior ao direito objetivo.

— E a Justiça? — Acima do Direito.

Os pensadores gregos antigos vislumbravam na Justiça virtude individual. Tendo ambos a mesma raiz semântica, distintos são os caminhos que ambos trilham na persecução de seus objetivos práticos. Digamos que a justiça seja o corolário. Na sua subjetividade os dois se aproximam. Daí Justiniano nas Institutas:

“Justiça é o propósito constante e contínuo de dar a cada um o que é seu. “A harmonia no intercurso social resulta desta compreensão platônica e grega de justiça como virtude. Também Aristóteles assim via a Justiça. Virtude comutativa, isto é, dar a cada um o que lhe pertence.

Na justiça distributiva competia ao Juiz a aplicação dos castigos. Distributiva por ser o mérito de cada um a medida para o receber. Deveria haver o espírito de igualdade no julgamento dos cidadãos. Ora, ainda hoje não refoge ao espírito do Direito esta busca de Justiça, tanto combativa como distributiva. O processamento da busca é que sofreu modificações, adaptou-se aos novos tempos, em razão da constante presença e ação do tempo sobre as instituições. Surgiram novas necessidades. Nasceram e se enraízam costumes novos. Surge a sociedade tecnológica com suas especulações em todos os campos da atividade humana.

Revolucionaram-se as idéias. Subverteram-se os conceitos milenares acerca do homem. Surgiram novas religiões com base no velho monoteísmo judaico. Evoluíram os princípios basilares das Forças de sustentação das sociedades estratificadas, tendendo as novas correntes de idéias a postularem maior igualdade entre os homens

Veio a grande revolução de Cristo e seu mandamento novo que espalhou-se como manto diáfano por sobre as idéias de igualdade, facultando e propiciando um sentido mais sólido para a visão clássica de Justiça como virtude. Veio a revolução industrial e com ela os anelos de melhor tratamento para o moderno “homo faber”.

Finalmente no início da década de cinquenta incorpora-se com sentido personalíssimo e dominante, a expressão “cibernética” para os novos tempos.

Sua conceituação é vária e não é dos tempos hodiernos. Já os gregos utilizavam esta expressão para indicar governante. O latim a conheceu com o mesmo sentido e o português a adotou, resultando a expressão governo. (Grego:-Kubernêtês; Latim:-Gubernator e Português:-Governador, Governo). Só com o matemático norte-americano Wiener (Norbert), em clássica obra já traduzida para o português, em 1947, a consagração científica da expressão se firmou, indicativa dos tempos da computação eletrônica, e não só neste campo específico e com esta única definição, mas, também no campo econômico, biológico e social. (Prof. M. G. Barroso — Revista da Fac. de Direito do Ceará, Vol. XVII — 1963).

A cibernética é, deste modo, expressão própria dos atuais tempos. É a era do comando, dos governos eletrônicos, do botão a pressionar para receber a precisa resposta para uma gama de perguntas. Indica o empregado ideal. Dá o diagnóstico do mercado. Responde à pesquisa social. Anuncia o vestibulando aprovado através da chamada “cultura do X”, onde a maioria nada demonstra, que não seja a própria sorte. Está presente na Universidade, na empresa, nas Instituições de Crédito.

O grande mestre do Direito Norte-Americano, da Faculdade de Direito de Harvard, ROSCOE POUND, com sentido de aproximação da máquina poderosa também na aplicação do Direito, jogou esta pergunta: — “*Haverá substitutos dignos para os Tribunais?*”

É evidente que em sua conferência desenvolveu a idéia mais própria da aplicação do Direito na grande nação do Norte, no que tange a aplicação do Direito por Tribunais administrativos ou Conselhos Técnicos, como por exemplo, nos Estados Americanos onde se utiliza largamente a irrigação, o fôro dos processos relativos a direitos particulares sobre a água, passou dos Tribunais para Conselhos de Engenheiros especializados, com atribuições em todo o território do estado membro. Assim também ocorreu em outras áreas tais como indenização em transporte ferroviário quando por acidente. Igualmente ocorreu em casos de menores, com os Conselhos de Curadores, as Comissões de "Sursis". É a tendência para a arbitragem dentro das profissões da área de ocorrência.

Enquanto o mestre discorre sobre o tema, ficamos a pensar: — seria uma primeira etapa para a chegada do computador eletrônico na aplicação do direito ?

Em vez de Juiz ou Tribunal, um técnico em eletrônica colocaria na imaginosa máquina uma série de dados referentes ao delinquente, à lei, à graduação da pena, o fato punível e outros ingredientes e resultaria na condenação do indiciado ou na sua absolvição.

É matéria incontestada a evolução do direito. Incontestada é a evolução dos métodos de sua aplicação. — Mas, poderemos crer no julgamento do homem que ofende o direito e põe em risco a paz social, por uma máquina ? — Cerebrina que ela seja, pode uma máquina ou engrenagem eletrônica absolver um homem ou condená-lo a uma pena onde a sociedade perceba como adequada ao fato criminoso e que ele mesmo sinta como justa ?

Não podemos mais hoje ser céticos da capacidade criativa do homem e da sua sedenta vontade de inovar, como consequência natural do envolvimento diuturno com os universos complexos que ele vai reduzindo à expressão mais simples. Sempre ir mais longe, é o lema dos cérebros. A novidade logo tornada velha pelos meios de comunicação leva à ânsia de ver mais, nem que a nova descoberta seja até fatídica para os pobres viventes inventores e seus semelhantes. Daí não podermos radicalmente ou dogmaticamente afirmar a impossibilidade da utilização de tais meios. Poderá não ser esta a geração...

E enquanto não vemos tais escatológicas manifestações, preferimos meditar com aquele que disse, faz tanto tempo e que, pelos menos para este que escreve estas linhas, é muito atual: — "O Senhor vigia nas amendoeiras o cumprimento de suas palavras." (Profeta Jeremias, I,11).

II — NOTÍCIA HISTÓRICA SOBRE O JÚRI NO BRASIL

Os jurados, ou juízes leigos do júri são instados pelo Juiz togado Presidente a examinar com imparcialidade a causa que lhes é submetida para julgamento, proferindo sua decisão de acordo com a sua consciência e os ditames da justiça. Daí a existência do juramento por compromisso. A palavra júri originou-se do inglês "JURY" através do latim "jurare", isto é, fazer juramento

Basicamente sua composição é, no Brasil, um Juiz Togado, Presidente e vinte e um (21) jurados, ou cidadãos leigos. Para formar o Conselho de Sentença são sorteados no início de cada sessão sete (7) entre os vinte e um. O Presidente não tem voto no Conselho. Os jurados não prolatam sentença, função própria e reservada ao Presidente que com base na decisão

dos jurados por votação secreta, pelo "SIM" ou pelo "NÃO", através de uma graduação de pena, segundo as chamadas circunstâncias elementares ou qualificativas admitidas pelos jurados à unanimidade ou majoritariamente, fixa a pena a ser aplicada ou absolve o acusado.

O Júri foi introduzido no Brasil por lei de 18 de junho de 1822 para julgar crimes de imprensa. A Constituição do Império do Brasil (25-03-1824) no seu art. 151 elevou o júri à condição de competente para julgar os crimes comuns.

A primeira Constituição republicana (24-02-1891), no seu art. 72, § 31, estabeleceu expressamente: "É mantida a instituição de júri." Sua organização já havia sido definida pela Lei 2.033 de 20 de setembro de 1871, regulamentada pelo Decreto 4.824 de 22 de novembro do mesmo ano. A Emenda Constitucional de 3 de setembro de 1926 não modificou a redação constitucional de 1891.

A Constituição de 16 de julho de 1934 estabeleceu no seu art. 72 que fica mantida a instituição do júri com a organização e as atribuições que lhe der a lei.

A constituição de 10 de novembro de 1937 que criou o Estado Novo Getulista não se referiu ao Júri. Entretanto ele não deixou de funcionar normalmente, pois esta Carta também não o extinguiu.

A Constituição de 18 de setembro de 1946, assim estabeleceu para o Júri: — "Art-141, § 28: É mantida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, contanto que seja sempre ímpar o número de seus membros e garantido o sigilo das votações, a pleitude da defesa do réu e a soberania dos veredictos. Será obrigatoriamente da sua competência o julgamento dos crimes dolosos contra a vida."

Deste modo esta Constituição passou a uma compreensão bem mais elástica da competência do Júri e foi quem melhor o definiu. Deu-lhe competência para julgamento dos crimes dolosos contra a vida: — Homicídio, Induzimento, instigação ou auxílio a suicídio, Infanticídio, aborto. São, portanto, estes crimes que a Carta da redemocratização entregou ao Tribunal do Júri para julgar.

A Magna Carta de 24 de janeiro de 1967 manteve a Instituição no seu art. 150, § 18.

A Emenda Constitucional nº 1 em 18 de outubro de 1969 fez o mesmo no seu art. 153, § 18. Não se refere à soberania do júri, estabelecendo apenas sua competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida.

Questiona-se de retirada de sua soberania por este novo texto. Estamos com o que assim não vêem. Nada foi modificado. Conta o júri com suas mesmas características e funciona com sua mesma estrutura.

Esta, sua trajetória constitucional no Brasil.

III — NOTÍCIA DO JÚRI EM OUTROS PAÍSES

Há quem encontre as raízes do júri popular entre os povos mais antigos, tais como hebreus, gregos e romanos. A participação do povo nos julgamentos é, de fato, encontrada nessa época.

"Ao povo, quando não ao ofendido, competia a iniciativa do procedimento penal e os acusadores eram um César, um Cícero, um Hortêncio, um Catão, que, movidos pelas paixões ou pelos interesses, abriam caminho à sagrada popular em torneios de eloquência facciosa." (Roberto Ryra — Teoria e Pátria da Promotoria Pública, Pág. 10).

O Júri tomou características de Tribunal incorporado a um sistema jurídico na Inglaterra, sua pátria, já no Século XVII. Vitorioso Oliver Cromwell, e o parlamento já firmado com a presença do povo na vida política do país, a magistratura Profissional e aristocrática, que não oferecia segurança de imparcialidade, foi alijada, para dar lugar nos Tribunais ao homem do povo.

Na América, a Declaração de Direitos da Virgínia (1776) garantia como direito fundamental do homem, "o de ser julgado por um júri imparcial de sua circunvizinhança."

Em Filadélfia a Declaração de 1787 estabelecida do direito de julgamento por um júri do distrito onde tenha sido cometido o crime.

A Revolução Francesa de 1789 introduziu o júri no resto da Europa, como aspiração máxima da igualdade, quando o homem é julgado por seus pares.

Em ressumta, temos que em todas as épocas da história dos povos civilizados existiu o júri com suas adaptações e peculiaridades, mas uma característica: — O julgamento do homem comum pelo homem comum. Nisto reside a expressão democrática da instituição.

Sua forma mais primitiva é ainda criação da Inglaterra medieval, quando no século XII surgiu sob a forma de Júri de Acusação. O Juiz itinerante desconhecendo a vida local estabelecia a culpabilidade do agente ouvindo os do lugar. Este júri funcionava para decidir sobre a responsabilidade penal para cada caso, podendo ser atribuída ou não ao indicado. A principal prova era a confissão obtida pela tortura que na época era ironicamente chamada de "rainha das provas", ao contrário da prova testemunhal chamada por Jeremy Bertham (1748 - 1832) de "prostituta das provas" em razão da tergiversação, covardia, mentira ou mesmo engano frequente da testemunha.

O Júri de Acusação eram doze vizinhos numa alusão aos doze apóstolos de Jesus.

De sua convocação procedia ou não a acusação formulada. Posteriormente surgiu o pequeno júri ou "Júri de Julgamento". Ao contrário do outro que era frequentemente identificado com um corpo de testemunhas para uma instrução prévia, este decidia da sorte do acusado. O grande júri só era convocado quando o acusado negava sua autoria ou participação no crime. Em 1933 o "Grande Júri" desapareceu na Inglaterra e a instrução do processo a magistrados profissionais. O "Júri de Julgamento" continua até hoje. Em 1948 desapareceu o princípio da unanimidade e passaram os julgamentos a ser realizados com veredictos majoritários.

A França manteve no Código Penal de 1958, em benefício do acusado, a decisão majoritária de dois terços para a condenação e o reconhecimento de circunstâncias agravantes da pena. O Tribunal é formado por nove jurados e a presidência formada de mais tres, ou seja, a "corte".

No sistema inglês vigente, são convocados de 48 a 72 nomes que são registrados no "JUROR'S BOOK" (Livro dos Jurados). Para nele figurar o cidadão deve ter um mínimo de 25 anos e o máximo de 60. Ser inglês ou residir na Inglaterra por mais de 10 anos. Nos Estados Unidos ainda existe o Grande Júri com a mesma finalidade conhecida: — formar a culpa. Para ser jurado basta ser cidadão norte-americano e pagar impostos. É formado por 13 a 25 jurados. Toma conhecimento do processo, ouve testemunhas e redige a *ata de acusação*. A acusação só procede por maioria de 12 votos.

O acusado, cuja pena cominada for de prisão perpétua, poderá recusar nas diversas reuniões até trinta jurados, perempetoriamente. Ainda pode haver um sem número de recusas fundamentadas. O defensor interroga o jurado. "O senhor leu os jornais acerca deste caso? — Quais? — O senhor tem opinião formada sobre o caso?" As respostas são duvidosas ou levam a crer numa suspeita, o presidente aceita a recusa.

Ao contrário do sistema jurídico-processual brasileiro no qual os jurados ficam obrigados à incomunicabilidade após prestarem juramento, no sistema bretão e norte-americano os jurados ficam livres para se comunicarem, o que tem levado a frequentes julgamentos nulos por desatenção, fato alegado pelos advogados.

IV — CRÍTICAS AO JÚRI

O Júri, repita-se, é vetusta instituição democrática. Tem, por isto mesmo resistido à sua eliminação do campo do direito prático. Entretanto alguns países o aboliram por nocivo aos direitos e garantias individuais, razão própria de sua criação, vez que se apresenta também como instrumento de corrupção e negação do tratamento igual dos cidadãos perante a lei. Inclusive resultando nocivo à aplicação da lei e à punição de criminoso, como veremos.

Na sua forma clássica está superada. A Holanda o suprimiu como o fez a Bulgária, Iugoslávia, Portugal, etc. Sua competência foi restringida na Alemanha, Áustria, Polônia e alguns cantões da Suíça.

São muitos os juristas que apresentam soluções para modificação do Júri popular, numa tentativa de salvá-lo. Saleilles, na sua obra "Individualização da Pena" sugere um Júri misto: — Povo, técnicos e a chamada "corte". O povo, representando a opinião pública e decidindo para os fatos, isto é, a relação de causalidade material. O Júri técnico se pronunciará sobre a pena e a "Corte" fixaria sua duração. Vê-se que, com a complexidade da vida moderna e necessidade de uma justiça expedita, tal sistema poderia abarrotar os tribunais de processos e casos insolúveis.

H. Donnedieu de Vabres, professor da Universidade de Paris, do curso jurídico, autor de oportuna obra, "A Justiça Penal de Hoje", preconiza um júri misto, de especialistas tais como médicos, psiquiatras, sociólogos, contadores, grafólogos e ao mesmo tempo pessoas sem habilitação especial.

Ao nosso ver, o problema do júri, no que tange à sua efetivação prática na aplicação da lei penal, não é tanto de crise jurídica, digamos, mas, de crise moral. O que aflige os preocupados com a aplicação justa da lei, não é de ordem técnica, mas de ordem finalística. O júri não julga certo, por ser conselho leigo, mas, pela crise de caráter do cidadão comum. Não há dificuldade no julgar o outro nem há óbice para o homem comum entender o que quer o direito e a lei, no Júri, mas, o resultado contrário a lei e ao direito e consequentemente também contrário à prova dos autos, é oriundo de influências externas. Estas, sim, deverão ser minimizadas para a sobrevivência do Júri.

O elemento interior que entra no julgamento é o senso comum de justiça que o homem de compreensão média quase sempre apto para discernir. Por outro lado cremos que a crise do júri, é a crise de homens.

Digamos que até a década de quarenta, influíam nas decisões os chamados "coronéis de barranco", impondo a absolvição de seus partidários e

a condenação dos adversários, estivessem no poder ou apeados dele. Hoje esta influência é de somenos. Mas, sobrexiste nas comarcas pequenas do interior, aos dias de hoje, o que chamamos a crise de personalidade ou de caráter.

Ouvimos de um advogado: "Fulano (pai do réu), falou com quase todos os jurados. Recusei dois que ele não encontrou para pedir."

Ai está a gravidade de toda a questão. Pediu, o jurado promete, e às vezes cumpre. Termina absolvido o acusado de hediondo crime, pelo simples pedido da família.

Outro fator existe nas comarcas do interior: — todos se conhecem. Daí a dificuldade de isenção quando se trata de julgar o filho de amigo ou conhecido. Agrava-se esta situação pelo compadrio. Sabemos de um jurado que disse, morando em pequena comarca do interior: — "A família deste rapaz que vai a júri é numerosa no sítio tal. Suas compras são feitas na minha mercearia. Se eu for sorteado vou absolvê-lo pois se ele for condenado não mais comprarão na minha bodega." Estes são fatos lamentáveis e mais lamentavelmente ainda, frequentes no interior. Tratando-se do anêmico comércio das pequenas cidades, torna-se imperioso para o pequeno comerciante raciocínio de tal monta, pelo menos visto sob o ponto de vista de que o direito não pode impor ao homem personalidade e caráter.

Ai estão alguns fatos, que, pelo menos para o interior do Brasil não podem ser desprezados no conjunto da crítica ao júri. Na capital e nas cidades de médio porte, tais ponderações não são relevantes, pela incorrência. Haja vista sobre certos julgamentos famosos que deixaram seus detalhes importantes na memória do povo e dignificaram pela decisão acertada, a instituição do júri. Em Recife, há uma década foi julgado um dos grandes comerciantes atacadistas. Depois de marchas e contra-marchas, debates entre mestres do direito, ameaças ao Juiz Presidente pelo anonimato da comunicação telefônica, jogo da imprensa manipulada, etc, o mesmo foi condenado a uma pena justa e cominada ao homicídio qualificado, conforme a sentença de pronúncia de inclito magistrado Presidente e a prova dos autos. O júri se portou com decência e fez crescer aos olhos dos homens do povo o respeito pela justiça e pela instituição. Deixamos claro que nossa crítica se restringe ao júri das comarcas do interior. Quase nada temos a dizer em termos de crítica, à instituição do júri como tribunal funcionando nas capitais dos estados. Recife, para só citar um exemplo, tem mantido um índice de condenação de 75% (setenta e cinco por cento), o que implica dizer-se que em Recife o Júri vai andando muito bem. Esta estatística foi colhida tomando-se por base as reuniões ordinárias do júri nos últimos cinco anos. Ainda diga-se tratar-se de média, considerada portanto em número respeitável de processos da competência do júri.

Diferente, bem diferente é no interior. Um Promotor do Ceará, funcionando em duas Comarcas pequenas, em 10 júris, afirmou-nos que foram absolvidos 12 réus, isto é, havia entre os processos de homicídio ali submetidos a julgamento, dois processos com duplas de acusados em co-autoria. Dos doze absolvidos, pelo menos 10 foram pronunciados por homicídio qualificado com pena mínima de 12 anos e máxima de 30. Absurda, portanto, tal justiça. Numa das Comarcas, todos os jurados eram veteranos, e votaram com muita coerência nos resultados, isto é contra a prova dos autos, contra a pronúncia mas, coerentes na decisão, mesmo errônea, querendo dizer que entendiam perfeitamente o que estavam fazendo.

Outra faceta a se observar é a habilidade dos advogados no argu-

mentar. Bem verdade que costumamos dizer que o veredicto do júri vem da esquina, da praça, da rua. Se o advogado é hábil poderá mudar este veredicto para ser atendida sua tese, principalmente e ainda, nas comarcas do interior. Ai, o júri se torna uma peça teatral ao vivo. Aliás, esta manipulação matreira do defensor competente nas barras dos tribunais, não é coisa da atualidade. Na Roma anciã, relata mestre Roberto Lyra, "muitas vezes obtinha-se a graça para o crime, reconhecido constante, e mesmo confessando pelo acusado, recordando passados serviços, mostrando ao povo as feridas que cobriam um nobre peito, como no processo de Manlius ou no de Aquilius, concussionário confesso. Descrevia-se uma família em desolação. Falava-se, então, mais pelo coração do que pelo espírito." Dz Laboulay, estudando as lei romanas, que "em Roma, como na Lacedemônia e em Atenas, o orador procurava antes comover o povo do que convencê-lo." Ora, o jurado da Capital é mais esclarecido. Há mais campo para que a Justiça criminal se organize mais bem aparelhada. A escolha de jurados se perfaz entre um sem número de pessoas habilitadas para compor a relação de jurados. Ao contrário, no interior o Juiz se obriga a escolher comerciantes, fazendeiros, professoras primárias já vinculados ao meio e sofrendo das influências que já referimos.

Urge, portanto, encontrar uma solução para o funcionamento do júri no interior.

Há alguns dias, apresentamos mais um exemplo, causou clamor público em todo o Brasil, o julgamento de Doca Street, acusado de matar a pantera Ângela Diniz. Pronunciado por motivo fútil, foi o réu a júri na Comarca de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, defendido por nada menos que Evandro Lins e Silva, Ministro Aposentado do Supremo Tribunal Federal e famanaz orador de júri. O réu, cercado da aura da publicidade, com uma pitada de galã exótico e as influências exteriores do seu envolvimento com grupos econômicos da capital do estado, somado a um júri insuspeito e acovardado presidido por um magistrado togado pusilânime, resultou absolvido pela tese surrada da legítima defesa. Para aparentar não se sabe o que, foi-lhe aplicada uma pena simbólica por excesso culposo. A Embratel levou esta imagem deprimente de um festim malsão num salão de júri, onde mais parecia se realizar um baile carnavalesco de máscaras, sob os olhos de uma justiça deprimida e vilipendiada, imagem esta, levada para todo o Brasil, para milhões testemunharem esta desmoralização.

A revolta foi tão clamorosa que o Senado da República resolveu criar uma Comissão Especial para o estudo de reforma do júri popular no Brasil.

Pela imprensa vemos que o Brasil sentiu de perto a ofensa à instituição.

Dr. Nildo Nery dos Santos, Presidente há longo tempo do 2º Tribunal Popular do Júri de Recife, declara a necessidade de reformulação do instituto. Em entrevista à imprensa pernambucana, alvitra a restrição do júri às comarcas mais populares, tornando-se este Tribunal, Regional, permitindo uma seleção melhor dos jurados, atenuando-se as influências conhecidas, tais como as políticas e econômicas, que transtornam os veredictos.

Ele conclue sua entrevista dizendo que em Recife, pelo índice de condenações, conforme consignamos atrás, o júri não é tão indulgente. "As absolvições decorrem mais da insuficiência de provas do que da habilidade dos Advogados em recorrer ao jogo das emoções."

O experimentado juiz criminal ainda advoga, na impossibilidade do Tribunais Regionais, a criação do "sistema de Escabinado", que é a participação conjunta de juizes togados e leigos no mesmo conselho.

Estamos com o magistrado de Pernambuco no que tange a uma solução séria para o Júri Popular no interior. Também há muito pensamos nos Tribunais Regionais do Júri Popular, como solução viável. Preservar-se-ia a instituição, não se tiraria o aspecto democrático do Júri e ganharia a Justiça com a boa aplicação da lei.

Além da criação de Tribunais Regionais, fazemos outros reparos, tais sejam:

- 1º — Criação de uma sistemática simples para a formulação dos quesitos sem o descabido tecnicismo de algumas séries, tais como os da legítima defesa, onde o júri é perquirido sobre todos os elementos constitutivos da excludente, desnecessariamente.
- 2º — Aumento do número de jurados de 21 para, pelo menos, 51 como garantia de diversificação, enquanto dificultaria a cabala em alguns casos ou a ameaça, em outros.
- 3º — Restrição do prazo, ao mínimo possível, para o sorteio dos 51 jurados, dificultando assim sua identificação, antes da 1ª. sessão.

Descarte, teremos o Júri como instituição ao mesmo tempo democrática e jurídica, menos exposta às nefastas influências externas. Em ressumta, teremos mais respeito pela Justiça e pelo Direito, como instituições maiores de um povo civilizado.

Santana do Cariri, CE, maio de 1980.

Antonio Nirson Monteiro

BIBLIOGRAFIA:

- 1 — Justiça Conforme a Lei — Pond, Roscoe — Ed. Ibrasa — 1976.
- 2 — Teoria e Prática da Promotoria Pública — Lyra, Roberto — Liv. Ed. Jacinto — 1937.
- 3 — A Justiça Penal de Hoje — de Vabres, H. Donnedieu — Arménio Amado, Ed. Coimbra — 1962.
- 4 — Direito Constitucional — Maluf, S. Ed. Sugestões Literárias — 1977.
- 5 — Todas As Constituições do Brasil — Campanhole, A. e H. L. Ed. Atlas S. A. — 1978.
- 6 — Código Penal — Delmanto, C. Ed. Saraiva — 1980.
- 7 — As tres Escolas Penais — Moniz Sodré — Ed. Freitas Bastos — 8ª. Edição — 1977.
- 8 — Cícero: — As catilinárias, Defesa de Murena. Defesa de Árquias, Defesa de Milão. Série Clássicos Gregos e Latinos. Editorial Verbo, Lisboa. 1974. Trad. de S. T. de Pinho. Faculdade de Letras de Coimbra.
- 9 — Enciclopédia da Luta Contra O Crime. Ed. Abril. Trad. de Editio Service S. A. Suíça e Positiv Fritid A. A. Suécia — 1974.
- 10 — Dicionário Jurídico. Magalhães, H. P. e Malta, C. P. Tostes — Ed. Trabalhista S. A. V. II. S/D.
- 11 — Vocabulário Jurídico — Silva, De Plácido — Forense — Rio 1978. Vol. II.
- 12 — Dos Delitos e das Penas — Baccaria, Cesare — Livraria Exposição do Livro. Trad. de Torrieri Guimarães — S/D.
- 13 — Do Julgamento Pelo Júri — Kaplan, Benjamim. in "Aspectos do Direito Americano" Forense — Rio S/D.
- 14 — Jeremy Bentham — "Os Pensadores" — Abril Cultural — Vida e Obra. 1979.

A versão confortável e prática do FIAT

O Fiat 147 é um carro prático e econômico. Sua versatilidade permite que ele leve cinco passageiros com todo conforto, ao mesmo tempo que ele transporta 365 litros de bagagem no porta-malas. Isso é resultado da sua racionalidade de espaço, que faz o Fiat um carro realmente inteligente. Você pode ver sua praticidade em muitos outros detalhes. Por exemplo, no macaco que vai junto com o estepe dentro do compartimento do motor, facilitando o seu uso, sem necessidade de mexer na bagagem.

Economia também é outra característica do Fiat, que faz até 17 km/litro de gasolina. Além de todas essas vantagens ele ainda tem uma linha completa de opcionais: bancos reclináveis, encosto para a cabeça, acendedor de cigarros, vidros laterais basculantes, vidro traseiro térmico, rodas luxo, filtro de ar tipo ciclone, aquecedor e pintura metálica.

Fiat 147 L. Para quem espera praticidade e conforto de um mesmo carro.

CEVEMA - Ceará Veículos, Máquinas e Acessórios Ltda.

Concessionários FIAT no Cariri

Diretor Administrativo:

FRANCISCO EVANDRO DE ALENCAR

Diretor Comercial:

RAIMUNDO TADEU DE ALENCAR

Gerente:

MARCOS SALES

RUA LEÃO XIII — S/N — Telefones: 511.15.11
511.30.42
511.09.02

63.180 — JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

(Do Instituto Cultural do Cariri)

Rui e a Cultura Nacional

Agradeço inicialmente ao Rotary Club do Crato a oportunidade que me oferece, através do honroso convite de seu digno Presidente, meu dileto amigo Elísio Nogueira, para ocupar esta tribuna, para mim de tão gratas recordações, versando o tema "Rui e a Cultura Nacional", de difícil desempenho, é verdade, mas tão ao sabor das minhas preferencias literárias.

Ainda bem que se traçou um limite ao conceito geral de Cultura, considerando-a mais em torno do grande brasileiro, tão grande mesmo que chegou a arrancar de Monteiro Lobato, sempre tão severo nos seus juízos críticos, em uma de suas celebres cartas a Godofredo Rangel, este arroubo de admiração: "Tens os discursos do Rui? Que maravilha! Que deslumbramento! Que incomparavel mestre e que artista da palavra! É o grande classico que nos dispensa de lidar com os velhos classicos — tudo que neles ha de bom aparece em Rui, e melhorado. Tem todas as energias e todas as suavidades. Rui é um Everest."

Ainda bem, dizia eu, porque se assim não fôra, faltar-me-iam, maxime adstrito a um espaço de tempo exíguo, engenho e arte para discorrer sobre assunto de tamanha magnitude.

Cultura, em sentido estrito, específico, entende-se aqueie conjunto de conhecimentos aplicado a uma determinada área de atividades humanas, tendente, sobretudo, a dar a essas atividades o aperfeiçoamento indispensável a uma melhor utilização.

A cultura do campo, por exemplo, é aquela que se destina a prover a terra dos elementos essenciaes à melhoria de sua fertilidade, e, consequentemente, de uma produtividade compensadora.

Em sentido elevado, ou generico, cultura é o conjunto das estruturas sociais, religiosas, politicas, econômicas, artisticas, definidoras do estagio de adiantamento de um povo.

Dizemos então cultura inca, helenica, egipcia, francesa, alemã, americana, brasileira, etc., diferenciadas, conforme a epoca e as peculiaridades mesológicas, envolvendo clima, fertilidade do solo, técnica, planejamento racional dos problemas, todo um elenco de medias modificadoras das condições do ambiente, adaptando-se às necessidades essenciaes do homem.

Diferenciação essa, aliás, que tende a atenuar-se, gradativamente, no afan que caracteriza as gerações atuais de eliminarem desigualdades em todas as partes do mundo, com a aplicação, indistintamente, das conquistas da ciencia difundidas com rapidez, graças às facilidades extraordinarias da inter-comunicação universal.

Distancias percorridas até bem pouco tempo em dias e até meses, vingam-se hoje em horas, para não falar nos prodigios do radio e da televisão que nos facultam assistir, comodamente, do recesso do lar, os mais importantes acontecimentos desenrolados em longinquas terras como se a eles estivessemos presentes em pessoa.

Não é sem fundamento, nem constitui utopia, a luta dos povos na atualidade para diminuir, até à extinção, as condições de subdesenvolvimento, que até bem pouco tempo submetia alguns e ainda submete muitos, a um estagio desalentador de atraso e de miseria.

Cultura, portanto, é sinonimo de distinção, de apuro, de elegancia, de bem-estar, de aprimoramento, não somente na ordem material como também na espiritual, compatibilizando a existencia, simultânea e benéfica, das ciencias ditas exatas, ou praticas, com as de natureza humanística, das que cuidam das necessidades primarias da vida com as que alertam, por assim dizer, o homem para as verdades transcendentais do seu destino ultimo.

Ajustados esses principios elementares de cultura geral a um homem como Rui, não é exagero, dentro da relatividade das coisas no tempo em que viveu, de civilização distribuida — deixe-se passar o termo — em departamentos estanques, ou quase estanques pelos dificeis meios de comunicação entre os povos, e, consequentemente, da demorada assimilação de culturas, não é exagero, acentuava eu, defini-lo como um dos vultos que pela cultura polimorfa, pela sua organização mental prodigiosa dignificou não só o nosso país mas o mundo inteiro, que o ouviu, atento e perplexo, por mais de uma vez, em assembléia e conclaves internacionais de sabios.

Quando o país comemorou, entre festas e tertulias intelectuais o seu centenário de nascimento, todos os nossos centros culturais o homenagearam com um acervo enorme de estudos e de ensaios, em que a sua personalidade reluz como escritor, jurista, parlamentar, jornalista, politico, orador, advogado sem par, hoje patrono da classe, e filologo consagrado nos debates em torno da lapidação vernacula do nosso Código Civil.

Dentre tais produções, em visita à sua casa, no Rio, Rua São Clemente, pude adquirir, gratuitamente, como advogado, as seguintes:

- "Posição de Rui no mundo da Filosofia" — Miguel Reale;
- "Dois Momentos de Rui Barbosa" — San Tiago Dantas;
- "A Casa de São Clemente" — Batista Pereira;
- "Rui Barbosa e o Exército" — Conferencia às classes armadas publicada pelo Ministerio da Guesra;
- "Repertório da Réplica" — Mendes de Moraes;
- "Rui Paraninfo dos Bachareis" — Ferreira de Sousa;
- "Rui o Financista" — Pinto de Sousa;
- "Rui Barbosa e o Tribunal de Contas" — Ruben Rosa;
- "Rui um Estadista no Ministerio da Fazenda" — Aliomar Baleeiro;
- "O ultimo ano de Rui na Bahia" — Luiz Viana Filho.

Até mesmo aqui em Crato, sem favor cognominada a Capital da Cultura no Cariri, homenagens condignas foram tributadas ao inclito brasileiro, em sintonia com o resto do país, culminando com a efetivação, no Colégio de Santa Teresa, de uma série de palestras em que coube ao dr. Aluisio Cavalcante exaltar as qualidades de Rui como advogado, ao Monsenhor Antonio Feitosa as de Rui como cultor da lingua e a mim as de Rui como orador, trabalho que enfeixei em folheto com o titulo "A Eloquência e o Direito".

A Réplica alentado volume escrito em apenas sete dias, em que Rui rebate as emendas de ordem linguistica do Professor Carneiro Ribeiro,

seu antigo lente no Colégio Abilio da Bahia, sobre o Código Civil, em elaboração no Congresso e de autoria do cearense Clovis Bevilacqua, sagrou-o para todos os tempos como o nosso maior filólogo e um clássico consumado da língua portuguesa, como se viu da passagem aqui invocada de Monteiro Lobato, elogiado na época pelos maiores cultores da língua em Portugal, inclusive o notável lexicógrafo Candido Figueiredo.

No campo específico da Pedagogia, diz dele o grande educador Lourenço Filho: "Sem que tivesse sido educador de ofício, Rui foi levado a estudar os fundamentos e as aplicações da pedagogia, para deixar, ainda nesse ramo, obra de inegável grandeza." (A Pedagogia de Rui Barbosa, pág. 9).

Quem se ocupa dos problemas do ensino, verifica, ainda hoje, que as teorias e as proposições de Rui, neste tocante, têm muitas delas perfeita aplicação nas normas atuais da problemática educação.

Prestando homenagem a Osvaldo Cruz, o higienista que saneou o Rio, discordou Rui tão profundamente, em famosa conferência, sobre medicina sanitária, que opinião geral à época era a de que poucos médicos seriam capazes de uma página tão brilhante de medicina tropical.

Respondendo no Senado a ataques de seu grande adversário Pinheiro Machado, comparou-o Rui ao "Quero-Quero" dos Pampas, a ave que naqueles pagos domina pelo canto estridente, e se estendeu o tributo, tão longa e proficientemente, sobre os gorgeios e os hábitos das aves, que nenhuma especialidade na matéria traçaria página mais completa de ornitologia.

Condenando a permanência próximo ao Senado de uma casa de mulheres da vida airada, cujos constantes festins e ininterrupta algazarra tanto prejudicavam os trabalhos do Congresso, deu ele em poucas palavras, dessas mulheres, mais de trinta sinônimos de sabor erudito, como *rameiras*, *venus vagas*, *hetairas*, etc. sem baixar às designações por que são tratadas essas pobres criaturas no calão da ralé.

Recebendo Anatole France na Adademia Brasileira de Letras, quando o grande escritor francês visitou o nosso país, a oração de Rui, vasada em francês castiço, impressionou tanto o homenageado que este a classificou entre as melhores que já ouvira na língua do seu país.

Mas a sua maior paixão, a sua invencibilidade estavam na defesa do Direito e da Liberdade, frente aos quais não transigia, por mais fortes fossem as potestades contrárias.

Contam os seus biografos que um dia preparava-se ele para ir ao Supremo Tribunal Federal impetrar uma ordem de habeas-corpus em favor de uma vítima dos beaguins do governo Hermes, contra o qual levantara a bandeira do civilismo, e alguém, sabendo que se formava à porta daquela Casa da Justiça um *complot* para desacatá-lo. Deu-se pressa em comunicar o fato à sua esposa — Maria Augusta — sugerindo que o convencesse do perigo iminente, e ela, conhecendo o temperamento e a formação cívica do marido, respondeu que melhor seria calar, porque se Rui soubesse do que se planejava contra ele, com mais pressa e mais ardor iria enfrentar a malta dos desordeiros. Veiu a saber, não obstante, e foi de viseira erguida ao Pretório. Diz-se que Pinheiro Machado, lealmente, procurou os transfugas da lei e os demoveu da empreitada sinistra, dizendo: "Nós só temos um Rui..." E eram ferrenhos adversários.

Também lealmente, no enterro de Pinheiro, abatido pelo punhal de

Mancio de Paiva, estava Rui preparado para ir ao acompanhamento quando, à hora de sair, pediu-lhe certo amigo um livro emprestado, e ele, ao galgar a escada para apanhar na estante a obra solicitada, caiu e quebrou uma das pernas. No auge da dor, dizem, teve o bom humor de pilheriar: "Foi a ultima rasteira que Pinheiro me deu". Eu vi, na casa de S. Clemente, a peça de gesso por ele usada.

Dizem as crônicas que foi na tarde memorável do Supremo Tribunal, apinhado de espectadores, que ele, tentando meter em brios os juizes, proferiu as seguintes palavras, vibrantes e contundentes como lâtegos:

"O julgamento de Cristo é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. Medo, venalidade, paixão partidaria, respeito pessoal, subservencia, espirito conservador, interpretação restritiva, razão de estado, interesse supremo, como quer que te chames, prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não ha salvação para o juiz cobarde."

Onde ele, porém, se alcançou tanto, que conquistou o titulo de Aguia, foi na Conferencia Internacional de Haia, onde impoz perante os mais sabios e prestigiosos estadistas do velho mundo a sua argumentação de eximio constitucionalista e tribuno de recursos vastos, a ponto de galgar a Vice-Presidencia do conclave e fazer vitoriosas as suas teses em favor das pequenas nações ali representadas.

Acusado de descrente, de homem sem fé, rebateu a aleivosia em páginas memoráveis, especialmente do discurso do Colegio Anchieta e da oração aos moços, em que diz:

"O homem é o espirito fecundado na intima fusão da liberdade com a fé. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: não há justiça sem Deus."

Seria inadmissivel ao homem moderno desconhecer as conquistas da tecnologia, indispensaveis ao progresso material crescente. Mas, em termos de coexistencia fraterna, pacífica, a unica que ainda pode garantir-lhe a sobrevivencia é a cultura espiritual, humanística, cuja junção com as ciencias exatas seria o idéial para a humanidade atribulada dos nossos dias.

Rui, sob certos aspectos, foi, entre nós, o arauto desta mensagem, pregando a religião do Direito, como João Paulo II é, nesta hora amarga do mundo, o grande apóstolo das gerações, pregando o amor e a religião de Cristo.

Sinto-me bem quando me é dado momento, como este, de cultivar a impercível memoria do grande baiano, sem duvida o nume tutelar da nossa cultura.

A hora de Rotary é preciosa e seu protocolo rígido. Urde por isso terminar. Quero apenas pedir aos companheiros desculpa por haver tomado tanto o tempo de tantos que não o podem perder. É que a fonte, que me deram a explorar, é inesgotável. O tempo é, realmente, curto, e falece-me competencia para exaltar com maior justeza o vulto imenso, que a pátria ainda hoje reverencia como o maior dos seus grandes filhos.

Discurso proferido em sessão plenaria do Rotary Club do Crato.

TRATORES AGRALE 4100 e 4200

as condições ideais
para o cafezal e seus lucros

M E N O S P E S O

Os Tratores Agrale têm exatamente o peso que a rua do cafezal suporta. Somente os verdadeiros cafeeiros proporcionam esta vantagem. Trabalhando na limpeza do mato, adubando, pulverizando, arruando e esparramando, o seu trator precisa passar, no mínimo, 14 vezes por ano em cada rua do cafezal. Com os Tratores Agrale você não compactará o solo, pois ele tem 800 a 1.500 kg menos do que outros tratores adaptados para o café. Solo sem compactação significa:

- melhor aeração e aproveitamento dos nutrientes;
- maior infiltração de água;
- livre desenvolvimento das radículas.

O solo fica permeável para crescer o café e o seu lucro!

M A I S E S T R E I T O

Os Tratores Agrale tem o tamanho adequado: são realmente os mais estreitos. Por isso são os únicos que passam em qualquer rua sem danificar as saias dos cafeeiros e sem prejudicar as pontas dos ramos de onde sairá a próxima florada.

Tamanho adequado significa:

- maior versatilidade;
- fácil manobra nas ruas do café;
- certeza de não prejudicar o cafezal.

Use o trator certo: O Agrale. Assim você está garantindo esta e as próximas safras!

E tem mais. Além de todos os trabalhos no café, os Tratores Agrale fazem todo e qualquer serviço em outras lavouras pois dispõem de uma completa linha de implementos, como arados, grades, roçadeiras, enxadas rotativas múltiplas, sulcadoras, semeadeiras, adubadeiras, etc.

Revendedores

ALIANÇA DE OURO S. A. — Comércio e Indústria

Telefones: 511-1470 — 511-1804 — 511-1888

Telegrama "Aliança — Caixa Postal, 17

Rua São Pedro Nº 379 — Juazeiro do Norte - Ceará

Farmácia Vasconcelos

Serviço ambulatorial completo
Tira sua pressão

Vende medicamento a domicílio, sem acréscimo
de preço, pelo Telefone 521.20.16

RUA BARBARA DE ALENCAR, 901

C R A T O

—

C E A R Á

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

BALANÇO REFERENTE AO ANO FINANCEIRO DE 1980

	R E C E I T A	Cr\$	Cr\$
MOVIMENTO DE FUNDOS			
Saldo do ano de 1979		—	4.611,60
SUBVENÇÃO FEDERAL			
Recebida do Ministério da Educação e Cultura, através da Agência local do Banco do Brasil, subvenção oriunda quotas de parlamentares		—	48.000,00
SUBVENÇÃO ESTADUAL — ASSEMBLEIA LEGISLATIVA			
Recebida por intermédio de ex-presidente J. Lindemberg de Aquino		—	15.000,00
EMPRÉSTIMO BANCÁRIO			
Contraido no Banco Ind. do Ceará, em 28.3.80		—	<u>12.000,00</u>
TOTAL GERAL		—	<u>115.611,60</u>

D E S P E S A

B I B L I O T E C A			
Aquisição de livros		650,00	
Gratificação anual à bibliotecária		<u>1.000,00</u>	1.650,00
M U S E U			
Serviços fotográficos		4.100,00	
Serviço de gravação		<u>1.000,00</u>	5.100,00
CONSTRUÇÃO DA SEDE SOCIAL (Início)			
Serviços construção muros de arrimos e sapatas		—	42.000,00
S E D E S O C I A L			
Serviços de asseio e limpeza		3.489,00	
Consumo de energia elétrica		2.083,00	
Imposto Predial		<u>1.150,00</u>	6.722,00
PAGAMENTO DE EMPRÉSTIMO BANCARIO			
Empréstimo contraído em 28.03.80		—	12.000,00
VIAGENS DO PRESIDENTE A FORTALEZA A SERVIÇO DO ICC			
Despesas de passagens rodoviárias e hotéis		—	3.835,00
VIAGEM CULTURAL A SANTANA DO CARIRI			
Gasolina para o carro da comitiva		—	1.770,00
CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE			
Auxílios para as festas do Judas e do Natal		—	20.000,00
S E C R E T A R I A			
Material tipográfico para escritório		10.993,00	
Despesas postais telegráficas		1.225,00	
Despesas telefônicas		374,00	
Despesas de uma procuração		100,00	
Consertos da máquina de escrever		<u>300,00</u>	12.992,00
DESPESAS DIVERSAS			
Auxílio ao jornal "Cariri"		500,00	
Comissão do recebimento da Subvenção Federal		<u>4.000,00</u>	4.500,00
T O T A L		—	110.569,00
MOVIMENTO DE FUNDOS			
Saldo para o ano de 1981 :			
Na Agência local do Banco do Brasil		3.186,60	
Na Agência local do Banco do Estado do Ceará		<u>1.856,00</u>	5.042,60
TOTAL GERAL			<u>115.611,60</u>

Crato, 31 de dezembro de 1980

Jefferson de Albuquerque e Sousa - Presidente

Antônio Correia Coelho - Tesoureiro

Í N D I C E

Editorial — Centenário do Dr. Irineu Pinheiro	3
ICC presta contas ao Ministério da Educação.....	6
O galo egoísta e o frango infeliz	9
As desigualdades regionais	13
O capitão-mor Joaquim Antônio B. de Menezes e sua descendência	29
A música folclórica brasileira e sua formação	57
Uma vida martirizada	65
Dr. Raimundo de Norões Milfont (Galeria de homens ilustres) ...	69
Poesias de Mary Schultze	73
Entrevista com Jesus Cristo	75
Entrevista com Paulo de Tarso	81
Centenário da Banda de Música Municipal do Crato	87
Miranças da Amazônia	93
Minhas poesias	115
5 artigos de J. Lindemberg	125
Um Seminário para estudos na Serra do Araripe	143
Crato x Pio Nono — (Transculturização)	149
Sonetos diversos	159
Leis históricas do Município do Crato	163
Histórias de Ramiro — o Feio	175
Nos bastidores da História	183
Reinauguração da Cruz do Século (documentação)	191
Na Poesia, a Raiz do Povo (Entrevista)	197
O Juri Popular, Uma Abordagem Crítica	201
Rui e a Cultura Nacional	211

a ferragista uma organização tão cratense quanto esta revista

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA. Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, a FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A única fiel a origem do seu nome.

Sena Madureira — Major Facundo (Fortaleza)
Rua Dr. João Pessoa (Crato).

Cerâmica Norguaçu S. A.



PRODUZIMOS LADRILHOS
CERÂMICO DA MELHOR
QUALIDADE

ESTAMOS EXPORTANDO PARA
O NORTE E NORDESTE

RODOVIA PADRE CÍCERO — KM. 3

CRATO

—

CEARÁ